

A SÉRIE
BESTSELLER
THE MILES
HIGH CLUB

SEGREDO MILIONÁRIO

ELE PODE TER TUDO AQUILO QUE QUER.
MAS... SÓ QUER TÊ-LA A ELA.

— T L S W A N —

O FENÓMENO INTERNACIONAL

alma
dos
livros

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



SEGREDO MILIONÁRIO

ELE PODE TER TUDO AQUILO QUE QUER.
MAS... SÓ QUER TÊ-LA A ELA.

TL SWAN

O FENÓMENO INTERNACIONAL

alma
dos
livros

Olá

I'm so excited that my books have
finally been translated into Portuguese.

I hope you love it as much as I do

Your Siffant means the word

Thanks for everything

Lee
xxx

T L SWAN

SEGREDO MILIONÁRIO

Tradução de
Bárbara Vilela



info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivrospt
tiktok.com/@almadoslivros
twitter.com/almados_livros
linkedin.com/company/alma-dos-livros/

© 2024

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Copyright © 2022 by T L Swan

Todos os direitos reservados.

Título: *Segredo Milionário*

Título original: *The Do-Over*

Autora: T L Swan

Tradução: Bárbara Vilela

Revisão: Liliana Simões

Paginação: Maria João Silveira

Capa: Diana Jorge Trigo/Alma dos Livros

Imagem de capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Cafílesa – Soluções Gráficas, Lda.

Depósito legal: 533172/24

1.ª edição: Julho de 2024

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

GRATIDÃO

A qualidade de estar agradecido;
prontidão para mostrar apreço e retribuir bondade.

*Gostaria de dedicar este livro ao alfabeto,
pois essas vinte e seis letras mudaram a minha vida.
Nestas vinte e seis letras, encontrei-me e vivo o meu sonho.
Da próxima vez que disser o alfabeto, lembre-se do seu poder.
Eu faço-o todos os dias.*

Capítulo Um

CHRISTOPHER

O zumbido profundo do meu despertador corta o silêncio e eu espreguiço-me enquanto acordo.

– Porra, parece que só dormi três minutos – murmuro.

– Acho que foi – sussurra Heidi, enquanto põe a perna por cima de mim.

Continuo de olhos fechados a dormir e sinto uns lábios no meu pescoço vindos do outro lado.

– Bom dia, Nicki – murmuro.

Ela sorri contra o meu pescoço enquanto se aconchega mais a mim.

– Bom dia, Christopher.

Ficamos os três deitados num silêncio confortável durante mais alguns minutos, e sei que tenho de mexer. Tenho uma reunião de administração às nove.

– Toca a levantar. – Suspiro.

As raparigas resmungam.

Sento-me e dou uma olhadela ao quarto. Há roupa espalhada por todo o lado e uma garrafa de vinho e três copos ainda estão junto à banheira de hidromassagem da minha casa de banho. Inclino-me e beijo a anca da Nicki.

– Levanta-te, miúda.

– Vai-te embora. – Ela vira-se para o outro lado.

Sorrio e dou uma palmada no traseiro da Heidi.

– A festa acabou.

– Oh – choraminga.

Levanto-me e fico ao fundo da cama a olhar para a vista. Ver duas mulheres bonitas na minha cama nunca será chato.

– Vá lá, levantem-se. – Tiro-lhes os cobertores de cima. – Tenho de ir trabalhar.

É muito fácil fazê-las vir cá, não é tão fácil fazê-las ir embora.

– Quais são os planos para hoje à noite? – pergunta a Nicki.

– Nenhuns – respondo, enquanto ando nu a apanhar as roupas delas. – Estou ocupado.

– A fazer o quê? – pergunta a Heidi, enquanto se apoia nos cotovelos.

O seu cabelo loiro está selvagem e revoltado.

– Tenho um encontro. – Atiro-lhe as cuecas à cabeça. – Com uma boa rapariga. – Arregalo os olhos para acentuar o meu ponto de vista. – Exatamente o oposto de vocês, suas galdérias.

Ambas se riem.

– Tu adoras galdérias – diz a Nicki.

Inclino-me sobre as minhas mãos e beijo ambas; depois agarro num punhado de cabelo da Nicki e puxo-o para mim para poder beijá-la durante mais tempo. Ela é a minha favorita.

– É verdade. Adoro.

Inclino-me e beijo o peito da Heidi. Ela agarra numa mecha do meu cabelo e sinto um latejar entre as minhas pernas. Quando me agarram no cabelo, acabou.

Chega. Não tenho tempo para isto. Solto-me da mão dela.

– Então... telefonas-nos quando estiveres a ir para casa depois do teu encontro enfadonho? – pergunta a Heidi.

Sorrio enquanto continuo a apanhar a roupa delas. Conhecem-me bem.

– Provavelmente. – Puxo o sutiã da Nicki para trás como se fosse uma figa e atiro-o à cabeça dela.

Acerta-lhe com força.

– Au, para. – Ela abre-o.

Vou para a casa de banho e ligo o chuveiro. Olho para trás e vejo-as ainda deitadas na cama. Vou até lá de mãos nas ancas.

– Levantem-se antes que vos obrigue a fazer coisas indescritíveis – exijo.

– E qual é a novidade? – A Heidi sorri-me de forma brincalhona. Está toda engelhada e com ar de acabada de foder.

Tentador...

– Tenho uma reunião de administração às nove.

Tomo um duche e, minutos depois, saio com uma toalha branca à volta da cintura; vejo-as vestirem-se lentamente enquanto desapareço no meu *closet*. Visto um fato azul-marinho e uma camisa branca, ponho um relógio *Rolux*, calço uns sapatos pretos, completo com um cinto, e volto para a casa de banho.

Como de costume, as duas raparigas entram e sentam-se no móvel do lavatório para falar comigo enquanto me penteio.

– O que vai acontecer hoje, chefe? – pergunta a Nicki, ao mesmo tempo que me aperta a gravata.

– Coisas de negócios.

– Adoro coisas de negócios – responde a Heidi. – Diz-me alguma coisa à chefe.

– Estás despendida.

As duas riem-se.

– Agora a mim – pede a Nicki.

– Inclina-te sobre a minha secretária. – Viro-a de costas para mim e levanto-lhe o vestido por cima do rabo.

Uma onda de excitação percorre-me enquanto olho para o seu rabo firme no ar... pronto e à espera.

Vai trabalhar!

– Vamos embora – digo, ao sair à pressa da casa de banho.

Ouçoo uma voz da cozinha.

– Bom dia, Sr. Miles.

– Bom dia, Menina Penelope – respondo, enquanto vou buscar a pasta ao escritório. Volto para a cozinha e ela passa-me o café numa caneca de viagem.

– É, sem dúvida, a melhor governanta de todos os tempos. – Sorrio e dou-lhe um beijo na bochecha.

– Eu sei, querido.

Não estou a brincar. A Menina Penelope é mesmo a melhor governanta de todos os tempos. Se não tivesse cinquenta e seis anos... e não fosse casada, casava eu com ela.

As raparigas aparecem vindas do quarto.

– Bom dia, Menina Penelope – dizem em uníssono.

– Bom dia, meninas. – Ela sorri. Os olhos dela voltam a focar-se em mim e dou-lhe uma piscadela de olho brincalhona.

Sim, sim, eu sei.

Sou mau.

Já estabelecemos isso um milhão de vezes.

– Está na hora de ir. Tenha um bom dia, Menina Penelope.

– Vou ter, querido. Para si também.

Dirigimo-nos para a porta e as raparigas conversam enquanto entramos no elevador. Quando chegamos ao rés do chão, saio com elas pela frente do meu prédio. O Hans está à espera com o carro.

– Bom dia, Hans. – Sorrio.

– Bom dia, Sr. Miles. – Ele baixa a cabeça.

– Pode levar as raparigas a casa por mim, por favor? – pergunto-lhe.

– Sim, senhor. – Ele sorri. – Claro.

– Bom dia, Hans. – As duas sorriem quando ele abre a porta de trás da limusina. Dou-lhes um beijo de despedida na bochecha e elas entram alegremente. Vejo a limusina arrancar, entro no meu prédio e apanho o elevador para a cave. Entro no meu *Porsche* preto e saio do estacionamento para a longa fila de carros.

Uf... Trânsito de Londres. Haverá algo pior?

Três horas depois

– E isto aqui. – Aponta para uma linha no gráfico. – É esta a tendência que estamos a seguir. Vejam como o excesso de população...

Bocejo, mal conseguindo manter os olhos abertos.

– Estamos a interromper o teu sono, Christopher? – grunhe o Jameson.

Na verdade, estão.

Pigarreio para não revirar os olhos.

– Peço desculpa – digo.

Dois dos meus irmãos, o Jameson e o Tristan, estão aqui em Londres para se encontrarem comigo e com o Elliot para a nossa reunião trimestral da direção. As merdas de que temos de falar são muito aborrecidas. Jameson recomeça e fala detalhadamente sobre uma tendência crescente, e eu bocejo outra vez.

O Jameson olha para mim.

– Desculpa – digo, tentando não o interromper novamente.

Por amor de Deus, concentra-te.

Mal consigo manter os olhos abertos. Olho de relance para o meu relógio. Quanto tempo é que esta reunião vai durar?

O Elliot começa a falar.

– Tenho estado a observar os resultados desta questão e descobri que...Ele continua e continua e continua... Bocejo novamente.

– Podes parar? – dispara o Tristan. – Não és a única pessoa na sala que está cansada.

Olho para cima e vejo a atenção dos três homens cravada em mim.

– Aposto que a maneira de o Christopher se cansar foi mais divertida do que a tua. – O Elliot sorri afetadamente.

– A cem por cento – murmura o Tristan secamente. – Dormi no chão para as crianças dormirem na minha cama.

– Porquê? – Pergunta o Jameson.

– As miúdas decidiram que não querem dormir em mais lado nenhum a não ser nos seus quartos em casa.

– Finge um sorriso.

– Viajar é tão divertido hoje em dia.

– Que tolice. – Abano a cabeça em desaprovação.

– O que é que isso significa? – dispara o Tristan.

– É só que... – Interrompo-me.

– O quê?

– Apenas pensei que fosses o pai – respondo com naturalidade enquanto bebo a minha água. – Não percebo por que razão deixarias a tua filha dormir na cama para tu dormires no chão.

– A Summer não está bem, está com tosse – justifica-se o Tristan.

Afasto-me dele.

– Não respire para cima de mim, então, seu idiota cheio de germes.

– Se tivesses filhos, percebias – dispara o Tristan.

O Elliot ri-se.

– Como se isso alguma vez fosse acontecer.

O Tristan ri.

– É, não é?

– Podemos focar-nos no assunto? – O Jameson bate no quadro branco.

– O que é que isso significa? – respondo ao mesmo tempo que olho para eles. – Vou ter filhos, um dia.

– Não. – O Jameson escreve no quadro branco como se estivesse a lembrar-se do próximo tópico. – Não há qualquer hipótese de teres filhos.

– O quê? – grito de indignação. – Isso é treta. Não fazes ideia.

O Tristan revira os olhos, como se eu não tivesse noção.

– Tu é que não fazes ideia.

– És demasiado egoísta para ter mulher e filhos. Nunca vai acontecer. – O Elliot sorri afetadamente.

– Ainda vai andar em orgias quando tiver noventa anos – responde o Jameson casualmente, enquanto desenha um gráfico no quadro branco.

Os rapazes riem-se.

– Só para que saibas... Eu não ando em orgias. – Ajeito a gravata com irritação. – Encorajo atividades de grupo em que toda a gente é tratada como igual. – Endireito os ombros. – Há uma grande diferença.

Os três riem-se e eu começo a ficar passado.

– Vocês os três estão muito críticos, visto que costumavam ser exatamente iguais a mim.

– Não, não costumávamos – diz o Elliot. – Nem lá perto. Tu estás perdido.

– Não estou perdido. – Arfo de indignação.

– Tens trinta e um anos e nunca tiveste uma namorada.

Nem uma – diz o Tristan.

– Levas raparigas simpáticas a encontros simbólicos para te tentares enganar a ti próprio e acreditares que elas têm alguma hipótese, além do facto de que só fodes mulheres aos pares, para que não haja qualquer hipótese de te apaixonares por uma delas – responde o Jameson sem rodeios.

Abro a boca, horrorizado.

– É assim que me veem?

– É assim que és – responde o Jameson. Ele começa a bater no quadro branco. – Agora... de volta ao rastreio – continua.

O meu coração furioso bate com força nos meus ouvidos enquanto olho para eles. Não acredito nisto.

– Não *estou* perdido.

– Mimado – acrescenta Elliot.

– Como assim, mimado? – Arfo de horror. O Jameson revira os olhos.

– Oh, por favor.

– Não *sou* mimado, porra.

– És, sim – responde o Elliot.

– Diz-me de que forma – disparo.

– Nunca foste a uma entrevista de emprego, mas tens o teu emprego de sonho. Tens *penthouses* em Nova Iorque, Londres e Paris, funcionários em todo o mundo. Tens uma coleção de carros desportivos no valor de dez milhões de dólares. De alguma forma, as pessoas pensam que és estupidamente bonito e que basta olhares para uma mulher para ela baixar as cuecas... quer ela seja casada ou não – diz o Jameson calmamente.

Abro a boca para me defender, mas não sei qualquer palavra.

– E... não sais com raparigas normais porque estão abaixo de ti – acrescenta o Tristan.

– Ninguém quer sair com raparigas normais – grito, indignado.

O Jameson olha-me nos olhos.

– Diz-me qual foi a última vez que tiveste de trabalhar para alguma coisa, Christopher.

– Vai à merda – bufo.

– Não, estou a falar a sério. Quando foi a última vez que estabeleceste um objetivo para ti próprio e não o cumpriste na mesma noite?

O Elliot sorri enquanto se recosta na cadeira e eu olho entre eles enquanto todos esperam pela minha resposta.

– Nunca aconteceu. Nem uma vez. – O Tristan sorri.

– Tenho objetivos que ainda não atingi – gaguejo, embaraçado.

– Dormir sozinho? – sugere o Elliot.

Eles atiram a cabeça para trás e riem alto, como se fosse a coisa mais engraçada que alguma vez ouviram.

A traição apodera-se de mim.

É assim que me veem?

– Vão-se foder. – Levanto-me. – E que se foda a vossa reunião estúpida. Não vou ficar aqui a ouvir estas tretas. – Saio do escritório e bato a porta com força.

– Volta aqui, fraco – grita o Jameson por trás de mim. Ouço-os a desatar a rir mais uma vez... *Idiotas*.

Passo pela receção e todas as secretárias olham para o meu ar zangado.

É provável que seja uma estreia. Nunca me zango.

– Está tudo bem, Christopher? – A Victoria franze o sobrolho.

– Não, não está – bufo. – Aqueles idiotas acham que sou mimado. Lanço as mãos para o ar enquanto passo por ela. – Consegues acreditar?

– Não. De todo. – A Victoria enrola os lábios para esconder o seu sorriso.

Estreito os olhos num aviso silencioso e continuo a caminhar para o meu gabinete. Ouço as secretárias a rir na receção.

Começo a passar-me.

O mundo enlouqueceu. Começo a arrumar a minha pasta, furioso.

Eu.

Não.

Sou.

Mimado.

Esta acusação ofende-me. Como se atrevem? Será que sabem o que quer dizer mimado? Não me parece.

Caminho para o elevador e todas as raparigas olham para cima, surpreendidas.

– Vou embora – anuncio.

– Para onde? – Pergunta a Victoria.

– Para onde eu quiser. – Isto soou mal. Aponto para ela. – Porque estou chateado, não porque sou mimado.

Ela arregala os olhos para acentuar o ponto de vista.

– Cala-te, Victoria – cuspo.

– Sim, senhor. – Ela sorri.

– E não sejas condescendente comigo.

– Não me atreveria.

Fico a fumar mais um pouco.

Todas baixam a cabeça para esconder as gargalhadas.

– Parem de rir ou despeço-vos a todas – exijo.

Desta vez, todas se riem à gargalhada. Normalmente, sou o tipo engraçado do escritório. Nunca o mal-humorado.

– É isso! – expludo. As portas do elevador abrem-se, entro e carrego no botão com força. – Não há bónus de Natal.

Riem ainda mais.

Bruxas... Apanho o elevador para o rés do chão, saio para o parque de estacionamento e olho em volta. O meu carro não está onde o estacionei.

Dirijo-me ao funcionário do parque de estacionamento.

– Onde está o meu carro?

Os seus olhos arregalam-se de horror.

– Hum... – Ele olha à volta, nervoso. – Não sabíamos que vinha buscá-lo, senhor. Levámo-lo para o nível inferior para dar lugar a outros carros que saem antes de si.

O quê?

Levanto a sobrancelha, furioso.

– Quando estaciono o meu carro num lugar reservado, espero que o raio do carro permaneça onde está.

O empregado abre a boca para falar e fecha-a novamente antes de dizer qualquer coisa.

– O quê? – ladró.

– É por isso que temos as suas chaves, senhor, para podermos mudar os carros de acordo com o horário. Fazêmo-lo todos os dias.

– Parece-lhe que isto se adequa ao meu horário? – ladró. – O que é que é suposto eu fazer? Preciso do meu carro. Agora!

– Aí está – ouço alguém murmurar. Viro-me para ver o Elliot de pé ao lado, a ouvir.

O que é que ele está aqui a fazer?

– Não importa – digo enquanto me dirijo para o elevador. Apanho um Uber. Endireito a minha gravata enquanto tento recuperar algum controlo. – Porque sou *flexível*.

O funcionário do parque de estacionamento olha para o Elliot, intrigado.

– Flexível – murmura o Elliot.

– Volta lá para cima, Elliot, antes que eu mande o meu motorista de Uber atropelar-te – digo enquanto bato no botão para fechar as portas do elevador.

O Elliot corre e entra ao meu lado, e as portas fecham-se.

– Acalma-te – diz. – Estamos só a divertir-nos um pouco.

Cerro o maxilar enquanto olho fixamente em frente. – Não és mimado.

Levanto o queixo em desafio.

– Achas que só tens direitos.

– Os meus olhos saltam das órbitas. – Tenho direito a bater-te, agora – grunho. As portas do elevador abrem-se e eu caminho pelo *hall* em direção à rua. O Elliot segue-me de perto.

Estamos os dois de pé no passeio e ele olha para mim.

– A que horas vem?

– Quem?

– O Uber? – Ergo o olhar. – Chamaste... certo?

– Claro que sim – disparo. *Como raio é que faço isso?*

– Não vou apanhar um Uber – anuncio enquanto me ponho em bicos de pés e olho em volta para a rua. –

Vou apanhar um táxi. Apoio a velha guarda.

– Oh... – Ele sorri afetadamente. – Bom para ti.

Vejo o momento de horror quando os porteiros reparam em mim.

– Sr. Miles. – Aproximam-se. – Como podemos ajudá-lo, senhor?

– Eu...

O Elliot corta-me a palavra.

– Ele está ótimo, obrigado. – Sorri para eles. – Obrigado na mesma.

Os porteiros voltam lentamente para dentro e eu olho de relance para o Elliot, que me está a observar.

– Vai lá, então – diz.

– Vou lá onde?

– Apanhar um táxi.

– Achas mesmo que não consigo apanhar um táxi sozinho?

– Quando foi a última vez que o fizeste?

– Quando foi a última vez que foste parar ao hospital por espancamento? – Estreito os olhos.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição.

– Estou só a dizer... – Ele volta para dentro e observo-o enquanto desaparece no elevador.

Olho fixamente para ele e a determinação preenche-me. Vou apanhar o meu próprio táxi, porra. Saio para fora e vejo um táxi a descer a rua. Ponho o braço para cima.

Passa a alta velocidade com um passageiro no banco de trás. Hum... Passa outro táxi e ponho o braço para cima. Passa diretamente por mim.

– Idiota – chamo.

Durante cinco minutos, fico parado na berma da estrada. Nenhum táxi para.

Que raio se passa com eles? Não sabem que tenho de ir a um sítio?

Isto é discriminação.

Ouçoo uma voz.

– Sr. Miles. – Viro-me para ver que o Hans estacionou a limusina. – Está tudo bem, senhor?

– Humm... – Olho à volta. Nenhum táxi para e é possível que fique aqui para sempre. Espreito para dentro para ter a certeza de que o Elliot se foi embora. – Leva-me para casa, por favor.

O Hans dá-me um sorriso simpático e abre-me a porta de trás, e eu entro. Arranca para o meio do trânsito.

– Como sabias que estava aqui? – pergunto-lhe.

– O Elliot ligou-me.

– O Elliot ligou-te? – Começo a fumar.

– Sim, disse que precisava de o salvar.

Idiota.

– Diverti-me muito. – Expira.

– Eu também. Finjo um sorriso. É tudo o que posso fazer para não consultar o meu relógio enquanto estamos na rua a despedir-nos. Quanto tempo é que isto vai demorar?

Foi o pior encontro da história.

Aborrecido... Tão aborrecido.

A Carly é linda, inteligente e doce, com um corpo de morrer. É tudo o que eu deveria querer. E, no entanto, como de costume, quando saio sozinho com uma rapariga, estou aborrecido como tudo. Cheguei a pensar em pedir ao empregado que me envenenasse a comida para ter uma razão legítima para me ir embora.

As palavras do Tristan e do Jameson passam-me pela cabeça pela milionésima vez.

Tens trinta e um anos e nunca tiveste uma namorada. Levas raparigas simpáticas a encontros simbólicos para tentares enganar a ti próprio e acreditares que elas têm alguma hipótese, e só fodes mulheres aos pares, para que não haja qualquer hipótese de te apaixonares por uma delas.

A Carly franze o sobrolho.

– Está tudo bem?

Olho para baixo e vejo-a a olhar para mim, à espera de um beijo.

– É só... Estou com dor de cabeça. Lamento, eu... – Paro de falar antes de lhe mentir mais.

– Tudo bem. – Ela sorri. – Há pessoas que não se identificam, não é?

Intrigante... *Eu identifico-me com toda a gente.*

– Identificas-te com a maioria das pessoas? – pergunto-lhe.

– Sim.

– Porque achas que não nos identificamos?

Encolhe os ombros.

– Muitas razões.

– Diz-me quais.

Ela ri.

– Acho que não queres ouvir o que tenho para dizer.

– Confia em mim, quero.

– Bem, para começar, és demasiado perfeito.

Olho com espanto.

– O quê?

O seu rosto descai.

– Olha... Não queria ofender. Isto saiu mal.

– Não, por favor... – tranquilizo-a. – Explica-me. Como é que posso melhorar se não sei o que se passa comigo?

– Não tens de melhorar. Só precisas de... – Ela faz uma pausa, como se estivesse a escolher bem as palavras. – Não tens substância.

– O quê? – Ponho a mão no peito. – Eu? Sem substância?

– Arfo, chocado. – Tenho substância de alta qualidade, porra!

Ela ri.

– É esse o problema. Nunca vais perceber o que quero dizer, Christopher, e não faz mal. Não precisas de perceber. Não é relevante para a tua vida.

Enrugo a testa ao olhar para ela.

– O que queres dizer?

– A tua vida tem sido tão perfeita que nunca tiveste de te aprofundar para descobrires quem realmente és.

Ponho o meu peso no pé de trás, afrontado por ser a segunda vez que ouço isto hoje.

– Discordo. Porque é que as pessoas pensam que só as dificuldades constroem caráter? Porque é que eu teria de cavar fundo para descobrir quem sou quando já o sei?

Ela põe-se na ponta dos pés e beija-me a face.

– Porque os diamantes são feitos sob pressão. – Ela vira-se e começa a caminhar pela rua.

– O que é que isso significa? – Ponho as mãos nas ancas com repugnância. – Sou um diamante, Carly. – Abro os braços. – Sabes quantas mulheres adorariam ter um diamante como eu?

Ela ri alto e vira-se para mim.

– As mulheres com quem passas o tempo só querem carvão rico. Nem sequer sabem o que é um diamante. É carvão com carvão.

Abro a boca, horrorizado.

Ela manda-me um beijo e caminha em direção à noite.

Passo a mão sobre a minha barba por fazer enquanto olho para ela.

Isto foi estranho.

Hum, e... Odeio admiti-lo... interessante.

Desço a rua, entro num bar e sento-me no banco junto à janela.

– O que vai ser? – pergunta-me um empregado.

– *Whisky* – respondo, distraído.

Começa a chover e eu vejo-a cair pela janela.

– Aqui tem – diz o empregado enquanto pousa o copo à minha frente.

– Obrigado.

Tive um dia de merda e, detesto admiti-lo, parece que há uma parte da minha personalidade que os outros conseguem ver e eu não.

As mulheres com quem passas o tempo só querem carvão rico.

Arrasto a mão até ao rosto, com repugnância. Será verdade? Inclino a cabeça para trás e esvazio o copo.

Estás perdido.

Foi um dia estranho e cheio de revelações. Terão razão? Como é que alguma vez vou encontrar o meu diamante se só sou carvão rico?



Ouço uma voz.

– Não pode ser assim tão mau.

Olho para cima e vejo uma empregada a limpar a mesa ao meu lado.

– Porque diz isso?

– Bem, está aí sentado há três horas com um ar completamente miserável.

– O quê? – Olho para o relógio. Uma e meia da manhã. Merda.

– Desculpe – digo, enquanto me levanto e tiro a carteira.

Ela faz a minha conta.

– Foi abandonado? – pergunta.

Olho para ela, confuso com o conceito.

– Não, nada disso.

– Abandonou alguém?

– Não.

Mete-te na tua vida.

– Despedido?

Não estou com vontade de falar e só quero que ela se cale.

– Sim. Despedido – minto.

– Bem, isso é ótimo. – Ela sorri. – Adoro encruzilhadas.

Esta mulher é uma autêntica idiota.

– Como é que ser despedido é ótimo?

– Porque pode começar de novo. Pode criar o que quer ser.

Franzo o sobrolho ao olhar para ela.

Criar o que quer ser.

– Como uma repetição... – sussurro para mim próprio.

– Sim. – Ela começa a limpar novamente o balcão.

– O que faria? – pergunto-lhe. – Como recomençaria?

Ela sorri de forma sonhadora.

– Desaparecia e viajava pelo mundo. Para o ver com olhos novos e imaculados.

Fico a olhar para ela enquanto a minha mente começa a correr a um milhão de quilómetros por minuto.

Não é a primeira vez que ouço isto. Eu próprio pensei neste conceito há alguns anos.

– Quero dizer, não que alguém possa realisticamente dar-se ao luxo de o fazer. – Encolhe os ombros. – Mas não seria incrível?

– Seria... – Pago-lhe e, preso em pensamentos, dou a volta à esquina até à praça de táxis. Há um à espera e eu meto-me no banco de trás.

– Para onde? – pergunta o condutor, feliz.

Sorrio. Veem... Eu *consigo* apanhar um táxi sozinho. Na verdade, tenho a certeza de que posso fazer tudo a que me propuser. Vou mostrar àqueles idiotas do que sou realmente feito.

Mas sem dinheiro?

Uf... isso é difícil.



Estou deitado a olhar para o teto do meu quarto às escuras.

Tenho uma sensação de naufrágio no fundo do meu estômago que não me deixa em paz.

Desde que me ocorreu a ideia da repetição, não consigo parar de pensar nisso.

Mas será que preciso mesmo de me tornar invisível para poder ser visto?

Estarei a exagerar?

Não quero cair na armadilha do dinheiro a ditar a minha vida, se é que já não caí.

Odeio a forma como os meus irmãos me veem. Odeio que a Carly pense que sou carvão. A pior parte é que sei que ela tem razão. Como sou agora, sou carvão a cem por cento.

Nem sequer sei como encontrar substância e detesto pensar nisso.

Sou melhor que isto. Sei que sou.

Há mais em mim do que o meu apelido... mas como é que o encontro?

Se vivesse um ano sem dinheiro, como é que me sentiria?

Imagino as possibilidades e os riscos e o sentimento de orgulho que teria no final, sabendo que o tinha feito.

Não saí esta semana; pela primeira vez, a ideia de socializar não me agrada.

Não quero andar por aí... Quero desaparecer.

Manhã de segunda-feira

Após a semana sem sexo mais longa da história, tomei uma decisão. Saio do elevador com um objetivo.

– Bom dia, meninas.

– Bom dia, Christopher.

Desço o corredor e entro no gabinete do Elliot. O Jameson e o Tristan partem para Nova Iorque esta noite e eu sei que preciso de fazer isto agora, enquanto estamos todos juntos.

– Posso falar convosco por um minuto no meu gabinete? – pergunto.

O Elliot olha por cima do seu computador e vinca o rosto. – Sobre quê?

– Pega no Jay e no Tris e vem ter comigo.

– Está bem.

Sigo até ao meu escritório e ligo o computador. Tenho muito que fazer.

– O que se passa? – pergunta o Jameson. Entra no meu escritório e senta-se no sofá.

O Elliot e o Tristan imitam-no.

– Então?

– Vou tirar um ano de férias da Miles Media – anuncio.

– O quê? – O Jameson olha com espanto. – Para quê?

– Vou ficar incontactável.

– Como?

– Vou fazer uma viagem de mochila às costas.

Capítulo Dois

Deves estar a brincar.

– Não. – Sento-me à minha secretária.

– Por quanto tempo?

– Doze meses.

O Elliot faz cara feia.

– Vai-te lixar. Não há qualquer hipótese de fazeres isso. Quase me apanhaste. O que queres realmente?

– Estou a falar a sério.

– Não duravas uma hora a viajar de mochila às costas, quanto mais doze meses. – bufa o Tristan. – És mais florzinha do que todos nós juntos.

A determinação preenche-me.

– Não sou um inútil, sabiam?

– Se isto é por causa da nossa provocação na semana passada, estávamos apenas a brincar.

– Isto não tem a ver com vocês. Tem a ver comigo.

– Estás com desejo de morrer? – responde o Jameson, secamente.

– O que disste fez-me pensar: se eu não mudar a minha maneira de ser... – Paro de falar, sem querer dizê-lo em voz alta.

– O quê?

– Há anos que tenho esta ideia na minha cabeça. Sei que se não for agora, serei demasiado velho.

– Já és demasiado velho – dispara o Jameson. – Nunca vi um mochileiro de trinta e um anos.

– Porque tu conheces *tantos*. – Arregalo os olhos.

– Porque haverias de querer fazer isto?

– Porque preciso. Tenho de me organizar. Sempre disse que o ia fazer e acho que agora é a altura certa.

O Elliot está a andar de um lado para o outro.

– Quer dizer, acho que... Podia reorganizar o pessoal... podias trabalhar nos nossos escritórios no estrangeiro.

– Não, sem contacto. Quero encontrar o meu próprio caminho e ganhar o meu sustento. Só vou levar dois mil dólares. Calculo que isso me dure um mês, se poupar?

O Jameson desata a rir.

– Tu... sem dinheiro?

– Dás cabo de mim. – O Tristan ri. – Gastas mais do que isso num dia.

– Que trabalho vais fazer? – balbucia o Elliot. Arregala os olhos enquanto espera pela minha resposta.

Quase consigo ver a sua ansiedade a aumentar.

– Bem. – Encolho os ombros, des preocupadamente, como se isto não fosse a coisa mais assustadora que alguma vez fiz. – Ainda não sei. Algo há de aparecer. Vou resolvendo à medida que for acontecendo.

– Não – dispara o Elliot. – Nem pensar. Precisas de um plano. Os Miles não resolvem à medida que acontece. Vais aparecer morto em algum lado. Não te vou deixar andar por aí sozinho no mundo. Há pessoas más por aí.

– Não tens escolha.

– Isto é estúpido – avisa o Jameson. – Para não dizer perigoso.

– Pensei muito sobre isto durante toda a semana e sei que é algo que tenho de fazer. Se desistir agora, sei que me vou arrepender. – Encolho os ombros. – Quer dizer... quão mau pode ser?

– Mau – dispara o Elliot. – Muito mau. Ao ponto de vires para casa num saco de cadáveres.

Reviro os olhos.

– Porque é que és tão dramático?

– Isto é dramático – diz o Tristan. – Não podes só arranjar o raio de uma namorada, como uma pessoa normal?

– Não digam aos pais.

– O quê? Tristan dispara. – Como é que achas que eles não vão dar pela tua falta durante um ano?

– Vou dizer-lhes que estou a fazer um curso em França. Telefono-lhes a toda a hora e volto de Espanha para Paris para os ver durante alguns dias, se eles decidirem visitar-me.

– Espanha?

– Vou começar em Espanha.

– Porquê Espanha?

– Não sei. – Encolho os ombros. – Gosto de *paella*, suponho.

– Oh, foda-se. – O Jameson aperta a ponta do seu nariz. – Não se vai de mochila às costas por causa de *paella*, Christopher. Há um restaurante espanhol de arromba aqui em Londres, algures, tenho a certeza.

– Ligo-vos todos os dias, se quiserem. – Ponho as mãos nas ancas. – Mas vou. Não me podem impedir. Ficam em silêncio.

– E aviso-vos para onde vou, caso as coisas corram mal – acrescento.

– Vais levar um guarda-costas – diz o Jameson.

– Não vou levar um guarda-costas, raios.

– Porque não?

– Porque isso vai contra o objetivo.

– O objetivo é morreres? – Suspira o Elliot.

– Olha. – Tento acalmá-lo. Sei que é ele que vai ter mais dificuldades com isto. – Está tudo bem. Esta semana podes ajudar-me e vamos preparar-nos para que eu esteja pronto para tudo.

Ele olha para mim e quase consigo ouvir o seu cérebro a falhar enquanto se passa.

– Quando partes? – pergunta o Jameson.

– No próximo sábado.

– Tão cedo?

Todos ficam em silêncio enquanto processam.

– Bem... – O Tristan bate-me nas costas. – Foi bom conhecer-te, mano.

Distrito de Finger Lakes, Condado de Orange,
Estação Harrington Angus Cattle

HAYDEN

Conduzo o trator sobre o padoque. As grandes rodas batem quando passo o riacho entre os dois cercados e volto em direção à casa. Sorrio para o sol do fim da tarde e aproximo-me para dar uma palmadinha na cabeça do *Nev*. Um dos nossos fiéis cães de gado e o meu preferido.

Senta-se orgulhosamente na borda ao meu lado enquanto fazemos uma última ronda pela quinta.

Como de costume, o dia foi uma loucura. Três novilhas estão a parir e temos andado todos às voltas. Sendo a única filha de uma família de agricultores, trabalho arduamente, ajudando a gerir as coisas por aqui, e há muito para fazer. Temos uma quinta de três mil hectares com mais de quinhentas cabeças de gado Angus. Felizmente, temos pessoal, mas o volume de trabalho parece nunca abrandar.

Viro a esquina em direção a casa e vejo a minha mãe a acenar-me. Estaciono o

trator ao lado dela.

– Ei.

Ela bate no relógio.

– O que estás a fazer?

Olho espantada.

– O que queres dizer?

– Temos muito que fazer. Lembras-te que vamos às compras?

Exalo enquanto salto do trator.

– Mãe...

– A sério, Hayden, partes daqui a dois dias. Para de te preocupar com o raio da quinta.

– Sabes, estive a pensar. Já não preciso de ir.

– Hayden. – Ela agarra nos meus ombros e vira-me para a casa. – Reservaste esta viagem há dois anos. – Ela dá-me um empurrão suave. – Tu *vais*.

– Sim, mas estava de coração partido quando a reservei. Já não estou. Vou telefonar para a agência de viagens e tentar reaver o meu dinheiro. – Não é uma boa altura agora.

– Estás só nervosa – diz. – Para de te convencer a não ir.

Há dias que me sinto mal do estômago. Viajar para o outro lado do mundo sozinha, quando quase não saio de casa há dois anos, parece-me completamente ridículo.

Nervosa é um eufemismo. Estou aterrorizada.

– Não quero deixar-te a ti e ao pai na mão. Sou precisa aqui. E se acontece alguma coisa enquanto estiver fora?

– Querida. – A minha mãe sorri para mim. – O que eu e o pai precisamos é que sejas feliz.

– Eu sou feliz.

– A conduzir tratores? A ajudar vacas a parir? – Os olhos dela procuram os meus. – A maioria das tuas amigas saiu da cidade e casou.

– E então? Não quero saber.

– Tu já nem sais.

Sinto um nó na garganta porque sei que ela tem razão. Não o torna mais fácil.

– Hayden. – Ela sorri. – Há coisas excitantes à tua espera lá fora.

Aceno.

– E vais ser corajosa e sair para o grande mundo e fazer novos amigos e rir e viver e não te vais preocupar com as malditas vacas.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas e encolho os ombros.

– É só...

– Eu sei, querida, estás assustada. – Sorri suavemente. – Mas tenho mais medo por ti se ficares aqui durante a tua juventude sem saberes o que há lá fora. – Puxa-me para um abraço. – Esta quinta estará sempre aqui à tua espera, Hayden. Mas... ele também está à tua espera.

– Quem?

– O teu amor. Está por aí, algures. Eu sei.

Reviro os olhos.

– Mãe, *não* vou conhecer o amor da minha vida num *hostel* de mochileiros, asseguro-te.

– Nunca se sabe. Há muitos bons rapazes de quinta por aí.

– Suponho. – Sorrio afetadamente. – Realmente, precisamos de um veterinário.

– É esse o espírito. – Enlaça o seu braço no meu e começamos a caminhar para casa. – Ou um mecânico também vinha a calhar. Aqueles malditos tratores precisam de muita manutenção.

Rio-me.

– Verdade.

– Um carpinteiro seria ótimo – acrescenta.

Imagino-me a trazer um pobre homem insuspeito para casa e o meu pai a obrigá-lo a construir vedações durante dias.

– Vamos comprar-te alguns vestidos.

– O que têm as minhas roupas de errado? – Finjo-me ofendida.

Ambas olhamos para as minhas calças de ganga justas, camisa de xadrez e botas de cano alto cobertas de caca de vaca.

– Sou o epítome da alta costura, mãe. – Ponho as mãos nas ancas e faço uma pequena dança.

Ela arregala os olhos.

– Mas não se adequam a Espanha, pois não?

CHRISTOPHER

– E aqui está, a BlackWolf Nomad. – O vendedor sorri com orgulho. – O Rolls Royce das mochilas. Fico a olhar para a mochila enorme.

– Obrigada, nós avisamos se precisarmos de ajuda – responde o Elliot.

O vendedor vai-se embora e abro o fecho da mochila.

– O fecho funciona bem.

– Não percebo como é que alguém pode andar por aí com essa merda às costas – sussurra o Elliot. – Quanto pesará quando estiver cheia? Tipo, vinte quilos?

– Provavelmente.

– Vê se há uma com rodas.

– Não quero parecer um fraco com uma mala de rodinhas quando toda a gente leva a sua às costas.

– As pessoas são idiotas.

– Não quero destacar-me.

O Elliot ri-se enquanto olha para a mochila.

– Acredita em mim, uma mochila é o menor dos teus problemas.

Dirijo-me a outra mochila e pego-lhe. Começo a percorrer todos os pequenos compartimentos. No fundo, há um pequeno tabuleiro. Tiro-o para fora e levanto-o, intrigado.

– Para que é isto?

– Hmm. – O Elliot tira-mo e vira-o ao contrário. – Um prato?

– Um pouco raso para um prato. Não seria grande pequeno-almoço, pois não?

O vendedor regressa.

– Isso é a casa de banho.

Olho para ele enquanto o meu cérebro falha.

– A quê?

– É a panela. – Encolhe os ombros. – Sabe, para quando precisa de cagar na floresta.

O Elliot atira a panela de volta para a mochila como se lhe tivesse queimado os dedos.

– Ele vai viajar de mochila às costas, não é selvagem.
O vendedor ri-se.
– Vocês os dois nunca viajaram de mochila às costas, pois não?
O Elliot e eu olhamos um para o outro, mas ficamos em silêncio.
– Se ficar preso num local com muita gente e não conseguir encontrar uma casa de banho, faz nesta panela e esvazia-a quando puder. É muito fácil.
Franzo o sobrolho ao olhar para este animal.
– Nada nisso soa fácil.
– O quê? Achas que ele vai voltar a pô-la suja na mochila? – diz o Elliot, horrorizado.
O vendedor encolhe os ombros com satisfação.
– É uma opção.
– Que não vou levar – murmuro secamente, enquanto me afasto do vendedor.
Por amor de Deus, a que é que o mundo chegou?
Preciso de sair daqui. Sinto a minha tensão arterial subir a cada segundo que passa.
– Qual é a sua mochila mais popular?
– Esta. – O vendedor segura-a. – Sem dúvida.
– Vou levá-la.
– Quer em preto ou vermelho?
Estreito os olhos. Este gajo está a falar a sério? Ninguém quer uma maldita mochila vermelha.
– Preto.
– Que mais é que ele precisa? – pergunta o Elliot.
– Por quanto tempo vai?
– Doze meses.
O vendedor assobia.
– Corajoso.
Corajoso... o que raio é que isso significa?
– Se quisesse a sua opinião, tinha-a pedido – respondo.
Aponta para o Elliot com o polegar.
– Ele acabou de a pedir.
Reviro os olhos; este gajo está a enervar-me.
– Quais são os essenciais?
– Sapatos confortáveis, mini toalhas de qualidade.
– O que é uma mini toalha?
Ele segura numa pequena embalagem do tamanho de um baralho de cartas.
– Isto tem uma toalha lá dentro.
– Oh. – Aceno. – Impressionante.
– Que outras coisas tem em mini? – pergunta o Elliot.
– Além do óbvio – resmungo baixinho.
– Controla-te – sussurra o Elliot.
– Bússola.
– Bússola? – pergunto. – Vou fazer uma viagem de mochila às costas, não escalar o Monte Everest.
Este gajo é um completo idiota.
Elliot abre muito os olhos, num sinal para me calar.
O tipo volta e passa-me uma bússola, e eu passo-a diretamente ao Elliot.
– Nós levamos – responde o Elliot demasiado depressa.
– Temos umas garrafas de água ótimas – continua o vendedor enquanto caminha para o outro lado da loja.
– Não vamos levar a bússola – sussurro.
– E se te perdes?
– Procuro no Google Maps como uma pessoa do século XXI. – Reviro os olhos.
– Vais levá-la – sussurra, zangado.
– Não vou levá-la – Tiro-lha e ponho-a numa prateleira.
O vendedor regressa com uma garrafa enorme.
– Esta aqui é ótima. Mantém-se quente ou fria durante vinte e quatro horas, e este longo cordão permite-lhe usá-la ao pescoço. E é em camuflado.
– Se acha que vou usar uma garrafa de água camuflada ao pescoço, tem de ir ao hospital.

O Elliot ri-se enquanto aperta a cana do nariz.
– Vende GoPros?
– Porque havia de precisar de uma GoPro? – Pergunto admirado.
– Porque quero que a uses sempre presa à cabeça para podermos ver esta merda ao vivo enquanto acontece.

Reviro os olhos.
– Isto daria um ótimo *reality show*, na verdade. – Ele eleva as sobrancelhas como se estivesse a ter uma epifania. – Tenho de telefonar a alguém; alguma rede de televisão há de querer isto, de certeza.
– Cala-te. Caraças. – Arregalo os olhos. – Não vais ligar a ninguém.
– Saco-cama – diz o assistente enquanto se aproxima. – Isto é vital.
– Vou dormir numa cama.
– Mas precisa de ter um saco-cama. Haverá alturas em que não consegue arranjar alojamento e terá de improvisar.

Estreitamos os olhos, enquanto olhamos fixamente para ele.
– Defina improvisar – pede o Elliot.
– Sabe, ter de dormir na floresta ou numa estação de comboios ou assim.
Estação de comboios... a sério?
– Vendem mini colchões, algo que se dobre como a toalha? – pergunto.
O vendedor inclina a cabeça para trás e desata a rir.
– Isso é hilariante.
Não era uma piada.
– Levamos um saco-cama. Este aqui. – O Elliot toca na prateleira.
– Amarelo ou preto?
– É daltónico? – Olho para ele sem expressão. – Que raio se passa consigo? Ninguém quer um saco-cama amarelo.

O assistente começa a levar as nossas coisas para a caixa. Empilha todas as nossas compras no balcão.
– É tudo?
– Sim.
Começa a registá-las.
O Elliot olha para a pilha de coisas no balcão e consigo ver algo a passar-lhe pela cabeça.
– O que foi? – pergunto.
– Como é que tudo isto vai caber nessa mochila de merda?
Hum, ele tem alguma razão.
– Quer dizer, onde vais levar as roupas?
– É uma boa pergunta – murmuro.
– Tem de levar pouca coisa – diz o vendedor.
– Quão pouca? – Torço o nariz.
– Apenas o essencial, como um ou dois pares de calças, dois pares de calções, umas três *T-shirts* e uma camisola. Os sapatos que está a usar.
Fico a olhar para ele enquanto o horror começa a lixar-me a cabeça...
– Não consigo...
– Consegue – diz.
Os meus olhos encontram os de Elliot e ele encolhe os ombros.
– Não sei. Como é que se vive com cinco coisas?

Cinco horas depois

– Que merda é esta? – grito.
O Elliot coça a cabeça, completamente perplexo.
– Não o devíamos ter tirado da embalagem.
– Oh. Ótima ideia, Einstein – grunho. – Porque descobrir isto num *hostel* cheio de gente seria muito melhor.
– Não entendo. – O Elliot gira as instruções enquanto as lê. – Não diz nada aqui sobre isso. Há algum botão ou algo assim em que se carregue?

Procuo e procuro.

- Não há nenhum botão e é impossível que isto vá acontecer.
- O Jameson já foi acampar. Ele deve saber. O Elliot liga aos rapazes enquanto eu me debato mais um pouco.
- Ei. – Ouço a voz do Jameson.
- Olá – diz o Tristan.
- Estamos aqui com um problema – responde o Elliot, enquanto prepara o telemóvel para que nos possamos ver. – Acho que o tipo da loja nos pregou uma partida.
- O que está a acontecer? – pergunta o Jameson.
- Como é que isto – Levanto o saco-cama gigante – é suposto caber nisto? – levanto a capa minúscula do saco-cama. Começo a tentar enfiá-lo de novo.
- O Jameson dá uma gargalhada.
- Seu idiota. Tens de o enrolar.
- É impossível – grito. – É como um elefante a tentar foder uma barata. Continuo a debater-me. – Não há forma de *isto* caber *naquilo*.
- Já ouviste falar de lubrificante? – O Tristan ri.
- Obviamente que não – responde o Jameson. – Já viste as mulheres de quem ele gosta?
- Vai-te lixar. Não estou com paciência para as tuas merdas – grito, de frustração. – Isto é um desastre total. É suposto estar de férias. Não tenho nove horas livres todos os dias para lutar com um saco-cama desobediente.
- Estende-o na horizontal.
- O quê?
- Estende-o na horizontal – dispara o Jameson.
- Faço como ele disse.
- Agora, dobra-o ao meio e depois novamente ao meio, e depois enrola.
- Enrolo?
- O Elliot contrai a testa.
- Enrola, idiota.
- Porque é que aquele imbecil não nos disse isto na loja? – Grunho.
- O Elliot e eu pomo-nos de gatas e tentamos seguir as instruções. Bufamos e sopramos e gememos e usamos toda a nossa força, ao som do Jameson e do Tristan a rirem alto ao fundo, e, após vinte minutos, finalmente conseguimos.
- Agora, vão-se lixar. – Pego no saco-cama com a capa e dou-lhe um pontapé para o corredor com toda a força que tenho. – Não vens comigo depois desta merda. – Nunca mais te quero ver.
- Tens de o levar – diz o Elliot.
- Nem pensar. É um trabalho para quatro homens e não sou mágico. Prefiro congelar, sem problema.

Quatro dias depois

O avião aterriza na pista e eu expiro com força.

Cheguei.

Dentro de momentos, deixarei o meu confortável lugar de primeira classe para encontrar um Uber e viajar para o desconhecido sem dinheiro.

Não sei o que esperar, além de saber que o meu alojamento custa dezoito euros por noite, que não tenho roupa suficiente e que odeio o meu saco-cama com fervor.



Quarenta minutos depois, dirijo-me para a praça de táxis, sentindo-me muito satisfeito comigo próprio.

Recolhi a minha bagagem sem qualquer problema e tudo está bem no mundo.

- Olá – digo ao condutor.
- Olá. – Ele sorri.
- Pode levar-me aqui, por favor? – Mostro-lhe a morada no meu telemóvel.
- *Sí.*
- Ótimo.

Ele abre a bagageira, ponho a minha mochila lá dentro e entro para o banco de trás.

Ele entra e liga o carro. Sorrio, feliz, para a janela.

Está tudo a correr tão bem. Isto vai ser fácil.

Ele carrega no pedal e passamos de zero a cem quilómetros por hora em cinco segundos. Encosta-se à frente de um carro e os dois começam a buzinar.

– Ah. Agarro-me ao banco à minha frente.

– O que está a fazer?

Ele muda de faixa e os pneus guincham; os meus olhos arregalam-se de medo.

– Mais devagar – grunho.

Atravessa cinco faixas de rodagem a alta velocidade.

– Relaxe. – Ele ri-se enquanto esbraceja. – Está tudo bem.

– Nada na sua condução está bem!

Passa um sinal vermelho a alta velocidade e fecho os olhos enquanto me agarro ao banco da frente e me preparo para uma morte horrível.

– Abrande – exijo.

Ele passa por cima de uma lombada na estrada tão depressa que eu salto e bato com a cabeça no tejadilho.

– Ahh – grito. Olho pela janela da frente para os carros que se aproximam.

Sai da estrada. Vamos todos morrer!

Faz uma curva tão depressa que parece que o carro vai capotar, e eu penso seriamente em saltar do carro.

Finalmente, após os vinte minutos mais aterrorizantes da minha vida, ele para.

– Aqui tem.

Saio e bato com a porta.

– Nunca mais me venha buscar.

– Está bem. – Ele sorri.

Idiota.

Pego na minha mochila e subo as escadas do *hostel*. É grande e parece um hotel barato e desagradável.

Entro pela porta da frente e ouço cânticos.

– Bebe, bebe, bebe!

Olho através das portas duplas para o que parece ser um bar no pátio exterior.

Um grupo de pessoas está reunido à volta de um bongo de cerveja gigante.

Há um tipo deitado de costas, quase a afogar-se, enquanto todos gritam e riem.

O cheiro a mau odor corporal revolve-me o estômago e os meus olhos arregalam-se de horror.

Que inferno é este?

Capítulo Três

HAYDEN

Este? – A minha mãe segura um biquíni num cabide.

Ergo o olhar.

– Onde é que está o resto?

Ela ri-se.

Estou a fazer compras para a minha viagem com a minha mãe e a minha melhor amiga, a Monica.

– Este? – A Monica segura noutro. Tem pintas amarelas.

– Era um biquíni pequenino, às bolinhas amarelas – canta a minha mãe.

Reviro os olhos enquanto continuo a andar.

– Não há, literalmente, nada aqui de que goste.

– Porque odeias compras – respondem ambas em unísono.

– Este? – A Monica segura um biquíni preto de fio dental e *top* quase inexistente.

– Não – arfo. – Esse biquíni passa a mensagem errada.

– Como assim? Do tipo «Olá, sou a Hayden e sou uma boazona. Estou pronta para me divertir»?

A minha mãe ri-se.

– Exato, vamos levar. – Tira-o à Monica e atira-o para cima do braço.

– Ouçam. – Continuo a andar pela loja. – Se usar roupas reveladoras, vou atrair o tipo de homem errado.

A mãe e a Monica reviram os olhos uma para a outra.

– E que tipo é esse? – A mãe suspira.

– O tipo mulherengo – respondo. – Odeio mulherengos.

– Esse é o tipo divertido. – A Monica arregala os olhos. – Aconselho-te a divertires-te enquanto podes. – Ela esfrega a sua barriga de grávida. – Acredita em mim, Haze, o casamento dura muito tempo.

– Eu que o diga. – A mãe suspira ao fundo. A Monica pega num vestido branco.

– Não, isso é totalmente transparente.

A mãe tira-lho e acrescenta-o à roupa que segura no braço.

– Que tipo de homem estás a tentar atrair? – pergunta a Monica enquanto

pega num conjunto de *lingerie* de renda.

– Oh, isto é sensual.

A mãe atira-o para cima do braço.

– Não estou à procura de homem.

– Podes parar de ser tão púdica? – diz a minha mãe. – O Regi não vai voltar, Haze.

– Eu sei disso – disparo.

– Então porque estás à espera dele?

– Não estou – balbucio. – Só ainda não conheci ninguém que goste, só isso.

– Então, estás a dizer-me que se o Regi entrasse pela porta esta noite e te pedisse em casamento, dizias que não? – A Monica pega num vestido vermelho curtinho e levanta-o.

– Claro que dizia que não. – Tiro-lho e volto a pô-lo no sítio.

O Regi foi o meu namorado durante cinco anos, o meu amor de liceu. Foi para a universidade e nunca mais voltou.

– Então, que tipo de homem? – A mãe encoraja-me.

– Hum. – Penso por um momento. – Loiro. Capaz. Trabalhador. Que goste de animais. – Continuo a olhar para as prateleiras. – Um virgem seria bom.

– Virgem? – A minha mãe suspira, horrorizada. – Queres alguém que saiba o que está a fazer, pelo menos!

– O que eu quero é um homem leal que me ame com todo o seu coração.

– Um virgem não vai fazer isso – diz a Monica. – Vai praticar contigo e depois vai perguntar-se que mais há por aí.

– Vir em segundo lugar não é o meu estilo – respondo, despreocupadamente. – E, além disso, vocês as duas podem parar de planear. Tenho tudo controlado. Vou saber quando o vir.

– Oh... porque um virgem loiro e que goste de animais vai cruzar-se contigo em Espanha? – A minha mãe revira os olhos.

– Eu sei. – Sorrio abertamente. – Consigo senti-lo.

CHRISTOPHER

– Posso ajudar? – soa uma voz de trás do balcão.

– Humm... – Olho em redor, perguntando-me se devo fugir agora enquanto posso. – Tenho uma reserva.

– Olá – diz o tipo. – Chamo-me Nelson.

– Olá, Nelson. Christo.

Os rapazes decidiram que eu não devia usar o meu nome verdadeiro para o caso de alguém o reconhecer. No entanto, não faço ideia de como é que chegaram ao Christo. Parece nome de conde ou algo do género.

– Deixa-me procurar. – Ele acede ao computador e lê o ecrã. – Ah, sim, aqui estás tu. Tens reserva para dez dias?

Aceno com a cabeça enquanto olho para a festa que está a decorrer no bar.

– Pagaste adiantado? – pergunta.

Aceno novamente. Não faço ideia porque fiz isso.

– Vou mostrar-te o teu quarto. – Ele sai de trás do balcão. – Por aqui.

Sigo-o.

– Estás no quarto dos fósseis.

– Quarto dos fósseis?

– É onde pomos os cotas.

– Não sou velho – balbucio.

– Qualquer pessoa com mais de vinte e cinco anos é considerada velha aqui.

– Oh... – Olho à volta. Isso faz todo o sentido: ninguém com mais de vinte e cinco anos é suficientemente estúpido para vir para este pardieiro.

– *Tá-da.*

Ele abre a porta e o sangue foge-me do rosto. Beliches, três conjuntos de beliches. Todos num só quarto.

– Deve haver algum erro. Reservei um quarto individual.

– Sim, estão todos ocupados. Só ficas com um se estiverem disponíveis.

Estreito os olhos para este idiota.

– Então... para que é que serve reservar com antecedência?

– Não sei. – Encolhe os ombros enquanto entra no quarto. – Esta aqui é a tua cama. Ele dá uma palmadinha no fundo da cama.

– Esperas que eu durma debaixo de alguém?

– Sim.

– E se a cama se partir e eles caírem e me matarem?

– Não sei. – Encolhe os ombros, feliz.

– Não sabes grande coisa, pois não?

– Só trabalho aqui, meu. – Ele sai do quarto. – Aqui é o teu cacifo. – Toca no teclado PIN. – Tu defines o teu próprio código para entrar no sistema. Põe a tua mochila no chão, vamos voltar para a arrumar. Fecha sempre tudo à chave.

Deixo cair a mochila no chão e olho para a fechadura. Espero que ele me mostre, porque sei lá eu como isto se faz. Continuo a segui-lo enquanto tento concentrar-me no que ele me está a dizer.

– Aqui é a lavandaria. – Ele abre a tampa de uma máquina de lavar. – Dica, não deixes nada aqui. *Vai* ser roubado.

– Certo.

Conduz-me a um grande pátio exterior.

– A cozinha é ao fundo. Aqui fornecemos três refeições por dia, mas come-se o que for cozinhado. Não há escolhas.

– Certo.

Olho à minha volta. Cada parede tem uma cor forte diferente. Sinto-me como se estivesse no infantário ou algo do género.

O infantário do inferno.

– Na outra ponta, há um bar. É barato e desagradável, mas serve. Fecha à meia-noite, todas as noites, por isso não é uma coisa para noites.

Olho para o fundo do bar e vejo a festa. O bongo de cerveja está a todo o vapor e os selvagens bebem

como se fosse a primeira vez que estão longe dos pais.

– Certo.

– Vem e eu mostro-te a casa de banho – diz ele, já a descer o corredor. Abre uma porta no corredor principal. – É aqui.

Inspiro profundamente perante o horror que tenho diante de mim.

– Encantadora.

Cabine após cabine, duche após duche.

– Nada de sexo – diz, casualmente. – Preservativos no caixote do lixo se o fizeres.

Contraio os lábios, enojado.

– Porque haverias de precisar de me dizer isso?

– Ficarias surpreendido.

Nojento.

– Pronto, já está. – Ele põe as mãos nas ancas, como se estivesse orgulhoso. – É isto.

– Obrigado.

– Chama se precisares de alguma coisa.

Vai-se embora.

Olho-o fixamente. *Vais deixar-me aqui sozinho?*

– Bebe, bebe, bebe!

Vozes ecoam da zona do bar. Ouvem-se risos e gritos.

Olho à volta, sem saber o que fazer.

Volto a subir o corredor e guardo a minha mochila. Vou para o meu quarto... só que não é o meu quarto e apercebo-me de que nunca me senti tão desconfortável em toda a minha vida.

Vou sentar-me, mas depois percebo que nem sequer me posso sentar na cama; tenho de me deitar.

Que se lixe, vou dar uma volta.

Com uma sensação de pavor, saio para as ruas de Barcelona... agora... o que é que se faz numa cidade sem dinheiro?



Três horas depois, regresso. Não conseguia aguentar a ideia de jantar no *hostel*. Jantei num restaurante.

Tenho agora 1800 dólares de sobra. Tenho a certeza de que aquele bife de 100 dólares não estava no meu orçamento. Amanhã reorganizo-me.

Quando subo o corredor em direção ao bar, uma rapariga agarra o meu braço.

– Oh, olá, és o novo rapaz no nosso quarto?

– Sim.

– Sou a Bernadette.

– Olá, sou o Christo... – Paro de falar antes de dizer Christopher.

Raios, odeio o som de Christo.

– Queres vir sair?

– Hum... – Hesito. – Quê, como um encontro? – Não sinto qualquer atração por esta mulher.

– Somos um grupo. Vamos a um bar. – Antes que eu possa responder, ela passa o seu braço pelo meu. – Vá lá, vai ser divertido. Não aceito não como resposta.

– Está bem. – Encolho os ombros. Acho que qualquer coisa é melhor do que estar aqui. – Deixa-me tomar um duche e mudar de roupa.

– Encontramo-nos no bar.



Uma hora mais tarde, subimos a rua.

Leio o letreiro por cima da porta enquanto subo as escadas.

SANTOS

– Este sítio é fantástico – suspira Bernadette enquanto sobe as escadas, duas de cada vez.

– Porquê? – pergunto.

– Bebidas baratas e pila a perder de vista.

– Certo. – Levanto uma sobrancelha. – Não sei se é isso que procuro, mas... – Raios, isto saiu mal. – Na verdade, não é mesmo isso que procuro. Apaga isso da tua memória.

– Devias experimentar – diz ela casualmente, enquanto continua a subir. – Pila é muito melhor que biscoito peludo.

O quê?

Biscoito peludo... que mulher é que diz *biscoito peludo*? Esta miúda é esquisita.

– Duvido muito – murmuro quando chegamos ao cimo das escadas. Olho em volta para o espetáculo fulgurante. Há luzes *néon* por todo o lado. As coisas giram, os sinais piscam.

– O que é que achas? – pergunta ela, sorrindo com admiração.

– É ótimo, tipo pesadelo de um epilético – murmuro. Os meus olhos percorrem as luzes estroboscópicas brilhantes. Há um alvo de dardos, mesas de bilhar e uma máquina de *karaóke*. O local é todo em madeira e está feito para parecer uma cabana ou algo do género.

O público é mais ou menos da minha idade. Risos ecoam por todo o espaço. Tem uma aura divertida.

OK... isto não é assim tão mau. Sinto um pouco do meu equilíbrio a regressar.

– Está ali toda a gente. – Ela acena, agarra no meu braço e arrasta-me para junto da grande multidão de pessoas.

É demasiado familiar, ou talvez apenas genuinamente amigável. Nesta fase, não consigo perceber nada. É como se todos os meus sentidos estivessem tão sobrecarregados que se tivessem desligado completamente.

Chegamos perto do grupo.

– Vieste. – Um homem sorri; soa australiano. – Sabia que virias.

– Sim.

– Cerveja? – pergunta.

– Sim, por favor.

Ele hesita e eu franzo o sobrolho.

– São cinco euros. – Ele arregala os olhos, como se eu fosse estúpido.

Oh, foda-se, sou.

– Desculpa. – Enfio a mão num bolso, encontro uma nota e dou-lha, sentindo-me estúpido. – Obrigado.

Ele acena com a cabeça e desaparece na direção do bar.

– Quem és tu, meu? – pergunta um tipo. É alto, tem longas rastas pretas e pele cor de azeitona.

Estremeço. Foda-se... cheira mal. O pior odor corporal que alguma vez cheirei.

– Precisas de um duche – disparo.

– O quê? – Ele enruga o rosto. Levanta o braço e cheira-se a si próprio. – Não, não preciso.

– Sim. Precisas. – Estremeço. – Cheiras tão mal que me está a magoar os olhos.

Oh, Deus... afasta-te de mim. Isto é intolerável.

– Oh, deixa-te disso. – Ele revira os olhos. – Não vou pôr esses químicos no meu corpo.

– Por *químicos*... queres dizer desodorizante?

– É uma conspiração do governo. – Ele acena com a cabeça como se estivesse totalmente convencido. – É assim que é suposto os humanos cheirarem. Foste condicionado a gostar do cheiro do veneno.

Olho de lado para ele. O que raio se passa com este gajo?

– Primeiro dia a viajar? – pergunta.

– Como sabes?

– Estás todo nervoso e julgador.

– Não estou a julgar – respondo.

– Estás, sim. Aposto que estás a olhar para tudo e todos e a compará-los com a tua pequena e segura casa. – Ele ri-se para a cerveja. – Tens de ultrapassar isso. E rápido, ou estarás no primeiro avião para casa.

É como se me estivesse a ler a mente. Abro a boca para responder, sinto mais uma vez o cheiro forte dele e torço o nariz com repugnância.

– Porra. Cheiras mesmo mal.

– Bem, que idiota tens. – Ele encolhe os ombros, como se não acreditasse em mim. – Nunca ninguém me disse isso.

– Tenho muita dificuldade em acreditar nisso.

– É verdade. – Sorri.

– Suponho que te saís muito mal com as mulheres.

O seu rosto descai.

– Como sabes isso?

– As mulheres gostam de homens que cheiram bem, não de lixeiras.

– Estou feliz com quem sou – anuncia, indignado.

– Está bem. – Encolho os ombros e levanto as duas mãos em sinal de derrota. – Se tu o dizes. Estou só a ser honesto. Sem maldade.

Ficamos num silêncio confrangedor durante um momento.

– Então, o que me sugeres? – pergunto.

– Sobre quê?

– Disseste que tinha de ultrapassar a... – Pauso enquanto procuro a palavra certa. – Tensão.

– E tens – responde.

– Como é que eu faço isso?

– Bem. – Sorri como se estivesse entusiasmado por eu estar a pedir conselhos. – Tens de te deixar ir.

Ergo o olhar.

– Vive no momento; não penses. Não te preocupes com o que o resto das pessoas está a fazer. O que quer que te faça feliz em casa, fá-lo aqui... só porque o local e os cenários são diferentes, não quer dizer que não sejam as mesmas coisas a trazer-nos felicidade. O teu eu interior mais profundo aparecerá sem as suas posses.

Franzo o sobrolho ao olhar para ele.

– Estou a dizer-te, meu, se queres viajar a sério, tens de o fazer.

– Hum... – Contemplo as suas palavras.

– Confia em mim. Já vi muitos viajantes. Os que descontram e vivem cada dia à medida que este chega, adoram a experiência. Os que comparam tudo com o seu país de origem regressam a casa dentro de quatro a seis semanas; e, quando regressam, mentem e dizem a toda a gente que passaram os melhores momentos das suas vidas, mas a verdade é que nem sequer arranharam a superfície. Alguns nem sequer duram seis semanas – vão para casa mais cedo.

Expiro pesadamente. Não posso admitir que estava a pensar em ir para casa hoje, depois de seis horas.

– Hmm... observação interessante – murmuro, distraído.

Continua.

– O que te relaxa em casa? O que gostas mais de fazer? – pergunta.

– Sexo – respondo, sem hesitação.

Ele ri alto.

– Bem, vieste ao sítio certo. – Estende o braço para a multidão. – Esta é a capital mundial do sexo. – Olha-me de cima a baixo. – Um tipo bonito como tu... deves ter imensa rata.

– Não é a minha aparência que me faz dar quecas – respondo.

– Tretas.

– Estou a falar a sério. O homem mais feio do mundo pode ser atraente se souber como o ser.

– Como?

Arregalo os olhos.

– Desodorizante.

– Não sabes do que estás a falar – bufa.

– Muito bem. – Sorrio afetadamente. – Tenho a certeza de que a tua mão direita se parece com uns lábios grandes e fodíveis. Tu é que sabes da tua vida.

Ele olha para mim sem expressão e eu levanto a sobrancelha em tom de brincadeira.

– Vai-te foder. – Suspira.

– Vou, sim. – Rio ao olhar à volta. Agora... quem vai ser?

O australiano regressa do bar com uma bandeja de *shots* de tequila.

– *Jackpot*. – Ele ri-se. – A Bulla está a trabalhar no bar.

– Bulla? – Olho com espanto. – O que é um *bull*?

– É uma miúda que gosta da minha pila. Dá-me bebidas grátis a noite toda.

O tipo das rastas ri-se.

– Também gosto da tua pila, se nos embebedar. Ele pega num *shot* e segura-o no ar. Todos pegamos num e juntamo-lo ao seu. – A novos amigos. – Ele sorri.

– E desodorizante – acrescento.

O australiano cospe a bebida enquanto se ri.

– Bebo a isso – gagueja.

– Também achas que cheiro mal? – O tipo das rastas suspira, completamente chocado.

– Muito mal – murmura.

– Como é que se chamam mesmo? – pergunto.

– Sou o Bodie – diz o australiano. Tem cabelo louro-arenoso e é alto e musculado.

– Ei, já alguém te disse que pareces o Chris Hemsworth? – pergunto-lhe.

– É o sotaque. – Encolhe os ombros. – Quem me dera ter o dinheiro do sacana.

– E a mulher – acrescento. – É sensual como tudo.

– Sou o Basil – responde o tipo das rastas.

– Basil? – Arregalo os olhos.

– Isso mesmo – cospe ele, todo defensivo. – Tens algum problema com o meu nome?

– Acalma-te. – Bodie ri-se. – É um nome incomum, só isso.

Pego noutra tequila do tabuleiro e bebo-a. O Basil tem razão: só preciso de me deixar ir. Hoje, vou dormir com alguém... e amanhã, vou estar relaxado e começar de novo.

Olho à volta para o bar apinhado. Quem vai ser?

Quatro horas depois

Os dentes roçam-me na orelha.

– Vamos sair daqui – sussurra ela na escuridão do canto. – Para minha casa.

Ela tem uma casa. Não tenho de dormir naquele pardieiro. Isto é que é falar.

Deslizo a minha mão pelo seu traseiro e aproximo-a do meu pau duro.

Como é que ela se chamava, novamente? *Foda-se*. Tenho de me lembrar deste tipo de merdas.

Ela é absolutamente deslumbrante, com longos cabelos escuros e um corpo de morrer, atlético e bem torneado. Pode bem ser exatamente o que eu preciso para relaxar.

Sem complicações, duro e rápido.

– Vamos, Christo – diz, no seu sotaque *sexy*.

Sorrio contra os seus lábios.

– Vamos.

Tenho muito *stress* para descarregar esta noite. *Espero que estejas com vontade de sofrer, querida*.

Ela pega na minha mão e leva-me até à porta. Aceno ao Basil e ao Bodie à saída, o Basil revira os olhos de repugnância e o Bodie ri-se.

Eu disse-te.

Sáímos para a rua de mãos dadas, e os meus olhos percorrem o seu corpo.

Ela é mesmo boa como o caracas, com um vestido preto justo que não deixa nada à imaginação.

Como é que ela se chama?

– Táxi? – pergunto.

– Não, vivo mesmo ao virar da esquina.

– Está bem.

Continuamos a andar de mãos dadas.

– Sabes, no momento em que te vi esta noite, soube que tinha de te ter – diz ela.

Sorrio perante a sua ilusão.

– A sério? – Deixo-a continuar.

Viramos a esquina para uma rua. É de calçada e escura.

A inquietação apodera-se de mim. Isto é estranho.

Para.

Fico em silêncio enquanto ela continua a falar. Não que me esteja a queixar; o sotaque dela é delicioso. Chegamos a uma porta e ela abre-a enquanto eu a apalpo por trás. Puxo-lhe o cabelo para o lado do pescoço e lambo-a aí. Mordo-lhe o lóbulo da orelha e sinto os arrepios a subirem-lhe pelo pescoço.

A minha pila lateja nas calças e sinto-me um pouco mais eu próprio. A porta abre-se, revelando uma escada de madeira sinuosa, e eu olho para cima.

O que é isto?

– Por aqui – diz ela, enquanto começa a subir as escadas. Passo a mão pelo seu traseiro enquanto ela caminha à minha frente, e depois deslizo o seu vestido para cima do rabo para poder ver tudo.

Os músculos contraem-se a cada passo dela. Chegamos ao último andar e os nossos lábios fixam-se.

Beijamo-nos. Os olhos dela estão fechados e os meus abrem-se enquanto tento concentrar-me na divisão iluminada apenas por um candeeiro.

Mas que raio?

Há quadros estranhos em todas as paredes, um milhão de coisas penduradas no teto. Cestos e cabeças de animais falsas.

Espera... serão verdadeiras?

Afasto-me do beijo e dou um passo atrás enquanto os meus olhos vagueiam por todo o apartamento. Pouso a minha carteira na mesa junto à porta enquanto tento orientar-me.

As paredes são negras. Há bandeiras e esqueletos de animais, *skates*, pranchas de *surf*, uma parede coberta de *graffiti*. Há um enorme cachimbo de água ao centro da mesa de café.

Oh, Deus amado.

As campainhas de alarme começam a tocar ao longe.

Há uma alcatifa roxa e, a um canto, um cavalo de baloiço gigante e esquisito que é mais alto do que eu.

Engulo o nó na garganta... enquanto olho à volta.

Está tudo tão apertado aqui dentro; há mobília suficiente para mobilar dez apartamentos. Que sítio é este?

Entrei na casa dos horrores.

– Gostas da minha casa? – Ela sorri.

– Sim – minto.

Foca-te.

Vai direto ao assunto, digo a mim mesmo. *A casa dela não importa.*

Foca-te, merda.

Certo... Inclino-me e levanto-lhe o vestido por cima da cabeça de uma só vez e, quando ela levanta os braços, deparo-me com bocados de cabelo preto espesso debaixo dos braços. Longos e fibrosos, a colarem-se aos seus braços com a transpiração.

O quê?

Olho para baixo e os seus pelos púbicos estão a sair da tanga. Estão a crescer até meio dos joelhos.

Não...

Começo a transpirar... que raio é isto?

– Tenho uma surpresa para ti. – Ela ri-se.

– Já estou surpreendido – murmuro, distraído.

Ela puxa as cuecas para baixo. Os pelos são grossos, pretos e compridos... Abro a boca para dizer alguma coisa, mas não sai qualquer palavra.

Abortar missão.

Abortar missão, porra.

Puxa-me para o quarto. Há um colchão no chão e ela deita-se e abre as pernas.

Os meus olhos arregalam-se de horror e a minha pila encolhe-se instantaneamente.

– Tens uma casa de banho? – balbucio.

Ela chupa o dedo e depois desliza-o lentamente pelos lábios do seu sexo.

– Vem cá – ronrona.

Isto devia ser sensual... mas a minha piça parece gelatina.

Foca-te.

– Casa de banho? – guincho.

– Depois das escadas à esquerda.

Subo as escadas, duas de cada vez, apresso-me a entrar na casa de banho e tranco a porta. Olho para o meu reflexo no espelho. O que raio está a acontecer?

Salpico água na cara. *Controla-te, meu. Tu consegues!*

Abro o armário atrás do espelho e espreito para dentro. Há um monte de tubos de creme. Pego num e leio a etiqueta.

LAMISIL.

Olho para todos os tubos. São todos iguais. Arregalo os olhos. Oh, não. Que raio é isto?

Terá algum problema?

Pego freneticamente no meu telemóvel e escrevo no Google.

Para que é usado LAMISIL?

Está a demorar uma eternidade... vá lá. Carrego em atualizar.

– Vá lá, porra – sussurro. Rede fraca.

Para que é que esta merda é usada? Marco o número do Elliot.

– E – atende ele, feliz. – *Já com saudades minhas?*

– Ajuda-me – sussurro, em pânico. – Tenho uma emergência.

– *O que se passa?* – balbucia.

– Estou na casa de uma miúda e tirei-lhe as cuecas e parece um gorila na névoa lá em baixo e a casa dela é *uma casa de horrores* e agora encontrei cinquenta tubos de Lamisil no armário da casa de banho dela – desabafo à pressa.

- *Gorila na névoa?* – repete. – O que queres dizer?
- Arbusto total, meu. Nunca viste pelos públicos como estes. Preciso de uma catana para abrir caminho.
- *Foda-se.* – Ele suspira.
- Procura Lamisil. A minha internet é má.
- *Está bem.*

Espero. Sinto o coração a latejar com força no meu peito.

- *Christo?* – Ouço-a gritar. – *Despacha-te.*

Foda-se!

- *Oh, Deus* – responde o Elliot. – *Isto não é bom.*

- O quê?

- *Fungos. É um creme para fungos.*

Os meus olhos arregalam-se de horror.

- Estão a gozar comigo? – Sussurro, furioso.

- *O que vais fazer?*

– Fugir! – Desligo e desço as escadas, duas de cada vez. – Tenho de ir – digo enquanto corro para a porta da frente.

- O que queres dizer?

- Não é nada pessoal – grito. Agarro na carteira. – És muito sensual, já agora.

Para um gorila.

Saio a correr pela porta da frente e pelas escadas abaixo. Saio para a rua como se estivesse a ser perseguido por um assassino com um machado... ou, neste caso, uma gorila com fungos.

Passa um táxi e ponho o braço para cima.

- Táxi.

Este para e nunca me senti tão aliviado. Mergulho para o banco de trás.

- Para onde?

- BB Backpackers.

- Certo.

Dez minutos depois, paramos em frente ao *hostel* dos mochileiros e o motorista vira-se para mim.

- São doze euros.

Pego na minha carteira, vou tirar o meu cartão para pagar e contraio o rosto.

Não está onde devia estar... o quê?

Desapareceu.

O condutor olha para mim pelo espelho retrovisor.

- Doze euros.

- Ouvi da primeira vez – digo, enquanto procuro em todos os compartimentos da minha carteira.

Foda-se... Não tenho mais cartões. Como é que lhe vou pagar? E se o perdi? Não tenho dinheiro... que raio vou fazer?

Começo a transpirar novamente... Percebo porque é que toda a gente cheira mal por aqui. Tudo neste lugar é stressante.

Nenhum desodorizante é assim tão poderoso.

- O meu cartão desapareceu – balbucio em pânico. – Onde é que poderia...

A ficha cai e eu recosto-me no meu lugar, chocado e em silêncio.

Aquela cabra peluda roubou-me o cartão.

Capítulo Quatro

Lamento imenso, o meu cartão foi roubado – gaguejo. – Pode levar-me de volta ao local onde me foi buscar para eu o ir buscar?

– Não.

– Não? – Pergunto, incrédulo. – O que quer dizer?

– Não o levo a lado nenhum sem dinheiro – responde com o seu sotaque carregado.

– Mas o meu cartão foi roubado. – Suspiro enquanto continuo a procurar na minha carteira. *Por favor, que esteja aqui.* – Não tenho culpa de o meu cartão ter sido roubado.

– Pode ir pagar-me amanhã.

– Sim. – Suspiro. – Posso fazer isso. Pago-lhe amanhã logo de manhã.

– Dê-me a sua carta.

– O quê?

– Dê-me a sua carta de condução e eu devolvo-a quando vier pagar amanhã.

Penso por um momento. Isto não parece boa ideia.

– Ou posso chamar a polícia agora mesmo e acusá-lo.

– Merda! – balbucio. – Este é o pior dia da minha vida.

– Ir para a prisão vai ser pior.

Arregalo os olhos.

– Sou demasiado bonito para a prisão.

Ele estende a mão para a minha carta de condução e eu bato-lhe com ela na mão.

– Obrigado por nada.

– De nada. – Entrega-me um cartão. – Esteja nesta morada de manhã às dez, ou chamo a polícia.

– Está bem. – Saio e bato com a porta. Inclino-me para a janela. – Tenha cuidado com a minha carta.

– Sim, sim. – Ele arranca.

Pego no telemóvel e telefono de imediato ao meu banco.

– *Olá, daqui fala o serviço bancário online. Como posso ajudar?*

– Olá, estou a viajar e preciso de cancelar um cartão que foi roubado, por favor. – Começo a andar de um lado para o outro em frente ao *hostel*.

– *Claro, qual é o número do cartão?*

– Se eu tivesse o cartão à minha frente, podia dizer-lho.

Não te metas comigo, mulher, hoje não.

– *Sabe o número da conta?*

– Vou aceder à minha conta *online* e verificar. Espere. Ponho-a em alta-voz e entro rapidamente no sistema. Estreito os olhos ao ver a mísera conta.

SALDO: 0000

– Hum. – Vinco a testa enquanto tento perceber o que se está a passar aqui. – Onde estão os meus 1800 dólares?

– *O que se passa?* – pergunta.

– Diz que o saldo é zero, mas sei que tenho lá dinheiro.

– *Qual é o número da conta?*

Digo-lho e ela introduz a informação no computador.

– Houve um levantamento... vários levantamentos há dez minutos em Barcelona. Lamento, senhor, a conta foi completamente esvaziada.

– Que cabra! – grito. Ando de um lado para o outro na escuridão.

– *Entre em litígio e tentaremos recuperá-lo.*

– Oh, graças a Deus. Quanto tempo é que o dinheiro demora a ser devolvido?

– *Vinte e oito dias.*

– Vinte e oito dias? – grito. – Estou em Espanha. Não tenho dinheiro.

O que é que eu vou fazer?

– *Terá de transferir algum dinheiro para o seu cartão de reserva até lhe enviarmos um novo cartão.*

– Como assim, um cartão de reserva?

– *Toda a gente sabe que, quando se viaja, é preciso ter um segundo cartão que não se utiliza para o caso de acontecer este tipo de coisas.*

Bolas, não fiz isto especificamente para não ter dinheiro a mais. Não queria ter um fundo de reserva.

Idiota.

– Toda a gente menos eu! – grito. Este é, literalmente, o dia dos infernos.

– *Cancelei o cartão e encomendei-lhe um novo. Para onde quer que o envie?*

Olho para o *hostel*. Nem sei a morada.

– Eu ligo-lhe de volta com a morada. – Suspiro, completamente desanimado.

– *Tudo bem.*

– Obrigado.

– *Sr. Miles...*

– Sim.

– Ainda bem que não se magoou no assalto, senhor. Muitos viajantes não têm tanta sorte. Os bens podem sempre ser substituídos.

Olho fixamente para a escuridão.

– Sim, tem razão.

– *Boa noite, senhor.*

– Boa noite. – Desligo e olho à volta.

Está calmo e tranquilo. Ao longe, ouve-se o som de risos.

Sinto-me estúpido e tão sozinho.

O que é que é suposto eu fazer agora? Ligar aos meus irmãos para me safarem no meu primeiro dia fora?

E dizer-lhes que tinham razão, que não consigo sobreviver sem o dinheiro da minha família. Que sou um grande falhado.

Nem pensar.

Prefiro morrer à fome do que pedir-lhes um cêntimo.

– Estás bem? – pergunta alguém atrás de mim. Viro-me e vejo um miúdo. É jovem e está com dificuldade em carregar dois sacos grandes cheios de lixo.

– Sim. – Expiro pesadamente.

Ele aproxima-se e abre um grande caixote do lixo, sobe, deita os sacos lá para dentro e volta a fechar o caixote industrial.

– O que estás a fazer? – pergunto-lhe.

– Estou a fechar.

– Fechar?

– Trabalho no bar.

– No bar? – Pergunto espantado. – Não tens tipo doze anos?

– Catorze.

– Não tens escola amanhã?

– Não ando na escola.

Olho-o fixamente. Tem cabelo preto encaracolado e é de ascendência espanhola. Parece tão jovem, mas tem ar de velho.

– Porque não?

– Tenho de sustentar a casa.

– Aos catorze anos?

– Sim. – Sorri e encolhe os ombros. – Vens?

– Não... – Continuo sentado no degrau.

Ele demora-se.

– O que se passa contigo? – pergunta.

Expiro pesadamente.

– Já alguma vez te sentiste um completo fracasso?

– Não.
 Olho para ele, surpreso.
 – Nunca?
 – Não. – Encolhe os ombros. – Sei para onde vou. Sou capaz de aguentar esta merda.
 O otimismo dele é contagioso e também sorrio.
 – Aposto que sim. – Olho para a rua. – O meu cartão foi roubado e agora não tenho dinheiro, e não quero mesmo ligar para casa a pedir que me saíam.
 – Oh – diz ele. – Quem te roubou o cartão?
 – Uma gorila.
 – Uma quê?
 – Uma mulher com uma quantidade gigantesca de pelos púbicos. – O seu lábio enrola-se de repugnância.
 – Ew.
 Arregalo os olhos.
 – Concordo.
 – Então não liguês para casa – diz. – Desenrasca-te sozinho.
 Olho por cima do ombro para ele.
 – E como é que é suposto eu fazer isso?
 – Arranja um trabalho.
 – Um trabalho?
 – Sim.
 – Onde é que poderia trabalhar? – pergunto-lhe.
 – Em qualquer lado.
 Hum...
 – Bem, tenho de ir limpar o forno.
 Fico a olhar para ele; este miúdo tem catorze anos e está a limpar um forno à meia-noite.
 – És porreiro, miúdo. – Sorrio. – Qual é o teu nome?
 – Eduardo.
 – Sou o Christopher. – Raios, disse-lhe o meu nome verdadeiro. – Toda a gente me chama Christo – corrijo-me.
 – Boa noite – diz ele, enquanto desaparece para dentro.
 – Boa noite.
 Arrasto-me para dentro, pego na minha minúscula toalha do cacifo e tomo um duche.
 A pressão da água é uma merda e mal está quente, e quem diria que secar-me com uma toalha de rosto poderia ser tão insatisfatório?
 O *hostel* está praticamente deserto. Toda a gente saiu para a noite. Entro no meu quarto e deito-me na cama. Tenho um metro e noventa e dois; a minha cabeça e os meus pés tocam nas extremidades. Ligo o telemóvel para carregar e fico deitado na escuridão, sozinho. O resto dos meus colegas de quarto ainda estão na festa. Pergunto-me a que horas chegarão.
 Ouço portas a bater ao longe e pessoas a falar. Cheiros estranhos, e esta cama é muito desconfortável. E qual será o número de fios destes lençóis? São tão ásperos que vou ficar esfoliado até aos ossos.
 Viro-me e dou um murro na minha fina almofada enquanto tento pôr-me confortável.
 Pior cama de sempre. Suspiro, derrotado.
 Não foi um grande primeiro dia... foi uma grande merda, na verdade.
 Depois do que parece ser uma eternidade, adormeço num sono exausto.



A campainha toca por cima da porta quando entro na sede dos táxis às oito da manhã. Estou a pingar de suor, pois tive de caminhar até aqui de madrugada, quase dez quilómetros.
 – Posso ajudar? – pergunta a rececionista.
 – Sim, estou aqui para levantar a minha carta. – Houve um problema com o meu cartão ontem à noite.
 – Está bem. – Ela abre uma gaveta e pega numa pilha de cartas de condução presas com um elástico. – Qual é o nome?
 – Christopher Miles.
 Ela procura.
 – Aqui está. – Pousa-a no balcão. – São doze euros.

– Sim. – Finjo um sorriso. – Gostaria de saber se posso falar com o gerente, por favor?
– Sobre quê?
– Eu digo-lhe quando tiver oportunidade de falar com a pessoa.
– *Sou eu* a gerente. – Ela eleva uma sobrancelha, pouco impressionada.
– O que quer?
– Oh. – Finjo uma risada. – Peço desculpa, mas é tão nova. Ela olha fixamente para mim sem expressão.
– Então. – Sorrio. Esta mulher tem a personalidade de um cobertor húmido. – É assim. – Sorrio novamente de forma pateta. Pratiquei este discurso na minha cabeça durante todo o caminho até aqui, mas, de alguma forma, já não está a correr como planeado. – O meu cartão foi roubado ontem à noite e vai demorar alguns dias a resolver a questão dos meus fundos.

Ela revira os olhos.
– Vou ligar à polícia.
– Posso trabalhar.
– O quê?
– Tenho carta de condução internacional. – Aponto para ela, que está em cima do balcão. – Falo espanhol e sei ler o Google Maps. Sou o funcionário perfeito para si.

– Fala espanhol?
– Hum-hum... – minto. – Podia conduzir para si o dia todo e pagar-lhe esta tarde com o meu salário. Ela olha-me fixamente como se estivesse a pensar.
– Sou muito fiável. – Abro as mãos. – Vê, apareci e estou a oferecer os meus serviços. Isso mostra que sou de confiança.

– Conhece Barcelona?
– Hum-hum... – minto novamente. Quer dizer, quão difícil pode ser? – Claro que sim. Ela pega na minha carta e fica a olhar para esta.
– Tenho alguns condutores doentes hoje.
– Tem? – Sorrio, entusiasmado. – Isso é ótimo... Quer dizer... não é ótimo que estejam doentes, obviamente.

Ela levanta-se, agarra num conjunto de chaves do quadro e depois aponta para mim.
– Um risco e é um homem morto.
Franzo o sobrolho.
– O que é que isso significa?
– Devolve-me o meu táxi em perfeitas condições... ou então.
– Combinado.

Ela passa-me as chaves.
– Está estacionado lá atrás. Venha e eu mostro-lhe.
Não acredito que este plano está mesmo a resultar. Caminhamos para fora e até ao táxi..
– Isto é o travão. É um carro normal.
– Está bem. – Entro e ligo o carro. – O que é que eu faço?
– Pode fazer a rota do aeroporto.
– Então, vou para o aeroporto e espero na fila?
– Isso mesmo. Recolha as pessoas, deixe-as onde quiserem e regresse diretamente ao aeroporto. – Ela olha para o relógio. – Esteja de volta às quatro.

– Está bem, sem problema. Agarro no volante enquanto o entusiasmo me invade... olhem para mim, a arranjar trabalhos sozinho e tal.

– E lembre-se, o cliente tem sempre razão.
– Entendido.
– Sem excesso de velocidade, e o multibanco é *contactless*.
– Está bem. – Concorde com a cabeça enquanto olho para o táxi. – Parece simples.
– Boa sorte.

Sorrio.
– Fácil. – Arranco e ligo o pisca para entrar no trânsito. Vejo-a entrar e, quando chego ao primeiro cruzamento, rio-me alto. Olho para a esquerda, olho para a direita... agora... onde é o raio do aeroporto?



A fila de táxis avança a passo de caracol.

– Vá lá – murmuro baixinho. Demorei cinquenta minutos a encontrar esta merda de sítio, e agora que

estou aqui, tenho de fazer fila para os clientes.

Não tenho tempo para esta merda. Passo os dedos no volante, impaciente, enquanto espero. Preciso de ganhar algum dinheiro para aquela cabra amarga dos táxis... e a dobrar.

As portas duplas do aeroporto abrem-se e uma mulher sai a passos largos. Tem o cabelo loiro mel num rabo de cavalo alto e um ar jovial. Transborda felicidade. Sorrio ao observá-la... *sensual*.

A fila move-se e, oh, merda, sou a seguir. Paro junto à fila e saio.

– Olá.

– Olá – resmunga o tipo enquanto me atira a mala para cima. Está no fim da adolescência e tem um ar desmazelado.

Apanho a mala no ar e olho para ele.

Não me enerves, idiota.

Vou pô-la na bagageira. Espera aí, como é que abro isto? Olho para o painel de instrumentos, e o táxi atrás de mim apita-me.

– Despacha-te – grita ele pela janela.

– Cala-te – grito de volta. – Espera pela tua vez.

Os meus olhos quase saltam das órbitas.

– Onde raio é o botão de abrir a bagageira?

– Vá lá, meu – grunhe o tipo no banco traseiro. – O que estás a fazer? Não estou com paciência para esta merda.

Viro-me para ele.

– Esperei vinte minutos na fila para te apanhar, porra. Não me pressiones, cabrão! – Saio e vou para a parte de trás do carro e atiro a mala dele para o banco da frente. Fica tão alta que mal consigo ver à volta.

– Não podes conduzir com a minha mala no banco da frente. – Suspira o gajo.

– De quem é o táxi, pá?

Ele fica em silêncio.

– Foi o que pensei. – Arranco de repente. – Para onde? – Ele murmura alguma coisa.

– Desculpa? – Olho para ele pelo espelho retrovisor.

– Disse... 123 Boulevard!

Estreito os olhos.

– Se me falas nesse tom, deixo-te já aqui.

– Desculpe... – murmura.

Paramos nuns semáforos e digito rapidamente o endereço.

É a quarenta minutos de distância... uf. O semáforo fica verde. Arranco novamente. Estava a conduzir há alguns minutos quando fiz uma descoberta maravilhosa.

Consigo mesmo fazer isto.



Meia hora depois, paramos num semáforo.

Ele geme no banco de trás, e os meus olhos pousam nele através do espelho retrovisor.

Está molhado de suor e o seu rosto está contorcido.

– O que estás a fazer? – pergunto.

– Não me sinto muito bem...

– O que queres dizer?

– Oh, não... – geme.

– Como assim, «Oh, não»? – Começo a conduzir mais rápido. Quero este idiota fora do meu táxi.

– Acho que vou vomitar.

Os meus olhos arregalam-se de horror.

– Nem penses nisso!

HAYDEN

Saio do aeroporto e deparo com uma onda de calor.

– Oh, está calor.

As pessoas passam apressadas, e eu debato-me com a minha mochila enorme. Raios, esta coisa é pesada.

Vejo a fila de táxis, pego no meu telemóvel e procuro o endereço do *hostel* dos mochileiros.

Os nervos revolvem o meu estômago. É só andar até ali e *arranjar um táxi*.

É fácil. Certo...Faço um esforço, caminho e vou para o fim da fila. Estou cheia de nervos. Bolas, só queria que esta primeira semana já tivesse acabado.

A ideia do desconhecido é tão inquietante. Chego à frente da fila, o táxi para e eu sorrio.

– Para onde? – pergunta ele.

– BB Backpackers em Barcelona, por favor.

– É para já. – Ele pega na minha mochila e coloca-a na bagageira. Entro para o banco de trás e ponho o cinto de segurança. Limpo as minhas mãos húmidas nos calções. Está tudo bem... está tudo ótimo.

Mando uma mensagem à minha mãe.

Aterrei em segurança. A caminho num táxi.

A resposta chega:

Que emocionante! Liga-me mais tarde.

Ainda bem que achas. Para mim, é assustador.

Volto a guardar o telemóvel na mala e fecho as mãos com toda a força. Fico a olhar pela janela para a paisagem que passa.

Vinte minutos depois, o táxi para no meio do trânsito.

– Ai, ai, ai, o que estás a fazer? – murmura o condutor.

Olho para cima e vejo que um táxi à nossa frente está parado no meio da estrada.

– O que é que se passa? – pergunto.

– Não sei.

O condutor do táxi da frente salta do carro e abre a porta de trás. Agarra um homem pela camisa e atira-o para fora do táxi enquanto este vomita. O vómito bate na lateral do carro e espalha-se por todo o lado.

– Ew – dizemos os dois em uníssono.

– Que raio estás a fazer? – grita o condutor ao homem. O condutor perde a cabeça e grita com o passageiro.

– Oh, meu Deus. – Tenho os olhos arregalados.

O condutor põe as mãos nos joelhos e inclina-se. Começa a vomitar ao lado do outro homem.

O primeiro homem a vomitar diz qualquer coisa ao condutor e este parece perder a cabeça e empurra-o. Cai no chão e continua a vomitar.

Ponho a mão por cima da boca enquanto vejo o espetáculo à nossa frente.

– Oh, Deus.

O condutor começa a gritar:

– Cheira tão mal. – Agarra-se de lado ao táxi para se manter de pé. – Para de vomitar antes que dê cabo de ti!

O condutor perde de novo o controlo e agita-se antes de vomitar também. Está a sair tão depressa que parece uma mangueira de incêndio.

– Que inferno – murmura o meu condutor. – Idiotas.

Ele contorna o táxi estacionado e passa por eles a toda a velocidade.

Viro-me e observo o duo de vômitos através do vidro traseiro enquanto arrancamos.

Bem... isto é algo que não se vê em casa.

Vinte minutos depois, o meu táxi para à frente de um grande edifício.

– Cá estamos. – Ele sorri.

– Obrigada. – Pago-lhe e ele tira as minhas coisas da bagageira.

– Tenha cuidado – avisa. – Há gente má em todo o lado.

– Obrigada. – Finjo um sorriso. Arrasto a minha mala pelas escadas que dão para o *hall*.

– Olá, tenho uma reserva que começa hoje.

– Olá. – O rapaz sorri. – Qual é o seu nome?

– Hayden Whitmore.

– Ah, Hayden. Da América.

– Sim, exatamente.

– Vais ficar connosco dez dias?

– Hum-hum.

– Ótimo. Vem, faço-te a visita guiada.

Sigo-o através do *hall*. Ele mostra-me a casa de banho, a lavandaria, o bar e o restaurante.

– Estás no quarto dos fósseis.

– Fósseis?

– Toda a gente com mais de vinte e cinco anos fica neste quarto.

– Só tenho vinte e cinco.

Ele sorri enquanto se dirige para o meu quarto.

– Tal como eu disse.

Sigo-o e ele abre a porta à pressa.

– A tua cama é esta aqui de baixo.

Olho para o quarto pouco acolhedor: três beliches e roupa de cama toda branca.

– Está bem.

– Descansa. – Ele sorri. – Vais conhecer toda a gente quando eles voltarem esta noite. A maioria das pessoas passa o dia a passear.

– Está bem. – Forço um sorriso. Já tenho saudades de casa. – Obrigada.

Ele deixa-me sozinha e eu deito-me. Enfio-me debaixo do lençol, sentindo necessidade de proteção.

Durante dez minutos, adormeço. Foi uma longa semana: muitas noites de ansiedade sem dormir e depois o longo voo. Devia mesmo tentar dormir uma sesta. Não quero estar cansada e aborrecida quando todos chegarem.

A porta abre-se de rompante e alguém entra. Só consigo ver as pernas e o corpo até à cabeça.

– Mas que raio? – murmura o tipo. Tem sotaque americano. Tira a camisa por cima da cabeça e atira-a para o chão; depois, arranca as calças de ganga e atira-as para o lado. – Que nojo – resmunga. – Quando eu conseguir apanhar aquele gajo.

Ele tira os *boxers* e atira-os para o lado.

Fico com um frontal total. Pele bronzeada, músculos, abdominais definidos e a maior pila que alguma vez vi... mas que raios? Arregalo os olhos. não sabe que estou aqui.

Oh, foda-se.

Digo alguma coisa?

Ele vira-se e inclina-se para tirar algo de uma mochila.

Fico com uma visão completa do seu rabo nu... e ainda mais.

A porta abre-se e entra uma mulher. Oh, não.

– Oh – ronrona ela. – Alguém me trouxe um doce.

– Desaparece, Bernadette – grunhe. – Não estou com disposição. Sai!

– Quando encontro um doce no meu quarto, o que esperas?

Estremeço. Raios... isto é tão mau. Ninguém sabe que estou aqui.

Por favor, não façam sexo. Matem-me já.

– Não sou nenhum doce – grita ele. – Sou um prato principal. Um banquete de dez pratos, para tua informação.

Mordo o meu lábio para esconder o sorriso.

É mesmo.

Inclina-se e tira algo do seu saco.

– E agora, como se o dia já não estivesse suficientemente mau – grita-lhe enquanto lhe estende uma coisa –, tenho de tomar banho e secar-me com esta merda de toalha minúscula.

Ele sai do quarto, todo nu.

A Bernadette fica à porta.

– Não podes andar por aí nu, sabes – diz ela.

– Observa-me – responde ele.

A Bernadette desaparece e a porta fecha-se com um estrondo. Fico deitada na cama em estado de choque.

Oh, Deus... quem era aquele... e quem é que fica assim tão confortável nu?

Capítulo Cinco

Fico deitada por um momento em estado de choque e depois apercebo-me.

Ele vai voltar para vir buscar as suas coisas. Se me vir, saberá que estive aqui o tempo todo.

Raios.

Salto da cama à pressa, componho os lençóis e a porta abre-se.

Oh, não, voltou.

– Ei. – Um homem sorri. Tem rastas compridas e um sorriso gentil... também cheira mal.

Pior odor corporal de sempre.

Preciso de toda a minha força para não revelar nenhum sinal.

– Olá. – Sorrio.

– O meu nome é Basil.

Aperto-lhe a mão.

– Sou a Hayden.

– Prazer em conhecer-te. Somos colegas de quarto. – Ele toca na cama por cima da minha. – Durmo por cima de ti.

– Ótimo. – Finjo um sorriso. Oh, Deus... Vou ter de o cheirar a toda a hora. Merda.

– No entanto, não tenho muita certeza sobre esta coisa dos fósseis – acrescento.

– Ah, ah, nem eu. Quase me engasguei quando ele me contou, mas para ser sincero, agora estou contente. Há alguns verdadeiros idiotas nos outros quartos, jovens e estúpidos. Cegamente bêbedos a toda a hora e muito, muito barulhentos.

– Oh. – O alívio preenche-me. Se ele valer como comparação, toda a gente aqui deve ser simpática.

– És de onde? – pergunta.

– América, umas horas de distância de Nova Iorque. E tu?

– Brasil.

– Oh. – Sorrio. – Sempre quis ir ao Brasil.

– Sim, é maravilhoso. Tens de ir.

– Já estás a viajar há muito tempo? – pergunto-lhe.

– Há cerca de um mês. Espero conhecer algumas pessoas e viajar mais um ano com elas.

– Oh. – Sorrio. Eu também, mas estou a guardar as minhas cartas bem perto

do peito até saber se gosto das pessoas. – Parece ótimo.

A porta abre-se e o tipo volta a entrar. Está completamente nu e segura uma toalhinha sobre o seu material.

– Olá – diz ele casualmente, como se fizesse isto todos os dias. Dobra-se e começa a tirar a roupa da mochila. Completamente imperturbável.

– Olá. – Engulo o nó na garganta. O rosto dele é melhor que a pila... e, acreditem, a pila é boa.

– Sou a Hayden – apresento-me.

Levanta-se e, com uma mão a tapar estrategicamente o seu material, estende a outra mão para apertar a minha.

– Olá, Hayden. – Ele dá-me um sorriso de perder o fôlego. – Sou o Christopher.

Oh...

– Desculpa a falta de roupa, um idiota acabou de me vomitar em cima.

Arregalo os olhos.

– Deve ser o dia do vômito. Acabei de ver alguém a vomitar num taxista no caminho para cá.

– Sim. – Volta para a sua mala e começa a remexer nela. – Era eu, e agora tenho de voltar para o raio do táxi e conduzi-lo toda a tarde. Não consigo pensar em nada pior.

Ele passa um frasco de desodorizante ao Basil.

– Põe – exige ele.

– O que é que eu te disse sobre envenenar o meu corpo? – bufa o Basil.

– Ouve, idiota. Enquanto dormires num quarto comigo, vais cheirar como um humano. Põe. O. Desodorizante.

De repente, sinto-me muito desconfortável. Pobre Basil, que vergonha para ele. Devem ser amigos.

– Não.

– Sim.

Quem é que este gajo pensa que é?

– Vocês conhecem-se? – pergunto.

– Acabámos de nos conhecer. – O Basil revira os olhos.

O meu sangue ferve, sinto-me tão mal pelo Basil.

– Primeiro – digo –, veste-te. Segundo, para de ser tão rude.

Os olhos do borracho olham para mim com irritação.

– Queres cheirar isto todos os dias?

– Pelo menos, ele está vestido. – Preferia cheirar isto do que ser obrigada a olhar para ti nu – respondo.

Nem por isso... nem lá perto.

– Ai é? – responde. O seu queixo levanta-se em desafio. – E quem te nomeou gestora do quarto?

– Tu, quando começaste a ser insultuoso.

– Ouve – responde ele, enquanto continua a procurar na sua mala. – Não sei como é que as coisas funcionam na tua terra. Mas, no meu mundo, as pessoas não cheiram a suor. Também não o aturam. A higiene pessoal é uma resposta humana

básica. – Ele empurra o frasco de desodorizante de volta para o Basil. – Põe. O. Desodorizante – exige.

Estreito os olhos. Acho que odeio oficialmente este tipo.

– Com uma condição – responde Basil.

– Qual é? – O mal-educado veste um par de cuecas e eu finjo que não estou a ver.

– Ensinas-me a engatar mulheres.

O quê?

– O quê? – o Christopher enruga a cara, também confuso. Veste uma camisa por cima da cabeça.

– Tu ouviste. Tomo banho mais vezes e uso desodorizante se me ensinares a engatar mulheres.

– Oh, meu Deus... – Reviro os olhos. – Não podes estar a falar a sério.

– Combinado. – O Christopher assente. – Isso é fácil. As miúdas são simples. É como apanhar peixe num barril.

– Ui. – É oficial. *Odeio-o*. – És sempre assim tão centrado em ti próprio? – pergunto-lhe.

Ele sorri.

– Não... Normalmente, centro-me nas mulheres, mas também não me importo de me centrar em mim. Ninguém o faz melhor do que eu. Ele levanta a mão e pisca-me o olho de forma brincalhona.

Blhec.

– Valha-me Deus. Vou procurar alguém inteligente para falar. – Dirijo-me para a porta.

– E aborrecido, não te esqueças – diz ele.

Desço até ao *hall*. Isto é um pesadelo. Estou a viver com o Fedorento e o Garanhão.

Já para não falar da miúda excitada dos doces. Incrível.



São três da tarde e estou sentada na sala de estar do *hostel*.

O pessoal está todo apressado. Parece que há uma festa de lua cheia aqui esta noite. O tema é branco.

Tenho um vestido de verão branco que vou usar, embora não me lembre de o ter visto esta manhã na minha mala. Espero não o ter deixado para trás.

Hum...É melhor ir verificar.

Volto ao meu cacifo, tiro a minha mala e arrasto-a para o meu quarto. Abro o fecho e olho admirada.

Isto não é o que arrumei. Esta mochila é mesmo minha? Verifico a etiqueta. Sim, é minha.

Tiro o biquíni preto de fio dental para fora, horrorizada.

– Mas que raio?

Reviro a minha mala a toda a velocidade. Onde está o vestido de verão branco e fluído?

Foda-se... aquelas parvas encheram as minhas malas com roupa *sexy*. Mando mensagem à Monica.

Onde estão as minhas roupas?!

Ela responde.

Na quinta, onde pertencem.

Podes agradecer-me depois.

Amo-te!

Cabra!

Os meus olhos quase saltam das órbitas. O que é que vou usar agora? Não há nada branco aqui, exceto este estúpido vestido coleante, e não vou usar roupa de oferecida.

Meu Deus, agora tenho de ir às compras para encontrar outra coisa... Volto para o meu quarto e o Basil está lá dentro e, embora deteste admiti-lo... agora cheira bem. Está outro homem com ele.

– Olá, Hayden. Este é o Bodie – apresenta-nos. – Também está no nosso quarto.

– Olá. – Ele sorri. – Queres vir às compras? Temos de encontrar uma merda branca para hoje à noite, aparentemente.

O Bodie tem um ar caloroso e simpático. Põe-me imediatamente à vontade e, com o seu sotaque australiano, parece um sonho.

– Na verdade, quero. – Sorrio. – Obrigada.

Pego nas minhas coisas e dirigimo-nos para a porta.



Barcelona está a ferver, com as cores e os aromas de um país exótico.

Enquanto os rapazes fazem compras, eu caminho atrás deles, hipnotizada pelo que me rodeia.

Este lugar é absolutamente lindo.

O Basil tira o telefone do bolso.

– Ei. – Ele fica a ouvir por instantes.

– Ei, bacano, então? – Vira-se para trás e sorri para mim enquanto ouve o que lhe dizem. – Sim, claro, vamos comprar algo agora. Que tamanho? – Ele ri-se. – Está bem, adeus. – Desliga o telemóvel.

– Temos de comprar algo branco para o Christo usar. Ele paga-me depois.

Ergo o olhar.

– Christo?

– Sim, sabes, o tipo de hoje no nosso quarto.

– Sei quem é. Não sei porque gostas dele. – Arregalo os olhos.

Encolhe os ombros.

– É um tipo normal.

– Íman de rata. – O Bodie sorri. – Viste as mulheres à volta dele ontem?

– Hum-hum.

Basil sorri.

– E aquela com quem ele foi para casa?

Bodie solta um assobio baixo.

– Meu Deus, teria dado o meu tomate esquerdo para a apanhar.

O Basil sorri enquanto segura as mãos em forma de mamas grandes.

– Era bem equipada.

Franzo o sobrolho.

– Vocês são nojentos. E se desses um testículo para apanhar uma rapariga, ias precisar de ir ao hospital.

Ambos se riem e eu também. Os homens são ridículos.

– Quando é que chegaram aqui? – pergunto.

– Ontem – respondem os dois. – E o Christo também.

Continuamos a fazer compras, e a minha mente vagueia para o menino maroto... hum, então ele dormiu com alguém na primeira noite aqui, hein?

Não admira, acho eu. Para quê perder tempo quando se tem uma pila assim.

Idiota.

Sabem o que me irrita?

Os tipos simpáticos que amariam uma mulher para sempre acabam por ser os últimos... sempre. E os mulherengos idiotas que têm grandes egos são abençoados com grandes pilas. Nunca ficam de coração partido, nunca são abandonados e nunca se sentem sós. Saem sempre por cima.

Não parece justo.

– Certo, estas camisas – diz o Bodie. Pega em três camisas de manga curta com botões. São brancas e de algodão e adaptam-se ao pedido.

– E estes calções? – O Basil pega em três pares de calções brancos do cabide.

Expiro pesadamente enquanto olho à volta.

– Agora eu.

Procuramos e procuramos e procuramos... nada em branco.

– A Bernadette vai usar um biquíni branco – diz o Bodie casualmente enquanto passeia pela loja.

– Com quê?

– Nada, é uma festa de lua cheia.

– O que é que isso significa?

– Vemos muitas luas, suponho. – Bodie encolhe os ombros. Estremeço.

– Não quero olhar para os rabos das pessoas.

– Eu quero. – O Basil sorri.

– Eu também – concorda Bodie. – Também gostaria de comer alguns.

– Vocês e as vossas pilas, idiotas. – Reviro os olhos. – Encontrem-me algo branco.

Duas horas depois

– Que se lixe isto, vou rasgar o lençol e usá-lo – digo, frustrada.

– Boa ideia – concordam ambos. – É suposto voltarmos agora.

– Quer dizer, eu tenho um vestido branco.

– O quê? – explode o Basil. – Queres dizer que acabámos de desperdiçar duas horas para nada?

– Não o posso usar; é obscenamente justo. A minha amiga meteu-o na minha mala e tirou todas as minhas roupas sensatas. É muito curto e parece um cinto.

– Gosto da tua amiga – responde Bodie. – Vá lá. Dirige-se para a porta.

– Onde vamos?

– Para casa. Vais usar o teu vestido de galdéria.



A pior parte de partilhar um quarto é isso mesmo... partilhar um quarto.

Como é que é suposto preparares-te e passares-te em privado com o que vais vestir?

Estou na casa de banho, na cabine de duche. O lindinho tem razão. Estas toalhas minúsculas são ridículas. Seco-me e seco-me e, mesmo assim, parece que não chego a lado nenhum.

As gargalhadas ecoam por todo o lado e o *hostel* parece estar cheio até às vigas, mas penso que é porque toda a gente vai ficar cá esta noite para a festa da lua cheia.

Visto o sutiã, depois as cuecas e pego no vestido branco. É elástico e parece tão pequeno. Tenho de o esticar só para o conseguir vestir... muito. Deslizo-o pelas ancas. Chega-me acima dos joelhos. É elástico e justo, com um decote em forma de concha.

Tento olhar para mim. Bolas, nem sequer tenho um espelho de corpo inteiro aqui.

Acho que devia estar grata por não conseguir ver quão ridícula estou. Escovo o cabelo, arrumo o meu *nécessaire* e abro lentamente a porta.

Estou a temer esta noite. Não me sinto nada confortável.

Saio e vejo raparigas com pouca roupa por todo o lado. Uma sorri. – Adoro o teu vestido.

– Obrigada. – Dirijo-me, sem jeito, ao lavatório e pego na maquilhagem. Olho de relance para ver uma rapariga com uma tanga branca e pintura corporal branca em forma de coração nas mamas, com borlas cor de rosa nos mamilos. Até tem penas brancas estrategicamente presas atrás de uma orelha. – Estás ótima. – Sorrio.

Raios, ela está ótima. Quem me dera ter essa confiança.

– Obrigada. Ei, acabaste de chegar?

– Sim, sou a Hayden. – Sorrio.

– Chamo-me Kimberly – diz ela com sotaque inglês. – És de onde na América? – pergunta.

– Vivo a umas horas de distância de Nova Iorque. E tu? – pergunto.

– Manchester.

– Oh, adorava lá ir.

– Nova Iorque também está na minha lista de coisas a fazer – responde ela, enquanto põe o mais brilhante dos batons rosa-choque e dobra os lábios.

Transpira confiança e, caramba, está tão sensual.

Ela olha-me de cima a baixo e dá-me um sorriso simpático.

– Estás linda.

Como se soubesse que estou a meio de uma crise de confiança total.

– Sinto-me um pouco... – Encolho os ombros. – Estranha.

– É a tua primeira paragem, não é?

Aceno.

– Vais-te habituar à loucura. Estás a viajar sozinha?

– Sim. E tu?

– Tinha três amigos comigo. Estávamos a viajar há seis meses. Foram ontem para casa. Por isso, agora sou só eu. – Ela encolhe os ombros, feliz. – Esta é a beleza destes *hostels*. Toda a gente viaja sozinha, por isso temos logo oitenta amigos. Vou ver para onde me leva o vento durante mais uns meses.

– Parece ótimo. – Tento focar-me na minha maquilhagem.

– Vemo-nos lá fora? – pergunta.

– É para já.

– Xau, Hayden.

Olho para o espelho enquanto ela sai.

– Adeus.

Parece simpática.

Volto para o quarto e volto a fechar as minhas coisas no cacifo. Bolas, quem me dera ter um espelho de corpo inteiro.

Ouçó risos e música vindos do exterior. Bem, mais vale acabar com isto.



O bar está ao rubro com um mar de branco. Há um DJ e uma pista de dança.

Fico na ponta, a observar, pensando no que fazer. Ouço uma voz.

– Aqui estás tu.

A Bernadette agarra na minha mão e puxa-me para a multidão.

– Estás sensual, amiga.

Sorrio, acanhada.

– Obrigada.

– Estamos aqui. – Ela puxa-me para perto do Bodie e do Basil. Estão a falar com três belas raparigas loiras. – Vou buscar-nos bebidas.

– Obrigada.

– Uau. – o Basil ri-se. – Olha para ti.

Matem-me já. Isto é tão embaraçoso.

– Olha para ti. Estão ambos de fatinhos brancos a condizer.

– Esta noite, vou ter batom espalhado por todo o colarinho. – o Basil arregala os olhos. – Isso mesmo.

Rio-me.

– Aposto que sim.

– Aqui está ele – diz Bodie. Todos nos viramos para ver o Christo a descer as escadas. Tem a camisa branca aberta, revelando os seus abdominais esculpidos. Os calções são mais justos e curtos, revelando os músculos grossos dos quadris e, apesar de estar a usar a mesma roupa que os rapazes, de alguma forma, parece completamente diferente.

Diferente para melhor.

Desvio o olhar com raiva. Raios, odeio que ele seja lindo e, mais do que isso, odeio que ele saiba disso.

Os rapazes acenam, e ele sorri e aproxima-se.

– Ei. – Ele ri-se enquanto segura uma garrafa de Corona na mão. – Olha só para nós, todos angelicais. Ele sorri para as raparigas. – Raparigas. – Eleva a sobancelha para elas. Olha para mim. – Rabugenta. – Acena em forma de cumprimento.

Rabugenta.

Finjo um sorriso. *Não fazes ideia.*

Apresenta-se às raparigas.

– Sou o Christo. São modelos, certo?

As raparigas riem-se e eu reviro os olhos.

Por favor.

– Já fiz alguns trabalhos – diz uma delas. OnlyFans, aposto.

– Eu sabia. – Ele sorri. – De onde são?

– Alemanha – respondem. Têm um bonito sotaque rouco.

A Bernadette regressa com uma bebida para mim e passa-ma.

– Obrigada.

Ela olha para o Christo de cima a baixo como se ele fosse um pedaço de carne, o que é apropriado porque ele pensa que é.

– Christo. – Ela sorri. – Não recebo um beijo de cumprimento?

Ele torce o nariz.

– Agora não, Bernadette. – Faz um gesto de brincadeira para as raparigas. – Esta é a minha grande oportunidade com estas modelos. – As alemãs riem-se na hora e a Bernadette também.

Como é que ele faz isto? Tudo o que ele diz sai-lhe bem.

O Basil e o Bodie sorriem um para o outro. Acho que gostam mais dele do que as raparigas.

– O que é que fazes? – Ouço uma das raparigas perguntar.

– Sou professor – responde.

Professor?

– Adoro crianças, sabes – continua.

Acho que é treta...

Olho para o lado e vejo a Kimberly a acenar-me da pista de dança. Está a dançar com um grande grupo de pessoas. Agarro no braço da Bernadette.

– Anda, vamos dançar.

Quatro horas depois

Sinto-me muito tocada e estou a divertir-me imenso.

Quem diria que as festas de lua cheia eram tão divertidas? Dancei, conversei e não vamos mencionar o facto de ter estado a observar uma certa pessoa irritante mais do que alguma vez admitiria.

Ele tem um bando – nem sequer estou a brincar – um bando de mulheres à sua volta a toda a hora.

Para onde quer que vá.

E está a adorar cada segundo, o exibicionista e o seu público cativo.

A rir e a receber toda a atenção. De vez em quando, vejo-o dizer qualquer coisa ao Bodie e ao Basil, e eles ouvem-no com atenção. Ele está a ensinar-lhes como engatar e o que dizer.

Estou perto da pista de dança, a observar toda a gente. Ouço uma voz suave

por trás de mim.

– Rabugenta.

Sorrio para a minha bebida. Tenho de concordar com ele; deixa-me mesmo rabugenta.

– Olá, Christopher.

– Christo – corrige-me.

– É mesmo? – Levanto a sobancelha.

Ele pressiona os lábios, divertido.

– É Christopher, mas não digas a ninguém.

– Achas que Christo é mais sensual?

– Tu não achas?

– Claro que não.

Ele ri-se e bebe um gole da sua cerveja.

– Estás a divertir-te?

– Estou.

Um silêncio confrangedor instala-se entre nós. Ele não é todo sedutor e brincalhão comigo, como é com toda a gente.

– Como foi no táxi hoje?

– Um inferno em forma de volante. – Bebe outro gole da sua cerveja.

– Não acabaste de chegar? Porque é que já estás a trabalhar?

– Roubaram-me o cartão de crédito e limparam a minha conta bancária no meu primeiro dia.

Olho com espanto.

– Au.

– Pois. Nem me digas nada.

O DJ pega no microfone.

– Mulheres, virem-se diretamente para a vossa esquerda – anuncia.

Ao som de risos, todas as raparigas se viram para a esquerda.

– Agarrem no homem mais próximo – continua. Sorrio. Ele tem estado a fazer jogos estranhos como este a noite toda.

Agarro no antebraço do Christopher.

– Agora, aos três... peguem nas mãos dele e olhem-no fixamente nos olhos.

– O quê? – Contraio o rosto.

O Christopher ri-se e pousa a cerveja no chão. Todos se riem e brincam enquanto pegam nas mãos uns dos outros.

– Enquanto esperamos pela chegada da lua cheia, vamos fazer duas coisas – diz o DJ.

Eu e o Christopher rimos. Isto é ridículo.

– Vamos fazer uma contagem decrescente e depois vão olhar a pessoa nos olhos. Digam-lhe com quantas pessoas já dormiram e depois deem-lhe um beijo de língua.

O bar enche-se de gargalhadas.

O quê?

– Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um!

– Com quantas pessoas já dormiram? – grita o DJ.

Os olhos de Christopher fixam-se nos meus.

– Não sei.

– Uma – sussurro.

Pego-lhe no rosto com as mãos e beijo-o. A minha língua desliza lentamente pelos seus lábios e ele beija-me de volta.

Lenta e ternamente, e os seus olhos fecham-se.

Oh...

O braço dele prende-se à minha cintura e puxa-me para mais perto. O beijo aprofunda-se.

E quando ouço aplausos e risos ao fundo... continuamos a beijarmo-nos.

Apenas a pressão certa e um pouco de sucção.

Ele afasta-se e fica a olhar para mim. A sua testa enrugam-se.

– Que foi isto? – diz.

– Beijei-te.

– Uma?

Raios... é nisso que ele tem estado a pensar o tempo todo?

Envergonhada, aceno.

– Uma? – Ele suspira.

– Hum-hum.

Ele fica a olhar para mim durante um instante, o seu braço volta a serpentear à minha volta e puxa-me para mais perto.

– Vem cá – grunhe.

Merda.

– Não. – Afasto-me dos seus braços. – Tenho de ir.

– Porquê?

– Porque tens de continuar a apanhar os peixes em barris. – Encolho os ombros. – E eu tenho de nadar rio acima.

Capítulo Seis

CHRISTOPHER

Vejo-a a afastar-se e a desaparecer no meio da multidão.

Uma.

Uma... como é que pode ser uma? Ninguém dormiu só com uma.

A minha língua percorre o meu lábio inferior. Ainda está a zumbir daquele beijo escaldante.

Hmm...Foi inesperado. Ela nem sequer faz o meu género.

– Christo – ouço alguém chamar.

Viro-me e vejo a Bernadette. Corre para mim de braços abertos.

– Ainda não me beijaste, querido. – Ela passa os braços à volta do meu traseiro e finge que me abraça. – É lua cheia.

Ah, esta mulher é uma praga.

– Não estavas ao meu lado. – Finjo um sorriso enquanto tiro as mãos dela do meu traseiro.

Desaparece.

– Isso não interessa. – Ri-se enquanto se inclina para um beijo... Inclino-me para trás e olho de relance para ver a Hayden a ser conduzida para a pista de dança por um tipo.

Ela está a rir-se e ele roda-a.

O quê?

– Beija-me. – Bernadette sorri-me de forma sonhadora.

Por amor de Deus... agora não, mulher.

– Não, não, não – respondo. – Somos colegas de quarto – digo-lhe. – Sem marotices.

Levanto o pescoço para ver o que a Hayden está a fazer. O tipo está a falar e ela ri-se enquanto ouve atentamente.

Hmm...

A Bernadette levanta-se na ponta dos pés e inclina-se para o beijo.

– Para. – Afasto-me, aborrecido. Empurro-a de cima de mim e dirijo-me para a pista de dança. Finjo um sorriso ao tipo e inclino-me para a Hayden. – Posso falar contigo?

– Sobre quê? – diz alto, para que o gajo possa ouvir. Ótimo.

– A Bernadette, a nossa colega de quarto, enlouqueceu completamente e preciso que venhas aqui por um momento para lhe meteres juízo na cabeça.

– Oh... – O rosto dela esmorece.

– Eu espero aqui por ti – diz o homem.

– Não é preciso – respondo. Arrasto-a até ao bar. Ela começa a olhar à volta.

– Então, onde é que ela está?

– Oh, olha, já está melhor. Ouve – disparo –, temos outras coisas para falar.

Ela ergue o olhar.

– Aquele beijo... Bem, foi inesperadamente escaldante, e precisamos de o fazer novamente para que eu possa avaliar totalmente a situação.

– Então a Bernadette não enlouqueceu completamente?

– Quem é que se importa? Ouve... – continuo. – Sobre aquilo de só teres dormido com uma pessoa...

– Estás a falar a sério? – dispara.

– Tão a sério como um ataque cardíaco. – Ponho os meus braços à sua volta e puxo-a para mais perto.
 – Para. – Ela afasta-me. – *Não* quero beijar-te.
 – O quê? – Suspiro. – Porque não?
 – Ew... não fazes o meu género.
 – Ew? – Arregalo os olhos. Que rude. – Do que é que estás a falar? Faço o género de toda a gente.
 – Não o meu.
 – Nem sabes qual é o teu género. Só estiveste com um.
 – Anda, deixa-me mostrar-te. – Aproximo-me novamente.
 – Gosto de loiros, magros e sensíveis. – Ela bate as pálpebras para se armar em espertinha.
 Exatamente o oposto de mim.
 Não consigo evitar. Retalio.
 – Temos algumas coisas em comum. Eu gosto de loiras, magras e excitadas.
Ai... para de falar, idiota.
 – Bom para ti. – Estende os braços para a multidão. – Há aqui muitas. Vai arranjar uma.
 – O que é que esta mulher está a fazer? Nunca ninguém me tinha dado tampa antes.
 – Não achas que devíamos explorar um pouco mais aquele beijo, fazer alguma investigação? – pergunto-lhe.
 – Não.
 – Porque não?
 – Não gostei.
 – O quê? – Suspiro. – Aquele beijo foi escaldante, Rabugenta. Do que é que estás a falar?
 – Para mim, não. Foi um bocado desleixado, para ser sincera.
 Olho para ela, horrorizado.
O que queres dizer?
 – Bem... foi tudo culpa tua – balbucio. – Falaste do número um mesmo antes e eu fiquei em choque, só isso. Consigo fazer melhor. – Agarro-a. – Vou mostrar-te.
 – Adeus, Christopher. Ela vira-se e volta para o tipo na pista de dança.
 Fico parado, indignado, com as mãos bem assentes nas ancas. Aha, que idiota. Não sabe o que está a perder.
 Caminho para o lado da pista de dança e observo o tipo com quem ela está.
 Loiro e magro... aborrecido. Observo-os durante algum tempo e a Hayden parece muito interessada em tudo o que o cabrão diz... Nem consigo imaginar de que merda chata ele está a falar.
 Que se lixe.
 Marcho para o bar.
 – Oh, Christo. – A Bernadette corre atrás de mim. Caraças, esta mulher está a matar-me.
 Preciso de um isco para ratos.



Uma hora depois, estou a falar com um grupo de pessoas e vejo o miúdo que trabalha aqui. Anda pelo bar a recolher copos. Observo-o durante algum tempo: tão jovem para estar num ambiente como este. Parece totalmente despreocupado enquanto faz o seu trabalho.
 – És de onde, Christo? – pergunta-me uma mulher.
 – Nova Iorque, originalmente. Mas vivo no Reino Unido, agora.
 – Oh, eu também vivo no Reino Unido. Onde vives? – Ela sorri.
 Há um grupo de gajos à esquerda da pista de dança, a rebolar de bêbedos e a serem desagradáveis. Bebo um gole da minha cerveja enquanto os observo. Não sei bem de onde são, mas estão a falar francês. Um deles dá um passo atrás e bate no miúdo. Deita os copos que ele tinha nas mãos ao chão.
 – *Regardez ou vous marchez, putain l'idiot!* – grita-lhe.
 O miúdo baixa-se para apanhar os copos de plástico que caíram. Ele olha para cima, mas é óbvio que não percebe a língua.
 – *M'as-tu entendeu?* – grita o tipo enquanto se debruça sobre ele.
 Passo a minha cerveja à rapariga à minha esquerda e dirijo-me para lá.
 – *Reponds-moi espece de putain de cochon grossier.*
 A adrenalina sobe-me à cabeça e ponho-me à frente do miúdo. – *Recule la merde.*

A música está alta e as gargalhadas são intermináveis. Esta é a melhor noite da minha vida. Nunca me diverti tanto. Vejo o Christopher do outro lado da pista de dança, a aproximar-se de um grupo de homens. A sua postura diz-me que algo está errado.

Paro de dançar e observo-o. O que é que ele está a fazer? Sem pensar, começo a dirigir-me para lá.

– *S'excuser* – ouço o Christopher dizer.

– *Va au diable*.

Franzo o sobrolho ao aproximar-me. Estão a falar noutra língua. Vou reformular a frase: estão a discutir noutra língua.

O Christopher está zangado e empurra um rapazinho para fora do caminho. Quem é ele?

O que é que se passa aqui?

– Hayden. – Alguém se ri. – Apanhei-te. – Sou levantada e atirada por brincadeira para o ombro de alguém.

– Ahh, põe-me no chão.

– Obrigá-me. – Ele ri-se, pensando que estou a brincar. Corre comigo para o outro lado da sala e, quando estou a tentar livrar-me do seu aperto, vejo o Christopher a bater-lhe no peito. O tipo cambaleia para trás.

No minuto seguinte, tudo descamba. Pancadaria total.

Homens, todos a lutar. Toda a gente participa e não faço ideia de quem está do lado de quem. Mas também vejo o Basil e o Bodie a lutar ao lado do Christopher.

Mas que raio?

A música para e as luzes acendem-se. Os seguranças agarram nos desordeiros e levam-nos lá para fora com dificuldade. O tipo com quem o Christopher estava a lutar parece estar muito bêbedo e está a gritar qualquer coisa. O Christopher grita-lhe noutra língua enquanto são empurrados para fora.

A Bernadette vem e fica ao meu lado enquanto os vemos a serem levados.

Olho de relance para ela e está a sorrir de forma pateta atrás deles.

– O que foi? – Olho de lado.

– Ele fala francês.

Reviro os olhos.

– Queres dizer, discute em francês.

– É ainda mais sensual.

Sorrio, porque ela tem razão... não que o vá admitir.

A música recomeça e ela agarra a minha mão e puxa-me para a pista de dança, e rimo-nos enquanto rodopiamos, o drama praticamente esquecido.

Ainda é a melhor noite da minha vida.

Sou acordada pelo som de gargalhadas histéricas, homens que riem como hienas enquanto se atrapalham e tentam abrir a porta.

Contraio o rosto. *Deus, não... vão-se embora.*

Viro-me e aconchego-me no meu cobertor. Esta foi a primeira noite em que consegui dormir durante toda a semana. As trezentas bebidas que tomei na festa

da lua cheia são responsáveis, sem dúvida.

A porta abre-se e alguém cai para o tapete, com uma gargalhada profunda. Ecoa pelo corredor silencioso.

– Shh.

– Shh. Todos riem. – Shh, seus idiotas barulhentos.

Pestanejo enquanto tento abrir os olhos. O sol está a espreitar por entre as persianas. É de manhã cedo.

Mais risos histéricos.

O que é que pode ser tão engraçado a esta hora demoníaca?

– Faz, faz – diz o Bodie, de forma arrastada.

São os rapazes. Regressaram de onde quer que tenham estado.

Alinham-se em fila e começam a cantar palavras que eu não consigo perceber.

– *Eh, Macarena*. – Todos saltam para a esquerda e começam a fazer a dança da *Macarena*.

– Todos me querem. Não me podem ter – cantam.

Oh, Deus...

O Christopher e o Basil estão em tronco nu. O Bodie não tem calções e está de cuecas com a camisa aberta, e o Christopher tem um cone do trânsito na cabeça.

– Mas que raio? – gemo. Oh, não... a minha cabeça. Que dor.

– *Eh, Macarena*. – Saltam para a direita e continuam a fazer a dança.

– Somos bons nisto, caraças – diz o Christopher, enquanto cantam. – Devíamos ser *strippers*.

– Era, não era? – concorda o Bodie.

Continuam a dançar ao som da sua cantoria desafinada e eu sorrio para a minha almofada enquanto tento adormecer.

– *Eh, Macarena* – dizem eles, enquanto saltam para a esquerda.

– Calem-se! – Atiro-lhes uma almofada. Olho para o beliche de cima e a Bernadette está inconsciente. Como é que ela consegue dormir com isto?

– Ah... a minha rabugenta favorita número um esperou por mim – diz o Christopher. Ele levanta um dedo e ergue uma sobrancelha. – Número um. – Põe-se de gatas e avança na minha direção até ficar a milímetros da minha cara. – Viste o que eu fiz?

Olho para ele sem expressão.

– Um. – Arregala os olhos, como se estivesse a fazer uma grande piada. – Percebes?

– Percebo – disparo. – E tu vais apanhar se não fores dormir imediatamente.

Ele ri-se e deixa-se descair, com a cara pousada no meu colchão e o corpo no chão, ao lado da minha cama. Os seus olhos fecham-se de exaustão. O cone de trânsito dele crava-se na minha almofada, eu tiro-lho e atiro-o aos outros dois idiotas que ainda estão a fazer a *Macarena*.

– Onde estão as tuas calças? – vocífero para o Bodie.

– Ficaram presas na cerca.

– Na cerca?

– O homem do *kebab* perseguiu-me e eu tive de saltar a cerca.

Apoio-me nos cotovelos.

– Porque é que o homem do *kebab* te perseguiu?

– Ele roubou-lhe a garrafa do molho – o Basil soluça. – Noite mais divertida da história.

O Christopher mexe-se e eu empurro-lhe a cabeça para baixo com força.

– Volta a dormir, tu.

– Vão dormir – digo aos dois *Macarenas*.

Com mais cânticos e muitos resmungos, finalmente despem-se e vão para as suas camas e, dez minutos depois, o quarto fica em silêncio quando adormecem.

A luz da manhã está agora a aparecer e, com a luz filtrada, posso olhar para ele sem que ninguém se aperceba.

Uma missão do tipo espião secreto... Olho fixamente para o rosto ao meu lado, o seu corpo no chão, o rosto na minha almofada. Tem cabelo escuro ondulado e uma barbicha por fazer que é quase uma barba completa. Grandes lábios vermelhos e pele cor de azeitona. Os meus olhos percorrem os seus ombros e as suas costas musculadas. As suas longas pestanas escuras espalham-se pelo rosto. Os antebraços são fortes, com veias grossas que se estendem até às costas das mãos. Têm um pouco de pelo escuro em todos os sítios certos. Só a sua proximidade agita-me algo no estômago.

Ele é um belo espécime de homem, não há como o negar. Grande, viril e divertido.

Percebo o que veem nele.

Mesmo depois de setecentas bebidas, um cone de trânsito e um roubo de molho de *kebab*, ele ainda cheira bem. Como, não sei.

– Hmm – murmura com os olhos fechados. Sorrio ao observá-lo.

Pena ser tão cabraão.

Estou demasiado cansada para o acordar e levá-lo de volta para a cama dele.

Ele é inofensivo e não está a fazer mal a ninguém.

Fecho os olhos e começo a relaxar.



– Oh, não. Oh, não... Oh. Não. – soa um gemido no quarto. – A minha cabeça.

– Raio da minha vida – sussurra a Bernadette.

– Ágggguuuuuuuuuuuu – alguém sussurra. – Preciso de água.

Sorrio de olhos ainda fechados. Raios. Que noite.

Ressaca é um eufemismo.

– Está tanto calor, como num forno. Alguém que abra a porra de uma janela ou algo do género – sussurra Bodie. – Estou a ser cozinhado vivo aqui, pá.

As minhas pálpebras pesadas abrem-se lentamente e a primeira coisa que vejo é o Christopher apoiado no cotovelo, a observar-me do seu lugar no chão. Ele dá-me um sorriso atrevido.

– Bom dia, Rabugenta.

Ergo o olhar.

– O que estás a fazer?

– Tu sabes. – Sorri. – Estou a admirar a vista.

Quem sabe o aspeto que tenho, mas não pode ser bom.

– Preciso de ir nadar – sussurro.

– Sim. Eu também vou. – Ele senta-se, confuso. – Porque é que dormi no chão?

– Não chegaste à cama.

Ele contrai o rosto enquanto olha para o quarto.

– Porque é que há um cone de trânsito na minha cama?

– Estavas a usá-lo como chapéu.

– Hmm. – Ele olha à volta e avalia o estrago. – Boa noite. – Ele levanta-se e olha para mim. – Vamos lá, Rabugenta.

– Podes parar de me chamar Rabugenta?

– É um nome carinhoso.

Reviro os olhos.

– Tenho de mudar de roupa.

Ele pega-me nas mãos e levanta-me.

– Também vou – diz a Bernadette.

– Eu também – diz Bodie. Levanta-se e bate no Basil. – Acorda, vamos à praia.

– Oh, porra. – O Basil choraminga, enquanto põe a parte de trás do braço sobre a cara. – Não posso enfrentar pessoas hoje.

– Temos pena. Vais-te sentir melhor quando comeres.

Puxo a minha *t-shirt* por cima dos *boxers*, sentindo-me subitamente exposta.

– Tenho de ir buscar as minhas coisas ao cacifo.

– Sim, eu também. Vamos.

Olho para mim.

– Não posso ir para o corredor assim.

– Hoje, ninguém vai conseguir focar os globos oculares. Estás segura.

– Tens razão.

Saímos para o corredor e dirigimo-nos aos cacifos.

– Porque é que o nosso quarto não tem cacifos?

– Os fósseis não precisam de roupa, pelo visto – murmura secamente, enquanto abre a mala e a remexe. – Hoje vou comprar uma toalha grande. Não me interessa se tenho de a deitar fora esta noite. não vou levar esta toalha de merda para a praia. Odeio-a.

Sorrio afetadamente.

– Se odeias tanto essa maldita toalha, porque é que a compraste?

– O idiota da loja disse que era imprescindível.

– Também tenho um, mas não me incomoda tanto como a tua – respondo.

– Sim, bem... – Continua a procurar na sua mala. – As minhas partes privadas são maiores que as tuas. Preciso de mais material.

Sorrio. *Partes privadas*... Onde é que ele vai buscar estas coisas?

Dois tipos passam pelo corredor e um vira-se para mim enquanto passa, dando uma volta completa.

– Continua a andar – murmura o Christopher secamente.

– Sê simpático – sussurro. – As minhas partes privadas também precisam de atenção, sabes?

Ele finge um sorriso, mas depois a sua cara esmorece instantaneamente quando

volta a meter uma *t-shirt* no saco.

– Veste-te.

Expiro pesadamente e encosto-me ao meu cacifo.

– Não tenho energia nem para tirar a mala.

– Por amor de Deus, mulher, onde está ela?

Aponto para o meu cacifo.

– Abre-o.

Introduzo o meu código e ele puxa a minha mochila para fora e abre o fecho.

– O que vais usar? – Começa a procurar nas minhas coisas. – Porque é que a mala está tão desarrumada?

– Não sei. – Inclino-me e afasto-o. – Sou mochileira. É suposto estar desarrumada. Mexe-te.

Ele levanta-se e encosta a cabeça ao meu cacifo.

– Estou completamente desidratado. – Estende os braços para ver as suas veias. Estão em plena glória e a aparecer por todo o lado.

– Pergunto-me porquê. – Reviro os olhos. – Onde está o meu fato de banho? – Continuo a procurar.

– A sério – sussurra, zangado. – Despacha-te, caramba.

– Não tens de esperar por mim, sabias?

– Por acaso, até tenho. Estás a usar um pijama de avó e é provável que te expulsem daqui.

– Talvez seja uma coisa boa – bufo. – A sério, vou matar a Monica.

– Quem é a Monica?

– A minha melhor amiga. Tirou algumas das roupas da minha mala e substituiu-as por roupa de badalhoca. – Pego no minúsculo biquíni preto. – A sério, o que é que isto cobre?

Encolhe os ombros.

– Por mim, está bom.

Franzo o sobrolho.

– Cala-te. – Empurro a minha mala para dentro e passo por ele para a casa de banho, demasiado cansada para procurar um fato de banho decente por mais um minuto.

Visto o biquíni e olho para mim. Mas que raio?

Isto é obsceno. Não posso usar isto em público.

Oiço a voz da Kimberly a falar com alguém. Gosto dela; demo-nos bem ontem à noite. Abro a porta do cubículo.

– Olá, Hazy. – Ela sorri.

– Isto é ridículo? – Sussurro.

– O quê?

Abro os braços.

– Este biquíni, é... – Arregalo os olhos enquanto procuro a palavra certa.

– Sensual. – Olha-me de cima a baixo. – Vira-te.

Faço uma volta de 360.

– Perfeito, podia-se comer queijo do teu rabo.

Olho de lado.

– Quem é que diz isso?
– Sei lá, diz-se. Sabes, podias comer queijo do rabo dela.
– Nunca ouvi isso na vida. – Arqueio o olhar. – Queres vir à praia?
– Vais agora?
– Sim. – Olho para as minhas mamas, quase caem. Tento esticar o tecido para tapar mais.

– Está bem. Dá-me cinco minutos.
– Encontramo-nos na porta da frente? – pergunto-lhe.
– Está bem.

Saio e vejo o Christopher a sair da casa de banho ao mesmo tempo. Olha-me de cima a baixo e eleva as sobrancelhas, como se estivesse surpreendido.

– Sensual... Rabugenta. – Ele reajusta a pila. – Deste-me uma meia bomba nesse biquíni.

Franzo o lábio com repugnância. Começamos a andar para o quarto.

– O que é que se passa contigo e com a palavra *meia*? – pergunto.

– O que queres dizer?

– Meio beijo, meia bomba... pareces ter muitos *meios* a acontecer.

– Não conseguias aguentar a totalidade.

– Nem quero. – Arregalo os olhos.

– Ótimo. – Encolhe os ombros. – Porque nunca vais ter oportunidade.

– Nem queria.

– Ótimo. – Entramos no quarto e toda a gente está pronta para sair. – Vamos.



A praia está quente e o oceano frio.

Perfeito.

Estamos deitados nas toalhas, nós os seis. Almoçámos e passámos quase todo o dia aqui. É estranho. Não conheço estas pessoas, mas já me sinto muito à vontade.

– Quais são os planos de viagem de todos? – pergunta a Bernadette.

– Bem... – Encolho os ombros. – O meu plano é ficar numa base central em cada país durante um mês. Assim, posso arranjar um emprego durante alguns dias por semana e viajar o resto do tempo. Se não fizer pelo menos dois turnos por semana algures, não terei dinheiro suficiente para ficar durante os doze meses que quero.

O Christopher senta-se, despertei o seu interesse.

– Onde queres ir?

– Bem, comecei em Espanha – digo-lhes. – Acho que vou a Itália a seguir. Quero ir a Praga. Grécia. Suíça. Alemanha, talvez?

– Hmm. – Ele pensa por um momento. – Parece um bom plano. Eu também vou.

– O quê? – Olho admirada.

– É, de facto, um bom plano – diz Kimberly. – Também preciso de começar a trabalhar alguns dias por semana. Importas-te que também vá?

Encolho os ombros.

– Eu... não. Acho que não.

– Sim, alinhó – diz Basil.

– Não vou ficar de fora – diz Bernadette.

Todos olhamos para o Bodie. Encolhe os ombros.

– Podemos ir a Portugal?

– Suponho. – Encolho os ombros. – Ainda não sei para onde vou. Só preciso de trabalhar alguns dias. É por isso que preciso de uma base. Totalmente flexível quanto aos locais para onde vamos.

Christopher olha entre nós.

– Doze meses... doze países?

Toda a gente sorri, enquanto um estranho tipo de excitação corre entre nós.

– Combinado.

Capítulo Sete

O quarto está em silêncio: exatamente o que eu preciso.

Depois da loucura de ontem à noite, é bom estar finalmente a descansar. Os outros ainda não voltaram do jantar. Sou só eu e o Christopher.

Ao virar a página, tento concentrar-me no meu livro, mas sinto olhos a observarem-me. Olho para cima e vejo-o deitado na cama em frente à minha, apoiado num cotovelo e a olhar para mim.

– O que foi? – pergunto.

– Não entendo.

Os meus olhos mantêm-se na página.

– Não entendes o quê?

– Como é que só dormiste com uma pessoa?

– Porque é que ainda estás a pensar nisso? – Encolho os ombros. – Esquece, por favor.

– Depois de me explicares, não volto a falar no assunto.

Levanto a sobrançelha.

– Não acredito em ti.

Sorri. Ele também não acredita.

– Então, mentiste?

– Não.

– Mas é impossível.

Pouso o livro, irritada.

– É bem possível. Nem toda a gente fode como coelhos, sabes?

– Foste casada?

– Não.

– Crenças religiosas?

– Não.

Ele pensa por um momento e levanta uma sobrançelha.

– Só chata, então?

Sorrio.

– Talvez.

Enquanto pensa, torce os cobertores debaixo de si.

Uf, não vai desistir disto até ter mais informações.

– Estive com o meu namorado do liceu durante a maior parte da minha vida adulta, e quando acabámos... – Encolho os ombros.

– Então, és solteira há pouco tempo?

– Nem por isso.

- Há quanto tempo?
- És muito bisbilhoteiro, sabias?
- Há quanto tempo? – repete.
- Acabámos há dois anos.
- Não fazes sexo há dois anos? – Suspira, horrorizado.

Sinto as bochechas a aquecer de vergonha. Raios, porque é que disse aquilo em voz alta?

- Estive ocupada.
- A masturbares-te?

Em cheio.

Sorrio e volto para o meu livro.

Ficamos sentados em silêncio durante algum tempo, e quase consigo ouvir o cérebro dele a funcionar a um milhão de quilómetros por minuto.

- Há quanto tempo não fazes sexo? – pergunto-lhe.

Torce os lábios enquanto pensa.

- Comigo... há cerca de uma hora?
- Masturbaste-te aqui? – Suspiro. – Onde?

- No chuveiro. O que é que era suposto eu fazer? Não fazia sexo há cinco dias.

Os meus tomates estavam a doer.

- Ew. – Olho-o fixamente. – Tens de te masturbar após apenas cinco dias?
- Claro. – Ele concorda com a cabeça. – *Tenho* de ejacular todos os dias, mais do que uma vez, se possível. De manhã e à noite é o melhor cenário.

- És doente.
- Todos os homens precisam de se vir. É genético.

Penso por um momento. Nunca tinha falado com um homem sobre este tipo de coisas.

- Então, com... quem é que... dormes? Uma namorada ou...
- Raparigas.
- Que raparigas?

Ele expira pesadamente enquanto pensa.

- Não sei. Estou com algumas pessoas casualmente.
- Então tem relações abertas com elas?
- Não. Não tenho relações com elas. Faço sexo com elas.

Franzo o sobrolho, confusa.

– O que acontece? Elas vêm a tua casa e despem-se, tu fodes com elas e depois vão-se embora?

Ele acena.

- Exatamente.

Blhec...

- O que foi? – pergunta.
- Não consigo pensar em nada pior.
- Sou uma foda muito boa. Saem satisfeitas.

Nojento.

Arregalo os olhos e volto para o livro.

- O que é que isso significa? – pergunta.

– É por isto que eu nunca poderia sair com um mulherengo como tu. Somos de planetas completamente diferentes.

– Não sou mulherengo. Os mulherengos magoam as pessoas. As mulheres com quem saio sabem exatamente qual é a sua posição. É um acordo mútuo.

Levanto a sobrançelha.

– E aposto que cada uma delas está a pensar que vai ser a mulher que finalmente te vai domar.

– Calma, ninguém vai domar ninguém. – Ele revira os olhos.

Sorrio.

– Até domarem.

– Então?

– Então o quê? – pergunto.

– Não queres saber o que mais há por aí?

– Quero. – Faço uma pausa enquanto tento articular-me adequadamente. – Não é que eu não queira.

– Então porquê?

– Para mim, dar o meu corpo a alguém é sagrado. Não consigo imaginar-me a fazê-lo com alguém que não conheço e em quem não confio.

– O que estás a dizer é que estás à espera do casamento?

– Não é isso. Eu... Ainda não conheci ninguém que me desperte interesse. – Encolho os ombros ao pensar nisso. – Talvez *seja* chata.

Deita-se de costas.

– Talvez só tenhas dormido com um gajo que não era bom e ainda não estejas viciada em orgasmos.

– Talvez.

– Talvez esta viagem seja a tua licença sabática e te vás transformar na derradeira vagabunda coelhinha das fodas.

Rio-me.

– Talvez.

– Porque é que acabaram? – pergunta.

Penso por um momento.

– Não sei.

Ele coça a cabeça enquanto espera pela minha resposta.

– Quem foi a tua última namorada? – pergunto para mudar de assunto. Ele abana subtilmente a cabeça.

– Não queres falar sobre isso?

– Nunca tive uma namorada.

Contraio a testa.

– O que... nunca. Porquê?

Encolhe os ombros.

– Não sei. Nunca tive interesse, acho eu.

– Não é algo de que alguma vez tenha sentido necessidade.

– Isso é estranho. Que idade tens?

– Bem, estou no quarto dos fósseis.

– Isso é verdade. – Penso por um momento. – Talvez precises de ir a um

terapeuta – respondendo.

– Pergunta à minha mãe; ela dir-te-á o quanto.

Rimo-nos os dois e sabe bem falar com ele assim. Um reconhecimento silencioso corre entre nós. Não há nada de romântico, por isso não vale a pena estragar o que realmente é.

Sorri para o teto, como se achasse graça a alguma coisa.

– O que foi?

– Acho que o Bodie sente algo por ti.

Olho com espanto.

– Não, a sério?

– Acho que sim.

– A Kimberly perguntou-me se estavas disponível.

Torce os lábios como se estivesse a considerar a possibilidade.

– Ela é muito sensual, na verdade.

– Foi o que achei. – Penso por um momento. – Boas mamas.

Ele acena com a cabeça, também a pensar nisso.

– Provavelmente não é uma boa ideia se vamos viajar juntos. Seriam doze meses estranhos. – Ele torce o nariz.

Imagino-o a esquivar-se tanto da Kimberly como da Bernadette e dou uma risadinha.

– No entanto, seria um excelente entretenimento para mim.

Ele sorri.

– És uma miúda fixe, Rabugenta.

– Eu sei.

– Precisas de ajuda com o teu vibrador?

– Estavas a ir tão bem. – Suspiro e atiro-lhe uma almofada. Ele desata a rir e eu também.

Talvez ele não seja assim tão mau.

CHRISTOPHER

Sento-me no bar do *hostel* e percorro a secção de emprego.

Preciso de arranjar um trabalho e já.

O meu turno de três dias na empresa de táxis terminou e decidimos que vamos trabalhar aos fins de semana em Barcelona e viajar durante a semana para diferentes destinos.

Na segunda-feira, partimos para San Sebastián.

O que é um grande problema porque tenho 300 dólares em meu nome.

Na verdade, 297 dólares depois desta cerveja.

Como raio é que as pessoas vivem sem dinheiro? É uma merda.

– Ei. – Ouço uma voz e olho para cima. É o miúdo. Chegou para o seu turno desta noite. Passa para trás do balcão e veste o avental.

– Olá. – Sorrio.

– Obrigado pela outra noite – diz ele enquanto anda de um lado para o outro e começa a limpar.

– Tudo bem.

Observo-o por um momento. Não olha para mim.

– Só para que saibas, dei-lhe uma tarefa quando chegámos lá fora – acrescento.

Ele sorri enquanto empilha os copos bem alto.

– Onde aprendeste a lutar?

Encolho os ombros.

– Tenho três irmãos mais velhos que acham que têm sempre razão. Esmurrar-lhes a cara é algo natural. Ele sorri enquanto continua as suas tarefas.

– Vives aqui perto? – pergunto-lhe.

Ele acena.

– Não é longe. – Pega na vassoura e começa a varrer.

– Há quanto tempo trabalhas aqui? – pergunto.

– Hum... dois anos, ou assim.

– Começaste quando tinhas doze anos?

– Sim. – Encolhe os ombros como se fosse a coisa mais natural do mundo.

As coisas que deve ter visto.

Observo-o enquanto trabalha. Este miúdo intriga-me. Tão capaz e independente.

– Vives com os teus pais? – pergunto.

– Com a minha avó.

Pergunto-me onde estarão os pais.

– Tens irmãos ou irmãs?

– Não.

– Oh... – Ficamos em silêncio e ele continua a trabalhar. – Eu vivo em Londres – digo-lhe.

– Ele assente, mas não responde. – Originalmente, sou de Nova Iorque.

Os seus olhos arregalam-se.

– Como é? Nova Iorque?

– É a melhor cidade do mundo.

Ele sorri.

– Um dia, hei de lá ir. – Tira o telemóvel do bolso e abre a galeria até chegar à foto que me quer mostrar.

É uma fotografia da linha do horizonte de Nova Iorque ao anoitecer.

Sorrio ao olhar para ela.

– Vais adorar. – Devolvo-lhe o telemóvel e ele vai pô-lo no bolso, mas falha e cai no chão.

Dobra-se para o apanhar e o seu rosto descai.

– Oh, não – grita. – Ele lança as mãos para o ar. – Parti o ecrã.

– O quê? – Franzo o sobrolho. – Mostra.

Estende-o para eu ver, o ecrã está em pedaços.

Bate com ele no balcão e põe as duas mãos no cabelo em desespero.

Olho para o telemóvel. É antigo, muito antigo. É de admirar que ainda funcione.

– Está tudo bem – digo-lhe. – É só um ecrã de telemóvel.

– Poupei durante dois anos para o comprar – grita. As suas narinas estão dilatadas e parece estar prestes a chorar.

– Oh... – Pego no telemóvel. – Talvez possamos arranjar o ecrã. – Tento fazê-lo sentir-se melhor.

– Não há peças para este telemóvel. É demasiado antigo. – Bate com uma panela no balcão. Está genuinamente devastado.

– Eddie – chama um homem da frente. Ele olha para cima.

– Muda as garrafas de água da loja. Tenho um camião a chegar com mais *stock*.

Ele acena.

– Está bem.

– Despacha-te com isso – diz o tipo.

Olho de lado ao ouvir as ordens frias.

O miúdo corre para a frente para mover o *stock* e eu sento-me em silêncio, com o peso do seu mundo a pesar-me no peito. Trabalha como um cão e tem de poupar durante dois anos para comprar um telemóvel de merda.

Pobre miúdo.

– Arranjei-nos um emprego – anuncia o Basil enquanto se encosta a um banco ao meu lado.

– O quê? Onde?

– Num restaurante italiano. Estão à procura de três funcionários. Vi um cartaz na montra, entrei e ele ofereceu-me o trabalho de imediato. Perguntei--lhe sobre ti e a Hayden, e ele disse para vos levar aos dois e que podíamos todos começar à experiência.

– Ótimo.

– Começamos hoje à noite.
– Hoje à noite? – Torço o nariz. Tinha planos para tratar da minha pila esfomeada esta noite. Ando por aí com uma ereção constante.
– Hum-hum.
– Está bem. – Suspiro. – Obrigado.
Parece que é mais amor no duche para mim. A ideia é deprimente.
Preciso que me chupem a piça.



Pego na minha *t-shirt* e cheiro-a enquanto caminhamos.
– Ele lavou a merda da *t-shirt* antes de ma emprestar?
– Disse que a tinha lavado ontem – responde a Hayden.
– Que detergente é que usou? cão molhado?
– Provavelmente, é demasiado sovina para detergente – diz o Basil lá da frente.
Paro no lugar, horrorizado.
– Então... achas que não usou detergente?
– Não sei. Ele emprestou-te uma *t-shirt* preta simples que precisavas para esta noite. Fez-te um favor – bufa a Hayden. – Deixa de ser uma princesa.
– Não estou a ser uma princesa – digo. – Estou a ser higiénico. Alguém aqui sabe o significado da palavra?

O Basil e a Hayden reviram os olhos um para o outro.
– Eu vi isso – digo, enquanto olho para a longa rua. – Onde é o restaurante, afinal? Na Cochinchina?
Ficam em silêncio e continuam a andar em frente.
– Se calhar, devia ser um gigolô – digo-lhes. – Matava dois coelhos de uma cajadada.
A Hayden revira os olhos.
– Para alguém que odeia tanto odor corporal como tu, imagino que adorarias aquelas clientes a cheirarem mal.

Contraio os lábios com repugnância.
– Que nojo.
Encolhe os ombros.
– Estou só a dizer.
– Sim, bem, não o faças. Estou a ter uma má visão neste momento.
– De quê, de uma rapariga malcheirosa a querer que lhe faças um minete durante uma hora? – Vira-se e sorri docemente para mim. – Parece perfeito. Devias mesmo fazer isso.
Estremeço. Só de pensar, fico com o estômago às voltas.
– Eu escolhia as clientes – respondo. – Obviamente.
– Porque as boazonas estão sempre a pagar por sexo – responde o Basil.
Continuamos a andar e a andar...
– Onde raios é este restaurante? – Bufo. Olho para o meu telemóvel. – Não era suposto estarmos lá há cinco minutos?

– É já aqui. Cinco minutos de atraso não contam.
– Não contam? – grito. – Odeio pessoas que se atrasam – digo enquanto caminhamos. – Já dei uma carta de advertência por cinco minutos de atraso. Chega a horas ou sai.

A Hayden vira-se para trás e olha para mim, aparentemente chocada.
– A um miúdo?
– Oh... – Foda-se, pois é. Sou professor. – Não aceito merdas dos meus miúdos.
– Obriga-los a usar desodorizante? – pergunta o Basil.
– Sempre – respondo. Não é mentira. Se fosse professor, todos usariam desodorizante.
– Aposto que também odeias sapatos sujos – diz o Basil.
– Odeio mesmo sapatos sujos – concordo. – O estado dos sapatos de uma pessoa permite sempre ver o respeito que tem por si própria.
Ambos reviram os olhos.
– És a pessoa mais estranha que já conheci – responde Hayden.
– Sou normal – anuncio. – Porquê, em que é que tu trabalhas? – pergunto-lhe.
– Criação de animais – responde enquanto caminha em frente.
– O que é isso?

– Sou especialista em FIV para vacas.

– O que é que isso significa?

– Recolho o sêmen dos touros e engravido as vacas.

Tanto eu como o Basil paramos no mesmo sítio e ficamos a olhar para ela, chocados até ao tutano.

– Tu masturbas os touros? – Suspiro.

– Não. – Ela continua a andar. – Preparo-os para fazerem o que têm a fazer.

– Como? Assistem a pornografia com vacas? – Franco o sobrolho, fascinado.

A Hayden ri-se.

– Não, junto-os com uma novilha boazona e depois temos uma vagina falsa aquecida a sessenta e três graus Celsius e cheia de lubrificante, e eles fazem o que têm a fazer lá dentro. Um preservativo de grandes dimensões apanha o material.

Abro a boca.

– Tens uma vagina artificial para touros?

– Sim, suponho que lhe possas chamar isso. – Encolhe os ombros.

– E depois? – Suspiro. – O que é que se faz com o esperma do touro?

– Esperma do touro. – O Basil ri-se. – Isso tem piada. Devias estampá-lo numa *t-shirt*. – Ele levanta a mão no ar e faz uma forma de arco-íris. – Profissional de masturbação de touros.

– Levo-o para o meu laboratório e é congelado para quando for necessário engravidar uma fêmea.

– Como é que fazes isso? – pergunto. Isto foi a coisa mais aleatória que alguma vez ouvi.

– Tenho um instrumento e injeto-o no útero da vaca.

– Fazes uma operação para isso?

– Não.

– Então como?

Ela levanta o braço e indica que o espeta em alguma coisa.

Os meus olhos arregalam-se de horror.

– Tu não...

Ela sorri com um aceno.

– Sim.

– A mão toda?

Ela bate na parte superior do braço.

– O braço todo.

A boca do Basil e a minha abrem-se em choque. Não há palavras para o trabalho dela.

– Que raios, pá – arfa o Basil.

– Achas que conheces uma pessoa – resmungo baixinho.

– O que é que isso significa? – pergunta. – O que achavas que eu fazia?

– Isso não – bufo. – Nem sabia que isso existia. – Continuamos a caminhar por algum tempo. – Achei que eras enfermeira.

– Enfermeira? – Ela pergunta admirada.

– Sim, tens bom senso. Pensei que eras enfermeira.

– Não.

– Hmm... – Continuamos a andar. – Os touros sabem que não estão a foder a vaca?

– Não, acham que é a sério.

– Hmm... talvez devesse comprar um brinquedo desses. – Penso alto. – Quer dizer, se os touros gostam.

– Fica-te pelas vacas – responde a Hayden.

– Definitivamente, fiquei com algumas no meu tempo – concordo.

– É aqui – diz o Basil ao chegarmos ao restaurante. – Espero que consigamos os empregos. – Ele abre a porta e é recebido pela empregada. – Olá. Estamos aqui para começar a trabalhar esta noite.

A rapariga olha para a Hayden de cima a baixo. Hmm... Já não gosto dela.

– Olá. – Ela finge um sorriso. – Vão para as traseiras, para a cozinha – diz-nos ela.

Entramos no restaurante e olho à volta. Devem estar aqui duzentas mesas. Este lugar é enorme.

Atravessamos as portas duplas para encontrar a maior cozinha que alguma vez vi. As pessoas correm como formigas.

– Que horas são estas? – grita um tipo gordo. Toca no relógio. – Estão atrasados!

– Peço desculpa – balbucia o Basil. – Perdemos-nos. Não volta a acontecer.

– Não me façam perder tempo – ladra num sotaque italiano forte.

Chama alguém com a mão.

– A Maria vai mostrar-vos o que fazer. – Ele olha para nós. – Não deem cabo do meu restaurante. Estão-me a ouvir?

Quem é que este cabrão pensa que é?

– Está bem – a Hayden assente, e bate-me na perna para me lembrar de falar.

– Claro – respondo. Já não gosto deste gajo.

A Maria aparece.

– Olá, sou a Maria. Já trabalharam em hotelaria?

– Sim – respondem o Basil e a Hayden.

Já comi num milhão de restaurantes na minha vida. Quão difícil pode ser?

– Sim – minto.

– Ótimo. – Ela sorri enquanto olha à volta. – Algum de vocês tem experiência de bar?

– Eu tenho – diz o Basil.

– OK, ficas no bar – diz-lhe. – E vocês os dois servem às mesas.

– É para já.

– Vistam isto e... – Ela olha para mim. – Como te chamas? – pergunta-me.

– Christo – respondo.

– E tu? – pergunta à Hayden.

– Hayden.

– Está bem. Vistam isto. – Dá-nos dois aventais às riscas pretas e brancas.

– Cosmo, tu fazes o nível da frente; e Helga, tu fazes o canto de trás. – Vira costas para ir buscar uns blocos de notas.

– Helga – murmuro à Hayden. Ela arregala os olhos e tenta não se rir.

– Quando ouvirem uma campainha, significa que o pedido está feito e o devem levar para a mesa.

– Está bem. – Ambos assentimos. Parece simples.

– Chamem se precisarem de alguma coisa. – E vai-se embora.

– Helga – sussurro enquanto caminhamos para a cozinha.

Ela bate-me na perna.

– Cala-te, Cosmo.

A campainha toca.

– Pedido pronto – chama um tipo.

A comida é colocada numa bancada alta com lâmpadas de calor para a manter quente. O pessoal anda por todo o lado.

– Olá. – A Hayden sorri para o *chef*. – Sou nova, por isso...

O *chef* acena com a cabeça, demasiado ocupado para se preocupar.

– Isto, isto e isto para a mesa quarenta. – Ele passa os três pratos. A Hayden pega em dois deles e eu vou buscar o outro.

– Uma pessoa, três pratos – grita.

– Calma – murmuro.

A Hayden faz uma espécie de malabarismo e carrega dois pratos com uma mão e outro com a outra. Sai a correr para o restaurante.

A campainha toca novamente.

– Para que está a tocar a campainha?

– Estou mesmo aqui – digo.

– Sem conversa – grita o *chef*.

Franzo o sobrolho.

– Não estava a fazer conversa.

Ele passa três pratos.

– Mesa quarenta.

Pego em dois dos pratos.

– Três de uma vez – grita.

– Não sou um polvo – digo. – Já volto para vir buscar o outro.

– Não chega – diz.

O meu sangue começa a ferver. *Parvalhão*.

Vou até à sala e procuro a Hayden. Está no canto, a entregar os pratos. Como raio é que ela sabe o número de cada mesa? Caminho até ela. Na mesa estão sentados dez homens, todos muito embriagados.

– Massa? – pergunto, enquanto olho para eles.

– Que tipo de massa?

Olho para a taça. Hmm... Não faço ideia.

– Esparguete.

– Que esparguete?

– Não sei, porra, você é que a pediu.

A Hayden abana subtilmente a cabeça na minha direção.

– Que tipo de massa é? – ladra o tipo.

– A que pediu – ladro de volta. – Pouse o vinho e concentre-se.

A Hayden tira-me a taça e espreita para dentro dela.

– Camarão?

– Eu – alguém diz. – Ela pousa a tigela e ele continua a falar.

– Obrigado – corrijo-o. – Ele olha para cima.

– A boa educação é de borla – digo.

– Desaparece, pá – grunhe.

– O que é que disse?

A Hayden tira-me o prato e pousa-o.

– Por aqui – sussurra ela enquanto me puxa pelo cotovelo. – O que estás a fazer? – sussurra enquanto finge um sorriso.

– Este trabalho é uma merda.

– Do que é que estás a falar? É um ótimo trabalho.

– Vindo de alguém que fode vacas para ganhar a vida, não acredito que estejas qualificada para decidir – sussurro com raiva.

Ela olha à volta para o restaurante.

– Vai limpar as mesas.

– Como assim?

– Disseste que já tinhas feito isto.

– Menti.

– Raios – sussurra. – Recolhe os pratos sujos e leva-os para a cozinha.

– Está bem. – Aceno. – É um bom plano.

Caminho em direção à mesa. Um homem e uma mulher estão a conversar, o prato dele terminado. Pego no prato.

– Ainda não acabei. – Ele tira-mo.

– Então, porque é que a faca e o garfo estão assim juntos?

– Estava a falar.

– Menos conversa, mais ação. Não tenho a noite toda para esperar por si, sabia? – Afasto-me.

– Desculpe – alguém chama quando passo.

Viro-me e sorrio ao ver a mulher mais sensual que vi esta semana.

Finalmente... algo bom neste restaurante.

– Sim.

– Podia-me trazer um orgasmo?

– Não fazes ideia – respondo enquanto me imagino a dobrá-la sobre a mesa.

Ela pisca os olhos.

– Refiro-me ao *cocktail*.

– Oh... claro! – Finjo um sorriso. Eu sabia. Raios, preciso de foder.

Caminho para o bar e para o Basil.

– Podes fazer-me um Orgasmo, por favor, para a Miss Obscena às duas horas?

Ele olha para ela.

– Não sei fazer isso.

– Disseste que já tinhas feito isto.

– Menti.

– Caraças. Pesquisa.

– Já tentei. Não tenho rede.

– Que trapalhada – sussurro com raiva. – A única pessoa que estou a tentar impressionar e tu estás a estragar tudo.

– Vai perguntar-lhe o que leva um Orgasmo.

– É que nem penses. Ela é toda boazona. – Ambos olhamos para ela, sentada com o seu vestido preto

justo e o longo cabelo escuro. Outro tipo vem trabalhar para o bar.

– Como se faz um *cocktail* Orgasmo? – pergunto-lhe.

Ele encolhe os ombros como se não se importasse com nada.

– Não sei.

– O quê? – Arqueio o olhar. – Como é que não sabes? Não és o *barman*? Não há aí um manual ou uma merda assim?

– Há, mas está escrito em italiano – diz o rapaz.

– Faz qualquer coisa. Nunca ninguém se queixa de maus *cocktails*.

– Sim, tens razão. Aceno. – Decidam entre vocês. Mas façam-no bem, porque quero voltar à mesa dela pelo menos dez vezes.

– Cosmo – chama a Maria. – Pratos.

– Sim, sim, estou a ir, bruxa – murmuro baixinho enquanto volto para o restaurante.

– Já terminaram? – pergunto a duas pessoas.

– Sim – dispara o homem.

Encaro-o. Porque é que as pessoas são tão mal-educadas neste sítio?

É uma cidade de porcos.

Levo os pratos para a cozinha e vejo a Hayden à espera de comida para levar.

– O que faço com isto? – pergunto-lhe.

– Raspa-os para o caixote do lixo, depois enxagua-os e empilha-os ao lado para serem lavados.

– Está bem.

Raspo-os e depois olho para uma coisa enorme que sai de um grande tubo preto no teto. Tem um bocal prateado grande na extremidade que parece uma pistola de bebidas. Tento ler os botões.

É isto a torneira?

Olho à volta. Como é que isto é uma torneira?

Seguro o prato no lava-loiça e carrego no botão, e um jato de água capaz de derrubar uma *bunker* atinge o prato e espalha água sobre mim e sobre toda a cozinha. As chapas quentes chamam quando a água lhes bate. – Tento desligar e aumenta a potência. A mangueira começa a ficar descontrolada e a rodopiar e a pulverizar por todo o lado. Toda a gente está a gritar e a abrigar-se.

– O que estás a fazer? Desliga a torneira, seu idiota.

– Se fosse uma torneira, fá-lo-ia – grito enquanto luto contra a água que se desvia. – Isto é a merda de uma mangueira de incêndio. Arranje equipamento melhor, idiota.

A Hayden corre e tenta agarrar a torneira descontrolada enquanto esta voa. Estamos ambos saturados.

Um empregado de mesa entra na cozinha e escorrega na água, deixando cair o tabuleiro com os pratos.

– Peço desculpa – digo. – A segurança no trabalho no seu pior.

A Hayden desata a rir e eu também. Isto é ridículo.

– Fora da minha cozinha – grita o dono. – Seus idiotas!

Tiro o meu avental e a Hayden arregala os olhos.

– Vamos embora.

– O quê?

Viro-a, desaperto-lhe o avental e agarro-lhe na mão. – Vamos. Corremos pelo restaurante e os olhos do Basil arregalam-se quando nos vê. Olha em volta como se não soubesse o que fazer, e depois corre também. Corremos para a rua e desatamos a rir, completamente saturados e parecendo ratos afogados.

– O que raio aconteceu com vocês? – arfa o Basil enquanto nos olha de cima a baixo.

– Mangueira de incêndio.

Ele arregala os olhos.

– Ele borrifou-vos com a mangueira de incêndio?

– Sim – minto.

– Que merda – grita. – Temos de fazer queixa dele a alguém. Isso é errado, meu... as instruções têm de estar em inglês.

Estou a rir-me tanto que mal consigo estar de pé, e a Hayden também.

– O que fazemos agora? – pergunta o Basil, de olhos arregalados.

– Vamos festejar.



Inspiro profundamente ao acordar do meu sono. Hum... Tenho de voltar para o meu quarto.

Tenho uma mulher nua debaixo de cada braço, as nossas pernas entrelaçadas nos lençóis. Foi uma boa

noite.

Precisava disto.

Eu mexo-me e ambas se agarram a mim.

– Onde é que vais? – sussurra uma.

– Para casa. – Levanto-me, saio da cama e sorrio ao vê-las adormecer. Inclino-me, dou um beijo a cada uma e passo a mão pelas suas ancas nuas.

Sensual.

Volto para o *hostel* e entro no duche; a água quente e vaporosa cai sobre a minha cabeça e ensaboo-me enquanto as lavo de mim.

Estou exausto. Foi um dia muito longo.

Entro sorrateiramente no meu quarto e encontro a Kimberly na minha cama. O quê?

Que raio se passa aqui? Este não é o quarto dela.

Raios, teria ficado onde estava se soubesse que não tinha uma cama aqui. Olho à volta para o quarto escuro. Foda-se. Vou-me deitar com a Rabugenta.

Deslizo para junto dela e enfito-me debaixo dos cobertores. Ainda a dormir, ela encosta-se a mim para arranjar espaço. Viro-me de lado e ponho o meu braço à volta dela por trás. Inspiro o doce aroma do seu cabelo e sinto as suas curvas debaixo do meu braço.

E depois, na cama com a minha pessoa favorita em Espanha, sinto-me finalmente a relaxar.

Capítulo Oito

HAYDEN

O som de uma porta a bater no corredor acorda-me e eu esfrego os olhos. Há alguém na cama comigo, o seu corpo aconchegado contra o meu por trás, e pelo seu cheiro celestial, sei exatamente quem é.

– Porque é que estás na minha cama? – sussurro-lhe com voz rouca.

– Shh, menos conversa, mais sono – murmura com os olhos fechados.

Adormecemos em conchinha, e tenho de admitir que o contacto físico próximo com alguém é agradável. Não abracei ninguém desde que cheguei aqui há uma semana.

Ouçó movimento.

– Oh, não. – Arfa a Bernadette. – Disseste que não havia marotices com os colegas de quarto. Ela olha para mim e para o Christopher do seu beliche de cima.

O Christopher mexe-se.

– A isto chama-se dormir, Bernadette. Sem marotices.

– Oh – diz, como se estivesse aliviada. – Podias ter dormido comigo.

– Socorro – sussurra ele, enquanto me puxa para mais perto dos seus braços, e eu sorrio afetadamente.

– Ele dorme contigo amanhã à noite, Bernie – respondo. Ele belisca-me debaixo do cobertor e eu dou uma risadinha.

Continuamos deitados nos braços um do outro e ele aconchega-se mais. O seu grande braço está à volta da minha cintura e os nossos corpos e pernas nuas estão encostados um ao outro.

– Olha quem está todo enroscado e fofinho – sussurro. – Suponho que a noite passada tenha corrido bem.

– Shh. – Ele enrosca-se mais. – Agora, estás a ser irritante.

Rio-me.

O seu telemóvel emite um sinal sonoro de mensagem e ele vira-se de costas para o verificar.

– Hum – murmura ele enquanto lê. – Finalmente.

– O quê?

Ele vira-me e puxa-me para o seu peito. O seu braço está à volta dos meus ombros.

– O meu novo cartão já está no banco.

Hmm, ainda estou meio a dormir.

– Vens comigo buscá-lo?
– Não.
– Podem-se calar, vocês dois? – diz o Bodie. – Há pessoas a tentar dormir aqui.
– Eu sou uma delas. – Encosto a minha testa à de Christopher e sinto-o sorrir por cima de mim.

Ele tenta adoçar a proposta.

– Se vieres comigo, pago-te o almoço.
– Hum. – Levo a minha mão ao peito dele e reparo nos pelos escuros que tem.
– O que vamos comer com o teu orçamento, *noodles* de 2 minutos?
– O que é isso?

Contraio o rosto enquanto olho para ele.

– *Noodles* de 2 minutos?
– Não sei o que é isso.
– Toda a gente sabe o que são *noodles* de 2 minutos – responde o Bodie do seu beliche de cima.

– Pensei que estavas a dormir – diz-lhe o Christopher.

– Um cabrão qualquer está a acordar-me com perguntas idiotas sobre *noodles* de 2 minutos.

O Christopher ri-se e, sem pensar, passa os dedos pelo meu braço. – Vá lá, Rabugenta, vem comigo.

– Humm, não me apetece. – Torço o nariz. – Estou cansada e com ressaca.
– Eu também. – Ele senta-se. – Vá lá.
– Porque é que não podes ir sozinho?
– Porque é que eu quereria ir sozinho quando te podia ter a ti como guarda-costas pessoal?

– Telefona às tuas miúdas de ontem à noite – respondo secamente, com os olhos ainda fechados. – Elas vão contigo.

– Não ando com elas – diz ele como se estivesse enojado com a sugestão. Ele sai da cama. – Quando voltarmos, o Basil e eu vamos lavar a nossa roupa. Não vamos, Baz?

– Vai-te foder – resmunga o Basil de debaixo da almofada. – Quem é que pensa nesta merda logo de manhã? Nunca conheci alguém que ficasse tão excitado com sabão. Não vou lavar roupa; lavei-a na semana passada.

– Lava-se tudo de cada vez que se usa.
– Quem é que faz isso? – ironiza o Basil.
– Homens que fazem sexo.

Não sou capaz de esconder o meu sorriso. Como é que este homem é tão cativante? Devia odiar tudo nele.

– Por falar em sabão, preciso de tomar banho.

O Christopher estende o braço em direção à porta.

– O seu *spa* de cinco estrelas está pronto e à espera.

Rio-me. A casa de banho de merda do dormitório não está definitivamente pronta ou à espera.

– Vou buscar as nossas coisas aos cacifos – oferece.
– Está bem... – Suspiro.

Ele desaparece para o corredor, e eu sorrio de forma pateta para a cama por cima de mim.

– Odeio o facto de ele estar todo animado de manhã – diz a Bernadette.

– Isso é porque foi apanhado ontem à noite por duas jeitosas – responde a Kimberly.

Imagino-o a rebolar nos lençóis com aquelas duas raparigas e o meu rosto descai.

O ciúme revolve-se no meu estômago. Pergunto-me se ele as vai voltar a ver. Claro que vai... *ele* é assim.

Para.

Não é assim entre nós, relembro a mim mesma. Ele pode fazer o que quiser com quem quiser.

A porta abre-se de novo e ele espreita.

– Só estou a ver se estás a pé.

– Meu Deus – disparo. – És tão irritante.

– Temos de ir em breve.

– Porquê?

– Porque preciso de comida.

– Não vamos sair para almoçar?

– Para o pequeno-almoço também. Tu pagas.

A porta fecha-se e eu sorrio novamente.

Parvalhão.



Estamos na berma da estrada movimentada. O trânsito passa a rodopiar.

O Christopher olha para a esquerda, depois para a direita e depois para a esquerda novamente.

– Vá lá. – Ele agarra na minha mão e puxa-me pela estrada.

– Onde é o banco? – pergunto.

– Já ali. – Ele segura o telemóvel e segue o mapa.

– Como é que perdeste o cartão, mesmo? – pergunto.

– Oh... – Ele revira os olhos. – Nem queiras saber.

– Como?

Ele puxa-me pela mão.

– Digamos que tive uma experiência zoológica desagradável na minha primeira noite aqui.

Olho com espanto enquanto andamos.

– O que é que isso significa?

– Fui para casa com uma rapariga, e, quando ela se despiu, era tão peluda que pensei que estava com um gorila. Fui para a casa de banho telefonar ao meu irmão e para me passar, e saí apenas para descobrir que ela tinha roubado o meu cartão e limpado a minha conta bancária – diz ele apressadamente.

Pisco os olhos, horrorizada.

– Eu sei. – Abana a cabeça.

– Qual é o problema de uma mulher ter pelos? – pergunto, enquanto sou arrastada.

– Oh, meu Deus... – Ele revira os olhos. – Não me digas que tu também.

– Então?

Encolhe os ombros.

– Não gosto... e tenho o direito de, pessoalmente, não gostar.

– O quê? – grito. – Como assim, não gostas?

– Quer dizer, uma quantidade normal de pelos... tudo bem. Agora, nunca cortar, nunca depilar, ao estilo de cultivar um arbusto no meio das pernas, nem pensar.

Rio-me... raios, isso lembra-me de que preciso de um corte. Hum, é melhor comprar uma tesoura.

Ou talvez um *kit* de depilação caseira.

Chegamos ao banco e ele dirige-se ao balcão.

– Senta-te. – Aponta para a cadeira.

– Vou contigo. – Fico ao lado dele enquanto ele fala com a caixa.

– Olá, perdi o meu cartão e pedi um novo. Recebi uma mensagem esta manhã a dizer que estava aqui neste balcão, pronto a ser recolhido.

– Muito bem. – Ela sorri. – Identificação, por favor.

Ele desliza-a e ela introduz a informação no computador. Ela espera, e depois as suas sobranceiras levantam-se. Como que surpreendida por algo, ela olha entre ele e o ecrã.

– Sr. Miles?

Ele corta-lhe a palavra.

– Sim. Cartão, por favor.

– Só um minuto. – Ela vai-se embora.

– O que se passa com a tua conta? – sussurro.

– Ela está mortificada com a falta de dinheiro – sussurra ele.

Rio-me.

– Não estamos todos?

Ele olha-me de lado.

– Afinal, *vou* pagar o pequeno-almoço. – Arregalo-lhe os olhos.

Ele sorri.

– É verdade, vais mesmo. – Ele pressiona os lábios. – E depois, vou comprar-te *noodles* de 5 minutos para o almoço.

A senhora regressa e começa novamente a escrever no computador.

– Dois – sussurro.

– Dois o quê?

– *Noodles* de 2 minutos.

– Oh... – Concorde ele com a cabeça. – Ótimo *marketing*.

Enrugo a testa.

– Como assim?

– Bem, sabes instantaneamente o que é.

– Instantaneamente, não – sussurro. – São dois minutos.

Ele ri, põe o braço à volta dos meus ombros e puxa-me para junto de si. A senhora entrega-lhe o cartão.

– Assine aqui, por favor. – Ele assina, e depois ela dá-lhe outro papel para

assinar. – E aqui. – Ela dá-lhe um grande sorriso. – É tudo. Os dois pombinhos tenham um ótimo dia.

– Obrigado. – Ele sorri. – Vamos ter.

Saímos do banco; o braço dele ainda à minha volta. E não é estranho, não é incómodo. De facto, é muito natural que ele me toque. O que, por si só, já é estranho, porque não sou uma pessoa muito de toque.

Talvez seja porque sei que é apenas amizade e nada mais.



Passeamos pela gigantesca zona comercial; o meu braço está ligado ao dele. Tivemos o melhor dia de sempre. É fim da tarde e, de alguma forma, eu e o Christopher perdemos horas e horas. Tomámos o pequeno-almoço, depois fomos às compras e ambos comprámos um livro.

– Não sei a que sabem os *noodles* de 5 minutos, mas tenho a certeza de que o nosso almoço foi melhor – diz o Christopher.

– Foi mesmo.

– Sabes... – Ele olha para mim. – É a primeira vez que uma mulher me paga o almoço.

– Não...

– Verdade.

Ergo o olhar para ele.

– Não vais a encontros ao almoço?

– Muitas vezes.

– E pagas sempre o almoço às mulheres?

– Sim.

– Porquê?

– Não sei. – Encolhe os ombros. – Simplesmente, pago.

Reviro os olhos.

– Meu Deus, deves sair com burrinhas.

– Porque dizes isso?

– Pagar as próprias despesas é uma questão de amor-próprio. – Ele franze o sobrolho ao refletir sobre as minhas palavras.

– Não importa se és um mendigo de rua ou um milionário; se uma mulher *nunca* se oferece para pagar as suas despesas, então não está contigo pelas razões certas.

Ele ergue uma sobrancelha enquanto caminhamos, permanecendo em silêncio.

– Não concordas? – pergunto-lhe.

Ele dá uma desculpa.

– Mas se um tiver mais dinheiro do que o outro...

– Não importa, Christopher – bufo. Detesto que estas mulheres se aproveitem dele desta forma. – Se pensas que por elas te oferecerem os seus corpos numa bandeja, tens de pagar por tudo... não estás a sair com elas. Estás a pagar-lhes por sexo. É claro como o dia. Como é que não vês?

Ele torce os lábios enquanto caminhamos, ainda sem dizer nada.

Pergunto-me, será que é assim que as coisas funcionam com ele? Será que se aproveitam dele por ser bondoso?

– Oh, quero ir aqui. Puxa-me para uma loja. – Vou ser rápido.

Olho para o sinal em cima da porta.

PHONE WORLD

– Olá – diz ele ao empregado da loja.

– Olá.

– Repararam ecrãs... – Passa rapidamente os olhos pelas fotografias que tem no telemóvel e depois levanta-o para lhe mostrar. – Deste telemóvel?

O tipo estreita os olhos enquanto estuda a fotografia. Ele enruga a cara.

– Não, não, muito velho. Não consigo arranjar peças – diz ele com um forte sotaque espanhol.

– Oh. – O rosto de Christopher esmorece.

– De quem é esse telemóvel? – pergunto.

– Eduardo.

– Quem? – Pergunto curiosa.

– O miúdo do bar.

– Oh... – Como é que ele sabe isto?

O Christopher olha através do armário de vidro para todos os novos telemóveis.

– Quanto custa este?

Olho com espanto. O que é que ele está a fazer?

– Cento e noventa euros.

O Christopher estremece.

– Au.

Toco-lhe na perna. Ele não tem dinheiro para isto.

– O que estás a fazer? – sussurro.

– Ele poupou durante dois anos para este telemóvel – sussurra. – Eu parti-o.

– Como?

– Ele deixou-o cair quando lho passei.

Tento fazê-lo sentir-se melhor. – Então, não o partiste.

– Sim, mas sinto-me uma merda. Não consigo parar de pensar no assunto. Ele aponta para o telemóvel através do vidro. – Levo aquele, por favor.

– Está bem. O tipo começa a embrulhá-lo e eu olho para ele em choque. Está falido, e aqui está ele a comprar um telemóvel novo para um miúdo que nem sequer conhece.

– Chris – sussurro. – Não tens dinheiro para isto.

– Não faz mal, eu transfiro-o das minhas poupanças – sussurra. – Vou arranjar outro emprego esta semana, não te preocupes.

Mas preocupo-me porque sei que por detrás de toda esta treta de mulherengo está um homem bom e gentil... do qual as pessoas se aproveitam.

Ele e o funcionário da loja analisam a garantia e as instruções.

– Eu espero lá fora – digo.

– Está bem.

Saio e ouço alguém chamar o meu nome.

– Hayden.

Viro-me e vejo um homem que conheci ontem à noite. Está num *hostel* ao

fundo da nossa rua.

– Olá, Zack. – Falámos mais de uma hora. Parece muito simpático.

– Passei o dia a pensar em ti. – Ele sorri.

– A sério? – O meu estômago dá uma pequena reviravolta.

– O que fazes aqui? – pergunta.

– Estou à espera de um amigo, o meu colega de quarto. Está a comprar um telemóvel.

– Oh, certo. – Ele sorri.

Eu sorrio de volta enquanto o ar crepita entre nós.

O Christopher sai pela porta com o telemóvel dentro de um saco de compras.

Olha para o Zack e para mim.

Apresento-os.

– Christopher, este é o Zack.

– Olá – diz ele enquanto apertam as mãos.

– Então partilhas um quarto com ela? – diz o Zack com um sorriso enorme. –

Sortudo do caraças.

O queixo de Christopher inclina-se para o céu como se estivesse aborrecido.

– Onde é que estás hospedado? – pergunta.

– No Rubens Backpackers. – O Zack volta a sua atenção para mim. – Hayden, queres sair hoje à noite... tipo um encontro?

– Ela tem planos – responde o Christopher antes de eu ter hipótese de abrir a boca para responder.

– Oh.

Os olhos do Zack passam entre mim e o Christopher.

– Mas podem encontrar-se connosco, se quiserem – ofereço.

O Zack sorri abertamente.

– Parece ótimo. Tira o telefone do bolso. – Eu dou-te o meu número. Manda mensagem a dizer onde estás.

– Está bem.

Dou-lhe o meu número e o Christopher olha para ele. Qual é o problema dele?

– Até logo à noite? – pergunto.

– Mal posso esperar. – O Zack sorri.

– Adeus – diz o Christopher, enquanto agarra na minha mão. – Temos de ir, Hayden.

Arqueio o olhar. É a primeira vez que me lembro de ele ter dito o meu nome.

– Quem é ele? – dispara o Christopher enquanto nos afastamos.

– Conheci-o ontem à noite. Falámos durante horas.

– Quando? – ridiculariza. – Nunca o vi na vida.

– Enquanto estavas a entreter o teu harém. – Sorrio. Viro a cabeça para ver o Zack afastar-se na direção oposta. – Giro, não é?

– Não gosto dele – dispara.

– Nem o conheces.

– Bem, o que é que ele faz?

– Não sei.

– Como assim, não sabes? Isto é uma informação essencial, Hayden.

– Porque é que, de repente, me estás a chamar Hayden? És tu o Rabugento, agora?

– Cala-te – diz ele enquanto caminhamos. – De onde é que ele é?

– Do Havai.

– Havai – dispara. – Porque viria para aqui? Não está de férias o ano inteiro?

– O que se passa contigo? – Enrugo a testa.

– Nada. – Ele caminha a passos largos, claramente irritado. – Disseste-me que não andavas a sair com ninguém, só isso.

– Nunca disse que não andava a sair; disse que não tinha interesse em partilhar fluidos corporais com alguém que não conheço.

Ele revira os olhos.

– Não sejas grosseira.

– O quê? – bufo. – Diz o roto ao nu. Quase tudo o que dizes é sexual. O teu nome é Christopher Grosseiro.

– Não sejas engraçadinha – diz enquanto caminha à minha frente. – Guarda isso para o Zack.

– Está bem. – Caminho. – Vou guardar... e além disso...

Ele corta-me a palavra.

– Não fales comigo.

Ponho as mãos na anca.

– Estás com ciúmes?

– Não. Não tenho ciúmes. Nunca fico com ciúmes.

– Como queiras. – Reviro os olhos.

Ele volta-se novamente para trás.

– Ele sabe que durmo contigo e que fazemos conchinha na cama?

Franzo o sobrolho. Que raio se está a passar aqui?

– Hum... para tua informação, pinga-amor, caíste na minha cama depois de teres feito uma orgia com duas raparigas. Não foi propriamente um momento romântico.

– Não foi uma orgia – ladra ele enquanto continua a marchar. – Eram só duas.

– Oh. – Lanço as mãos para o ar. – Consegues ouvir-te? Tu podes dormir com todas as mulheres da cidade. Eu conheço um tipo numa discoteca e tu comportas-te como um idiota.

– Não quero saber o que fazes – dispara.

– Ainda bem – disparo de volta.

Caminhamos para casa em silêncio. Como é que um dia tão maravilhoso acabou com uma birra de criança? Ele está a andar como o Hulk.

– Sabes, ficas giro quando estás zangado – provoco.

– Cala-te. – Ele vira-se para mim como o diabo em pessoa. – Anda mais rápido. Tens de te preparar para o teu encontro.

Tiro a minha lâmina de barbear de um saco de compras e levanto-a.

– Tens razão, pois tenho. – Sorrio enquanto mexo as sobrancelhas.

Os seus olhos saltam das órbitas.

– Não vais dormir com ele, Hayden. Tira isso da cabeça imediatamente, caracas. Vais continuar com um.

- Qual é o teu problema? – pergunto.
- Nenhum. – Ele continua a andar.
- Tens um harém, Christopher. Porque é que te importas comigo?
- Não te iludas – diz. – Não importo.
- OK, muito bem.

Chegamos ao nosso *hostel* e subimos as escadas.

- Muito bem – diz ele. – Vai lá rapar a tua rata.

Começo a ficar furiosa. Ele está a falar a sério?

- Vou mesmo.

CHRISTOPHER

Estou sentado no bar do *hostel*. Arranjei-me e vim logo para aqui. Não quero estar perto daquela mulher irritante. Levo uma cerveja à boca e inclino a cabeça para trás. Quer dizer, se ela quer andar a foder por aí... ela é que sabe. Mas que não venha chorar no meu ombro quando o seu cavaleiro andante se revelar um idiota.

Vou estar ocupado.

Vejo uma pessoa pequena a entrar pela porta da frente e sorrio. Lá vem ele.

- Olá – diz ele, feliz.

- Olá.

Põe um avental.

- Como correu a reparação do telemóvel? – pergunto.

Ele encolhe os ombros enquanto começa a pegar nos copos e a colocá-los na máquina de lavar loiça.

- Ainda não fui à loja.

– Oh... – Observo-o por um momento. – Fui hoje a uma loja e perguntei quanto é que ia custar a reparação.

- O que é que disseram?

Aparece um homem e senta-se no bar.

- Um minuto – diz-me Eduardo. Ele caminha em direção ao homem. – *Was wird es sein?*

- Pilsner.

- *Drei Euro*. – Ele pega numa cerveja, abre-a e entrega-a.

O tipo paga e vai embora. O Eduardo volta para junto de mim e começa a carregar os copos novamente.

- Quantas línguas falas? – pergunto-lhe.

Encolhe os ombros.

- Algumas. Só o que apanhei por aqui.

- Então, sobre o teu telemóvel.

Ele continua a sua tarefa, aparentemente desinteressado.

- O tipo disse-me que é demasiado velho para ser reparado. Não conseguem arranjar peças.

Os seus olhos piscam.

- Eu sabia. – Os ombros dele descaem em derrota.

Deslizo a caixa.

- Tenho uma coisa para ti.

Os seus olhos erguem-se para os meus.

- Porquê?

- Porque sim. – Encolho os ombros. – Senti-me mal por te ter distraído e teres deixado cair o telemóvel.

Ele continua a carregar os copos.

- Tu não me distraíste.

Toco na caixa.

- Abre.

- Estou bem.

- Abre – exijo.

Ele expira pesadamente e abre a caixa. Um iPhone novinho em folha olha para ele.

Ele fica de boca aberta e pisca os olhos.

Sorrio abertamente.

– Surpresa.

O seu rosto descai e ele devolve-mo.

– Não sou assim, está bem?

– Assim como? – Pergunto com espanto.

Do que é que ele está a falar?

– Podes enfiar o telemóvel no rabo.

– O quê? – Levanto-me, ofendido.

Ele passa por mim e vai até à cozinha.

O que é que eu fiz? Pensei que ia ficar entusiasmado... oh. Depois apercebo-me.

Pensa que eu quero favores por isto.

A tristeza apodera-se de mim. Este pobre miúdo. O que ele deve ver por aqui.

Fecho os olhos com repugnância.

Ele volta a sair e começa a bater com os copos.

– Não quero nada em troca. Isto não é um suborno. Só estava a ser simpático, só isso. Também não sou assim.

Ele limpa o banco com tanta força que me surpreende que não o parta ao meio. Dirige-se às mesas e coloca as bases para copos enquanto eu o observo.

Foda-se.

Como é que resolvo isto?

– Muito bem, se não aceitas, podes trabalhar por ele.

As suas orelhas levantam-se, mas continua a não olhar para mim.

– Tenho trabalhos em que preciso de ajuda e posso pagar-te à hora.

– Como o quê?

Foda-se...

– Preciso de um tradutor de espanhol.

Ele contrai o rosto, despertei o seu interesse.

– Tenho de arranjar um trabalho e preciso de alguém... que traduza para mim. – Consigo perceber que está interessado. – Os meus colegas de quarto também precisam todos de ajuda. Podias ajudar-nos a encontrar trabalhos ou assim? – Encolho os ombros. Estou a improvisar completamente.

– Quantos colegas de quarto? – pergunta.

– Somos seis, rapazes e raparigas. – Lanço as mãos para o ar em rendição. – Juro que isto não é o que pensas. Só precisamos de um tradutor. É só isso, mais nada. Estabelecemos um preço por hora e podes trabalhar por ele. Completamente profissional.

Ele torce os lábios e vejo que está interessado na oferta.

– Bem, pensa nisso. – Deslizo novamente o telemóvel na minha direção e guardo-o. Os seus olhos seguem-no enquanto o volto a colocar no saco.

Ouçoo um assobio baixo da mesa alemã e olho para cima. A Hayden acabou de entrar no bar.

Está a usar um vestido preto justo que mostra todas as curvas. O seu longo cabelo cor de mel está solto e cheio, e tem um ar apetitoso. A minha pila contrai-se instantaneamente de agrado quando ela se aproxima.

– Não olhes para mim assim – sussurra.

– Assim como?

– Como se fosse a tua próxima refeição.

Levanto os olhos para ela.

– Talvez sejas.

Capítulo Nove

HAYDEN

O lhamos um para o outro. O ar crepita entre nós e eu abro a boca para responder, mas, pela primeira vez na minha vida, fico chocada em silêncio.

Ele não acabou de dizer aquilo.

– Hayden, este é o Eduardo. – Gesticula para um jovem adolescente que não tinha visto a trabalhar atrás do balcão. Acho que é o mesmo pelo qual entrou numa luta na outra noite.

Viro-me, envergonhada.

– Olá. – Sorrio.

– O Eduardo vai ser o nosso novo tradutor.

Contraio a testa enquanto olho para os dois. Ouvi bem?

– Desculpa?

– Parti-lhe o telemóvel, por isso arranjei-lhe um de substituição, mas... – Faz uma pausa para dar efeito. – Ele tem de trabalhar por ele – responde com severidade. – Então... vai ajudar os nossos colegas de quarto.

Sorrio, com o acordo que ele fez a tomar forma na minha mente.

– Está bem, parece um ótimo plano. A ajuda dava-nos muito jeito – digo enquanto alinho na brincadeira.

O Eduardo olha entre nós, aparentemente entusiasmado.

– Eu arranjo-vos emprego – diz ele com um forte sotaque espanhol. – Conheço muita gente em Barcelona – gagueja ele como se estivesse a tentar convencer-me.

– Que emocionante. – Sorrio. Os meus olhos passam para o Christopher e ele pisca-me o olho subtilmente.

– Mas só podes ter o telefone quando todos nós tivermos emprego e tu o tiveres pago – recorda-lhe o Christopher.

– Está bem. – Ele acena. – Vou trabalhar para ele.

Christopher sorri afetadamente.

– É *por ele*. «Vou trabalhar por ele.»

Ele corrige-se.

– Vou trabalhar por ele.



A música está alta e a discoteca está a bombar.

– Há quanto tempo... – diz o Zack.

Sustento o olhar enquanto tento concentrar-me para o ouvir.

– Desculpa, o que é que disseste?

Ele aproxima-se e põe a mão à volta da minha cintura para poder falar ao meu ouvido.

– Eu disse: há quanto tempo andas a viajar?

– Oh, só há duas semanas. Sou nova nisto tudo. E tu?

– É o meu oitavo mês.

– Uau. – Sorrio, depois olho de relance para o Christopher, que me olha de soslaio do bar... como esteve a fazer a noite toda.

Pensava que éramos amigos.

Sempre que me viro, vejo a sua cara furiosa. Estou farta.

Olho de volta. Honestamente, não tenho tempo para a sua birra infantil. Dormiu com duas mulheres ontem à noite e depois tem a audácia de ficar chateado comigo por falar com um homem.

Que piada.

Não vou ser manipulada desta maneira. Tem de crescer, porra.

– Vou só à casa de banho – diz o Zack.

– Está bem.

Ele afasta-se e beberico a minha bebida.

– Quero dar-te uma palavrinha – grunhe o Christopher.

– Não.

Ele enruga a cara.

– O que queres dizer com «não»?

– N-Ã-O – soletro.

– Ouve – cospe por entre dentes cerrados.

– Não. Ouve tu – grito. – Não insultes a minha inteligência ao agir com ciúmes quando ambos sabemos que não tens qualquer intenção de andar atrás de mim.

Os seus olhos quase saltam das órbitas.

– Lá fora. Imediatamente.

– Está bem. – Diriço-me para a porta, chateada. Estou zangada.

Como é que ele se atreve?

Saímos pela porta da frente da discoteca para a rua.

– Qual é o teu problema? De cada vez que me viro, estás a olhar para mim com ar zangado.

– Não confio nele.

– Nem o conheces – digo.

– Conheço o tipo dele. Estive a analisá-lo a noite toda.

– Ah! – expludo. – E que tipo é, Christopher? Um homem que só quer mulheres para sexo? Bem, tenho novidades para ti, meu caro. É preciso ser um para detetar um. – Dou um passo em frente e bato-lhe com força no peito. – Se queres analisar algo, porque não tentas perceber porque é que tens expectativas tão baixas?

– Não tenho expectativas baixas em relação às mulheres – grita ele de volta. – As tuas expectativas em relação aos homens são demasiado elevadas.

– Quem falou em mulheres? – grito. – Tens expectativas baixas em relação a ti.

– Isso é ridículo!

– É verdade. – Lanço as mãos para o ar com repugnância. – É por isso que dás o teu corpo tão facilmente. Não te valorizas.

– Vai-te foder.

– Como é que não vês?

– Vejo o quê?

– Que, no fundo, achas que ninguém te pode amar por aquilo que és.

O seu rosto descai.

– Porquê? – pergunto com suavidade. – Porque não faz qualquer sentido para mim.

Os seus olhos procuram os meus e sei que atingi um ponto sensível.

– Porque é que achas que o duro e rápido é seguro? Quando é que vais deixar de te esconder de ti próprio? És adulto. Cresce.

– Não sabes de que porra estás a falar.

– Não posso ajudar-te com isto, Christopher. Queres andar por aí a foder, ótimo. Faz isso. Mas não venhas com o «coitadinho de mim» quando as pessoas que gostam de ti conhecerem alguém digno.

– Que grande coisa. Gosto de me divertir. Não há nada de errado comigo – cospe.

– Continua a dizer isso a ti próprio.

– Sabes que mais... que se lixe isto. – Ele vira-se e caminha para a escuridão.

– Não podes curar a ferida enquanto não a encontrares, Christopher – chamo por ele.

– Vai fodê-lo. Nem quero saber – responde.

Vejo-o caminhar sozinho e os meus ombros descaem. Inspiro profundamente e de forma trémula. Raios.

Como é que isto ficou tão fora de controlo?

Arrasto-me para dentro e vou ter com o Zack.

– Desculpa – lamento. – Tive de atender uma chamada.

– Não faz mal. A noite é uma criança. – Ele inclina-se e beija-me a face, e eu finjo um sorriso.

Imagino o Christopher a ir para casa sozinho e sinto-me uma merda. Um verdadeiro amigo teria ido com ele.



São duas da manhã quando volto para o quarto.

Com o Christopher a pesar na minha cabeça toda a noite, as coisas não correram como planeado com o Zack. O *hostel* está deserto, com toda a gente ainda na festa. Tiro as minhas coisas do cacifo e tomo um longo duche quente, visto o pijama e entro no quarto.

Acendo a luz e vejo que o Christopher está enrolado na cama, de costas para mim. Apago rapidamente a luz e junto-me a ele. Aconchego-me nas suas costas e

beijo-lhe o ombro por trás.

– Não – murmura.

Sorrio contra as suas costas.

– Não falo contigo – balbucia.

– Ainda bem, porque vais dormir.

– Tomaste banho?

– Porque queria tomar banho, não porque fiz sexo.

Ele fica em silêncio e eu abraço-o com mais força.

– Boa noite – sussurro.

Ele não me responde.

– Vais dizer boa noite? – pergunto.

– Continua a falar e expulso-te da cama. Sorrio para a escuridão.

Com o seu corpo quente e o seu perfume celestial a envolver-me, deixo-me levar para o país das maravilhas.



Bam, pam, pum!

– Desculpem. – A Bernadette ri-se. Tropeçou nos sapatos de alguém. O Basil bate com a cabeça no beliche e cai no chão. O quarto está num ataque de riso. Acabaram todos de chegar a casa e estão completamente bêbedos.

O braço do Christopher envolve-me por trás, os nossos corpos encostados um ao outro.

– Ei. – A Bernadette suspira ruidosamente. – Sem marotices entre colegas de quarto, lembram-se?

– Vai dormir, Bernadette – dispara o Christopher, impaciente.

O Basil vai subir a escada para a sua cama e cai espetacularmente no chão, ao som das gargalhadas histéricas de todos.

O Bodie tenta calar toda a gente.

– Shh.

Abro os meus olhos sonolentos e vejo que já é dia.

– Que horas são?

O Christopher pega no telemóvel.

– Nove da manhã.

– Onde é que estiveram a noite toda? – Franzo o sobrolho.

– Festa na praia.

– Fodi no oceano – diz o Bodie, de forma arrastada.

– Com um monstro marinho – acrescenta o Basil. Todos desatam a rir à gargalhada novamente.

Concentro-me o suficiente para me aperceber de que tenho algo duro nas costas e contraio o rosto.

– Pila. Fora. Das. Costas – resmungo. – Agora.

– Desculpa. – O Christopher afasta-se de mim. – É de manhã.

Ficamos deitados por algum tempo.

– Estou com fome – digo. – Se não comermos agora, vamos perder o pequeno-almoço gratuito.

– Hum – geme o Christopher.

– Vá lá. – Saio da cama e apanho o cabelo. Saio do quarto para ir buscar a minha roupa ao cacifo, e o Eduardo está pacientemente parado no corredor.

Ele sorri.

– Olá.

– Olá. – Digo. – O que... – Olho à volta. – O que fazes aqui?

– Estou aqui para ajudar o Sr. Christo.

– Oh. – Sorrio. Meu Deus, é tão fofo. – Vou buscá-lo. Espera aqui.

Volto a entrar no quarto e ponho-me de joelhos na cama.

– Tens um amiguinho à tua espera lá fora.

O Christopher arqueia o olhar.

– O quê?

– O Eduardo está lá fora à espera para ajudar o Sr. Christo.

Ele enrugaa a cara.

– Não está nada.

– Está, sim. Levanta-te.

O Christopher levanta-se da cama e sai para o corredor. Tem o cabelo despenteado e só está a usar *boxers*.

– Olá, amigo. O que é que se passa?

– Estou aqui para te ajudar – responde o Eduardo com entusiasmo – O que gostarias que fizesse hoje?

Sorrio ao observar. É demasiado fofo.

– Oh – responde o Christopher, enquanto coça a cabeça. – Hum... OK. – Ele olha para mim como se estivesse confuso sobre o que dizer a seguir.

– Porque não nos dá dez minutos para nos prepararmos e depois podemos falar sobre isso? – sugiro.

– Muito bem.

– Encontramo-nos no restaurante? – pergunto-lhe. – Ele acena com a cabeça e sai alegremente aos saltinhos.

O Christopher observa-o a ir embora.

– Não tenho trabalho nenhum para este miúdo fazer – sussurra.

– Então é melhor inventares.



Uma hora mais tarde, descemos a rua à procura de café.

Só nós os três.

– Então, vamos para San Sebastián de amanhã a quinta-feira – diz o Christopher ao Eduardo. – Depois, voltamos durante quatro dias. Seria ótimo se pudesses tentar encontrar-nos um emprego para os fins de semana. Quer dizer, sem pressão nem nada do género.

– Está bem. – Ele ouve com atenção enquanto caminhamos. – Sabes servir às mesas?

– Não – interrompo. – Ele é um péssimo empregado de mesa.

O Christopher revira os olhos.

– Admito, não sou muito bom a servir às mesas.

O rapaz sorri.

– E a Hayden – diz o Christopher.

– Hayz... – O Eduardo enrugou a testa enquanto tenta dizê-lo. – Hayzzz.

– Chama-me Hazy. Todos o fazem em casa – digo-lhe.

– Hay Preguiçosa! – responde o Christopher. – Soa bem.

– Cala-te. – Suspiro.

– Ela precisa de um trabalho, tipo... pescar ou assim – continua o Christopher. Rio-me.

– Nada de peixe.

O rapaz também sorri.

– Chama-me Eddie.

– Está bem, é mais fácil.

Chegamos a um café e o Christopher dá-lhe algum dinheiro.

– Podes ir buscar dois *cappuccinos*, por favor, e um chocolate quente.

O Eddie acena com a cabeça, pega no dinheiro e entra. O Christopher sorri enquanto o observa.

– Vamos falar da noite passada – pergunto-lhe.

– Não – responde ele, com os olhos ainda fixos no Eddie.

– Quer dizer, eu tinha razão no que disse.

– Mas não vamos falar sobre o assunto. Esquece.

– Nem sequer o beijei.

– Não quero saber.

– A sério... não queres saber, nem um bocadinho?

– Cala-te, Rabugenta.

Sorrio. Chamou-me Rabugenta. Sei que estou perdoada.

O Eduardo regressa com um tabuleiro e passa-o. O Christopher tira o chocolate quente e passa-lho de novo.

– Para ti.

O rosto do Eddie descai e ele olha para o Christopher como se este tivesse acabado de lhe dar um carro desportivo.

Sinto o coração a apertar-se no meu peito... *oh*.

– Mas eu... – balbucia. – Nunca...

– Bebe – ordena o Christopher. – Tem cuidado, está quente.

Voltamos para o *hostel*, e eu fico emocionada com a cara do Eddie. Está tão orgulhoso de estar a beber o seu chocolate quente.

Não posso estabelecer contacto visual com o Christopher, senão desato a chorar.

Sei que ele é um mulherengo e que não é o tipo de pessoa que alguma vez se apaixonaria por mim ou vice-versa, mas talvez haja mais nele por baixo da superfície do que eu pensava inicialmente.

Talvez ele seja o tipo de pessoa que me pode ajudar a descontraír.

Não... é um desgosto amoroso à espera de acontecer.

Esquece.

Vejo o Christopher a observar o Eddie, enquanto este sorri orgulhosamente com o seu chocolate quente, e o meu coração dá cambalhotas no peito.

De todas as coisas que fiz nesta viagem, ou talvez mesmo de sempre, estar aqui para o primeiro chocolate quente do Eddie está no topo da lista.



As rodas do autocarro rodam e rodam. Estamos a caminho de San Sebastián num autocarro de turismo.

– Diz aqui – lê o Christopher do seu folheto de viagem – que o basco, também conhecido por *euskara*, é uma das línguas mais fascinantes do mundo, uma língua isolada.

– O que é uma língua isolada? – respondo, enquanto olho pela janela do autocarro. Este homem tem uma estranha sede de informação. Lê tudo.

– Significa que não tem qualquer relação com qualquer outra língua existente – Ele levanta as sobrancelhas, impressionado. – E embora as suas origens sejam desconhecidas, a maioria dos cientistas acredita que é a última língua pré-invasão na Europa. – Ele olha para mim. – Hum... fascinante, não é?

– Hum-hum. – Olho pela janela.

Ele pensa alto.

– Isso significa que é literalmente a pré-história falada...

Volto a olhar para ele.

– O que foi? – pergunta.

– És esquisito.

– Não achas interessante?

– Acho.

– Então porque é que sou esquisito?

– «Literalmente a pré-história falada»... – Arregalo-lhe os olhos. – O que é que isso significa?

Ele expira pesadamente e abana subtilmente a cabeça.

– Se não sabes, não te vou dizer.

Volto para a minha estúpida observação de paisagens.

– Podemos comer batatas fritas ao jantar?

Olha para mim.

– E eu é que sou esquisito?

– Estou com desejos. – Imagino a minha deliciosa refeição desta noite. – Com um hambúrguer.

– Sim! Hambúrgueres – diz o Basil do lugar de trás. – Eu alinho.

– Sabias que no inverno, em San Sebastián, a temperatura desce até aos 5 graus Celsius? – informa o Christopher.

Mais factos.

Cruzo os braços e aconchego-me no seu ombro para dormir.

– Agora, sei.



Há uma razão para se falar de San Sebastián em Espanha.

É vibrante, colorida e um dos lugares *mais* bonitos em que já estive.

Situada na costa, tem tudo. Hoje, percorremos o município, visitámos a estátua gigante do Sagrado Coração de Jesus no Monte Urgull. Fomos nadar para a praia à tarde e agora já é início da noite. Estamos à procura de um sítio para jantar.

– Aqui? – pergunta a Kimberly. Espreitamos todos para o bar apinhado. –

Parece popular. – O Bodie encolhe os ombros. – Serve.

Todos entram e reparo que os ombros do Christopher descaem.

– Uma mesa para seis, por favor – pede a Kimberly.

– É para já. – A empregada sorri. – Por aqui.

Seguimo-la através do restaurante cheio de gente e sentamo-nos no pátio.

– O que se passa? – sussurro ao Christopher, enquanto caminhamos atrás dela.

– Nada. – Ele põe o braço à volta da minha cintura e segue-me.

– Estás com cara de que se passa alguma coisa.

– Estou só farto de comida de merda – sussurra ele quando nos aproximamos da mesa.

– Oh – vinco o rosto. – Pensei que estávamos a comer muito bem para o nosso orçamento.

Ele puxa a minha cadeira e sento-me. Pedimos as bebidas e vemos a ementa.

– O que vão comer? – pergunto a toda a gente.

Todos eles discutem as escolhas e conversam, e eu olho para o lado e vejo o Christopher a olhar para a ementa, desanimado.

– Não gostas de nada disto? – pergunto.

Ele força um sorriso.

– Está bom. Não te preocupes. – Bate-me na coxa com a sua mão grande, como que para me tranquilizar.

Ele vai sempre na onda. Nunca escolheu para onde vamos.

– O que comerias se pudesses comer qualquer coisa no mundo? – pergunto-lhe baixinho para que os outros não ouçam.

Os seus olhos mantêm-se fixos na ementa.

– Como entrada, comia *sashimi* de atum-rabilho com *daikon* e gengibre. Caviar Beluga com lagosta e molho de manteiga de sálvia.

Franzo o sobrolho.

– Seguido de um copo de *whisky Macallan* e de uma sobremesa de trufa branca.

– Oh... – Olho para a ementa. Nunca comi nada daquilo. – Isso é comida estranha.

Ele dá-me um sorriso triste.

– É mesmo?

– Hum-hum... – Continuo a olhar para a ementa. – Talvez devesse pôr anchovas na *pizza*, se te queres sentir exótico.

Ele dá-me um sorriso largo e bonito, pega na minha mão, que está em cima da mesa, e aperta-a com a sua.

– Talvez. – Ele olha-me durante um momento. – Que tipo de comida comes em casa?

Encolho os ombros.

– Não costumo comer fora.

– Porque não?

– Vivo sozinha. – Encolho novamente os ombros. – Não sei. Gosto de cozinhar, supponho.

– O que costumavas cozinhar? – pergunta.

– Muita coisa. – Sorrio-lhe, enquanto ele ouve com atenção. – Sou bastante

boa, na verdade. Quando formos para casa, tens de ir visitar-me um dia e eu cozinho para ti.

Os olhos dele estão em mim.

– Gostava.

– O que vai ser, senhor? – pergunta-lhe a empregada.

– Eu quero a *pizza sierra* com anchovas – responde. Ele olha para mim e pisca-me o olho de forma sensual.

– Sr. Exótico – murmuro.

Ele ri enquanto fala com a empregada.

– Que *whisky* tem?

– O *whisky* da casa.

Ele estremece.

– Certo, quero um copo de vinho tinto.



Rio alto enquanto me rodopiam. É a nossa última noite em San Sebastián e estamos a festejar em grande estilo.

Apanhámos sol, nadámos e rimos ao longo da semana. Passeámos durante o dia e dançámos a noite toda até cairmos num sono inconsciente às primeiras horas da manhã. Se os próximos doze meses forem assim, então estou nessa. Nunca me diverti tanto.

Os novos amigos que conheci são hilariantes, e, estranhamente, já parece uma pequena família. Cada um de nós faz as suas próprias coisas, mas olhamos sempre uns pelos outros e acabamos por regressar em segurança ao mesmo quarto no final de cada noite.

A canção *Da Ya Think I'm Sexy*, de Rod Stewart, toca nas colunas e o Christopher faz-me rodopiar e depois puxa o meu corpo para junto do dele enquanto dançamos. Dói-me a barriga de rir.

Este homem... este lindo homem.

Ele é engraçado, inteligente e estranhamente obcecado por literatura factual. Passámos a semana inteira juntos... tem sido perfeito.

Para dizer a verdade, estou bastante enamorada por ele. Não que o vá alguma vez admitir.

Ele não é o tipo de homem por quem me poderia deixar apaixonar. Já sei como iria acabar.

Perderia o meu amigo, a quem me afeiçoei muito. Vejo as mulheres para quem ele olha e com quem fala. São completamente o oposto de mim. Ele gosta de magras; eu sou curvilínea. Ele gosta de supermodelos de alta manutenção. Eu sou simples. Ele gosta de sedutoras e divertidas, e eu sou calada e tímida. Ele gosta de promíscuas, e eu não faço sexo há muito, muito tempo.

Demasiado tempo.

Onde quer que esteja, é o centro das atenções. Toda a gente quer estar com ele e, no entanto, aqui estou eu, a querer passar despercebida.

Água e azeite.

Não podíamos ser mais diferentes.

A realidade é uma treta, porque temos esta estranha ligação não declarada.

Tocamo-nos muito e acabamos sempre no fundo do grupo, a falar entre nós os dois.

Ele acaricia-me as costas na cama e eu confio nele mais do que devia. Mas sei que tudo isto acabaria se alguma vez acontecesse algo entre nós. Tornar-me-ia instantaneamente numa das mulheres que ele fode e não a sua amiga querida.

Não conseguiria manter um homem como o Christopher Miles – não por muito tempo, pelo menos.

E enquanto sonho em silêncio como seria estar com alguém como ele... sei que não posso ter sequer essa ideia.

Ainda não ultrapassei o meu último desgosto de amor, e já lá vão dois anos. Se voltar a acontecer, sei que serei uma solteirona para o resto da vida. Vim nesta viagem para ultrapassar um desgosto, não para começar um novo. Mas o Christopher é meu amigo. Sei que posso confiar nele para ser só isso.

Ele gira-me novamente e eu rio alto.

– Vamos nadar. – Ele sorri.

– Agora? – Suspiro. – São três da manhã.

– Hum-hum.

– E os tubarões?

– Os tubarões são a menor das tuas preocupações – responde ele, enquanto me puxa pela mão para fora do bar.

Cinco minutos depois, estamos na praia e ele tira a camisa por cima da cabeça e fica só de *boxers*.

Raios...

Ele mergulha na água escura e volta-se para mim.

– Vá lá, Rabugenta. – Ele atira água para cima de mim. – A água está ótima.

– Não tenho fato de banho.

– E então?

Olho para a praia. Há pessoas por todo o lado.

– Não sejas tão rígida.

Ele tem razão. Sou demasiado rígida e quero mudar isso em mim. Não gosto de ser assim.

Oh, Deus... Caminho para a água, querendo desesperadamente entrar.

– Vá lá – diz ele. – Quero que venhas nadar comigo, mais nada.

Mais nada.

Certo... Eu consigo fazer isto.

Foda-se...

– Vira-te – digo.

– O quê? – Ele ri-se. – Já te vi em roupa interior um milhão de vezes.

– Vira-te.

Ele vira-se para o mar, e eu agarro na bainha do meu vestido e levanto-o por cima da cabeça. Olho para mim. Tenho um conjunto de sutiã e cuecas preto a condizer.

Ainda bem, porra.

Caminho para a água enquanto olho à volta.

– Se for atacada por um tubarão – digo.

– Eu salvo-te. – Ele nada na minha direção.
– Devias estar a olhar para o outro lado – digo.
– Da na... da na... da na... – começa a cantar a música do filme *Tubarão* enquanto nada na minha direção.
– Para – grito.
Ele pega em mim e atira-me ao ar, e eu aterro na água e afundo-me.
– Ahh – grito quando venho acima. – Idiota. – Olho à volta em pânico. – Estás a acordar os tubarões.
Ele pega em mim outra vez e atira-nos aos dois para a água com os braços à minha volta.
Subimos à superfície, ainda de braço dado.
O ar entre nós muda e ele olha-me fixamente. Corpo a corpo, sozinhos na escuridão.
O seu sobrolho franze-se como que confuso enquanto nos olhamos fixamente. Em câmara lenta, levanta o polegar e passa-o pelo meu lábio inferior.
– Beija-me – sussurra.
Eu quero.
– Chris...
– É só que... – Ele pega no meu rosto com as mãos e olha-me fixamente. Os nossos corpos estão tão próximos que consigo sentir a sua ereção a crescer contra a minha barriga.
– Não podemos – murmuro.
– Porque não?
– Porque valorizo o que temos.
– Nada vai mudar.
– Vai mudar *tudo*.
Ele olha-me fixamente, com o peito a subir e a descer na escuridão.
– Porquê?
– Porque eu vou acabar com o coração partido e tu vais acabar por te sentir mal por causa disso.
Ele olha para mim, e eu sei que ele sabe que eu tenho razão.
– Tu não queres algo permanente e eu não quero algo casual. – Sorrio--lhe e seguro-lhe o rosto na minha mão. – Mas não faz mal... – Puxo-o para um abraço.
– Gosto do que temos.
– Tomates cheios?
Rio-me.
– Vai procurar outra pessoa para tratar dos teus tomates.
– Ou podia simplesmente afogar-te por me teres rejeitado. – Ele agarra-me e eu guincho enquanto me tento afastar dele. Pega em mim e atira-me de novo para o ar. – Venham buscá-la, tubarões – grita. – Deem-lhe uma lição.
Rio alto enquanto tusso e gaguejo.
Ele nada até mim e pega nas minhas mãos e ficamos de frente um para o outro.
– Promete-me uma coisa – pede ele.
– Está bem.
– Daqui a dez anos, neste dia, não importa onde estejamos no mundo, não

importa com quem estejamos casados, vamos encontrar-nos nesta praia a esta hora e dar um mergulho juntos no escuro.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas, porque, caramba, isto é romântico para uma despedida.

– Prometo.

Ele puxa-me e ficamos na água nos braços um do outro.

Arrependida, mas grata pela honestidade entre nós.

Sorrio quando me ocorre um pensamento.

– O meu marido não vai gostar de ti.

Ele ri alto e atira-me novamente ao ar.

– Isso é porque te vou roubar dele.

¹ No original, *Lazy Hazy* (trocadilho feito com o nome da personagem. {N. do E.}

Capítulo Dez

S ubimos as escadas para o nosso *hostel* em Barcelona.

– Adoro aquele sítio – suspira o Bodie.

– Eu também – dizem todos. San Sebastián foi incrível. Divertimo--nos imenso, mas agora voltamos à realidade. Bem, não realmente. Ainda andamos de mochila às costas por Espanha, mas o que quero dizer é que voltámos ao trabalho no fim de semana antes de partirmos de novo na segunda-feira.

É sexta-feira à noite e, mais uma vez, vamos sair. A festa não tem fim: há sempre um sítio para ir e algo para ver.

Voltamos para o nosso quarto, preparamo-nos para a noite e descemos ao bar para ver o Eduardo.

– Ei. – O Christopher sorri.

– Olá – diz o Basil.

– Olá, Sr. Basil, Sr. Christo. – O Eddie sorri, entusiasmado. – Consegui.

Deslizo para a minha cadeira.

– Olá.

– Olá, Hazen.

Sorrio perante a sua incapacidade de dizer o meu nome. Tão fofo.

– Arranjei trabalhos para todos. – Ele sorri, orgulhoso.

– Arranjaste? – O Christopher ri-se. – Sabia que conseguias.

Alguém está na outra ponta do bar e ele vai até lá para os servir. Vemo-lo a trocar entre línguas enquanto serve diferentes pessoas.

– Ele é tão inteligente – diz o Christopher enquanto o observa. – Podia ser contabilista da máfia ou algo do género.

– Não duvido – concorda o Basil.

Rio-me quando imagino o Eduardo a trabalhar como contabilista para a máfia. Finalmente, volta para perto de nós.

– Menina Hazen, vai trabalhar num hotel. – Ele passa-me um cartão com a morada e a hora a que começo amanhã. Um turno dividido, de manhã e à noite.

– Eddie, a sério? – Sorrio enquanto olho para o cartão. – Muito obrigada.

– Sr. Basil, vai trabalhar num barco.

O Basil tira o cartão ao Eddie e fica a olhar para ele.

– Um barco?

– Sim, sim. Trabalho muito bom.

Ele passa uma brochura por cima do balcão ao Christopher, e todos franzimos o sobrolho enquanto olhamos para ela. Tem imagens de escorregas e montanhas falsas.

– O que é isto? – pergunta o Christopher.

– Vais trabalhar no parque de diversões – responde o Eddie.

– No quê?

– No parque de diversões, com as crianças.

O Christopher enruga a cara em sinal de desagrado.

– Odeio crianças, pá... que seca. – Finge um arrepio.

Olho para ele sem expressão.

– Não és professor?

– Sim. – Ele pressiona os lábios. – Sim, sou.

O Basil estuda atentamente a brochura.

– Fico feliz por ficar com o barco.

Sorrio ao imaginar o Basil num barco ao sol durante todo o dia.

– Então, é a esta hora que começo? – pergunto ao Eddie enquanto aponto para uma hora escrita no verso do cartão.

– Sim. – Ele vira-se para o Christopher. – Tens um turno de doze horas amanhã. Começas às onze.

– Doze horas? – O Christopher suspira. – Isso não é ilegal?

– És preguiçoso – responde o Eddie, enquanto limpa o balcão.

– Eu *não* sou preguiçoso... mas doze horas é muito tempo.

Outra pessoa dirige-se ao bar e o Eddie serve-a, mais uma vez a trocar entre línguas.

O Christopher olha para a brochura que tem à sua frente.

– Que raio vou eu fazer aqui durante doze horas seguidas?

Encolho os ombros.

– Não sei. Talvez estejas na loja de recordações ou assim?

Ele assente enquanto pensa sobre o assunto.

– Isso seria aceitável, penso eu. Sentado com ar condicionado durante doze horas, podia perfeitamente fazer isso.

A Kimberly aparece.

– Anda lá, Hazy.

– Onde vamos? – pergunto-lhe.

– A Bernadette vai encontrar-se com um tipo e nós somos as ajudantes. – Ela puxa-me da cadeira. – Vejo-vos mais tarde, rapazes? – diz ela enquanto me tira do bar.

– Até logo – dizem os rapazes.



São três da manhã quando voltamos para casa. Afinal, os novos amigos suecos da Bernadette eram muito engraçados. Foi uma ótima noite.

– Ei, vocês – diz a Kimberly a um grupo de rapazes que caminha na direção oposta, do outro lado da rua. Olho para cima e vejo o Basil e o Bodie a falar e a rir com um grupo de homens que nunca tinha visto antes.

O Christopher está no meio do grupo. Tem uma rapariga às cavalitas nos

ombros enquanto caminham.

Está vestida com uns calções de ganga azul-claro e um pequeno *top* preto, tipo *bralette*. Tem um boné de basebol e duas longas tranças escuras no cabelo. É lindíssima e está sentada nos ombros dele com as pernas abertas à volta da sua cabeça como a rainha de Sheba. As mãos grandes dele estão nas pernas dela e ele segura-a com força.

Fico com o estômago às voltas com a visão. Ele afastou-se visivelmente de mim esta semana, desde que quase nos beijámos no oceano... e odeio-o.

Já me fartei de lamentar. Quem me dera ter aproveitado.

Devia tê-lo beijado.

Quem me dera ter-me deixado ir na corrente e tê-lo feito. Ele afastou-se de mim de qualquer maneira, por isso qual era a diferença?

O Christopher olha para cima e vê-me. Ele sorri abertamente e acena, completamente despreocupado.

Sorrio e aceno de volta.

Ele continua a caminhar para onde quer que estejam a andar. A rapariga que está nos ombros dele diz qualquer coisa e todos se riem de novo. O vazio preenche-me.

O que é que ela disse de tão engraçado?

Vejo-os subir e desaparecer ao virar da esquina. Pergunto-me para onde irão a esta hora.

E aí está... a linha na areia, desenhada em definição IMAX. Agora tenho a certeza de que ele não se importava mesmo. Na altura, eu era apenas o corpo quente mais próximo.

Ele estava com tesão.

E embora gostasse de lá ter ido, estou contente por não o termos feito.



Estou deitada na escuridão e olho para o outro lado do quarto, para a cama vazia do Christopher.

A visão dele com aquela rapariga aos ombros passa-me pela cabeça.

Livre-me de boa. Devia estar agradecida. Ele é meu amigo, nada mais, nada menos, e eu não devia estar minimamente aborrecida.

Vá-se lá saber porque estou.

Amanhã é um novo dia e vou esforçar-me mais por conhecer pessoas novas... especialmente homens.

Os meus olhos percorrem a cama vazia, e expiro pesadamente enquanto um turbilhão de nervos dança no meu estômago. Sinto-me melhor quando ele está em casa.

Olho para o meu relógio. Cinco da manhã.

Onde é que ele anda?

CHRISTOPHER

Acordo com o som de gaiotas a lutar e cerro os olhos ao apoiar-me nos cotovelos.

Onde raio é que estou?

Tento focar os olhos enquanto olho à minha volta. A praia está cheia de caminhantes a fazer o seu exercício matinal.

Que horas são, caras?

Mexo nos bolsos e encontro o telemóvel: 07h22.

Merda.

A Hayden tem de estar no trabalho às oito. Era suposto acompanhá-la. Levanto-me e olho para as pessoas que dormem na areia à minha volta. Deve haver, pelo menos, umas dez.

Que noite louca.

Depois, lembro-me. Oh, não... Hoje tenho de fazer um turno de doze horas na loja de recordações. Estou todo lixado. Em que é que eu estava a pensar quando fui sair?

Num minuto, estávamos a beber *shots* de tequila inofensivos; no minuto seguinte, estava a acordar numa praia.

Começo a caminhar para sair da praia.

– Onde é que vais? – pergunta uma rapariga.

Os meus olhos percorrem-na enquanto ela está deitada na areia. Uma vaga memória dela sentada nos meus ombros flutua na minha mente. Hum... e *aquilo aconteceu?*

– Para casa. Adeus.

Marco o número da Hayden enquanto caminho. Não atende.

– Foda-se.

Caminho mais rápido. Ligo-lhe novamente.

Não atende.

Apresso-me o mais que posso a regressar ao *hostel* e, assim que me aproximo, ela desce os degraus da frente.

– Rabugenta – digo.

A sua cara desaba quando me vê.

– Olá. – Ela vira-se e começa a subir a rua, e eu corro para a apanhar.

– Eu acompanho-te até ao trabalho.

– Não é preciso – responde. – Estou ótima.

– Voltei para...

Corta-me a palavra.

– Estou ótima, Christopher.

– Que se passa contigo? – Pergunto admirado.

– Nada – dispara enquanto anda mais rápido.

Quase tenho de correr para a acompanhar.

– Hoje, estás mesmo a fazer jus à tua alcunha.

Os seus olhos quase saltam das órbitas.

– Vai para casa... ou de volta para debaixo da pedra de onde acabaste de sair.

Ergo o olhar. O quê?

Está chateada comigo.

Caminhamos em silêncio durante algum tempo, ela apressada e eu meio a correr para a acompanhar.

– Aconteceu alguma coisa? – pergunto-lhe. – Tiveste uma discussão com uma das raparigas ou assim?

– Oh, meu Deus... – Ela revira os olhos. – Por favor, vai-te embora. Hoje não estou com paciência para as tuas merdas de mulherengo.

Paro imediatamente. O quê?

Merdas de mulherengo...

De que raio é que ela está a falar?

Um autocarro para e ela entra. As portas fecham-se na minha cara e vejo-a afastar-se.

Bem, isto foi estranho.

Ela hoje *está* mesmo rabugenta. Viro-me, volto para o *hostel* e entro no quarto. Toda a gente ainda está meio a dormir.

– Ei. – Deito-me na cama.

– O que raio te aconteceu ontem à noite? – pergunta a Bernadette.

– Demasiadas coisas. – Suspiro. Olho para ela. – A Hayden está bem?

– Sim, porquê?

– Está com o pior humor de sempre.

– Não, não está. – Ela encolhe os ombros. – Porque dizes isso?

– Parecia chateada comigo, só isso.

– Oh. – Ela pensa por um momento. – Provavelmente por causa da rapariga com quem estiveste ontem à noite.

– Não estive com uma rapariga ontem à noite.

– Estiveste, sim. Nós vimos-te.

O terror instala-se.

– Estive com uma rapariga... à frente da Hayden?

– Hum-hum. Desceste a rua com ela aos ombros.

– Oh... – Penso por um momento. – Mas a Hayden não gosta de mim dessa maneira.

A Bernadette eleva uma sobrancelha.

– Tens a certeza disso?

– Quer dizer... – Vinco a testa enquanto penso na resposta. – Quase a certeza.

– Os homens são tão estúpidos.

– O que é que isso significa?

– Nada.

– Estás sempre em cima dela, meu – diz o Basil com os olhos ainda fechados.

– Porque somos amigos – balbucio para me defender. – Ela não gosta de mim dessa maneira.

A Bernadette revira os olhos e arrasta a almofada para cima da cabeça.

– É por isto que não há marotices com colegas de quarto, seu idiota.

– Não houve nenhuma marotice – disparo.

– Fazer conchinha é uma marotice.

Começo a ouvir o meu coração a bater nos meus ouvidos e levanto-me, indignado. Não tenho de ficar aqui deitado a ouvir isto.

– Em que universo é que fazer conchinha é uma marotice?

– Em todos – diz a Bernadette.

– As mulheres são loucas. – Saio porta fora e depois lembro-me de uma informação muito importante.

Volto atrás e estico a cabeça para dentro do quarto. – Acredita, as marotices comigo são muito melhores do que fazer conchinha. – Entro de rompante na casa de banho. Não consigo dormir enquanto não tomar um duche, por isso, isto é o que preciso.

Lavo o meu corpo com vigor enquanto murmuro para mim próprio.

– Foi ela que não me quis beijar... não o contrário. Por isso, não chores quando me vires com outra.

Ah, estou furioso.

– O que raio é que ela espera? – Esfrego a minha pele até ficar quase em ferida. – Preciso de sexo; ela não. O que é que ela quer... que eu seja padre agora? – Continuo a esfregar. – E eu nem sequer dormi com aquela rapariga, por amor de Deus... mas se tivesse dormido, quem é que quer saber? Eu não, isso é certo. – Lavo o cabelo. – Devia voltar à praia e dar-lhe bem naquela rapariga, ali mesmo na areia, para provar o meu ponto de vista.

Continuo a lavar-me.

– Raio da Hayden Whitmore... a freira. Como é que ela se atreve a ficar zangada comigo por eu ser normal? – Quanto mais penso nisto, mais furioso fico.

Saio do duche e enrolo a toalha à volta da cintura enquanto me barbeio. Não acredito que hoje tenho de ir para a merda de uma loja de recordações de um parque de diversões durante doze horas.

Aperto o tubo da pasta de dentes e não sai nada, por isso aperto com mais força e aquilo salta para todo o lado.

– Por amor de Deus – ladro. – Não tenho tempo para esta merda, hoje. Pego em alguns toalhotes de papel e limpo aquela confusão. Visto-me, saio da casa de banho e encontro o Eduardo à porta do meu quarto.

O seu rosto ilumina-se quando me vê.

– Olá, Sr. Christo.

– Olá. – Forço um sorriso.

– Vim ver o que precisa de mim hoje.

– Nada, amigo. – Toco-lhe no ombro. – Vai para casa.

O seu rosto esmorece.

– Eu... – Ele detém-se e torce os dedos como se estivesse nervoso.

– O que foi?

– Posso olhar para o telefone durante um minuto? Muito... rápido?

– Oh... – Encolho os ombros. – Sim, claro. Entra. – Abro a porta do quarto e ele olha em volta para todos os que estão a dormir. Vou à gaveta debaixo da minha cama e tiro o telemóvel. Ainda está na caixa, e eu entrego-lha.

Ele estuda a caixa, vira-a e olha para o fundo da mesma.

– Senta-te, miúdo – digo. – Tira-o da caixa e brinca com ele. Vou tentar dormir um bocadinho. Só começo às onze. Essa é a cama da Hazy. Senta-te, se quiseres.

Ele sorri e deixa-se cair no chão. Abre a caixa com entusiasmo e começa a olhar para tudo ao pormenor.

Deito-me na cama e sorrio para mim próprio enquanto o observo. Este miúdo é a melhor coisa de Espanha.



Uma voz sussurrada acorda-me.

– Sr. Christo.

Contraio o rosto enquanto me viro para o outro lado.

– Sr. Christo – sussurra novamente. – Tem de ir trabalhar.

– O quê? – Acordo de um salto. O Eduardo está inclinado sobre mim. – Que horas são? – Sento-me de repente.

– Dez horas.

– Oh. – Esfrego os olhos. – Parece que só fechei os olhos por um segundo. – Levanto-me lentamente, olho em volta e foco o olhar. Ainda estão todos a dormir.

O quarto está impecável.

As roupas estão dobradas em pilhas organizadas, os sapatos de todos estão alinhados e a cama da Hayden está feita. As garrafas de água estão todas cheias e colocadas numa fila ordenada junto ao lavatório. O telemóvel voltou para a caixa e está cuidadosamente colocado ao fundo da minha cama.

– Foste tu que fizeste isto? – pergunto-lhe enquanto olho à volta. Ele sorri, orgulhoso, e eu também sorrio.

– Bom trabalho, amigo.

Uma vozinha lá do fundo diz: *provavelmente, roubou alguma coisa...* Não, não vou pensar assim. Só porque ele tem menos do que eu, não quer dizer que seja menos do que eu.

Vou confiar no meu instinto em relação a ele. Este diz-me que é um bom miúdo.

– Tenho de me arranjar. – Caminho até ao meu cacifo e ele segue-me. Pego na minha mochila e começo a vasculhá-la. – O que hei de usar? – pergunto-lhe.

– Roupas.

– Não me digas, *Sherlock* – murmuro. – O que vais fazer agora? – pergunto-lhe.

– Vou ficar por aqui até começar o trabalho às quatro.

Olho para ele.

– Não vais para casa entretanto?

– Não.

– O que é que a tua avó diz sobre estares tanto tempo fora de casa?

Encolho os ombros.

– Ela está ocupada.

– Hum, está bem.

Pobre miúdo...

– Se quiser, posso lavar-lhe a roupa enquanto trabalha – oferece.

Sorrio. Está a tentar ficar com o telemóvel o mais depressa possível.

– Está bem, isso seria maravilhoso. – Tiro o saco de plástico com a minha roupa suja de San Sebastián e entrego-lho. – Obrigado.

– A Menina Hazen tem roupa para lavar? Lavo a dela também.

Penso no assunto e depois estremeço.

– As mulheres têm coisas estranhas na roupa suja... é melhor pedir permissão para fazer isso.

Ele acena.

Visto a minha roupa e penteio-me.

– Deseja-me sorte. – Sorrio.

– Boa sorte.

– Obrigado por me arranjares este trabalho. – Despenteio-lhe o cabelo e ele afasta-me a mão.

– Não seja despedido – diz, casualmente.

– Ah, ah... eu, ser despedido? Vão adorar-me.



Meia hora depois, entro na receção do parque de diversões.

– Olá, começo hoje a trabalhar aqui. Disseram-me para cá estar às onze.

O tipo entediado da receção olha-me de alto a baixo.

– Só um minuto. – Fala pelo rádio e diz algo em espanhol. Alguém lhe responde, ele ri-se e desliga. –

Sente-se. Já vem alguém.

Sento-me na sala de estar e olho à minha volta. Na verdade, isto não parece nada mau.

Aparece uma mulher. É mais velha e tem um ar durão. Uma mulher que não aceita merdas.

– Olá. Deves ser o Christo.

– Sim. – Sorrio e levanto-me. Estendo a mão para a cumprimentar e ela ergue o olhar.

Oh... Recolho-a. – Sou o Christo.

– Olá, Christo – diz ela num tom sarcástico. – Por aqui. – Ela começa a andar e passa por umas portas duplas.

Mordo os lábios. Não estou a gostar dela. Sigo-a até ao parque. Os gritos das crianças a descerem pelos escorregas aquáticos são ensurdecedores. Há carrosséis, montanhas-russas, animais e um milhão de pessoas. Balões e bancas de comida. Luzes a piscar e sinos a tocar.

Tudo é ampliado em IMAX.

Ah... este sítio é o meu pior pesadelo. Espero que a loja de recordações seja insonorizada.

Entramos num edifício e percorremos uma série de corredores até chegarmos a um balneário.

– OK, és o *Ursu Binky*. – Ela desliza um cabide ao longo de um cabo de aço que está pendurado no teto.

Há um enorme fato de urso pendurado.

– Desculpe? – Arqueio o olhar. – Não estou a perceber.

– É só vestir.

– O que quer dizer? – Pergunto com espanto.

Ela arregala os olhos e bate na enorme cabeça de urso.

– Você é o *Ursu Binky*. Vista o fato e vá lá para fora.

– E faço o quê? Vou cagar à floresta? – Suspiro. – Não faço ideia o que fazem os ursos.

– Ande por aí e brinque com os miúdos.

– Não estou qualificado para fazer isso – ironizo.

– Queres o trabalho ou não? – dispara.

Não... não, não quero.

– Vista o raio do fato e ande pelo parque.

– E depois?

– Depois, tens uma pausa e vestes isto. – Puxa outro cabide pelo teto. Aparece um enorme fato nojento.

– Usas os *collants* castanhos e a meia castanha na cabeça, com o fato como vestido.

– Não me vou vestir como um bocado de vómito – respondo.

– É *pizza* – corrige-me.

– E recuso-me a usar uma meia na cabeça. Não vai acontecer. Nem pensar. Não sou um ladrão de gatos.

Ela expira pesadamente.

– Está bem, princesa.

Estreito os olhos para esta tirana.

– Eu *não* sou uma princesa.

– É isso mesmo – responde ela, enquanto empurra a cabeça de urso gigante para os meus braços. – És o

Ursu Binky e o *Pete Pizza*. – Ela avança para a porta. – Despacha-te. Vai lá para fora. – Ela sai e a porta bate atrás dela.

Olho para aquela cabeça enorme e estúpida e dou-lhe um chuto com força contra a parede.

– Odeio este trabalho idiota.

Ligo ao Eduardo.

– Olá – atende.

– Eddie, não fiquei na loja de recordações. Tenho de me vestir de urso, caraças.

– Oh... – Fica em silêncio. – Hum... o que é que eu vou fazer?

O que estou a fazer... isto não é culpa dele.

– Nada – dispara. – Só quero que saibas como esta merda é marada, mas vai correr tudo bem. Adeus. –

Desligo de repente.

Coço a cabeça e sento-me durante algum tempo a olhar para o fato.

Raios... o que faço agora?

O Eddie arranjou-me este trabalho. Não posso estragar tudo.

Abro o fecho do fato e espreito para dentro.

– Ew, isto alguma vez foi lavado? – Inalo e estremeço. – Oh, não... cheira a rabo. – Fico sem pinga de sangue.

Não consigo fazer isto.

As portas abrem-se e a tirana entra a marchar.

– Lindo menino.

Encaro-a.

– O que está a fazer?

– Vim ajudar-te a vestir o fato.

– Isto não é higiénico – murmuro enquanto entro até ao fundo. – Preciso de uma vacina contra a raiva.

Ela exala pesadamente, vira-me de costas para ela e fecha o fecho em baixo.

O fato é enorme, e eu meto os braços nas patas grandes e patetas.

– Este urso é horroroso – grunho.

– Eu sei.

– Se fosse criança, isto ia traumatizar-me.

– Sim. – Ela puxa-o para cima dos meus ombros e fecha o fecho em cima.

– De facto, estou traumatizado enquanto adulto – continuo.

Ela levanta a enorme cabeça e coloca-a. A minha visão é, subitamente, um túnel e sinto-me como se não conseguisse respirar.

– Está um calor do caraças aqui dentro – grito quando começo a sentir-me sufocado.

– Vais habituar-te – diz, calmamente.

– Habituar-me? – suspiro. – Ninguém se habitua a isto.

Ela agarra-me na mão e leva-me para fora.

– Terás alguém contigo durante algum tempo até te adaptares ao fato. As patas são enormes e sinto-me como se estivesse a andar com uns esquis enormes ou com umas botas espaciais ou algo do género.

– Cheira mal como tudo, aqui – grito.

– Eu sei.

– Se sabe, porque não lava a merda do fato? – Chamo. – Pare de ser tão preguiçosa.

– Ouve – grunhe ela. – Só tens de passear pelo parque e reduzir ao mínimo o teu dramatismo.

– O meu dramatismo é bem justificado – grito.

Saio para o sol escaldante e começo a suar.

Oh, não...

Está calor... um calor abrasador. Um calor capaz de derreter manteiga.

Ela apresenta-me alguém, embora eu mal o consiga ver.

– Este é o Diego.

Acho que é um adolescente.

Ele pega na minha pata grande e pateta.

– Por aqui. – Ele guia-me.

As crianças começam a gritar. Mal consigo ver o que se está a passar lá fora. Tropeço, caio e aterro de gatas.

– O que raio estás a fazer, Diego? – grito.

– Ups, desculpa – diz ele enquanto me ajuda a levantar.

Os miúdos gritam, berram e fazem barulho à minha volta.

– Onde andam os pais?

Ouçó um telemóvel tocar e o Diego larga-me a mão.

– Só um minuto – diz ele.

– Como assim, só um minuto? – Os miúdos juntam-se à minha volta, gritando e tentando abraçar-me as pernas. Empurro-os subtilmente para longe de mim. – Não – digo-lhes. – Acalmem-se.

Através da minha visão de túnel, vejo o Diego a falar ao telemóvel, completamente distraído.

– Larga o telemóvel – disparo.

Ele revira os olhos e vira costas.

Cabrão.

Sinto um pontapé na minha canela, olho para baixo e vejo um miúdo.

Tem cerca de seis anos.

– Atenção – aviso-o.

Ele dá-me outro pontapé e eu afasto-o com cuidado.

Um milhão de miúdos rodeiam-me, e chego à conclusão de que este fato é mais quente do que o próprio Inferno.

Estou a pingar de suor. Não há ar nesta coisa.

Não consigo respirar.

Socorro.

Volto a olhar para Diego. O que está aquele cabrão a fazer?

Sinto algo a ser enfiado no meu rabo.

– Ahh. – Viro-me e vejo o mesmo miúdo que me estava a dar pontapés antes. – Vaza, puto – grito.

Empurro-o com força e ele voa para trás.

Levanta-se, furioso. Depois, ataca-me. Eu afasto-o.

– Diego – grito.

O Diego ainda está virado para o outro lado e levanta a mão em sinal de *já vou*.

O miúdo empurra-me outra vez e eu tropeço para trás, mas consigo aguentar-me. Vem para cima de mim outra vez e dá-me um pontapé no rabo, e eu passo-me. Agarro-o à volta do pescoço com as minhas patas.

– Deixa-me em paz – grunho. – Diego – grito. – Temos um problema.

Outro miúdo salta para as minhas costas e começa a esmurrar a cabeça do urso, e depois outro e mais outro, e eu cambaleio com dez miúdos em cada perna.

– Larguem-me, idiotas – grito com as mãos à volta do pescoço do primeiro miúdo. Ele foge e dá-me um murro nos tomates, e eu passo-me.

Tiro a cabeça do urso.

– Diego, larga a porra do telemóvel – grito.

Os miúdos gritam e correm para se esconderem.

– Tu! – grito para o miúdo diabrete. – Onde está a tua mãe?

Ouçõ uma voz.

– Estás despedido. – Viro-me e vejo a tirana, de mãos na anca, com um ar furioso.

– Não me pode despedir, porque eu demito-me – grito. – Dou um pontapé na cabeça do urso para a multidão e todos os miúdos gritam. – E mije no seu fato – grito.

Não fiz isso... mas, em retrospectiva, devia tê-lo feito.

Vou ter com o Diego e tiro-lhe o telemóvel.

– Tira-me deste fato antes que eu te estrangule!

HAYDEN

– Fizeste um ótimo trabalho hoje, Hayden. – Maria, a minha nova chefe, sorri.
– Vemo-nos amanhã?

– Obrigada. – Sorrio. – O meu primeiro dia foi ótimo.

E foi mesmo. Este trabalho é um sonho.

Saio pela porta da frente para a rua e vejo um homem parado no passeio, na sombra, e o meu passo vacila. É meia-noite, não é uma hora em que as pessoas andem para aí paradas.

Ouçõ uma voz familiar.

– Sou eu, Rabugenta.

– Christopher. – Olho com espanto. – O que fazes aqui? – pergunto.

– Vim para te acompanhar até casa.

– Não era preciso.

Ele estende-me uma coisa.

– O que é isto?

– Trouxe o teu casaco. Está frio.

Oh.

Capítulo Onze

Quero dizer. – Ele faz uma pausa como se estivesse a sentir-se estúpido. –

Apenas pensei... Achei que podias ter frio no caminho para casa.

Olho para o casaco de malha que ele segura na mão estendida.

Tão atencioso. Bolas, passei o dia a odiá-lo e agora ele faz uma coisa querida.

– Obrigada. – Aceito-o e visto-o. – Não precisavas de me vir buscar.

– É uma zona manhosa – responde ele enquanto caminha ao meu lado.

Ficamos em silêncio, e há um constrangimento entre nós que normalmente não existe. O Christopher e eu somos muitas coisas, mas nunca nos sentimos desconfortáveis um com o outro.

– Queres ir tomar uma bebida ou talvez jantar? – pergunta.

Tenho fome.

– Sem dúvida.

Caminhamos até encontrarmos um pequeno bar e restaurante.

– Mesa para dois, por favor – pede ao empregado.

O empregado olha à volta.

– Só temos o banco corrido junto à janela.

Olho de relance para a janela basculante para onde ele aponta. Há um balcão alto virado para a rua. O Christopher olha para mim para ter aprovação.

Eu concordo com a cabeça.

– Parece-me ótimo. – Sentamo-nos. – Obrigada.

– Posso trazer-vos algo para beber?

Pego rapidamente na carta de bebidas. Raios. Se vou mentir na cara de alguém, pelo menos preciso de uma boa bebida para o fazer.

– Quero uma margarita, por favor.

– Tem tequila *Patrón*? – pergunta o Christopher.

– Sim.

– Traga duas, então.

– Está frio, hoje. – Envolvero o casaco à minha volta. – Obrigada por me trazeres o casaco.

Ele sorri.

– Tudo certo.

– Como correu o teu trabalho? – pergunto.

– Oh, isso... – Ele revira os olhos. – Não lhe chamaria um trabalho. Era mais uma câmara de tortura.

– Porquê? O que aconteceu?

– Bem. – Ele torce os lábios como se estivesse a tentar encontrar as palavras certas. – Tive de vestir um fato que cheirava tão mal que era desumano, para não dizer que era mais quente que o próprio Inferno, e depois levei um murro tão grande no material que um dos meus tomates ainda está alojado no esófago.

Arregalo os olhos.

– A sério?

– Muito a sério. – Ele encolhe os ombros. – Ser o *Urso Binky* não foi definitivamente um dos meus melhores momentos.

Desato a rir.

– Eras o *Urso Binky*?

– O melhor que já tiveram.

– Não estou a perceber. Quem te deu um murro?

– Um puto estúpido. Não te preocupes, eu tratei dele... e depois...fui despedido por isso.

– Não consigo imaginar porquê. – Fico a rir-me quando o imagino a ser agredido por uma criança de quatro anos. – Foste despedido?

– Hum-hum.

– Precisavas do dinheiro, e o pobre Eddie? Ele arranjou-te esse trabalho.

– Sinto-me uma merda, em retrospectiva.

– Devias ter aguentado... por ele.

Ele deixa cair os ombros.

– Eu sei.

– Quando não se tem dinheiro, qualquer trabalho serve.

– Eu sei. – Exala. – Para a próxima, vou aguentar, mas, a sério, não foi um trabalho, foi uma agressão.

Rio enquanto imagino.

– Gostava de ter estado lá para ver.

Ele sorri. O seu indicador está inclinado ao longo da sua têmpora enquanto me olha fixamente, e, da forma como me olha, é evidente que tem um objetivo.

– O que foi? – pergunto.

– Vamos falar desta manhã?

Ajo de forma casual.

– O que tem?

– Estavas zangada comigo.

– As vossas bebidas. – O empregado poussa as duas bebidas à nossa frente.

– Obrigado – respondemos.

Mantém a calma.

– Não, não estava – minto.

Ele franze o sobrolho.

– Estava apenas cansada e rabugenta.

– Não és rabugenta comigo.

– Então porque me chamas Rabugenta?

As suas sobrancelhas erguem-se como se não estivesse impressionado. – Estou só a dizer.

Ele dá um gole na bebida.

– Nada mau. – Ele pressiona os lábios para provar o sal, e ficamos em silêncio.

– Não dormi com ela.

Foda-se... ele sabe.

Arregalo os olhos.

– Não quero saber se dormiste.

– A sério? – Os seus olhos sensuais fitam os meus.

– O que estás a fazer? – disparo.

– O que queres dizer?

– É como se me estivesse a provocar... O que queres?

– Respostas.

– Respostas a quê?

– Ao que se passa aqui – diz ele.

Faço-me de parva.

– Não sei do que estás a falar.

– A Bernadette disse-me que gostavas de mim.

Raio da Bernadette.

– Não sei onde é que ela foi buscar isso – minto.

– Então, não gostas de mim...? – O seu rosto repousa sobre a mão, tão sexualmente descontraído, como se tivesse esta conversa todos os dias.

– Eu gosto de ti, Christopher, mas não és o tipo de homem com quem eu queira estar, se é a isso que te referes.

– Porque não?

Olho fixamente para ele enquanto penso por um momento.

– Não fazes o meu género.

– Eu faço o género de toda a gente.

Sorrio.

– E aí está.

– O que é que isso significa?

– Não estou à procura do género de toda a gente.

– Isto soou mal. – Ele pressiona os lábios como se estivesse irritado consigo próprio. – Foi uma pobre escolha de palavras. Quero dizer, como é que não faço o teu género? Explica-me.

– Olha... – Faço uma pausa enquanto tento chegar à formulação correta. – És o Sr. Divertido, o Sr. Que Deixa Toda a Gente Descontraída e o Sr. Que Procura Passar um Bom Momento. O Sr. Que Gosta de Aparências e de Ser Popular, e apesar de nos darmos excepcionalmente bem...

Ele corta-me a palavra.

– Vai direta ao assunto.

– Tu não... – Encolho os ombros.

– Não o quê?

– Não tens a inteligência emocional que eu procuro.

Ele olha-me fixamente como se estivesse estupefacto. *Continua*, digo a mim própria.

– O que raio é que isso significa? – dispara, irritado.

Ponho novamente a bola do lado dele.

– Porque é que me estás a perguntar isto? Estás a declarar que gostas de mim ou estás apenas a tentar pescar para ver o que me vai na cabeça?

Ele fica em silêncio.

– Porque um homem emocionalmente inteligente dir-me-ia o que sente, não tentaria descobrir o que estou a pensar para avaliar as suas opções.

Ele recosta-se, ofendido.

– Não sou o tipo de rapariga que normalmente gostas, Christopher.

Admite.

– Admito-o sem problemas. Não és.

– E não estás preparado para deixar de ter sexo com outras pessoas. Talvez nunca estejas. Talvez a monogamia não esteja no teu futuro.

Ele torce os lábios e sei que tenho razão.

Raios, odeio ter razão.

Os olhos dele fitam os meus.

– Podia tentar.

Sustento o olhar.

– Tentar o quê?

– Não dormir com mais ninguém... – Ele encolhe os ombros. – Podíamos ver como corria.

Não é exatamente uma romântica declaração de amor. Sorrio de tristeza.

– Uau.

– O que foi?

– Ter um homem a dizer-me que pode tentar não dormir com outras pessoas para ver como corre... não é suficiente para arruinar uma amizade para mim.

Os olhos dele fitam os meus.

– Queres o conto de fadas?

– Eu mereço o conto de fadas.

Ele baixa os olhos para a bebida e concorda.

– Tens razão, mereces.

Ficamos em silêncio enquanto ambos nos perdemos nos nossos pensamentos.

– Um dia vais conhecer uma mulher e vais ter a certeza de que é com ela que queres estar.

Os seus olhos assombrados erguem-se para os meus.

– E se não souber? E se eu estiver tão lixado que não vejo os sinais?

– Então viverás feliz na terra dos solteiros. Provavelmente, vais ter um par de filhos com diferentes mulheres e depois vais envelhecer com os filhos que vês de quinze em quinze dias aos fins de semana.

Ele contorce o rosto como se estivesse chocado com a minha previsão.

– Não quero isso – sussurra.

Pego-lhe na mão por cima da mesa.

– Não posso ajudar-te com isto, querido.

– Mas damo-nos tão bem – sussurra.

– Pois damos. – Aperto-lhe a mão. – E serei tua amiga até ao fim, mas quero esperar pelo Príncipe Encantado. – Sorrio, com esperança. – Ele virá ter comigo,

tenho a certeza.

Ele olha-me.

– Como vais saber? Como vais saber quando o conheceres?

Eu já sei.

– Porque ele não vai ter de tentar não dormir com mais ninguém... ele vai amar-me tanto que a ideia de dormir com outra lhe dará a volta ao estômago. Porque o amor é isso. Pões uma pessoa acima de tudo. Dares-te a ela por completo. Confiarás o teu coração à mulher que amas.

Vejo a confusão nos seus olhos. Ele nem sequer consegue entender o que estou a explicar.

– Tenho fé que um dia isso vai acontecer contigo. – Bebo um gole da minha bebida com um sorriso.

Ele expira pesadamente.

– Quem me dera partilhar do mesmo otimismo.

– E, para que conste, para futuras tentativas, dizer a uma mulher que vais *tentar* não andar a dormir com várias é provavelmente a coisa menos romântica que eu já ouvi.

Ele dá-me um sorriso largo e bonito, e eu sei que vai correr tudo bem entre nós.

– Por acaso, achei que foi bastante bom.

Rio-me.

– Idiota.

– Não acredito que me estás a dar uma nega, Rabugenta. – Ele olha de lado. – Sou um bom partido, sabias?

– Eu sei. Que loucura, não é?

– Então, o que fazemos agora? – pergunta.

– Continuamos a ser amigos e tu praticas como te apaixonares por alguém.

Um traço de sobrolho franzido atravessa-lhe o rosto.

– Como é que eu faço isso?

– Baixas a guarda.

– Não...

Corto-lhe a palavra.

– Eu sei. Não é uma coisa fácil de fazer.

Ele senta-se com a cabeça apoiada na mão e o cotovelo na mesa.

– Porque acabaste com o teu namorado?

– Ele tentou não dormir com outra pessoa... e falhou.

Os olhos dele estão em mim.

– Partiu-me o raio do coração nesse processo.

– Não teve a ver contigo – diz ele, suavemente.

– Eu sei. – Bebo um gole enquanto a memória de como o meu coração se partiu volta a invadir-me.

Voltamos a ficar em silêncio e vem-me um pensamento à cabeça.

– Porque vieste nesta viagem?

Ele encolhe os ombros.

– Por muitas razões.

– Qual foi a principal?

– Para tentar descobrir quem sou.

– E o que descobriste?

Segurando a haste do seu copo, gira-o sobre a mesa, com os olhos fixos nele.

– Nem sempre gosto de quem sou.

– Tipo quando?

– Tipo agora.

O meu coração afunda-se. Ele sabe... ele sabe o que eu quero e sabe que não me pode dar.

O meu afeto é unilateral, tal como eu pensava que era.

Insisti em obter uma resposta definitiva sobre a nossa situação e obtive-a.

Segue em frente.

– Estou cansada. – Finjo um sorriso. – Vamos embora.

CHRISTOPHER

A caminhada de regresso ao *hostel* é feita em silêncio. O braço da Hayden está enfiado no meu e estamos a caminhar como sempre fazemos... só que não estou num silêncio confortável como costumo ter com ela. Há um milhão de perguntas a passar-me pela cabeça à velocidade da luz.

Não tens a inteligência emocional que eu procuro.

Toda a gente me diz que eu não tenho inteligência emocional, mas porquê?

O que é que me está claramente a escapar?

Que raio faz um homem emocionalmente inteligente?

Porque não faço a mínima ideia do que estou a fazer de errado.

Chegamos ao *hostel*, e, quando ela começa a subir as escadas, puxo-a para trás e viro-a para mim.

– Hayden... espera.

– O que foi?

Engulo o nó de nervos na garganta.

– Sei que não sou o tipo de homem romântico que queres.

Os olhos dela fixam-se em mim.

– Mas podes fazer uma coisa por mim?

– O quê?

– Dá-me um beijo de despedida.

– Chris...

– Só uma vez.

Tenbo de saber.

– É tudo o que estou a pedir, e depois seremos apenas amigos e tudo voltará ao normal.

Ela vai dizer qualquer coisa, mas eu corto-lhe a palavra enquanto a beijo suavemente. Tem um sabor doce e...

Delicioso.

Passo os braços à volta dela e, desta vez, beijo-a como deve ser, com a minha língua a deslizar entre os seus lábios entreabertos. Ela beija-me de volta, e um arrepio inesperado percorre-me os braços.

O meu mastro começa a latejar.

Ob...

O seu corpo encaixa perfeitamente no meu e beijamo-nos de novo. Ela é comedida, lenta e sedutora... nada do que eu esperava. Os meus olhos fecham-se.

Que raio é isto?

Ela afasta-se do beijo e de mim. Os olhos dela fitam os meus.

– Adeus, Christopher.

Ela vira-se, sobe as escadas e desaparece no edifício. Olho para ela, chocado, excitado e confuso.

Hum... interessante.

Olho para baixo, para a ereção que me quer saltar das calças. – Para onde raio é que estás a olhar? – sussurro-lhe, furiosamente. Passo as mãos pelo cabelo com repugnância. – Esquece. Não podes tê-la.



Deito-me apoiado no cotovelo e olho para a sedutora com o seu pijaminha cor-de-rosa, e, debaixo dos lençóis, parece confortável e descontraída.

Tão fodível.

Hayden Whitmore.

Alguma vez terá havido uma tentação mais irritante e enfurecedora na História?

Não me parece.

Passou uma semana desde que ela me beijou casualmente, uma semana a imaginar-me a dominá-la, uma semana a masturbar-me no duche até quase fazer sangue. E uma semana muito longa a segui-la como se fosse um cãozinho.

Não que ela tenha notado. Está completamente focada nela e definitivamente não gosta de mim.

Acho que se eu estivesse a arder, ela nem daria por isso, o que é irónico porque parece que a minha pila está mesmo a arder.

Toda a gente está na praia e nós estamos sozinhos no quarto. Ela olha para mim.

– Que tal o livro?

Enrolo o lábio com desdém. Olho de relance para o título:

Inteligência Emocional

– Normal, acho eu.

Este livro é um monte de tretas. A pessoa que escreveu isto não é emocionalmente inteligente; é simplesmente estúpida.

– O que te fez comprar esse livro? – pergunta-me ela.

Finjo um sorriso. *O que terá sido?*

Ela sorri com conhecimento de causa e volta ao seu livro.

– Gosto que estejas a ler isso.

Cala-te.

– Vou sair hoje à noite – digo-lhe.

– Muito bem. – Ela vira a página do seu livro, com os olhos colados ao texto.

– Vens? – pergunto.

– Hum. – Ela torce o nariz. – Provavelmente não.

– Porquê? Vais fazer alguma coisa?

– Conheci umas pessoas lá em baixo ontem à noite. Convidaram-me para ir jantar com eles.

Semicerro os olhos.

– Que pessoas?

Estou em alerta máximo. Um cabrão romântico vai aparecer e roubá-la de mim com palavras bonitas e promessas... anéis de noivado.

Não que ela seja minha... mas mesmo assim.

– Uns tipos – murmura ela, desinteressada.

– Que tipos?

– Os da Holanda.

Cabrões loiros... Ah, tenho o sangue a ferver. Ela gosta de loiros.

– Como queiras – dispero.

Ela acena com a cabeça enquanto continua a ler, totalmente indiferente.

– Porque não vens até aqui? Fazemos conchinha enquanto lês.

– Estou bem. – Ela vira-se e fica de costas para mim.

Eu sei que estás bem. Estás bem a ser uma parvalhona provocadora.

Sem qualquer vergonha, levanto-me e passo para a cama dela. Posso deitar-me na cama com ela, é algo que sempre fizemos.

Só que agora sei como é que acaba.

Deito-me com ela nos meus braços e imagino um milhão de maneiras de a foder; fico excitado; ela continua a ler o seu livro – só Deus sabe o que há de tão interessante nele –, depois vou para o duche e afago a minha pila sozinho.

Penho o meu braço à sua volta por trás e puxo-a para mais perto. Inspiro o seu perfume e sorrio para o

seu cabelo enquanto o mundo desaparece.

Ela tem um efeito calmante em mim. Assim que está nos meus braços, tudo está bem no mundo.

Ela continua a ler... e a ler... e a ler.

Será que ela sabe que estou aqui?

– O que é que pode haver de tão interessante nesse livro estúpido?

– Tudo – murmura, distraída. – Estou a chegar à parte boa.

– Não...

– Shh.

– Mandaste-me calar?

– Sim, querido. Vai dormir.

– És irritante, sabias?

– Shh.

– Quer dizer...

– Christopher – dispara ela –, estou a ler. Se não vais dormir, volta para a tua cama.

– Muitas mulheres morreriam para me ter na cama delas, sabes?

– Porque é que não vais ver onde elas estão, então? – murmura enquanto vira a página.

– Vou sair – aviso.

– Está bem.

A maldita mulher tem-me na mão e sabe disso.

– Vou sair para conhecer mulheres – aviso novamente.

– Está bem. – Ela beija-me o braço. – Diverte-te.

Que se lixe... Vou sair para conhecer mulheres e vou fazer sexo esta noite.

Não vou ser mais o cachorrinho da Hayden Whitmore.

Sento-me.

– Se vais ao cacifo, podes tirar o meu vestido branco? – diz ela.

Estreito os olhos. Eu conheço esse vestido branco... aquele que me deixa duro como uma pedra de imediato.

– Não, não vais usar isso sem mim.

– Porque não?

– Porque não conhecemos esses cabrões.

– Que cabrões?

– Os da Holanda – disparo. – Quem sabe que tipo de pervertidos poderão ser.

– Oh... – Ela continua a ler.

Saio da cama.

– A Bernadette ou a Kimberly vão contigo?

– Não lhes perguntei.

– Porque não?

– Não preciso de guarda-costas, Christopher.

– Naquele vestido, discordo.

Ela vira a cabeça.

– Vais acariciar-me as costas e dormir ou vais continuar a mandar bocas?

– Eu já te mostro o que é mandar bocas. – Puxo-a para os meus braços agressivamente por trás. – Porque é que não fodemos? – sugiro.

– Sossega, coração – sussurra enquanto lê. – Se estás excitado, vai procurar uma rapariga para brincar.

Estás a começar a ficar irritante.

– Preferes ler um livro a... – Aperto os lábios porque faltam-me as palavras neste momento.

– Sim – dispara. – Prefiro, sim.

– Tenho necessidades, Rabugenta.

– Então vai tratar delas. Não vamos foder, Christopher. Nem agora, nem nunca. Para de o sugerir. Estás a começar a chatear-me.

Certo. É isso. Não preciso de ficar aqui a aguentar este abuso.

Levanto-me da cama, irritado.

– Vou sair.

– Está bem.

– Não venhas à minha procura.

– Não vou.

Olho para ela enquanto começo a ficar furioso. Ela não me quer mesmo.

Como?

Saio e vou ao meu cacifo, irritado. Tiro as coisas para usar à noite.

Que se lixe.

Não vou mais atirar-me a ela... nunca mais! Estou farto de ser o seu cachorrinho.

Vou à mala dela, pego no vestido branco e meto-o no fundo da minha mala. Ela nunca o vai encontrar aqui. Este vestido é apenas para os meus olhos.

Estou farto da Hayden Whitmore.

Duas semanas depois

HAYDEN

– Feliz aniversário, querida – sussurra a voz suave do Christopher.

Abro os olhos e vejo uma caixa branca com um laço vermelho na minha almofada.

– O quê? – Olho com espanto. – Compraste-me um presente?

Ele beija-me a face por trás de mim.

– Claro que te comprei um presente. É o teu aniversário.

– Mas não temos dinheiro. – Contraio o rosto enquanto me sento na cama.

– Venderia o meu tomate esquerdo por ti.

– Não faria isso se fosse a ti. – Dou uma gargalhada enquanto pego na preciosa prenda e a sacudo ao meu ouvido. – Podes precisar dele um dia.

Ele também se ri.

– Abre.

Desembrulho lentamente o presente enquanto ele observa. É um colar. Uma corrente fina com uma medalhinha de prata. Sorrio.

– É perfeito.

Ele vira-o na caixa.

– Tem uma inscrição.

Leio as palavras:

HWR Sempre C

Os meus olhos pousam nele.

– HWR? O que é isso?

– Hayden Whitmore Rabugenta. – Ele puxa-me para junto do seu corpo e abraça-me com força.

Rio-me.

– Ou Hayden Whitmore Radiante.

– Hayden Whitmore Risonha. – Ele dá-me uma pancadinha nas costelas.

Rio ao tirá-lo da caixa.

– Adoro. – Seguro nele. – Podes ajudar-me a pô-lo? – Sentamo-nos, e ele puxa cuidadosamente o meu cabelo à volta do pescoço e coloca-o. Seguro-o junto ao peito. – Christopher, isto é tão especial. É mesmo especial. – Sei que ele não tem dinheiro para isto.

Ele dá-me um sorriso largo e bonito.

– Só o melhor para a minha miúda.

A sua miúda.

Ficamos a olhar um para o outro enquanto o ar se agita entre nós.

– Não devias ter gasto o teu dinheiro comigo. – Sorrio.

– Está tudo bem. – Encolhe os ombros. – Não precisava daquele tomate. – Ele abraça-me com mais força. – Tenho um dia inteiro planeado para nós, começando com bolo de aniversário ao pequeno-almoço. Depois, vamos nadar e fazer um piquenique e, à noite, vamos dançar pela cidade.

Sorrio, entusiasmada. Divertimo-nos sempre tanto juntos.

– Mal posso esperar.

O meu telemóvel toca na mesa de cabeceira e o nome aparece no ecrã.

Regi

O quê?

O meu ex-namorado. Por que raio me está ele a ligar no dia do meu aniversário?

– Vais atender? – pergunta o Christopher.

Penso por um momento. Porque é que eu iria querer falar com ele quando tenho tudo o que me faz feliz aqui mesmo? Não me sinto inadequada ou insegura ou qualquer uma das coisas que o Regi me faz sentir.

Fico a olhar para o Christopher enquanto me apercebo de uma nova realidade. Já ultrapassei o Regi. *Finalmente, esqueci-o.*

Quando é que isso aconteceu?

– Não. – Sorrio para o meu belo e fiel amigo, o homem que nunca me mentiu. O homem que cuida de mim, dia após dia.

– Não, não vou. – Sento-me de repente. – Vamos lá comer esse bolo de aniversário.



Ele roda-me e, ao som do seu riso, eu rodopio, e depois puxa-me de novo contra o seu corpo.

Dançar com o Christopher Miles nunca será aborrecido. Estamos a dançar à volta do mundo.

O Christopher *adora* dançar; e eu sou a sua eterna e fiel parceira de dança.

Ele gira-me outra vez e depois puxa-me para ele com força, e, quando estou nos seus braços assim e a ouvi-lo cantar para mim, nada mais parece importar.

– Tenho um pedido – diz o DJ do seu pódio, enquanto toda a gente se cala para ouvir.

– Esta canção é para uma tal de Whitmore Rabugenta – diz ele.

A boca do Christopher abre-se enquanto finge ficar tremendamente chocado, e eu sorrio-lhe de forma pateta.

O DJ estende um cartão e lê a mensagem escrita.

– Diz aqui que a canção é do homem mais *sexy* do mundo.

Rio alto.

O Christopher estende as mãos como se estivesse num palco e faz uma vénia, e todos se riem, percebendo que é ele.

A música *Halo*, da Beyoncé, começa a tocar, e eu sorrio para o meu divinal

parceiro, enquanto ele me toma nos seus braços.

– Esta é a tua canção, Rabugenta.

– Como assim?

– Porque tens uma auréolaz. – Ele beija-me a têmpora enquanto me abraça. –

O meu anjo.

– És tu que tens a auréola, meu querido – sussurro.

– Tens razão, tenho. Devíamos mesmo foder ao som desta música. – Ele gira-me com força e eu rio-me alto.

– Estás a estragar tudo.

Ele sorri enquanto dançamos e uma sensação estranha apodera-se de mim... calor e pertença e, pela primeira vez na minha vida, segurança. Ficamos a olhar um para o outro à medida que as palavras nos tocam.

Talvez devêssemos mesmo foder ao som desta música.

Seis semanas depois

Olho para o meu relógio. Falta uma hora para o ver.

Os fins de semana passam tão devagar.

Como é que se pode sentir tanto a falta de uma pessoa quando ainda esta manhã a vimos? Não faz qualquer sentido, nem para mim.

O Christopher, o Basil e eu regressamos a Barcelona todos os fins de semana para podermos trabalhar.

Todos temos ótimos empregos aqui e recebemos quase um salário completo por apenas dois dias de doze horas. Vale bem a pena a viagem de regresso, além do facto de o Christopher querer secretamente ficar perto do Eddie. Ainda não consigo suportar deixá-lo. O resto do grupo está em Portugal e voltaremos a encontrar-nos na segunda-feira.

Estivemos em todo o lado: Alemanha, Itália, Suíça e agora Portugal. O mundo é um lugar lindo... ainda mais lindo com ele do meu lado.

O Christopher e eu temos uma coisa estranha. Quando ele tentou beijar-me pela primeira vez no mar e eu o rejeitei, ele afastou-se. Uma semana depois, tivemos uma discussão e ele disse-me que era incapaz de ter o tipo de relação que eu queria.

Depois beijámo-nos e eu soube naquele instante que queria mais.

Andou atrás de mim durante menos de uma semana e depois desistiu, tal como eu sabia que faria.

Voltámos à zona da amizade durante alguns meses... mas depois ele voltou para mim.

E algo mudou.

Não consigo perceber exatamente o que é ou o que significa, porque tecnicamente ainda somos apenas amigos e nunca aconteceu nada entre nós.

Mas é diferente.

Tudo o que sei é que quando estou com ele, nada mais importa.

O que torna a vida bastante boa neste momento, porque estamos sempre

juntos.

Acabo o meu turno e limpo tudo, até que finalmente chega a hora de sair.

– Adeus. Tenham uma ótima semana, pessoal – digo enquanto me vou embora.

Caminho até à esquina e, nas sombras, vejo-o, parado silenciosamente no escuro, à minha espera.

Com o meu casaco na mão.

O meu coração aperta-se porque, na sua mente, ele não sabe como ser romântico.

Se ao menos ele soubesse...

Visse nele o que eu vejo.

Está tudo lá, no fundo... à espera que ele o deixe sair.

– Olá. – Sorrio.

Os seus olhos grandes estão em mim.

– Olá, querida – sussurra, enquanto me puxa para um abraço.

Ficamos nos braços um do outro como se não nos víssemos há um mês.

Apetece-me dizer que tive saudades dele hoje... mas não digo.

Porque esse não é o jogo que estamos a jogar.

– Como foi o teu dia? – pergunta, enquanto começamos a caminhar. Pega na minha mão e beija-me a ponta dos dedos.

– Comprido... infernal – suspiro.

– Como está a tua barriga? Fiquei preocupado quando ficaste doente esta manhã.

Dou-lhe uma cotovelada leve nas costelas.

– Alguma vez pensaste que te preocuparias com dores do período? – provoco.

Ri-se.

– Claro que não.

– As farmácias ainda estão abertas? – Seguro a minha barriga dorida. – Preciso de encontrar um saco de água quente algures.

– Ainda dói? – Ele franze o sobrolho.

– Acabei de tomar paracetamol. Vai já passar.

Vamos a algumas farmácias, mas estão todas fechadas.

– Vou ficar bem. Os comprimidos já estão a funcionar. Vamos para casa.

– Tens a certeza? – pergunta.

Sorrio. Quem diria que o meu amigo mulherengo seria tão carinhoso? Por detrás de toda aquela treta de popular, ele é mesmo querido.

Voltamos para o *hostel* e para o nosso quarto. O Basil está a trabalhar esta noite e só chega a casa tarde.

– Vais sair? – pergunto.

– Não. – Ele ergue o olhar. – A não ser que... queres sair?

– Não, vou tomar um duche e vou para a cama.

– Parece-me bem.

Vamos para a casa de banho e tomamos um duche. Visto o meu pijama e vou para o quarto.

O Christopher já está na minha cama, e eu sinto borboletas na barriga.

Ultimamente temos dormido juntos, enroscados debaixo dos lençóis. Os nossos corpos aconchegam-se um ao outro.

E sinto-me tão próxima dele que... Não consigo explicar. É uma situação esquisita.

Deito-me e ele chega-se para o lado dele.

– Encontrei um saco de água quente.

– A sério? Onde?

Ele coloca a sua mão grande sobre a minha barriga.

– Que tal isto? – sussurra.

Ficamos a olhar um para o outro na escuridão, a eletricidade a crepitar entre nós.

– Melhor – expiro.

É a primeira vez que estamos sozinhos no nosso quarto. Normalmente, há mais quatro pessoas connosco, todas a conversar e a rir.

Esta noite, é diferente.

Há algo no ar... algo mais.

O seu rosto está a milímetros do meu, a sua mão grande e quente protege-me a barriga e uma sensação de pertença apodera-se de mim.

– O que estás a fazer aqui comigo? – sussurro. – Devias andar atrás de raparigas.

– És a minha única miúda – sussurra.

Olhamos um para o outro.

E quero desesperadamente acreditar nele... mas não sei se sou suficientemente corajosa para me deixar ir. Mas quero...

– Chris...

Ele inclina-se e beija-me. De forma suave. Terna.

Perfeita.

² Auréola em Inglês é *ballo* (o nome da música da cantora Beyoncé). [N. do E.]

Capítulo Doze

Ele afasta-se e os seus olhos procuram os meus como se estivesse à espera de aprovação. Os seus lábios voltam a tocar os meus, mas desta vez não me consigo conter. Beijo-o de volta. A minha língua enrola-se suavemente na dele, a minha mão desliza pelos seus ombros fortes.

Beijamo-nos uma e outra vez, e ele deita-me de costas e põe a minha perna à volta da sua cintura. O seu corpo inclina-se sobre o meu, e consigo sentir a grande ereção nos seus *boxers* a crescer contra a minha coxa.

Oh...

É tão musculado e grande e... caramba, nunca estive com um homem assim.

Os nossos beijos tornam-se mais profundos e quentes, infernais, e perdemos o controlo.

Ele puxa a minha perna para cima com agressividade; o meu joelho está agora perto do seu peito enquanto os seus lábios descem para o meu pescoço.

Ele morde-me e percorre a minha pele com os seus lábios, a sua ereção roça nas minhas cuecas. Caramba...

Os seus dentes puxam suavemente o meu lábio inferior e eu sinto-o no fundo do meu sexo.

Sim.

Ele vira-se para ficar por cima de mim, com o seu corpo entre as minhas pernas, e começa a deslizar lentamente para cima e para baixo sobre o meu ponto fraco enquanto nos beijamos.

As minhas pernas envolvem a sua cintura, uma força imparável que se forma entre nós. Uma bomba atómica, à espera de explodir. Preciso disto.

Foda-se, *preciso* disto.

Agarro na cintura dos seus *boxers* e faço-os deslizar para baixo. O seu grande mastro solta-se, e então lembro-me.

Oh, não.

É aquela altura do mês... mas que raio? Esta é a pior altura de sempre!

– Merda – murmuro.

– Está tudo bem – murmura contra os meus lábios, enquanto me beija. Ele não se esqueceu, de todo.

Porque é que lhe tirei os *boxers* se não posso fazer nada?

Idiota.

Ele tira-me a parte de cima do pijama pela cabeça e sorri ao ver os meus seios. Inclina-se e leva o meu mamilo à boca. Os seus olhos fecham-se em êxtase.

– Sim – sussurra. As suas mãos vagueiam pelo meu corpo como se não soubesse onde me tocar primeiro, a sua anca continua a investir suavemente.

O meu coração está na garganta enquanto observo. Vê-lo assim é um novo nível de excitação. Está tão perdido no momento, tão excitado, que juro que me podia vir só de o ver. Já para não falar do quão bom é senti-lo.

Ele agarra na cintura do meu pijama e começa a puxá-lo para baixo.

– Chris – sussurro. – Não vamos.

– Descontraí, querida. – Estamos só a brincar – murmura ele contra os meus lábios. Ele continua a deslizar os meus *boxers* para baixo e tira-os.

OK... mas que raios?

Estamos os dois nus. Este tipo de brincadeira é perigoso.

Não vás por aí.

Beijamo-nos e ele passa as pontas dos dedos pelos meus pelos púbicos.

– Hum – sussurra ele, suavemente – Não fazes ideia do quanto queria tocar-te assim. – Enquanto nos beijamos, passa os dedos sobre o meu clítoris de uma forma que me causa arrepios na espinha.

Oh, não.

– Há meses que só penso em fazer-te vir – sussurra ele. – Não fazes ideia do quanto o teu corpo me excita.

A excitação aumenta instantaneamente dentro de mim.

Os seus dedos fazem a pressão certa e a minha boca abre-se.

Oh... oh... como é que ele sabe o local exato? É como se tivesse um mapa. A minha cabeça vai para trás. Ele faz isto demasiado bem.

Maldito seja ele e toda a sua experiência de mulherengo. Não tenho hipótese de fingir que estou na boa.

A respiração dele no meu pescoço, as pontas dos seus dedos a circularem suavemente, a sua ereção contra mim.

Manter as minhas pernas fechadas é uma tarefa quase impossível.

Eu tremo e ele ri-se contra o meu pescoço, sabendo muito bem que mal me tocou e eu estou prestes a explodir.

Não.

Sinto-me tão envergonhada.

Preciso de me desviar disto. Tento soltar-me do seu aperto, mas ele empurra-me de novo para baixo.

– Não te mexas – exige ele, enquanto me mantém imóvel.

O domínio dele é de outro nível, e a minha excitação atinge o ponto máximo.

Vou-me vir esta noite... quer queira, quer não.

Estico-me para baixo e pego no seu comprimento duro com a minha mão, e que raio?

Grande.

Mal consigo pôr a minha mão à volta dele. Engulo o nó nervoso que tenho na garganta.

Ele empurra as minhas pernas para trás, as minhas coxas contra o meu peito, e

rola para cima de mim.

– Christopher – aviso.

– A brincar – dispara.

Isto não parece uma brincadeira. Parece que ele está prestes a pregar-me à cama.

– Mas...

– Cala-te, Rabugenta – sussurra.

Rio-me. Não é algo que eu estivesse à espera de ouvir no calor do momento.

Ele ajusta a pila de modo que, sem estar dentro de mim, se esfregue nos lábios do meu sexo. Ele avança lentamente e passa pelo meu clítoris.

Isto sabe... bem.

Oh, foda-se...

Os seus olhos escuros fixam os meus, e ele vira a cabeça e lambe o músculo da minha barriga da perna. A sua língua é grossa e forte. Vejo estrelas e tremo com força, sem conseguir aguentar.

Oh, que horror.

Sou a idiota das duas bombadas.

– Vai ser tão divertido treinar-te, Rabugenta – murmura. Ele agarra o meu rosto com as mãos e beija-me profundamente. – Faz-me. Um. Broche.

Arregalo os olhos... Caramba.

Ele diz ordinarices.

De repente, sinto-me insegura. Sinto-me uma miúda, inexperiente e imatura.

Que se vem rápido demais.

Ele beija-me profundamente, agarra num punhado do meu cabelo e guia-me para baixo pelo seu corpo.

Bem... aqui vou eu. Já fiz broches antes, mas nunca a um mestre. Lambo-lhe a ponta, passando a língua pela extremidade. Ele deita-se para trás, e com os olhos fixos nos meus, inspira profundamente.

Gosta disto.

A sua reação estimula-me e, lentamente, levo-o à boca. A sua respiração treme e sei que ele também está perto. Tomo-o na minha mão e acaricio-o enquanto o chupo. Os nossos olhos estão fixos um no outro, e ele abre mais as pernas.

A convidar-me para entrar.

Agarro-o e chupo-o com mais força, e os seus olhos tremem enquanto ele geme.

– Isso mesmo.

Quero ser mais para ele. Quero dizer algo inesperado... ordinário.

– Fode-me a boca – sussurro à sua volta.

Os seus olhos escurecem e ele agarra em dois punhados do meu cabelo e desliza até ao fundo da minha garganta.

Oh, não... demasiado.

Eu engasgo-me com o seu tamanho, e ele afasta o cabelo da minha cara e sorri para mim.

– Se calhar não me devias dizer para fazer isso, Rabugenta.

Sacana.

Determinada a fazê-lo melhor, levo-o de novo à boca. Ganho ritmo, e ele geme e inclina a cabeça para trás, e caramba, quem me dera estar a cavalgá-lo.

Hoje, seria a melhor dos jóqueis. O seu aperto no meu cabelo intensifica-se, ele estremece, e eu preparo-me.

– Vou-me vir – geme ele –, Rabugenta.

Está a dar-me a oportunidade de sair se não quiser engolir.

Que se lixem as regras. Estou na cama com um deus do sexo. Não há regras.

– Vem-te – desafio-o.

O fogo flameja nos seus olhos, e ele abre mais as pernas e mantém-se firme. Vem-se num ímpeto pela minha garganta abaixo.

Oh... Deus... Esqueci-me desta parte... Aah.

Argh...

Para.

Deixei-me levar e bebi-o, sem pressa. Lambo-o. Com os meus olhos fixos nos dele, lambo os meus próprios dedos que ainda têm resquícios dele.

Ele olha-me. Tem o sobrolho franzido, e, à medida que o seu peito sobe e desce enquanto tenta respirar, não sei se está impressionado ou horrorizado.

Talvez um pouco dos dois.

Beijo-lhe a pila, subo pelo seu corpo e aconchego-me no peito.

Ele fica quieto, tão quieto que eu olho para ele.

– O que foi?

Ele sopra, como se estivesse surpreendido.

– Isto foi... mesmo bom.

Beijo-lhe o peito.

Pois foi.

Sorrio sonolenta nos seus braços, embalada no seu calor, e ouve-se a chave na porta.

Oh, raios, é o Basil.

– Foda-se – sussurra o Christopher. – O que é que ele está a fazer em casa tão cedo?

Levanto-me, apanho os nossos pijamas do chão e volto para debaixo dos lençóis, no momento em que a porta se abre.

– Olá – cumprimenta o Basil casualmente ao entrar. Nem sequer olha para nós.

– Olá – respondemos. O meu coração ainda está acelerado.

– Não vão acreditar no que aconteceu hoje. – Ele começa a conversar e nós ficamos deitados a ouvir, mas a cada palavra proferida, sinto o Christopher a afastar-se, embora não tenha a certeza se é do Basil ou de mim que ele está a tentar fugir.

– Vou tomar um duche – diz o Basil.

Assim que a porta se fecha, o Christopher salta da cama e veste os *boxers*.

– Veste-te – sussurra ele, ao mesmo tempo que me atira o pijama. – Rápido. Ele não pode saber.

Olho com espanto. O quê?

Porque é que ele não pode saber?

– Vou tomar um duche rápido. – Ele sai a correr do quarto e eu fico a olhar para a porta, estupefacta.

Há meses que andamos nisto. Porque é que o Basil não pode saber? Achava que isto era algo que valia a pena gritar ao mundo.

Talvez não.

Visto-me e vou à casa de banho, e, a cada minuto que passa, uma sensação de pavor instala-se. Será que ele se arrepende? Ele não está a agir como eu pensava que agiria.

Isto pode tornar-se um grande desastre.

Volto para o quarto e encontro o Christopher de novo na minha cama.

Ele dá-me um sorriso meigo e enrola as cobertas para trás.

O alívio preenche-me.

OK, está tudo bem, Estou a imaginar coisas que não estão lá. Enfio-me na cama, ele envolve-me com o braço e eu deito a cabeça no seu peito. Ele beija-me a têmpora enquanto me abraça.

– Boa noite, minha Rabugenta *sexy*.

Percorro com os dedos os pelos escuros do seu peito. É tão bom poder finalmente tocar-lhe assim.

– Boa noite.

Ele encosta a boca ao meu ouvido e sussurra:

– És ótima a fazer broches.

Sorrio para a escuridão. Crise evitada. A proximidade entre nós está de volta.

O Basil volta a entrar no quarto e começa a falar. Não para de falar e conta-nos todos os pormenores do seu dia, como faz todas as noites.

Ficamos deitados em silêncio a ouvir.

– Já alguém te disse que tens diarreia verbal? – pergunta-lhe o Christopher.

Dou-lhe um toque nas costelas.

– Não, porquê? O que é isso? – responde o Basil, confuso.

Dou outro toque ao Christopher.

– Não – sussurro.

– É só um vírus que anda por aí – mente o Christopher.

– Espero não o apanhar – diz o Basil. – Não parece nada bom.

– Garanto-te que se ficares de boca fechada, não apanhas – murmura o Christopher, secamente.

– Boa ideia – responde o Basil, enquanto se deita na cama.

Rio-me.

– Boa noite, Baz.



– Rabugenta – sussurra uma voz.

Abro os olhos e vejo o Christopher completamente vestido e debruçado sobre a minha cama.

– O que se passa? – Pergunto com curiosidade.

– Tenho de ir.

– Para onde?

– Para casa.

Os meus olhos abrem-se de repente.

– O quê?

– Tenho de assinar uns papéis com os meus irmãos.

Mas que raio?

Sento-me e esfrego os olhos.

– O que queres dizer com isso?

– Há uma papelada relativa aos bens dos meus pais e tenho de a assinar juntamente com os meus irmãos no mesmo dia.

Pisco os olhos.

Ele não mencionou nada disto ontem.

– Quando voltas? – Vinco a testa.

– Daqui a alguns dias.

– Queres que vá contigo?

– Não – responde, demasiado depressa. Ele dá-me um beijo rápido nos lábios.

– Diverte-te por aqui. Vai para Portugal com os outros.

Penso por um segundo.

– Na verdade, vou ficar aqui a trabalhar durante a semana. A Maria está de baixa e deram-me os turnos dela. – Olho para ele e vejo que tem a mochila cheia junto à porta. – Deixa a tua mochila aqui comigo.

– Está tudo bem.

Os meus olhos procuram os dele. *Ele não vai voltar.*

– Eu estou bem – diz.

Mas eu não perguntei nada... ele não está bem. Está-se a passar.

– OK? – Ele sorri. – Estamos bem? – Acena com a cabeça como se estivesse a tentar convencer-se. – OK? Está tudo bem. – Ele enrola-se nas palavras e levanta-se com pressa.

Levanto-me da cama e observo-o. Está a andar de um lado para o outro e a olhar para todo o lado menos para mim.

– Christopher.

Ele continua a pôr coisas no saco e a mexer no fecho.

– Christopher – digo eu, mais severa. – Olha para mim.

Os seus olhos erguem-se para os meus.

– Está tudo bem.

– Sim, está fixe. – Ele acena com a cabeça como se estivesse a convencer-se. –

Eu sei.

Mesmo fixe.

Fixe não é uma palavra que o tenha ouvido usar. Nunca me mentiu antes.

– Adeus. – Ele beija-me rapidamente, pega na mochila e, sem olhar para trás, sai a correr pela porta.

Fico a olhar para esta, chocada e sem palavras. O que raio acabou de acontecer?

– Dormiram juntos, não dormiram? – pergunta o Basil, meio a sério, meio a brincar.

Expiro pesadamente.

– Hayden, não aprendeste nada? – suspira. – Nada de marotices com os colegas de quarto.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas. Se eu achasse que éramos apenas colegas de quarto, não o teria feito.

Pensava que éramos mais.

CHRISTOPHER

Atiro a minha mala para a bagageira e entro para o banco de trás do táxi.

– Aeroporto, por favor.

– Muito bem. – O condutor arranca calmamente e entra no trânsito.

Sinto o coração a latejar com força no meu peito e viro-me para olhar para o *hostel* através da janela de trás.

Arrasto a mão pela cara. Foda-se.

Foda-se. Foda-se. *Foda-se.*

Pego no telemóvel e telefono ao Eddie. Ele atende ao primeiro toque.

– Olá, Sr. Christo.

– Olá, amigo. Ouve, tenho de sair da cidade por uns tempos. Podes tomar conta da Menina Hazen por mim, por favor?

– Onde é que vais?

– Tenho de ir a casa assinar uns papéis. Não estou a mentir. Tenho de assinar uns papéis, mas só o devia fazer na próxima semana, mas sei que os rapazes estão todos em Nova Iorque esta semana. Preciso de ir a casa.

– Vais voltar? – pergunta, suavemente.

Consigno ouvir a desilusão na sua voz e fecho os olhos. Raios.

– Claro que sim.

– Quando?

– Daqui a alguns dias.

– Em que dia?

– Ainda não sei – atiro. – Podes tomar conta dela por mim ou não?

– Tudo bem.

– Ótimo. Ela confia demasiado e eu...

Ele interrompe-me.

– Eu trato disso.

– Obrigado.

Ele desliga antes de eu poder dizer mais alguma coisa, e expiro pesadamente. É um mundo estranho onde a pessoa em quem mais confio é um miúdo de catorze anos que trabalha à noite num bar.

A transpiração salpica-me a pele e limpo a testa. Raios, dormir com aquela mulher – ou quase dormir com aquela mulher – deixou-me à beira de um colapso total. Nunca me senti tão instável.

Respiro fundo e fixo o olhar na janela. Não devia ir embora.

Mas não consigo ficar.

Sinto-me a sufocar e não dormi a noite toda.

Eu andei atrás disto... Eu queria isto. E agora?

Foda-se... o que é que eu fiz?

Só preciso de algum tempo com os meus irmãos.

Esfrego os dedos na minha barba por fazer enquanto olho pela janela.

Volta para trás.

Não estragues isto. Ela é a melhor coisa que já te aconteceu.

Volta para trás.

– Podia...

Os olhos do condutor encontram os meus pelo espelho retrovisor. – Deixe lá – corrijo-me. – Deixe-me no terminal internacional, por favor.



Saio do aeroporto JFK às 19h00. A limusina preta está à minha espera junto ao passeio.

O Brandon, o meu motorista, sorri calorosamente com um aceno de cabeça.

– Boa noite, Sr. Miles.

Sorrio e aperto-lhe a mão. – Olá, Brandon. É bom ver-te.

Ele abre a bagageira, ponho a minha mochila lá dentro e vou para o banco de trás.

Ele arranca para o meio do trânsito, e eu olho para a minha cidade natal com admiração. É como se estivesse a vê-la pela primeira vez.

Tão agitada.

Há táxis amarelos por todo o lado, e sorrio ao sentir o meu equilíbrio a regressar.

– Vamos buscar alguém, senhor? – pergunta o Brandon.

Arqueio o olhar. Normalmente vamos buscar pessoas? Parece que sim.

– Não, hoje não.

Vou sentado em silêncio no banco de trás enquanto conduzimos por Nova Iorque. Olho para as horas no meu telemóvel. Deve ser uma da manhã em Espanha. Devia ligar à Hayden e dizer-lhe que aterrei em segurança... e depois digo o quê?

Imagino como seria a conversa e expiro pesadamente.

Não estou com paciência para interrogatórios. Enfio novamente o telemóvel no bolso.

Quinze minutos depois, paramos em frente ao meu edifício.

– Lar, doce lar. – O Brandon sorri.

– Sim. – Sorrio. – Tive saudades deste lugar.

– Eu levo a sua mala, senhor – oferece.

– Não. Não é preciso, obrigado. – Ponho a enorme mochila ao ombro.

– A que horas vai sair, Sr. Miles?

Pois é... Eu saio todas as noites quando estou aqui.

– Não vou sair hoje. Vai para casa. Tira a noite de folga.

As sobrancelhas do Brandon erguem-se como se estivesse surpreendido.

– Obrigado por me ires buscar.

Ele franze o sobrolho.

Sorrio e entro no *ball* de entrada.

Os empregados da portaria correm todos quando me veem com a minha mochila pesada.

– Sr. Miles, é bom vê-lo, senhor. Nós levamos isso.

– Estou bem – respondo. Porque é que estão todos a correr?

Olho à volta. Tudo é de mármore e extremamente luxuoso. Há enormes ramos de flores frescas por todo o lado e os empregados estão todos de fato preto. O chão está tão bem polido que parece um espelho.

Fico espantado. Foi sempre assim tão luxuoso? Só nunca notei antes?

Hum...

Entro no elevador e o Harold, o operador, está de pé, em silêncio.

– Olá, Sr. Miles. – Ele sorri.

– Olá, Harold. – Viro-me para a frente. – Tiveste um bom dia? – pergunto-lhe.

– Sim, senhor. – Ele sorri. – E o senhor?

Encolho os ombros.

– Foi normal – minto. Tive o pior dia de sempre.

Continuamos a subir até à minha *penthouse* e um pensamento passa-me pela cabeça. Ele fica no elevador a noite toda, à espera de levar as pessoas para os seus andares?

– Há quanto tempo trabalhas no elevador, Harold?

– Dezassete anos, senhor.

Olho-o fixamente.

Ele dá-me um grande sorriso.

– E esta noite foi a primeira vez que me chamou pelo meu nome.

Pestanejo. *O quê?*

As portas soam quando chegamos ao meu andar. Abrem-se, e eu fico a olhar para ele, horrorizado.

– Tenha uma ótima noite, senhor.

– Tu também – respondo baixinho, surpreendido. Isto não pode ser verdade, embora, no fundo, saiba que é.

Sou um idiota.

Saio do elevador e entro no meu *ball* de entrada privado. Passo a minha impressão digital e as portas duplas destrancam. Empurro-as e deparo com janelas do chão ao teto, com uma vista deslumbrante sobre Nova Iorque.

Com o coração pesado, largo a mochila e aproximo-me de uma janela para olhar para a cidade. Nova Iorque está a fervilhar lá em baixo, uma visão que tive durante toda a minha vida, que tomei como dado adquirido.

Esta noite, parece-me desconhecida.

Tão desconhecida.

Viro-me e olho à volta do meu grandioso apartamento. É enorme e estende-se por dois andares. Sofás de couro, chão de betão polido e pinturas abstratas brilhantes penduradas nas paredes.

Entro na cozinha, olho à minha volta. É como se estivesse a ver todos os pormenores pela primeira vez. Eletrodomésticos elegantes e amplas bancadas em mármore. Abro uma porta e olho lá para dentro. Uma fita de iluminação desce pela escada que conduz a uma sala refrigerada, maior do que a sala de estar da maioria das pessoas. A minha garrafeira, onde guardo centenas de milhares de dólares de vinhos exóticos.

Fito o olhar, perplexo.

Fecho a porta e subo as grandes escadas duplas ao lado do elevador interno.

Vou andando pelo corredor e os sensores de iluminação do chão vão-se acendendo à medida que caminho.

Hum, porque é que preciso disto? Desde quando é que ligar um interruptor é assim tão difícil?

Chego ao meu quarto e fico à porta a olhar para a cama *king size*.

Passa-me pela cabeça um milhão de visões das mulheres que tive aqui, das festas, das orgias... dos orgasmos, dados e recebidos.

Desanimado, vou para a casa de banho e ligo o chuveiro. Olho para o teto. É um duche triplo com acessórios de latão ornamentados. Apesar de o ver todos os dias, nunca tinha reparado nele. É algo que tomei como garantido. Porque é que eu tenho um chuveiro triplo?

Tu sabes porquê...

Normalmente, estão lá três pessoas.

Olho em redor com novos olhos. O mármore é branco e os acessórios são de latão. Há um assento em mármore ao longo de uma parede e uma banheira de hidromassagem rebaixada no chão. Há toalhas fofas azul-marinho dobradas na perfeição nas prateleiras, juntamente com quatro roupões azul-marinho pendurados em ganchos de latão na parede.

Quatro roupões.

Este apartamento tem o melhor do melhor de tudo, está repleto de luxo... mas, por alguma razão, é vazio.

Tão vazio.

Desanimado, entro no duche e fico debaixo da água quente. O meu coração está acelerado e, pela décima vez hoje, sinto-me a sufocar. Juro por Deus, estou a perder a cabeça.

Não me sinto em casa e tudo isto parece desconhecido... o que é lizado, porque *estou* em casa.

Nova Iorque sempre foi o único sítio onde pertencei.

Se não me sinto em casa aqui, onde é que me sinto?

Londres.

Se eu estivesse na minha *penthouse* em Londres, a sensação seria diferente, tenho a certeza.

Sim, exatamente... Londres.

Inspiro profundamente, tentando acalmar-me. É claro que estou agitado e meio desligado. Não dormi nada esta noite e estou exausto. Com *jet lag*, até. Não vou telefonar aos meus irmãos para nos encontrarmos esta noite. Estou a sentir-me desorientado.

Saio do duche, seco-me e, demasiado cansado para jantar, enfió-me na cama.

No silêncio da escuridão, olho para o teto.

A cama é enorme, os lençóis são rígidos e tudo parece tão limpo e esterilizado.

Solitário.

A minha vida é uma confusão.

Capítulo Treze

Ú

ltimo andar, Edifício Miles High. As portas do elevador abrem-se e eu saio.

– Bom dia, Sammia. – Sorrio. – É bom ver uma cara familiar.

– Christopher – suspira. – Meu Deus. – Ela levanta-se, eu inclino-me sobre a secretária e dou-lhe um beijo na cara.

– Tiveste saudades minhas? – pergunto.

– Claro que não. – Ela sorri afetadamente.

A Sammia e eu temos uma amizade forte. Andamos a namoriscar há anos.

– Ainda és casada?

– Sim, Christopher. – Ela revira os olhos.

– Que pena – respondo, ao mesmo tempo que passo por ela. – Um dia destes – digo, enquanto me afasto.

Ouçõ-a rir e vou pelo corredor até ao escritório do Jameson. Entro e ele está ao telefone. Ele olha para cima e para a meio da frase.

– Ligo-te mais tarde. – Desliga sem esperar por uma resposta e levanta-se imediatamente.

Eu rio-me e estendo os braços, e ele apressa-se e puxa-me para um abraço. A emoção domina-me. Não me tinha apercebido do quanto sentia a falta dele até este preciso momento.

– Pensava que só vinhas na sexta-feira – diz ele, enquanto recupera a compostura e se afasta de mim.

– Mudança de planos.

Ele circula à minha volta, olhando-me de cima a baixo.

– Foda-se... olha para ti.

– O que tem? – Sorrio.

– Estás bronzado.

Ponho as mãos nas ancas, orgulhoso.

– Engordaste.

– Vai-te lixar, pois foi.

Ele volta a sentar-se à secretária, sem tirar os olhos de mim durante um minuto, e pega no telefone do escritório.

– Vem cá. Tenho uma surpresa para ti.

Eu sabia que os meus três irmãos estavam todos em Nova Iorque. Há uma reunião da direção às nove horas e a presença de todos é obrigatória.

Dirijo-me ao bar e olho para o sortido de todas as bebidas alcoólicas que não tenho podido comprar.

– É demasiado cedo? – pergunto.

– Algures já deve ser uma boa hora – responde, casualmente.

Sirvo-me de um *whisky* e levanto a garrafa. Ele sorri com um subtil abanar da cabeça.

– Vou esperar que também seja aqui.

– Continuas um chato, estou a ver. – Bebo a minha bebida e sorrio, enquanto a sinto queimar na garganta. – Ahh. – Levanto o copo e fico a olhar para o líquido âmbar. – Isto sim.

A porta abre-se de rompante e o Tristan e o Elliot aparecem. Ambos se riem alto e apressam-se a abraçar-me. O Elliot abraça-me durante um pouco mais de tempo do que devia.

– Larga-me, seu sacana assustador. – Sorrio ao afastar-me dos seus braços.

Ele esmurra-me com força.

– Ainda bem que acabou.

– Tiveste saudades minhas? – pergunto.

– Não. Só estou farto de fazer o teu trabalho.
 Os seus olhos demoram-se carinhosamente no meu rosto, e eu puxo-o para outro abraço.
 – Tive saudades tuas.
 – Londres é uma porcaria sem ti lá.
 – Conta-me tudo – diz o Tristan, servindo três copos de *whisky*.
 O Jameson estremece.
 – São oito e meia da manhã.
 – Porra, deixa de ser chato – diz o Tristan, enquanto passa os copos. Ele levanta o seu para propor um brinde e todos nós levantamos o nosso também.
 – Juntos.
 Os meus olhos enchem-se de lágrimas. Foda-se. *Tive mesmo saudades deles.*
 É aqui que eu pertenço, com os meus irmãos, a gerir a nossa empresa.
 – Juntos – repetimos todos.
 – Então... – O Tristan sorri. – Conta-nos tudo. O que é que se tem passado com os gorilas na bruma?
 Eu desato a rir.
 – Porra, essa noite foi infernal, e ainda por cima a bruxa roubou-me o cartão de crédito.
 Todos se riem.
 – Taxista. – O Jameson sorri. – Tu. Um taxista. Essa mata-me... é a melhor história que já ouvi na vida.
 E quando aquele tipo vomitou no carro e depois tu vomitaste por solidariedade.
 – Oh, não – gemem todos.
 – Nem me lembres. – Estremeço.
 – Quando foste um urso e levaste um murro nos tomates.
 Os três desatam a rir enquanto imaginam.
 – Sim, sim. Riam à vontade. – Reviro os olhos. – Ainda consigo saborear o sangue.
 Eles riem-se mais, e eu esvazio o meu copo.
 – Temos de ir. A reunião é daqui a dez minutos. Podemos assinar os documentos do fundo fiduciário amanhã? O que vamos comprar agora?
 – Um arranha-céus na quinta avenida. Vou telefonar ao advogado e marcar uma reunião. Estão todos cá amanhã?
 – Sim, sim, parece-me bem – respondem todos. – Jantar e bebidas hoje à noite? – pergunto.
 – Combinado. – O Tristan dá-me uma palmada nas costas, o Elliot despenteia-me o cabelo e o Jameson dá-me um sorriso cúmplice. – Que bom que estás em casa. Acabaram-se as ideias disparatadas.
 – Eu sei. – Sorrio. – É bom estar em casa. – Começamos a andar para a sala de reuniões.
 Só que não foi disparatado, foi ótimo. Provavelmente, a melhor altura da minha vida.
 Foi-me mostrada uma forma diferente de viver, uma forma em que não havia problema em ser quem sou.
 Sem expectativas, sem prazos... só eu... e ela.
 De repente, sinto uma tristeza e a minha expressão muda. O Elliot apanha-me e enrug a testa.
 – O que se passa? – sussurra, enquanto caminhamos.
 – Nada.
 Ele fita-me.
 – Esquece. – Passo por ele.
 Não estou com disposição para as tretas psicológicas dele.

HAYDEN

– Tu dormiste com ele? – guincha a Bernadette.
 – Não. – Passo por ela e entro no duche. As raparigas regressaram inesperadamente de Portugal. O *hostel* onde estavam foi encerrado porque houve uma falha elétrica e ficou sem energia. Não conseguiam arranjar outro sítio, por isso voltaram para aqui.

– Então porque é que ele se foi embora? – Ela segue-me.

– Tinha de assinar uns papéis em casa – respondo.

– Beijaste-o?

Hesito.

– Beijaste – suspira. – Eu sabia.

– Ele não vai voltar. Sabes disso, não sabes? – diz a Kimberly, enquanto liga o chuveiro da sua cabina.

– Ele vai voltar – exclamo, pondo a cabeça debaixo de água.

– Como é que tens tanta certeza? – questiona a Bernadette.

– Porque... Eu conheço-o.

– Sabias que ele se ia embora antes de o beijares?

– Sabia que ele se ia passar, se é isso que queres dizer.

– Então porque é que o beijaste? – exige. Está zangada por nos termos beijado.

Ela adora o Christopher. Na cabeça dela, eu afastei-o.

– Porque não há forma de o contornar. Ele tem de ultrapassar isto e regressar de livre vontade.

– E se ele não o fizer?

– Vai fazê-lo.

– Não tenho tanta certeza.

– Não o conheces como eu.

– Não sejas tola. Ele foi-se embora e levou tudo. Consegues ouvir-te?

– Sei que isto parece estúpido, mas sei que temos algo. E é real... e vou confiar nisso – digo.

– Tens razão, parece estúpido. Um homem não foge quando dorme com uma mulher, a não ser que não a queira voltar a ver. Ele conseguiu o que queria e agora foi-se embora.

Estou a ser estúpida?

Não.

Estou a confiar nele. Confio em nós.

– Não dormimos juntos, e ele tem umas merdas para resolver, é só isso.

– Já te ligou?

– Não.

Porque é que ele não me ligou?

– E se ele dorme com outra pessoa enquanto está fora? – pergunta a Bernadette.

O meu coração afunda-se porque sei que é uma possibilidade real. As pessoas assustadas fazem coisas estúpidas.

– Então acabou entre nós. – Suspiro. A ideia dá-me vómitos. – Ele vai contar-me se o fizer. O Christopher é muita coisa, mas não é mentiroso. Ele saberá se fez asneira e vai dizer-me. Não é um sacana.

– Isso se o voltares a ver.

– Sei que ele vai voltar.

– O que te faz ter tanta certeza?

– O Eddie está aqui.

– E então?

– Ele nunca o deixaria sem se despedir.
– Mas... *Deixar-te-ia* a ti...
– Esquece, Bernadette – exclamo, perdendo a paciência. – Não vou discutir mais isto.

– Coração partido a caminho – murmura a Kimberly.

– Exato – concorda a Bernadette.

Expiro pesadamente. Espero que estejam erradas.

Meu Deus, espero que estejam erradas.



Saio do quarto para tomar banho.

– Bom dia, Menina Hazen.

Viro-me e vejo o Eduardo pacientemente à espera à minha porta.

– Bom dia, Eddie. – Sorrio. Raios, este miúdo é o ser humano mais querido de todos os tempos. – O que andas a tramar? – pergunto, enquanto caminhamos até ao meu cacifo.

– Estou aqui para ajudar-te hoje.

– Não é preciso, querido. Vai relaxar. Não preciso de ajuda com nada.

Ele muda de expressão como se estivesse desapontado e mexe os dedos nervosamente à sua frente.

Corrijo-me.

– Isso se tiveres mais alguma coisa para fazer. Eu vou ao mercado. Podias fazer-me companhia, se quiseses.

O seu rosto ilumina-se.

– Está bem, posso fazer isso.

– Dá-me dez minutos para tomar banho e depois vamos.

– Onde espero por ti? – pergunta, entusiasmado.

– Onde quiseses.

Ele dá-me um grande e belo sorriso, e o meu coração derrete. Sei porque é que o Christopher está tão encantado por este rapaz. Também eu estou bastante encantada.

Tomo um duche, visto-me e saio, encontrando o Eddie sentado no chão junto à minha porta.

– Não tens de te sentar no chão, querido – digo eu. – Podias ter esperado na sala de estar.

Ele encolhe os ombros enquanto se põe de pé.

– Não me importo de estar no chão.

Ele está a dizer a verdade. Não tem qualquer problema com nada e nunca se queixa. É o rapazinho mais trabalhador e inteligente que alguma vez conheci. A avó dele deve estar muito orgulhosa.

Bem, ele não é assim tão pequeno, mas percebe-se o que quero dizer.

Saímos do *hostel* e descemos a rua. O sol está a brilhar e o tempo está quente e ameno.

– Está um dia lindo, não está?

– Hum-hum. – Sorri, enquanto olha à volta.

Caminhamos em silêncio durante algum tempo.

– Hoje quero comprar fruta fresca, tomates e alface.
– Eu posso carregar os sacos – sugere.
– Está bem – respondo. – Isso seria estupendo. – Sorrio muito por dentro. A cada minuto que passo com ele, fico ainda mais sob o seu feitiço.
– Se calhar, também devias comprar maçãs e bananas – sugere ele.
– Acho que sim. – Sorrio.
O telemóvel dele toca e ele tira-o do bolso.
– É o Sr. Christo – diz.
– Não estou aqui – balbucio. – Finge que não estás comigo.
– Não posso mentir.
– Podes, sim – exclamo. – Faz isso.
– Olá – atende. Ele ouve e depois fica com um grande sorriso no rosto. Fico de pé a observá-lo com o seu novo *iPhone* sofisticado.
– Sim, estou bem. – O Eddie sorri. Começamos a andar novamente enquanto eu o ouço como um falcão.
– A Menina Hazen? – Os olhos do Eddie saltam na minha direção. – Ela está bem. – Ouve novamente. – Não, não foi para Portugal. Os outros também estão de volta. O *hostel* deles fechou.
O Eddie fica a ouvir e arqueia o olhar.
– Ontem à noite? Não sei o que ela fez ontem à noite.
– Saí – murmuro.
– Saiu – mente ele por mim. Os seus olhos voltam-se novamente na minha direção. – Com quem? – repete a pergunta do Christopher.
– Gajos – digo com os lábios.
O Eddie contorce o rosto e levanta a mão.
– Que gajos? – murmura ele de volta.
– Todos – digo de novo só com os lábios.
O Eddie acena com a cabeça, compreendendo finalmente o jogo.
– Um grande grupo de gajos. Bem-parecidos.
Sorrio de forma pateta enquanto ouço.
Ele interessa-se.
– O que é que ela tinha vestido? – O Eddie vinca a testa ao mesmo tempo que repete a pergunta.
Os seus olhos encontram os meus e ele franze o rosto.
– Vestido branco – digo só com os lábios.
O Eddie mente por mim.
– Não sei, um vestido branco. – O Eddie ouve e depois revira os olhos. – Não vou cortar o vestido dela.
Ponho a mão sobre a boca para evitar rir.
– Não tenho a certeza – responde o Eddie. Ele ouve durante um bocado. – Está bem, vou tentar.
– O quê? – digo sem emitir som.
Ele acena com a mão em sinal de *não te preocupes*.
– Estou bem. – Ele sorri. – Não, está sol. – Fica a ouvir novamente. – Começo às três. Vou ao mercado com a Menina Hazen esta manhã para comprar fruta. –

Ele ergue o olhar e os seus olhos encontram os meus. – Não lhe digo que ligaste? Porque não?

O meu coração aperta-se enquanto espero pela resposta.

– Oh... Estou a ver. – Ele fica a escutar e depois, finalmente, sorri. – Está bem, adeus. – Ele desliga.

– O que é que ele disse? – pergunto logo.

– Para não te dizer que ligou.

– Porque não?

– Não sei... Esqueci-me – mente.

– Estás a protegê-lo? – suspiro.

– Ele vai ligar-te, não te preocupes.

– Quando?

– Não sei.

– Bem, ele vai voltar a ligar-te? – pergunto-lhe.

– Disse que me liga amanhã.

– O... – Repasso a conversa que tiveram, tentando desesperadamente perceber o que significa tudo aquilo, e caminhamos em silêncio durante algum tempo.

– Ele gosta de ti – diz ele.

Pisco os olhos.

– Ele disse-te isso?

– Não foi preciso.

– Então como é que sabes?

– Os homens sabem estas coisas... e, além disso, como podia não gostar?

Sorrio. Este jovem adorável é tudo isto e muito mais. Enlaço o meu braço no dele, grata pela amizade dele.

– Vamos comer um gelado no caminho para casa.

O Eddie dá-me um grande sorriso.

– Está bem.

CHRISTOPHER

O restaurante está cheio e movimentado, há música alta a tocar e, ao estilo típico de Nova Iorque, toda a gente está na rua numa segunda-feira à noite.

A cidade que nunca dorme.

Os meus irmãos riem-se e conversam e, a cada momento que passo com eles, sinto-me um pouco mais eu próprio.

O Jameson estende a mão e fecha-a. Já o vi fazer isto algumas vezes hoje.

– O que se passa com a tua mão? – pergunto.

– Sei lá. – Ele abre a mão e fecha-a novamente.

– Os dois dedos do meio estão doridos, tipo, a doer.

Bebo um gole do meu *whisky*.

– Magoaste-te?

– Não. – Ele abre de novo a mão. – É na articulação, sobe para os dedos e desce para a palma da mão.

O Elliot estremece.

– Isso não pode ser bom.

– LDR – responde o Tristan casualmente para o seu copo.

– O que é LDR? – pergunto.

– Lesão por dedilhação repetitiva.
Engasgo-me com a minha bebida.
– O quê? – Tusso.
– A sério – diz o Tristan, muito sério. – É um trabalho árduo manter estas mulheres satisfeitas.
– Exato – concorda o Jameson. Ele abre o punho e fecha-o novamente.
O Tristan estende os dois dedos do meio e enrola-os, simulando a sua ação de dedilhar.
– Dói?
O Jameson faz o mesmo e estremece.
– Sim. Dói. – Os seus olhos percorrem a mesa. – *Tenho* mesmo isso – diz, horrorizado.
– A partir daqui, é sempre a descer – diz o Elliot. – Nunca mais vais fazer sexo se houver uma falha na cadeia de aquecimento.
– Caramba – murmura o Jameson entre dentes. – A cadeia de aquecimento já está bem estragada pelos três bloqueadores que vivem na minha casa sem pagar renda.
– Queres dizer... os teus filhos? – murmura o Elliot, meio a brincar.
O Jameson estreita os olhos enquanto trinca um pedaço de gelo.
Eu sorrio afetadamente, divertido.
– Tens razão, pá. Eu arranjei uma fechadura gigante... por isso, agora, em vez de entrarem à força, ficam lá fora a bater e a gritar: «Abram a porta!» – O Tristan enrola o lábio com repugnância. – E agora, com a falha LDR na cadeia de aquecimento... Estou basicamente fodido.
– E não da forma certa. – O Elliot sorri.
O Jameson revira os olhos e esvazia o copo.
– Isto não estava incluído.
Todos desatam a rir, e eu olho à volta da mesa para os meus três irmãos casados e felizes.
– O que é que *estava* incluído? – pergunto-lhes.
– O que queres dizer? – questiona o Tristan.
– Como souberam que conheceram a... – Faço uma pausa.
– A tal? – pergunta o Elliot.
– Sim. – Encolho os ombros. – Só por curiosidade.
– Hum. – O Jameson passa os dedos pela barba por fazer enquanto pensa no passado. – Na altura, não sabia. Tipo, não tive uma epifania, em que eu soube mesmo, por assim dizer.
– Sim, comigo foi o mesmo – concorda o Tristan. – Mas havia algo de diferente nela.
– Como o quê? – pergunto, completamente interessado.
– Acho que... – O Tristan faz uma pausa. – Ela era como uma amiga muito fixe, que era muito mais fixe do que eu e que eu queria desesperadamente foder.
Rio-me.
– Para mim, foi diferente. Eu não... – O Jameson aperta os lábios enquanto pensa. – Só queria estar perto dela a toda a hora. Tipo, eu estava obcecado por ela, mas uma obsessão diferente.
Sustento o olhar.
– O que queres dizer?
– Detestava ir para casa quando ela não estava lá e evitava-o a todo o custo.
Ouço com atenção. Isto é tudo novo para mim. Pensava que eles tinham tido este desejo primordial de casar com as suas mulheres no dia em que as conheceram.
– Sentia-me mais em casa no pequeno apartamento dela do que na minha *penthouse* – acrescenta o Jameson.
O quê?
– Eu também – concorda o Tristan. – Tinha saudades dela. Quando não estava com ela, tinha saudades. Dei por mim a apressar-me a chegar a casa, a fazer-lhe o jantar e a ver televisão no seu sofá... e, de repente, de alguma forma, já não se tratava de sexo.
– O que é útil agora, visto que tens LDR e uma fechadura inútil na porta. – O Elliot ergue o copo na direção do Tristan.
O Tristan ri-se.
– Factos.
– Então, o que estás a dizer é que a tua vida sexual é uma merda. – Vinco o rosto.
– De todo – responde ele. – O sexo é incrivelmente bom, mas mais do que isso, eu queria falar com ela porque foi a primeira pessoa que realmente me ouviu. A minha vida tornou-se melhor porque ela estava comigo.

O meu coração começa a bater mais rápido.

Parece-me familiar.

– Acho que o mais importante para mim foi – contribui o Elliot – não querer dormir com mais ninguém. Perdi toda a atração por outras mulheres de um dia para o outro.

Fico sem pinga de sangue. Não faço sexo há dois meses.

É como se a vontade tivesse abandonado completamente o meu corpo. Prefiro deitar-me na minha cama e ver a Hayden a ler do que ter sexo com outra mulher. Acabo a maior parte dos dias a masturbar-me no duche e depois a abraçá-la com prazer.

Foda-se.

– O que se passa? Parece que viste um fantasma – diz o Tristan.

– Está tudo bem. – Finjo um sorriso.

A conversa muda de tópico, e eu fico quieto enquanto aquelas palavras de sabedoria andam à volta na minha cabeça.

A minha vida tornou-se melhor porque ela estava comigo.

Olho de relance para ver o olhar do Elliot cravado em mim. Ele arqueia uma sobrancelha e eu desvio o olhar.

Nem tentes.

– Christopher? – Ouço uma voz feminina chamar. Olho de relance e vejo a Heidi aproximar-se da nossa mesa. A Nicki também está com ela.

As minhas duas miúdas preferidas.

Ergo as sobrancelhas de surpresa e levanto-me.

– Heidi. – Dou-lhe um beijo na cara e viro-me para beijar a Nicki. – Olá.

– Estás de volta? Porque é que não nos ligaste? – A Heidi sorri sensualmente e olha-me de cima a baixo.

As miúdas e eu temos uma cena, uma cena muito boa. *Tínhamos*, corrijo-me.

– Acabei de chegar. – Olho de relance para os meus irmãos, que estão todos a sorrir de forma pateta para elas. Sim, sim. Eu percebo: são lindíssimas. – Estes são os meus irmãos, Jameson, Elliot e Tristan.

A Heidi faz um pequeno aceno *sexy* com um movimento brincalhão.

– Meus senhores, ouvimos falar muito de vocês.

– Olá. – Todos sorriem para ela como se fosse a própria Afrodite.

– O que fazes depois? – pergunta. – Vamos pôr a conversa em dia?

– Ah... – Torço o nariz quando ela me põe na berlinda. – Não posso hoje à noite. – Aponto para os meus irmãos. – Depois ligo-te.

– Prometes? – Ela sorri, inclina-se e dá-me um leve beijo nos lábios.

Afasto-me dela.

– Claro.

Elas viram-se e retiram-se por entre a multidão, e todos ficamos a olhar. Vemos a Heidi com o seu vestido justo rosa-choque e uma silhueta de morrer: nada é deixado à imaginação. E a Nicki é apenas um sonho molhado ambulante, a fantasia de qualquer homem.

Deixo-me cair no meu lugar, desanimado.

– O que raio estás a fazer? – sussurra o Tristan. – Vai e dobra-as sobre o bar, agora mesmo.

– Sem dúvida – concorda o Jameson.

Coço a cabeça, perturbado. Pego na minha bebida e bebo tudo de uma vez.

De facto, elas estavam com bom aspeto...

Foda-se.

Olho para cima e o Elliot arqueia a sobrancelha de novo.

– O que foi? – exclamo, zangado.

Ele levanta as duas mãos em sinal de rendição.

– Nada.

– Não estou com paciência, está bem?

Ele arregala os olhos, percebendo que tocou num ponto sensível.

O telemóvel do Tristan toca e ele atende.

– Olá, miúdo. Sim, estou pronto. – Ele olha para o relógio. – Apanha-me quando passares aqui. – Ele fica a ouvir. – Está bem, até já. – Desliga. – O Harrison acabou o trabalho. Vem buscar-me a caminho de casa.

– Sim, também tenho de ir andando – diz o Jameson, enquanto levanta a mão para pagar a conta.

– Vamos beber outra – diz o Elliot.

Aceno com a cabeça, sentindo-me mais instável do que nunca.

– Pede o raio da garrafa.

Os olhos do Jameson cruzam-se com os meus e ele ergue as sobrancelhas.

– O que se passa contigo? Estás estranho.

– Concordo – diz o Tristan. – Estava a pensar no mesmo.

– Nada – exclamo.

O Elliot inclina-se para trás na cadeira. Os seus olhos astutos fixam-se nos meus e faz sinal à empregada.

Ela aproxima-se.

– São mais dois, por favor.

A Hayden beberia uma margarita.

– Na verdade – corto-lhe a palavra –, queria uma margarita... traga duas.

– Margaritas. – O Elliot estremece. – Que raio se *passa* contigo?

– Quatro – peço à empregada.

– Nada de *whisky*? – pergunta ao Elliot.

– Não – respondo por ele.

O Jameson ri-se e dá uma palmada nas costas do Elliot enquanto se levanta.

– Boa sorte. O Christopher deixou as papilas gustativas em Espanha.

O Tristan também se levanta.

– Ainda bem que não vou ficar. Não aguento essa merda. – Ele veste o casaco. – A que horas assinamos os contratos amanhã?

– Nove – responde o Jameson.

– Vemo-nos lá. – Finjo um sorriso. Eles saem do restaurante, e os meus olhos voltam-se para o Elliot.

Está agora apoiado na sua mão, com o dedo na têmpora, o olhar fixo em mim.

– Quem é ela?

– Ninguém – minto.

– Deixa-te de merdas. Quem é ela, porra?

– Esquece.

– Não te posso ajudar se não falares comigo.

Fico em silêncio.

– Ouve, parvalhão... não me mintas. Sei que se passa algo contigo e quero saber o que é.

– Quatro margaritas. – A empregada coloca-as na mesa à nossa frente.

– Obrigado. – O Elliot pega na sua e bebe um gole. Ele estremece. – A primeira é sempre tão má. – Lambe o sal dos lábios. – Credo – murmura por entre dentes –, sabe a merda.

Expiro pesadamente.

– Chama-se Hayden Whitmore.

– Bom nome. – Sorri enquanto bebe outro gole. – Parece o nome de uma personagem de um livro da Jane Austen.

Sorrio e bebo um gole também.

– Ela é.

Ele observa-me e espera que eu elabore.

– Gentil, amorosa, inocente e... – Faço uma pausa. – Diferente das mulheres que conheço. Curvilínea e doce, inteligente e espirituosa. Ela é perfeita, porra.

– Então, qual é o problema?

– Não sei.

Ele cerra o olhar.

– Como assim, não sabes?

– Literalmente, não sei. – Inclino a cabeça para trás e esvazio o copo da minha margarita.

Ele bebe mais um gole, levanta a bebida e estuda-a.

– Sabe melhor agora. Os primeiros goles foram... – Finge um arrepio.

– Pois é.

– Como é que a conheceste?

– É uma das minhas colegas de quarto no *hostel*. Estamos a viajar juntos há três meses.

Ele abana a cabeça.

– E há quanto tempo andas a dormir com ela? – pergunta.

– Não dormi com ela.

Franze a cara, confuso.

– O quê?

Encolho os ombros e esvazio o meu outro copo.

– Eu sei.

– Então... deixa ver se percebi. Nem sequer dormiste com esta mulher?

Abano a cabeça.

– Então, nem sequer andas com ela?

– Bem... tecnicamente, não.

– Como é que há um *tecnicamente* nessa frase?

– Porque eu *estou* com ela. Passo cada minuto dos dias com esta mulher e sigo-a como um cachorrinho; e ela não dorme com ninguém e nunca se interessou, de todo, por mim; depois beijámo-nos e andámos aos amassos, e eu passei-me e voltei para casa.

Ele fita-me.

– Define *amassos*.

Bufo.

– Houve um broche envolvido.

Os seus olhos arregalam-se de horror.

– Fizeste com que ela te fizesse um broche e depois fugiste?

– Não – balbucio. – Não era uma boa altura para ela e... – Aperto a cana do nariz. – Sim.

Ele olha-me.

– Somos amigos, tipo, os melhores amigos, e só penso nela, e depois estraguei tudo – desabafo.

– Porque é que estragaste tudo?

– Porque eu sou... – Tento procurar a terminologia certa. – Eu.

Ele também esvazia o seu copo e levanta a mão para pedir mais bebidas.

– Preciso de mais tequila para esta conversa.

Ficamos sentados em silêncio durante algum tempo.

– Então... não a queres?

– É esse o problema. Quero.

Ele enruga a cara.

– Então porque não vais atrás dela?

– Porque já sei que vou estragar tudo e ela é a única pessoa que não posso magoar.

– Porque dizes isso?

– Não sou bom o suficiente para ela.

– Isso é ridículo – troça.

– É mesmo? – respondo. – Pensei muito sobre isto, e a realidade é que, Elliot – e ambos sabemos que isto é verdade –, não consigo manter uma relação nem por uma semana. Aborreço-me. Estou sempre de olho nas mulheres. Nunca fui capaz de levar algo para o nível seguinte. – Tento articular-me melhor. – Não fui feito para estar com uma só mulher. Não quero que ninguém dependa de mim.

– Porque nunca te apaixonaste antes – diz.

O quê?

O meu semblante altera-se.

– Estás com medo.

– Eu *não* estou com medo – riposto.

– Tretas. Apaixonaste-te por essa rapariga e estás cheio de medinho.

– Não estou apaixonado por ela – digo, furioso. – Não posso estar. Nem dormimos juntos.

Esvazio outra margarita.

– E ainda assim... – Estende a mão na minha direção. – Olha para ti.

Passo a mão pelo rosto, indignado.

– Olha, eu sei que sempre me disste que quando chegar a altura de casar, vais escolher alguém e fazê-lo. Mas deixa-me contar-te um segredo, maninho... não é assim que acontece. Não é uma decisão consciente que se toma. Um dia, uma mulher vai entranhar-se tão profundamente no teu ser que não terás outra escolha senão seguir o teu coração.

Fico a olhar para ele, com a minha mente num caos total.

– Não posso ser divorciado, Elliot.

Ele muda de expressão.

– Porque dizes isso?

– Porque não posso. – A ansiedade aperta-me o peito. – Preferia morrer a ser divorciado. Um casamento falhado é algo que não me conseguiria perdoar. Se não o conseguir fazer bem, não o quero fazer de todo.

– Isso é ridículo. De que raio estás a falar?

A empregada pousa mais quatro margaritas à nossa frente.

– Obrigado – agradece o Elliot. Ficamos em silêncio, ambos perdidos nos nossos próprios pensamentos.

– O que achas que vai acontecer? – pergunta. – Se fores atrás dela, o que achas que vai acontecer?

– Eu *sei* o que vai acontecer.

– O quê?

– Vou estragar tudo... e ela vai deixar-me. Ficarei de coração partido e verei os meus filhos de dois em dois fins de semana. São palavras dela, não minhas.

– Mas...

– Não quero falar mais disto – exclamo. – Não vou fazer isso com a Hayden. Ela é o sonho que não posso ter. Vou voltar para Londres. Os meus dias de mochileiro acabaram. Confiar em mim, ela está melhor sem mim.

– És um idiota – exclama ele.

Bebo outro copo e atiro-o para cima da mesa. Sinto-me a ficar zonzos.

– Menos conversa. – Levanto a mão para pedir mais uma rodada. – Mais bebida.



Quatro horas depois, eu e o Elliot saímos a cambalear do bar e entramos no carro que nos esperava.

– Estou «margaritizado» – balbucia o Elliot para o nosso condutor.

Desato a rir.

– É verdade, está mesmo.

Continuamos a rir no banco de trás, e, finalmente, o carro para à porta do apartamento do Elliot.

Ele abre a porta e eu ponho o meu pé no seu traseiro e expulso-o do carro. Ele tropeça no passeio e eu rio-me.

– Pode seguir – peço ao condutor.

Ele arranca e, dez minutos depois, para em frente ao meu prédio. Saio e entro aos tropeções, e, ao passar pelo *hall* de entrada, o porteiro sorri.

– Boa noite, Sr. Miles.

– Olá. – Sorrio.

– As suas convidadas estão à espera no bar, senhor.

– Hã?

Ele faz um gesto para a área privativa do *lounge*, e eu entro e vejo a Heidi e a Nicki à espera. Os olhos delas iluminam-se quando me veem e eu paro imediatamente.

Ambas se apressam, deslizam para perto de mim e abraçam-me. A Heidi inclina-se sobre os dedos dos pés e beija-me o pescoço.

– Tivemos saudades tuas, querido.

Olho para as duas belas mulheres e o meu pau lateja.

Passou muito tempo.

– Vamos lá para cima? – Ela sorri sombriamente.

Os meus olhos focam-se nos lábios dela.

– Vamos, sim.

Capítulo Catorze

Atravessamos o *hall* de entrada e entramos no elevador, enquanto os funcionários fingem não reparar em nós. Viro-me para as portas e carrego no botão para o meu andar.

– Deus, Londres tem sido tão aborrecida sem ti.

Ambas são modelos e, tal como eu, vivem em Londres mas andam por Nova Iorque.

Sorrio, divertido. Devo dizer que também senti falta da natureza brincalhona delas; vivem completamente no momento, e isso é tão refrescante.

– Tenho a certeza de que encontraram alguns pobres incautos para vos fazerem companhia.

A Heidi passa a mão pelo meu rabo e aperta-o.

– Mas ninguém como tu, chefe.

– Estás numa liga só tua. – A Nicki sorri. Estica-se na ponta dos pés e aproxima-se para me beijar, e eu viro a cabeça.

– Calma – aviso-a. – Espera até estarmos no meu apartamento.

Ela faz beicinho com o lábio inferior, fingindo estar amuada.

– Não faças essa cara ou lavo-te essa boca. – Levanto uma sobrancelha. – E sabes bem com o quê.

Ela lambe os lábios e os seus olhos escuros fitam os meus.

Foda-se.

O meu pau endurece, formando-se uma dor subtil entre as minhas pernas.

Tive saudades das minhas meninas marotas.

Chegamos ao último andar e digitalizo a minha impressão digital. Sem perder tempo, a Nicki dobra-se, tira o vestido por cima da cabeça e atira-o para o lado, enquanto passa à minha frente. O meu olhar desce pelo seu corpo escaldante e para a tanga preta que ela desfila.

– Sem sutiã? – pergunto-lhe.

– Pensei em poupar-te tempo. – Ela dobra-se e tira a tanga com as pernas esticadas, como uma *stripper*.

Atira-a para mim, e sorrio enquanto a apanho.

– Tão atencioso da tua parte.

A Heidi faz o mesmo. Desabotoa a camisa e tira-a lentamente. Os meus olhos percorrem os grandes seios dela no seu sutiã de renda preta.

Hum...

Começo a ouvir o pulsar do meu coração nos ouvidos.

É tão estranho. O corpo da Nicki foi sempre o que mais me atraiu... mas, esta noite, são as curvas da Heidi que estão a chamar-me. Porque é que gosto de curvas de repente?

Hayden.

Assustado com a minha constatação, aclaro a garganta.

– Vou buscar bebidas. – Esbarro com o meu bar; outra bebida é a última coisa de que preciso. Encho um copo e bebo-o. Olho para a outra divisão e vejo que as duas estão agora completamente nuas.

A Heidi está de quatro no meu sofá, a abanar o rabo no ar.

Foda-se.

Encho o copo tão depressa que a bebida transborda, inclino a cabeça para trás e esvazio o copo.

Controla-te, pá.

Encho três copos e, com uma inspiração profunda, volto a entrar na divisão e encontro a Heidi deitada de costas com as pernas abertas e a Nicki deitada ao seu lado. Os dedos da Nicki estão a separar os lábios do sexo da Heidi para mim, rosas e molhados. Prontos e à espera.

– Vem cá buscar, chefe. – Ela sorri.

Foda-se.

O meu estômago revolve-se e eu franzo o sobrolho.

O quê?

Fico a olhar para as duas durante um instante; se fizer isto, sei que significará o fim de mim e da Hayden.

– De que estás à espera, chefe?

– Para de me chamar isso.

– O quê?

Que se lixe.

Não acredito que estou a fazer isto.

– Vocês têm de se ir embora – digo.

– O quê? – A Heidi senta-se nos cotovelos, aparentemente chocada.

– Não seas ridículo. – A Nicki sorri enquanto começa a avançar de joelhos na minha direção. Inclina-se e abre-me a braguilha. Chega-se para a frente e sopra ar quente para a minha pila endurecida através dos meus *boxers*.

O calor aquece-me o sangue... foda-se.

Hayden.

Afasto-me dela.

– Agora. – Puxo o fecho da braguilha e dirijo-me para a porta da frente, abrindo-a à pressa.

– Que raio se passa contigo? – dispara a Heidi.

– Tudo – vocífero. – E não gosto da tentação. Não voltem cá.

– Tentação? – O rosto da Heidi esmorece. – Estás com alguém?

Como raio é que vou saber? Assim não, isso é certo.

Enrolo os lábios, optando por ficar em silêncio, porque qualquer resposta que desse seria uma mentira.

– E então? Grande coisa – sussurra a Nicki, enquanto se aproxima de mim. – Estou-me a cagar para o facto de teres casado, desde que te possa ter. Não digo nada se não disseres – murmura ela, sensualmente, enquanto me desaperta a gravata. – Sabemos manter segredo... não sabemos, Heids?

Olho-a fixamente. Seria tão fácil tê-la... tê-las, e ela tem razão: ninguém saberia.

Hayden.

Solto-me das mãos dela, pego nas suas roupas e atiro-lhas.

– Veste-te.

– O quê? – gritam elas.

Volto para a outra divisão e despejo as bebidas no lava-loiça. – Saiam. Agora – digo.

– Porque é que nos trouxeste para aqui se não nos querias ver? – pergunta a Nicki.

– Paragem cerebral – respondo. *Paragem peniana, é mais isso.*

A Nicki tenta novamente.

– Posso fazer com que te sintas melhor.

– Por amor de Deus, Nicki – grito, quando perco a paciência. – Chega. – Aponto para a porta. – Saiam.

Agora. – Pego no vestido da Heidi e atiro-lho, pego na tanga e enfió-a na mão dela. – Por favor, peço desculpa. – Estou nervoso e enrolo-me a falar. Esta é a primeira vez que faço algo deste género. – É só que... têm mesmo de ir.

A Nicki sai disparada pela porta e a Heidi fica para trás.

– Estás bem? – pergunta ela com suavidade.

As minhas narinas dilatam enquanto olho para ela.

Pareço-te bem?

– Adeus, Heidi.

Os seus olhos fitam-me durante mais tempo do que deviam, e eu sei que ela se preocupa realmente.

Hayden.

Viro-me, vou até à janela e fico a olhar para a cidade lá em baixo. Ouço a porta a fechar-se silenciosamente e o arrependimento invade-me. Fecho os olhos, com vergonha de mim mesmo. Que raio se passa comigo?

Estou a enlouquecer.



Entro no escritório às oito e meia em ponto, e o Jameson e o Elliot estão na receção.

– Bom dia.

O Jameson encolhe-se quando me vê.

– Estás com péssimo aspeto.

– Fui «margaritizado». – Passo por eles. – Tu és o culpado – digo ao Elliot.

O Elliot ri-se. Desço o corredor e entro no meu gabinete. Deixo-me cair na cadeira.

Foda-se, sinto-me mal.

Com dores de cabeça, náuseas... vergonha.

Desgostoso.

O que é que a Heidi e a Nicki devem estar a pensar da minha provocação de ontem à noite?

Ouço bater na porta.

– Entre – digo.

A porta abre-se e a minha mãe aparece.

– Olá, querido. – E ali está ela, a mulher mais glamorosa de Nova Iorque. Vestida a rigor, com um vestido em tom *camel* de algum estilista e sapatos de salto alto, o cabelo penteado na perfeição, as costas muito direitas.

Sorrio.

– Olá, mãe. – Levanto-me e dou-lhe um beijo na cara. – Estás linda.

Ela sorri para mim.

– Vim para te levar a tomar o pequeno-almoço.

Foda-se, Elliot.

– Estou muito ocupado hoje, mãe.

– Que disparate. – Ela sorri. – Só te vi durante duas horas desde que voltaste. Preciso de mais tempo, querido.

– Já comi.

– Anda. – Ela sai do meu gabinete, ignorando tudo o que acabei de lhe dizer. – Vou roubar o Christopher. – Ouço-a anunciar aos meus irmãos.

Desço o corredor e vejo o Elliot e o Jameson ainda na receção, a conversar, e semicerro os olhos para o Elliot.

– Estás fodido – digo só com os lábios, enquanto passo por ele.

Ele sorri e acena com a ponta dos dedos.

– Diverte-te – murmura de volta.

É demasiado óbvio que o Elliot foi fazer queixinhas, e hoje não estou com pachorra para estas coisas.

Entramos no elevador, e ela entrelaça o braço no meu.

– Fala-me sobre a tua viagem.

– Foi ótima.

– Foi? – Ela enrug a testa. – Isso significa que não vais voltar?

– Não.

– Hum. – As portas do elevador abrem-se e ela mantém o braço entrelaçado no meu enquanto passamos pela receção.

– Onde queres ir tomar o pequeno-almoço? – pergunto-lhe.

– Tenho uma mesa reservada no Lamberts.

– Isso é demasiado longe. Vamos comer no café do outro lado da rua.

– Santo Deus, não. Já provaste o café daquele sítio? – O motorista abre a porta de trás do seu *Mercedes* preto e ela entra. – Obrigada, Roger. – Ela sorri.

Expiro pesadamente e entro atrás dela. O problema é que... não é possível discutir com a minha mãe. Ela manda em tudo. Ela *manda* e todos dizemos: *Sim, senhora!*



Vinte minutos mais tarde, estamos sentados no seu restaurante favorito para pequenos-almoços, e eu sorrio para ela a beber o seu café numa chávena e pires de porcelana rosa e dourada.

Os olhos dela fixam-se em mim e ela sorri com sabedoria.

– Então... querido.

Reviro os olhos. Aqui vamos nós.

– Chuta.

– Eu não chuto. Não sou jogadora de futebol, Christopher.

Sorrio largamente, e aqui está, o seu humor irritante. Acho que nós, rapazes, somos mais parecidos com ela do que com o meu pai.

– O Elliot disse-me que estás com uns problemas.
– Não – minto. – Ele percebeu mal.
– Vá lá, querido. – Ela olha fixamente para mim, implacável. – Não vamos sair deste restaurante enquanto não discutirmos isto.
– Não há nada para discutir, mãe.
– Não queres falar sobre a caça-fortunas que conhecestes.
– Ela *não* é uma caça-fortunas – disparo. – Ela acha que não tenho um cêntimo.
– E aqui está. – Ela sorri com doçura. – Eu sabia que isto ia fazer-te ceder. Conta-me tudo.
Estreito os olhos. Caramba para esta mulher calculista.
– Então... ela acha que és pobre?
– Sim.
– E, pelo que ouvi dizer, não é assim tão atraente.
– O quê? – troço. – Ela é linda, porra.
– Tento na língua. – Recorda-me ela com um sorriso cúmplice.
Ficamos em silêncio por um instante, enquanto bebemos o café.
– Sabes... – Ela pausa a elegante chávena cor-de-rosa no pires a condizer. – Ela não é a rapariga certa para ti.

Sinto os meus nervos a aumentar.
– O que te faz dizer isso?
– Anda a viajar de mochila às costas, a ficar em *hostels* imundos e a tomar-te por garantido. É óbvio que te magoou de alguma forma, se tiveste de vir a correr para casa. Provavelmente anda a dormir contigo, e aposto que também não se compromete com uma relação.

– É ao contrário, mãe – exclamo. O meu rosto esmorece. – Espera... tu sabes que ando a viajar de mochila às costas? – pergunto.

– Achas mesmo que nasci ontem? – responde ela, enquanto me observa. – No entanto, as histórias sobre o teu falso curso em Paris são fascinantes. Sem dúvida que o teu pai e eu nos divertimos.

– Porra. – Passo as mãos pelo cabelo. Ela só disse aquilo tudo para me apanhar.

– Fala comigo, querido – incentiva.

Os meus olhos fixam-se nos dela e pressiono os lábios, o mais perto das lágrimas que já estive na minha vida adulta.

– Lixei tudo, mãe.

– O que aconteceu?

Encolho os ombros.

– Não sei.

– Porque é que vieste embora?

– Não sei. – Olho para o restaurante e revejo os últimos meses. – Somos amigos, e ela é... tão bonita, doce e tudo aquilo que eu não sou, e depois beijámo-nos, e... – Encolho os ombros.

Ela sorri docemente enquanto me observa.

– De qualquer forma. – Endireito-me na cadeira. – Acabou.

Os olhos dela fixam-se em mim.

– Acabou mesmo?

– Eu quero que acabe.

– Algumas coisas não se escolhem. Escolhem-nos.

Bebo um gole do meu café. Não tenho mais nada para dizer.

– Lembras-te quando te tirei da escola e ficaste em casa comigo e com o pai durante um ano e ias à terapeuta da fala, a Sra. Teresa, às terças-feiras?

– Vagamente.

– Lembras-te do que costumavas falar com ela?

– Nem por isso.

– Ela costumava falar contigo sobre os teus problemas e medos.

Torço os lábios.

– A Sra. Teresa era psiquiatra?

Ela tira um livro da mala.

– Queres ler?

Aceito e dou uma olhadela. É um bloco de notas e tem cartas datilografadas todas coladas lá dentro. Verifico a data na primeira página. Eu teria dez anos quando isto foi escrito.

Sou da opinião que o Christopher apresenta traços de perfeccionismo.

A parte seguinte está rabiscada com a letra da minha mãe, como se ela tivesse pesquisado a palavra perfeccionismo.

Em psicologia, o perfeccionismo é um estilo de personalidade amplo, caracterizado pela preocupação de uma pessoa em procurar a perfeição, sendo acompanhado por autoavaliações críticas e preocupações relativamente às avaliações dos outros.

Traços que o Christopher exhibe facilmente:

Atitude de «tudo ou nada».

Ser muito crítico consigo próprio e com os outros.

Sentir-se pressionado pelo medo.

Ter padrões irrealistas.

Focar-se apenas nos resultados.

Sentir-se deprimido ou aterrorizado por objetivos não atingidos. Medo de falhar.

Procrastinação.

Atitude defensiva.

Embora não apresente a habitual baixa autoestima, depende muito dos seus irmãos, o que pode indicar uma relação de codependência. O Christopher sente que, para ser aceite, tem de se destacar em todas as áreas da sua vida.

Falhar não é opção.

O quê?

Contraio a testa e continuo a ler. O parágrafo seguinte é da terapeuta.

No futuro, sugiro que o Christopher continue a terapia, pois se não for tratado, julgo que estes traços possam piorar quando ele chegar à idade adulta e iniciar relações pessoais.

Fecho o livro e devolvo-o, irritado.

– Tinha dez anos.

O olhar sábio da minha mãe fixa-se no meu.

– Todos os miúdos de dez anos são estranhos. – Mexo-me na cadeira, sentindo-me pouco à vontade. –

Não sou perfeccionista.

Ela fica em silêncio.

– Não quero saber o que diz esse livro estúpido. Não sou perfeccionista, porra.

Dá um gole no café.

– Porque é que me levaste a um psiquiatra quando eu tinha dez anos? – disparo.

– Não fazias nada de novo.

– O que queres dizer?

– Se achavas que não ias ser bom em alguma coisa, recusavas-te a tentar.

– Tipo o quê?

– Começou na escola. Recusavas-te a aprender álgebra.

Não me lembro de nada disto.

– Tu e a tua professora entraram em conflito. Tu batestes o pé e simplesmente recusaste. Ela ligou-me. Foi nessa altura que começámos a reparar em coisas que sempre tínhamos visto como sendo as tuas pequenas peculiaridades.

Olho-a fixamente.

– Querido. – Pega na minha mão por cima da mesa. – Não é fácil ser o irmão Miles mais novo, crescer como tu crescestes com tanta pressão para seres perfeito.

– Não me sinto pressionado, mãe.

– Não na nossa família... mas isso afetou as tuas relações pessoais com as mulheres. Tens trinta e um anos e nunca tiveste uma namorada. Nunca te perguntas porquê?

Olho para ela, horrorizado.

– Tu consegues, Christopher. – Ela aperta-me a mão com a sua. – Eu sei que consegues, mas tens de saber que não faz mal se falhares.

Faz, sim.

Fico com um nó na garganta.

– Amar alguém é assustador, eu sei disso – sussurra ela. – Mas, um dia, *terás* de ceder o controlo a alguém. A única decisão que tens de tomar agora é... Esta rapariga em particular vai ser aquela a quem vais confiar o teu coração ou vai ser aquela que escapou?

Hayden.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

A minha mãe dá-me o livro.

– Leva isto para casa, querido, e lê-o. Estuda-o. Melhor ainda, vai consultar um terapeuta. Não te quero ver partir o teu próprio coração.

– É demasiado tarde. – Suspiro com tristeza. – Ela foi-se.

HAYDEN

Estou sentada no banco à porta do *hostel*. Olho para o meu relógio. Onde é que ele está? Começo a trabalhar daqui a uma hora. Já costuma estar aqui por esta altura.

Espero mais dez minutos e, finalmente, ao olhar para a rua, vejo-o e aceno. Uns grandes e belos olhos castanhos sorriem para mim.

– Olá, Menina Hazen.

– Olá, Eddie. – Sustenho a respiração. – Ele ligou?

O rosto de Eddie esmorece e abana a cabeça.

– Não.

O meu coração afunda-se.

Já passaram oito dias desde que o Christopher se foi embora.

Percebi mal.

Ele não vai voltar.

Deixou de telefonar ao Eddie há quatro dias, e agora o Eddie está tão triste como eu.

O que é triste, muito triste.

Os outros partiram todos para a Alemanha na segunda-feira. Não consegui obrigar-me a ir com eles. E se ele voltar e eu não estiver aqui? Mesmo que seja só para dizer adeus.

Espero que ele esteja bem.

A questão é que eu sei que ele se preocupa. Engano-me em muitas coisas, mas não imaginei o sentimento entre nós. Sempre soube que ele estava todo lixado. Parece que não percebi o quanto.

Analisei demasiado isto até quase enlouquecer.

E cheguei à única conclusão possível. Talvez o meu corpo não fosse suficiente para ele. Já vi as raparigas com quem ele anda, e nem sequer estou na mesma estratosfera delas. Talvez ele tenha tido uma amostra do que eu não sou e decidiu saltar fora.

A ideia é deprimente, a realidade é deprimente, e aqui estou eu do outro lado do mundo e tudo o que quero é um abraço da minha mãe.

O Eddie acompanha-me até à paragem do autocarro, e esperamos em silêncio, ambos perdidos nos nossos próprios pensamentos.

– A que horas saís hoje do trabalho? – pergunta-me.

– Às oito.

– Não posso ir buscar-te a essa hora. Ainda estou a trabalhar.

– Tudo bem. – Sorrio e ponho o meu braço à volta do meu pequeno segurança. Tomou o lugar do Christopher como meu guarda-costas pessoal, vindo buscar-me quando estou a trabalhar até tarde.

– Nem sequer está muito escuro a essa hora. Eu fico bem.

O autocarro chega, e dou-lhe um beijo na cara.

– Obrigada por me acompanhares até à paragem. Sorrio. – Diverte-te no trabalho.

– Não dá. – Revira os olhos. – Igualmente.

– Para mim também não dá de certeza. – Subo para o autocarro, sento-me e aceno enquanto nos afastamos.

Adoro o Eddie.

Quatro horas depois

Arrumo a mesa nove e limpo-a. Recolho todos os pratos e coloco-os no tabuleiro, viro-me para voltar à cozinha e paraliso.

O Christopher está à entrada do restaurante. Os seus grandes olhos procuram-me.

Esboço um leve sorriso e ele faz o mesmo. Vem na minha direção, e eu pouso o tabuleiro dos pratos e avanço também na sua direção.

– Olá – sussurra, enquanto me toma nos braços.

A emoção domina-me.

– Levaste um belo tempo – sussurro.

– Acredita em mim, não foi nada belo. – Ele beija-me ternamente, os seus lábios demoram-se nos meus.

– O que tens a dizer?

Ele dá-me um sorriso grande e bonito.

– Porra, vamos a isto.

Capítulo Quinze

Ele pega no meu rosto com as mãos e beija-me, num misto de alívio e felicidade, com um deslizar perfeito da língua. Sorrimos contra os lábios um do outro e beijamo-nos uma e outra vez.

– Está tudo bem? – sussurro.

– Agora sim. – Ele beija-me novamente.

– Foi a tua primeira e última oportunidade – murmuro.

– É justo. – O seu beijo aprofunda-se, e esquecemo-nos de onde estamos.

– Ei – chama o meu chefe. – Ela está a trabalhar.

– Tenho de ir. – Sorrio ao tentar afastar-me.

O Christopher segura o meu rosto junto ao dele como se não me quisesse largar.

– Ainda não. – Ele beija-me novamente e eu sinto-o no meu âmagô. – A que horas saís?

– Às oito.

– Venho-te buscar?

– Está bem. – Afasto-me dele.

– Queres ter um encontro comigo? – pergunta, esperançoso.

Sorrio. – Pode ser.

– Está bem – repete ele, enquanto me observa. – Está bem... Ele acena com a cabeça como se estivesse a tranquilizar-se.

– Já disseste isso.

– Está bem. – Ele torce o nariz. – Foi, não foi? – Ele dá um passo atrás em direção ao balcão dos talheres. – Desculpe – diz antes de se aperceber que não é uma pessoa. Ri-se, envergonhado. – Oito?

Está nervoso.

– Está bem. – Eu rio-me.

– Isso são muitos *está bem* – responde.

– Vocês os dois podem parar? – pede o meu chefe.

Os olhos de Christopher fixam-se nos meus e faço um sorriso exagerado. – Até logo à noite.

Ele vira-se e quase sai a correr do restaurante, e eu rodopio orgulhosamente em direção à cozinha.

Ele voltou.

CHRISTOPHER

Desço a rua em passo rápido e olho para o relógio. Quatro da tarde.

Foda-se.

Só tenho quatro horas.

– Onde raio é que se leva uma rapariga a um encontro? – Penso por um momento e depois telefono à única pessoa romântica que conheço, o Elliot.

– Como correu? – pergunta.

– Foi surpreendentemente... clemente.

Ele ri-se.

– Boas notícias.

– Disse-lhe que íamos ter um encontro esta noite.

– Boa ideia.

– Foi? – Olho de lado. – Porque, neste momento, o romance é a última coisa que me passa pela cabeça.

– Hum. É preciso passar pela parte do encontro para chegar à parte boa.

– Não me digas – disparo. – Tenho quatro horas para me preparar para a deixar deslumbrada. O que raio faço?

– Está bem... hum. – Ele pensa por um momento. – O que queres fazer?

– Não quero passar a nossa primeira noite na merda de um quarto partilhado, isso é certo.

– Reserva um quarto de hotel.

– Ela acha que sou pobre.

– Diz-lhe... – Ele pensa por um momento. – Diz-lhe que o teu avô conhece o proprietário e que tem uns cupões para algumas noites gratuitas que nunca irá utilizar, por isso deu-tos.

– Realmente – assinto, enquanto o plano dele se desenrola na minha cabeça –, não é nada mal pensado.

– E leva-a a jantar.

– Hum-hum.

– Mas não bebas muito, senão vais fazer merda durante o sexo.

Olho com espanto.

– Define *fazer merda*?

– Ser demasiado bruto.

– Isso acontece? – Suspiro, horrorizado.

– Sim. Acontece. Miúdas simpáticas que não fazem sexo há muito tempo não fodem como tu. Tens de a treinar. De forma suave e gentil nas primeiras rondas.

– O quê? – grito. Estou tão distraído que vou contra uma senhora idosa que ia a passar. – Lamento imenso – digo, enquanto a vejo coxear.

– O que estás a fazer? – pergunta.

– A deitar avozinhas abaixo. O que queres dizer com forma suave e gentil? Como é que se fode de forma suave e gentil e, mais importante ainda, porque é que alguém ia querer fazê-lo? – Começo a transpirar. – Vou estragar isto de certeza.

– Está tudo bem.

Começo a passar-me.

– Não... isto é uma má ideia... Não sei porquê. O que raio estava eu a pensar? – grito.

– Acalma-te.

– Acalma-te. – Os meus olhos quase me saltam da cara. – Acalmo-me? Acalma-te tu – grito. – Isto é um desastre.

– Eu reservo-te o hotel.

– Está bem. – Paro e começo a andar de um lado para o outro. Inspiro profundamente, tentando acalmar-me.

– Algo bom... com *spa*.

– Está bem, ótimo, envio-te a morada por mensagem.

Imagino-me nu numa banheira de hidromassagem com a Hayden e os nervos fervilham no meu estômago.

Foda-se.

Paro, a importância desta noite é agora mais evidente do que nunca.

Como se pressentisse o meu colapso iminente, o Elliot diz calmamente:

– Está tudo bem, amigo. Tens tudo controlado. Não penses demasiado e vais ficar bem.
Assinto.

– Nem penses muito nisso. Eu mando-te a morada do hotel por mensagem. Faz a mala para uma noite e vai buscá-la ao trabalho, como de costume, vai correr tudo bem.

– Está bem – concordo. – Ele tem razão.

– Talvez devas passar por uma farmácia e comprar algum lubrificante.

Aperto a cana do nariz.

– Estás a ouvir?

– Sim – cuspo. – Não vou ter esta conversa contigo. – Desligo de repente.

Subo as escadas do *hostel* e dirijo-me logo ao meu cacifo. Tiro a prenda que comprei ao Eddie. Tive saudades daquele puto.

Saio para a zona do bar. Ele está a servir do outro lado e não repara em mim. Esgueiro-me para um banco. Ele troca de idioma como um profissional, e observo-o com admiração. Ele vira-se e repara em mim, o seu rosto ilumina-se, e eu sinto um frio na barriga.

Cerro os olhos. *O que foi aquilo?*

– Ei. – Ele sorri.

– O meu homenzinho. – Eu rio-me.

– Onde raio foste?

– Tinha umas merdas para fazer em casa. – Dou-lhe o presente. – Tenho uma coisa para ti.

Ele olha para o boné de basebol com os olhos arregalados. É azul-marinho com as letras *NY* brancas na parte da frente.

– Significa Nova Iorque – digo-lhe.

A boca dele abre-se, e é como se eu lhe tivesse dado uma joia sagrada de família.

– Oh, meu Deus – sussurra. – É incrível. – Ele passa-mo novamente. – Mas não posso aceitar. É demasiado.

– Quero que fiques com ele.

– Já me deste tanto.

– Põe o boné – exijo.

Põe-no e baixa-se para ver o seu reflexo nas portas brilhantes do frigorífico. Ele sorri, orgulhoso.

– Como estou?

– Ótimo. – Sorrio. A felicidade dele é contagiante.

Foda-se, adoro este miúdo.

– Muito obrigado. – Ele coloca a mão sobre a minha no balcão e eu só quero abraçá-lo. Mas não o farei, porque vai parecer sinistro, e ele é apenas um miúdo atrás do balcão que eu não devia querer abraçar.

– A Menina Hazen. – Ele suspira.

– Sim, vou vê-la hoje à noite.

– Ela esteve à espera que voltasses.

Graças a Deus.

– Vou levá-la a um sítio especial hoje à noite. – Ouço o barulho de uma mensagem a cair no telemóvel.

Elliot.

Bella Donna Duas noites

Merda, duas noites. É um pouco presunçoso, não é? Quem é que consegue ser meigo durante duas noites seguidas?

Argh, isto é tudo tão...

Parece que vou seguir o meu instinto. De qualquer forma, amanhã posso estar na merda. A banheira de hidromassagem vai dar jeito para me afogar.

Há pessoas à espera que o Eddie as sirva.

– Queres uma cerveja? – pergunta.

– Hum. – Ergo o olhar e lembro-me das palavras do Elliot. – Não, estou bem. Falo contigo mais tarde, amigo.

Ele sorri.

– Obrigado pelo boné. Nunca mais o vou tirar.

Ando pelo restaurante à velocidade da luz. Limpar nunca foi tão urgente.

Olho para o meu relógio. Vai aparecer a qualquer momento. Limpo as palmas das mãos ao avental, molhadas e pegajosas. Merda... Estou nervosa. E não devia. É apenas o Christopher, mas vê-lo nervoso – alguém que não tem absolutamente nenhum motivo para estar nervoso – deixou-me nervosa também. Eu *devia* estar nervosa.

Não dormi com mil pessoas e sou totalmente inexperiente, não tenho uma figura de morrer, e, caramba, da última vez que curtimos, ele fugiu a sete pés.

Espreito pela janela da frente e vejo-o a subir a rua em direção ao nosso ponto de encontro. Estreito os olhos e estudo-o atentamente. Está vestido com uma bela camisa e calças de ganga e tem um saco de viagem com ele.

O quê?

Vamos a algum lado?

Oh, não... Preciso de tomar um duche, depilar as pernas e, raios, ele não pode surpreender-me com uma noite fora no nosso primeiro encontro. Vem-me à cabeça outro pensamento. Oh, bolas, ele deve ter mexido na minha mochila para ir buscar a minha roupa e eu tenho roupa suja lá dentro e... blhec.

Sem os seus hábitos de sargento de lavar roupa todos os dias, não o tenho feito de todo. A última coisa que me vem à cabeça quando tenho o coração partido são tarefas domésticas.

Aposto que lavou tudo. *Merda.*

Porque é que ele é tão asseado?

Aposto que fez a minha cama e limpou o quarto, e o que é que aconteceu ao estereótipo da mulher a chatear o homem? E se eu quisesse essa posição? Quer dizer, não quero... mas mesmo assim.

– Boa noite, Hayden – diz o meu chefe. – Obrigado por hoje.

– Tudo bem. – O meu estômago revolve-se. – Até ao próximo fim de semana.

Saio para a cozinha, lavo as mãos e vou à casa de banho. Tento arranjar o meu cabelo ao espelho e limpo o rímel das olheiras.

Certo... Baixo os ombros.

Está tudo bem.

Pego na minha mala e saio para a rua. A cada passo que me aproximo dele, fico um pouco mais nervosa. Ele está à espera pacientemente, com um saco de viagem na mão.

– Olá. – Sorrio.

– Olá. – Ele dobra-se e beija-me suavemente, os seus lábios demoram-se nos meus.

Tive saudades dele.

– Para que é o saco? – pergunto.

– Eu... pensei que... se não houver problema... – Ele enrola-se nas palavras. – Reservei um hotel para esta noite.

– Oh...

– Mas isso não significa que eu esteja garantido – acrescenta. – Não tenhas ideias.

– Certo. – Eu rio-me. Ele pega-me na mão e começamos a caminhar pela rua. –

Mas estás garantido? – pergunto.

– Absolutamente. – Ele dá-me um sorriso *sexy* e pisca-me o olho.

– Não precisamos de ficar num hotel. É demasiado caro e os outros nem sequer estão cá.

– Não sabia disso quando o reservei. – Ele faz uma pausa. – Bem... o meu irmão reservou-o com alguns cupões que tinha.

– Que irmão?

– O Elliot.

Sorrio enquanto ouço.

– Portanto, se o hotel for uma merda, pomos a culpa nele.

– Sim, fazemos isso. – Sorrio. Caminhamos em silêncio durante algum tempo.

– Trouxeste as minhas coisas?

– Sim.

– Lavaste-me a roupa?

– Talvez... – O seus olhar cintila ao encontrar o meu. – Lavei a *nossa* roupa.

– Acabaste de chegar hoje – observo.

– Tinha coisas para lavar.

– Fizeste a minha cama?

Ele ergue uma sobrancelha.

– É possível.

Pressiono os lábios.

– Em minha defesa, bati uma na tua cama com o teu cheiro nos lençóis. Fiz a cama por gratidão, com um fulgor pós-orgásmico.

Eu desato a rir e ele ri-se também. Os nossos olhos demoram-se um no outro e o meu coração derrete-se. Ele inclina-se e beija-me.

– Senti a tua falta, Rabugenta.

– Não tanto quanto eu senti a tua.

Ele larga o saco, toma-me nos seus braços e beijamo-nos, devagar e com ternura, aqui mesmo na rua, no meio de toda a gente.

– Estás muito beijoqueiro hoje. – Sorrio para ele.

– Estou, não estou? – Ele arqueia o olhar. – Vou ter de trabalhar nisso.

Ele pega novamente na minha mão e começamos a andar.

– Onde vamos ficar? – pergunto.

– Não sei, num hotel qualquer.

– Por favor, diz-me que tem uma banheira.

– Gostas de banheiras?

– Adoro banhos de banheira e há três meses que não tomo nenhum. É a única coisa que odeio nos *hostels*.

Ele estremece.

– Mas será que ias mesmo querer tomar banho de banheira no *hostel* com todos aqueles cabrões sujos que lá ficam?

– Bem, o meu colega de quarto bate umas na minha cama enquanto estou a trabalhar, por isso... – Encolho os ombros e ele ri alto.

Oh, isto sabe tão bem... e normal, a rir e a sermos nós mesmos. Preocupava-me que as coisas mudassem entre nós. Sinto-me tão aliviada por, até agora, não ter

acontecido.

– Vamos jantar fora hoje. – Ele sorri. – Para celebrar.

– Está bem.

A excitação borbulha no meu estômago.

– O que fizeste enquanto estiveste fora? – pergunto.

– Coisas.

Olho para ele.

– Coisas?

– Coisas aborrecidas. O que queres comer hoje?

Está a mudar de assunto.

– Algo picante.

– Picante? – Ele olha-me de lado. – Não aconselho.

– Porque não?

– *Vamos* partilhar uma casa de banho.

Eu rio-me.

– Bem visto.

Ele olha para o mapa no telemóvel dele.

– Na verdade, o hotel fica muito longe daqui. Vamos apanhar um Uber.

– Está bem. – Ele introduz as nossas coordenadas. – Esperamos aqui. – Ele puxa-me mais para o passeio e empurra-me contra a parede.

– O que estás a fazer? – sussurro. As pessoas estão a começar a olhar para nós.

– A beijar a minha miúda na rua. O que é que parece? – Os seus lábios tomam os meus.

A miúda dele.

Sorrio contra os seus lábios. A noite já está a ser um sucesso.



Vinte minutos depois, o Uber para em frente ao hotel mais chique que alguma vez vi, e eu espreito pela janela.

– Tens a certeza que é aqui?

– Hum-hum.

Ele sai do táxi e ajuda-me.

– Parece demasiado chique – sussurro, enquanto os porteiros vêm a correr ajudar-nos.

– Serve. Encolhe os ombros.

Sorrio quando entramos na receção. Os porteiros correm todos para segurar a porta aberta.

– Boa noite, Sr. Miles. – Acena um com a cabeça.

Hum.

– Como é que ele sabe o teu nome? – sussurro.

– Sabes como são estes lugares chiques.

– Não, na verdade não sei.

Ele aponta para uma área de estar de aspeto elegante.

– Senta-te aqui enquanto eu faço o *check-in*.

– Não, eu vou contigo.

Ele empurra-me para o sofá.

– Senta-te.

Oh, Deus.

– Está bem.

Ele vai à receção, e eu olho em volta para o porteiro e para todos os funcionários, todos de fato preto e com um ar mais distinto do que qualquer outra pessoa que vi até agora em Espanha.

Cinco minutos depois, estamos a entrar no elevador para o nosso quarto.

– O que trouxeste para eu vestir? – pergunto.

– Adivinha. – Sorri.

– O meu vestido branco.

– Bingo.

– Não estás farto de olhar para esse velho vestido branco?

– Nunca. Podes casar-te nele se quiseres. – As sobrancelhas dele erguem-se, horrorizado com o que acabou de sair da sua boca. – É algo estranho de se dizer... ignora-me. – Começa a enrolar-se novamente nas palavras. – Quer dizer, não... caracas.

– Relaxa, eu sei o que querias dizer. Gostas do vestido, já percebi. – Pressiono os lábios para parar o meu sorriso. Ele é hilariante.

Chegamos ao nosso andar, caminhamos pelo corredor e ele abre a porta. Entramos e o ar deixa os meus pulmões.

– Mas que raio? – suspiro. – Que belo cupão.

É um apartamento completo, com belas obras de arte e mobiliário sumptuoso. Passamos para o quarto e há uma cama de dossel e uma enorme banheira de hidromassagem no meio do quarto.

– Uau – arfo, de olhos arregalados. – Isto é...

O Christopher estreita os olhos enquanto olha à volta.

– Que subtil, Elliot – murmura.

– O que é que isso significa? – pergunto, enquanto me aproximo da janela.

– Nada. O meu irmão é um idiota do caracas, é só isso – exclama ele.

Ainda está perturbado com o comentário sobre o vestido de noiva.

– Quero tomar um duche. Podes dar-me meia hora para me arranjar? – pergunto-lhe.

Os olhos dele estão em mim.

– Porque não vais ao bar lá em baixo, reservas um restaurante para nós e tomas uma bebida enquanto esperas por mim? Depois, eu desço e vou ter contigo.

– Está bem, uma bebida parece-me bem. – Ele dá-me um beijo nos lábios e sai praticamente a correr do apartamento. O pobre coitado pensa que acabou de me pedir em casamento ou algo do género.

Certo.

Operação gaja boa.

Abro o fecho da minha bolsa e tiro o vestido que comprei hoje. Está enrolado numa pequena bola. Graças a Deus que é elástico e não precisa de ser passado a ferro. Depois de o Christopher ter vindo ter comigo ao trabalho hoje, saí na minha hora de almoço e comprei um vestido para sair. Até trouxe roupa interior sensual. Não estava no orçamento, mas que se lixe – é uma ocasião especial.

Revisto o saco das coisas que ele me trouxe e encontro o meu estojo de produtos de higiene. Dou uma vista de olhos rápida, aliviada por encontrar um gilete.

– Graças a Deus.

Olho para o meu relógio em pânico...

– OK, vamos a isto. Tenho vinte e oito minutos para me tornar completamente irresistível.

Trinta e dois minutos mais tarde

Olho para o reflexo no espelho. Nada mau. Tenho o cabelo apanhado, não por opção. Infelizmente, alguém não trouxe o meu alisador, mas não faz mal. A minha maquilhagem é mínima e tenho um brilho de entusiasmo a transbordar de mim. Viro-me e olho para a parte de trás. Novamente, nada mau. Como é que encontrei um vestido tão bonito em três minutos, nunca saberei. É justo e pregueado, com alças finas e na mais bela cor malva. Não é algo que eu normalmente compraria, mas só com uma loja disponível e sete minutos para decidir, foi a escolha possível. Sorrio, orgulhosa. Até gosto.

Respiro fundo e com força. É agora, a noite por que tenho estado à espera e, raios, quero mesmo que corra bem. Acredito mesmo que há algo entre nós.

Ponho um batom brilhante e encolho-me. Ai, pareço uma *stripper*. Pego num lenço de papel, limpo-o e coloco outro.

– Nojento. – Limpo-o também e, por fim, opto por um *gloss* natural. – Isto vai ter de servir. – Calço os meus sapatos: não são os que eu usaria com este vestido, mas enfim... é o que é. O Christopher parece gostar destes sapatos. Está sempre a tirá-los para eu os usar.

– Está bem. – Fecho os olhos. – Por favor, que isto corra bem.

Dirijo-me ao restaurante do hotel, olho em volta e vejo-o sentado no bar. Ele vira-se precisamente no momento em que o vejo e dá-me o mais belo e rasgado sorriso, enquanto os seus olhos percorrem o meu corpo de cima a baixo.

Nervosa, dirijo-me para ele.

– Olá.

– Olá – ronrona ele, enquanto passa a mão pelo meu traseiro e me puxa para junto de si.

– Estás mesmo boazona, Rabugenta. – Ele beija-me suavemente.

– Obrigada. – Encolho os ombros, envergonhada. – Não me apeteceu usar o meu vestido de casamento hoje.

Ri-se.

– Graças a Deus. – Ele beija-me novamente, enquanto o ar se agita entre nós. Que se lixe o encontro, vamos voltar lá para cima imediatamente.

– Pedi uma bebida para ti.

Olho e vejo duas margaritas no bar.

– A minha favorita – digo, enquanto deslizo para o banco ao lado dele.

Os olhos dele estão em mim, o queixo apoiado na mão, e sorri-me de forma

sonhadora.

– Tu és *a minha* favorita.

Bebo nervosamente a minha bebida, sem saber como responder.

– O que vamos comer?

– Eu sei o que vou comer. – Os seus olhos escuros focam-se nos meus.

Foda-se.

– Estou a falar de comida.

Ele levanta uma sobranceira, como se não estivesse impressionado, e bebe um gole da sua bebida.

– Não sei, vamos dar um passeio, acho eu. Nem sequer sabia o nome de nenhum restaurante aqui perto.

– Está bem. – Pego na minha bebida e bebo um gole. – Humm, o céu num copo. – Sorrio.

– Tive uma noite de margaritas particularmente longa em tua honra quando fui a casa.

– Tiveste?

– Eu e o Elliot fomos «margaritizados».

Eu rio-me.

– «Margaritizados»?

– Hum-hum.

– Fala-me do Elliot. – sorrio. – Vocês os dois parecem próximos.

– Hum, na verdade... – Pensa por um momento. – Ele é muito parecido contigo.

– Como?

– É um romântico trágico, rabugento. Fiável e leal.

Sorrio.

– É?

– Hum-hum.

– E tens três irmãos?

– Tenho. O Jameson é o mais velho, o Tristan é o seguinte, o Elliot e depois eu.

– És o filho mais novo?

Ele acena com a cabeça.

– São todos parecidos?

– Não. – Abana a cabeça. – O oposto. O Jameson é motivado e resmungão. O Tristan e eu somos muitos parecidos. Até fisicamente. Acho que o Elliot é uma boa mistura de nós os três juntos.

Sorrio. Adoro ouvi-lo falar sobre a família.

– E tu? – pergunta.

– Sou filha única.

O seu rosto esmorece.

– Filha única?

– A minha mãe teve uma hemorragia durante o meu parto, e, para lhe salvarem a vida, fizeram-lhe uma histerectomia completa. Depois de mim, não teve mais filhos.

– Oh. – Ele ouve com atenção. – Como foi isso, crescer sem irmãos? – Não consigo imaginar.

– Não conheço nada diferente. – Encolho os ombros. – Por isso.

Ele assente enquanto ouve atentamente.

Ficamos calados e bebemos as nossas bebidas. Há um elefante na sala de que ambos estamos a evitar falar.

Não quero ser eu a falar disso. Tem de ser ele.

– Alemanha esta semana, não é? – Sorrio.

– Sim. – Ele acena com a cabeça. – Ou podíamos ficar aqui durante mais algum tempo. Há um curso de *barman* que eu não me importava de fazer. Já me informei e há um lugar vago na próxima semana.

– A sério? – Arregalo os olhos, surpreendida. – Queres ser *barman*?

– Bem... – Encolhe os ombros. – Estive a pensar no que poderia fazer nos próximos nove meses, e só há duas coisas que me interessam.

– Quais são?

– Ser o teu AR e fazer *cocktails*.

– O meu AR? – FRANZO a testa.

– Assistente de rata.

Rio-me.

– Oh, gosto disso.

– Pagas bónus? – pergunta.

– Pago em orgasmos.

Ele ri-se e bate com o copo no meu.

– A minha moeda favorita.

– Muito bem. – Encolho os ombros. – Faz o curso de *barman* e depois vamos até lá, acho eu.

– Combinado. – Ele sorri. Passa a mão pela minha coxa por baixo da mesa e eu bebo a minha bebida. Ele vai dizer alguma coisa sobre o que o levou a ir embora ou não?

Ficamos novamente em silêncio.

– Que mais fizeste enquanto estiveste em casa? – pergunto. – Disseste que tinhas de assinar uma coisa.

– Sim, tinha. – Encolhe os ombros. – Isso e quase tive um esgotamento mental.

– Porquê?

– Por tua causa.

Os meus olhos procuram os dele.

– Porque é que foste embora?

– Assustei-me.

– Porquê? – sussurro, enquanto ponho a minha mão sobre a dele na minha coxa. – Porquê?

– Sou só eu.

– Só tu é... muito.

O meu rosto esmorece.

– O que é que isso significa?

– Nada. – Ele bebe um gole da sua bebida como se estivesse a tentar pensar na coisa certa para dizer. – Nunca... – Ele expira pesadamente, sem palavras.

– Christopher – incentivo-o – podes falar comigo. Somos amigos antes de tudo o resto.

Os olhos dele procuram os meus.

– És a primeira rapariga com quem quis ter mais.

Inclino-me e beijo-o com suavidade.

– És a primeira rapariga a quem sou fiel.

– Acabámos de ficar juntos.

– Há alguns meses que não estou com ninguém.

O quê?

O meu coração alegre-se... ele faz isto sem eu pedir.

Está tudo a encaixar-se.

Ele encolhe os ombros.

– Não podia... e eu... Não quero estragar isto.

Sorrio para o meu homem lindo.

– Não vais. – Beijo-o novamente.

– Como é que sabes? – questiona.

– Porque desde que estejamos a comunicar abertamente, não podes estragar as coisas.

Ele fita-me.

– A fugir é que estragas tudo.

– Desculpa, estava tão... e... – Os olhos dele estão em mim. Está sem palavras.

– Vou fazer um acordo contigo – digo.

– O quê?

– Se as coisas ficarem demasiado pesadas e sentires que te estás a passar ou a ficar desconfortável, basta dizeres-me: «Vou precisar de um minuto.»

Ele enruga a testa.

– E assim vou saber o que se está a passar e afasto-me um pouco para te deixar adaptar.

– Não quero que tenhas de andar a pisar cascas de ovos à minha volta – responde.

– Não vou. Pedir algum espaço é completamente saudável numa relação. Tens de aprender a confiar em nós.

Ele acena com a cabeça, parecendo estar a pensar profundamente.

– Tens sorte em eu saber o bebé grande que és – respondo, enquanto bebo um gole da minha bebida.

A boca dele abre-se num falso horror, e tento aliviar o ambiente.

– E talvez só precises de um bom castigo. Dou-te umas palmadas hoje à noite.

– O que é que isso significa?

– Também há algumas coisas que não sabes sobre mim – respondo, enquanto tento manter uma cara séria.

– Tais como?

– Christopher. – Pego-lhe na mão, fingindo estar séria. – Sou dominadora e

quero amarrar-te e chicotear-te com um cinto e foder-te o rabo com um dildo de cinta.

Ele snifa margarita pelo nariz e engasga-se.

– Mas que raio? – Tosse.

– E... Quero que uses contas anais – continuo. – Comprei algumas. Eu sei que são grandes, mas este é o tamanho a que quero que chegues.

Os seus olhos horrorizados estão em mim.

– Tenho-as na mala. Eu ponho-as lá dentro – respondo seriamente, enquanto continuo a jogar. – Podemos ir à casa de banho e fazê-lo agora, se quiseres. Só precisas de te dobrar e tocar nos dedos dos pés. Tenho lubrificante e só vai ser desconfortável por instantes, mas vais aprender a gostar... por mim.

– Nem penses nisso. – Bate com a bebida no balcão, indignado. – Isso *não* vai acontecer. Hayden, tira essa merda da cabeça imediatamente, caraças – exige.

Eu desato a rir, incapaz de continuar com a farsa. Os olhos dele arregalam-se quando percebe que eu estava a brincar com ele.

– Estás a falar a sério? – arfa. – Quase que tinha um ataque cardíaco.

Rio-me.

– Não – grita. – Pensei que estava a namorar com o Jack, o *Estripador* ou algo assim.

Rio alto e ele também. Aliviado, agarra na minha nuca, puxa-me e beija-me.

– A única pessoa aqui que vai ser fodida no rabo és tu – murmura ele contra os meus lábios.

– Aah... nem penses. – Afasto-me do beijo. – Isso não faz o meu género. Nem nunca fiz tal coisa.

Os seus olhos arregalam-se de espanto.

– Então... é todo *meu*? – sussurra de admiração.

– Não – respondo. – Na verdade, é meu.

Os olhos dele flamejam, e, raios, porque é que eu brinquei com este assunto com um tarado sexual? Isto vai virar-se contra mim... literalmente.

O *barman* aproxima-se.

– Desejam alguma coisa?

Os olhos do Christopher faíscam na minha direção.

– Queres ir para outro sítio?

– Não. – Sorrio. – Estou feliz aqui.



Entramos de rompante pela porta do quarto de hotel. Os nossos lábios estão selados.

O desejo entre nós atingiu o auge.

O apartamento está às escuras, iluminado apenas por candeeiros.

O ambiente aqui é sexual, mas talvez seja a companhia com quem estou.

O Christopher Miles é sexual.

É tarde. Nem sequer chegámos a sair do hotel. Bebemos, comemos e rimos mesmo lá em baixo, e já é a melhor noite da minha vida.

O Christopher dobra-se, levanta-me o vestido pela cabeça e o quarto fica em silêncio.

Os seus olhos escuros descem pelo meu corpo. Ele lambe os lábios enquanto me aprecia.

Estou diante dele só com roupa interior de renda e saltos altos.

– Fazes ideia do quanto eu queria tocar-te assim? – murmura ele, enquanto os seus lábios tomam os meus. A sua língua passa ternamente pelos meus lábios e os meus olhos fecham-se.

Oh...

– Quantas vezes me masturbei a imaginar que eras tu?

Sorrio contra os seus lábios enquanto nos beijamos.

Ele desaperta-me o sutiã e tira-o lentamente. Os seus olhos pousam nos meus seios fartos e ele inspira profundamente. Segura-os nas mãos. Os seus polegares passam para trás e para a frente sobre os meus mamilos endurecidos enquanto me beija.

Baixa-se e desaperta-me os sapatos de salto alto. Com os olhos fixos nos meus, lambe-me a coxa, e eu seguro-lhe os ombros para me apoiar enquanto o observo.

Ele beija-me lá...

Não consigo respirar.

Tum, tum, tum, faz o meu coração.

Meu Deus, podemos despachar isto? Estou tão nervosa que estou prestes a desmaiar.

Puxa-me as cuecas para o lado e lambe-me com a sua língua grossa e forte, e eu estremeço.

Passou muito tempo.

– Humm – murmura contra mim. Levanta-se como se tivesse sido estimulado, pega na minha mão e leva-me para o quarto. O quarto está iluminado apenas pelo candeeiro. O ambiente aqui é perfeito.

Deita-me na cama, baixa-me as cuecas e abre-me as pernas.

– Isso mesmo – sussurra. A sua voz é profunda, rouca. Diferente de como soa normalmente.

Passa a mão pelo meu rosto, pelos meus seios e por entre as minhas pernas. Sem hesitar, desliza o seu dedo para dentro de mim e inspira com força.

– Porra, sabes bem – respira ele.

Aperto-me à volta dele e a excitação brilha nos seus olhos.

– Faz isso outra vez.

Faço-o de novo e o maxilar dele treme. Levanta-se com urgência e descalça os sapatos. Depois, com os olhos fixos nos meus, desabotoa os botões da camisa e o seu belo corpo fica à vista: peito largo e bronzeado, barriga marcada com músculos e um rasto de cabelo escuro que desaparece na parte de cima das calças de ganga.

Sustenho a respiração quando ele desce o fecho das calças de ganga e as tira juntamente com os *boxers*, e os meus olhos arregalam-se de horror.

Mas.

Que.

Porra.

A pila dele é enorme e tem um aspeto zangado... é diferente de qualquer pila que eu já tenha visto antes. Abro a boca para dizer alguma coisa, mas não sai

qualquer palavra.

Ele sorri, a ler-me a mente, e põe as mãos nas ancas com orgulho.

– Então?

– Humm... – Os meus olhos arregalados do tamanho de um pires estão a entortar. – Vou precisar de um minuto.

– Não tens. – Ele sorri enquanto se arrasta para cima de mim.

– Sinceramente... – Começo a passar-me. – Isto é...

– Teu.

O meu coração bate forte no peito e sorrio para ele.

Men.

– Beija-me – sopra ele.

Com essa palavra, o meu medo desaparece, inclino-me e beijo-o. Demoramos o nosso tempo, beijamo-nos lentamente, a aproveitar estar aqui e no momento um com o outro. Tantas noites que nos deitámos juntos e agora estamos aqui, a fazer isto, nus e excitados.

É surreal.

Ele começa a descer pelo meu corpo e eu impeço-o.

– Não.

Sustenta o olhar.

– O quê?

– Podes... beijar-me durante isto? Sinto-me melhor quando me beijas.

Estou demasiado nervosa para que ele vá lá «abaixo» pela primeira vez.

– Está bem. – Ele sorri contra os meus lábios. – Posso fazer isso, querida.

A questão é que eu sei que ele é um mulherengo e que provavelmente já dormiu com mais pessoas do que as que eu conheço... mas isto parece especial.

Ele observa os seus dedos a trabalharem o meu corpo, a pressão perfeita, a profundidade perfeita.

Estou a contorcer-me debaixo dele, a implorar por mais.

– Agora – gemo. – Preciso de mais, agora.

Ele mantém-se firme e roça a sua ponta nos meus lábios.

– Preservativo – sussurro.

– A sério? – Ele arqueia o olhar.

– Eu não tomo a pílula, a não ser que queiras um bebé.

– Porra, não. – Ele salta da cama num minuto e remexe no saco. Volta e ajoelha-se na cama. Fico a ver, enquanto ele desenrola um, depois vem para cima de mim e deita-se entre as minhas pernas. Os nossos beijos tornam-se desesperados, e as minhas mãos percorrem as suas costas musculadas para cima e para baixo.

Raios, ele é perfeito.

Ele avança e encontra resistência.

Au.

Ele beija-me mais profundamente e volta a avançar. O esticção queima.

– Ahhhh – gemo.

– Está tudo bem, querida – murmura ele contra o meu pescoço. – Estou aqui.

– Ele morde-me o pescoço. – Relaxa. Deixa-me entrar.

Assinto. Estou a tentar, estou mesmo, mas caramba... que tipo de pila é esta?

Do tipo grande.

O beijo dele torna-se frenético, e sei que está a lutar para se controlar. É-lhe difícil respirar enquanto tenta conter-se.

Levanto as pernas para o envolver pela cintura e ele empurra-me contra o colchão. Uma dor lancinante assola-me e eu gemo.

– Shh, shh – sussurra na minha orelha. – Entrei. – Sinto-o sorrir contra o meu pescoço. – Entrei, querida. – Ele beija-me. – Fazes ideia de como isto é sensual, Rabugenta?

Rio-me.

– O quê... eu ser apertada?

– És mais que apertada. – Ele sorri sombriamente. – Perfeita, porra. – Ele levanta a minha perna até ao seu peito, vira a cabeça e beija-me o tornozelo com a boca aberta.

– Cuidado – aviso-o.

Os seus olhos flamejam, e arrepios percorrem-me a espinha. Ele circula lentamente para um lado e depois para o outro para tentar soltar-me.

– Preciso que relaxes – sussurra. Debito-me debaixo dele, o ardor é tão bom. – Hayden – diz ele, trazendo-me de volta ao momento. – Olha para mim.

Arrasto o olhar até ao dele.

– Relaxa ou vou aleijar-te. Percebes?

Aceno com a cabeça.

– Tens de me dizer se estou a ser muito bruto.

– Estou bem.

Com os nossos olhos fixos, ele retira-se e volta a metê-lo. Eu estico-me.

Oh, Deus... tão, tão bom.

Nunca fui fodida assim.

Volta a entrar, e eu sinto uma onda de humidade e solto-me um pouco.

– Isso mesmo. – Ele treina-me. – Linda menina, isso mesmo.

A sua voz rouca faz-me vibrar, e eu abro as pernas dando-lhe acesso total. Os olhos dele reviram, enquanto os seus braços fortes seguram o seu corpo acima do meu. Ele abre os joelhos para me poder montar melhor, e eu aceito o desafio. Continuamos devagar por algum tempo. Investidas medidas e suaves, e cada vez que ele se retira, eu fico um pouco mais corajosa.

O meu corpo começa a levantar-se da cama para ir ao seu encontro, e ele geme enquanto os seus olhos se fecham.

– Foda-se... tão bom. – Ele ofega à medida que nos tornamos cada vez mais brutos.

De repente, estamos a dar-lhe com força. A cama está a bater na parede, e eu não vejo nada além de estrelas.

Mal consigo respirar, é tão bom.

– Hayden – geme. – Oh... Vou-me vir. – geme. – Tanto, porra.

Ouvir a sua voz rouca e excitada faz-me vibrar, e o meu corpo contrai-se à medida que me descontrolo, entrando de cabeça num intenso orgasmo.

– Ahhh – grito.

– Foda-se – geme ele, enquanto me dá, rápido e com força, e depois mantém-se bem fundo. Sinto-o quando se vem bem dentro de mim.

Beijamo-nos enquanto nos movemos juntos, esvaziando completamente os nossos corpos, e ele deixa cair a cabeça no meu peito. A nossa pele está molhada de suor enquanto ofegamos. Sinto-o sorrir.

Tão perto, tão perfeito.

Olho para o teto, chocada.

Vou precisar de um momento.

Capítulo Dezasseis

Abro os olhos e vejo uns grandes olhos castanhos. O Christopher está deitado de lado e apoiado no cotovelo, a observar-me.

– O que estás a fazer?

– A admirar a vista. – Ele sorri, inclina-se e beija-me. – Bom dia.

– Hmm, bom dia – resmungo com os olhos fechados. Porque é que ele está tão animado tão cedo?

Começo a adormecer de novo, sinto que continua a observar-me e abro um olho. Sim... certinho, ainda a observar-me.

– Volta a dormir.

– Tenho fome.

É muito cedo para esta merda. Viro-me e fico de costas para ele.

– Ataca o minibar.

– Não.

Ignoro-o.

– Vamos tomar o pequeno-almoço. – Bate-me no ombro com o dedo.

Eu afasto-o.

– Não.

Ele repete-o vezes sem conta até o fazer continuamente.

– Porque é que estás tão chato?

– Estou esfomeado.

– Não estás esfomeado, Christopher. Comemos ontem à noite.

– Não comi muito.

– Bem, isso é culpa tua.

Tento continuar a dormir.

– Não, é culpa tua – responde.

– Como é que é culpa minha?

– Ontem não comi muito durante todo o dia porque estava nervoso.

Sorrio para a minha almofada. Ele inclina-se sobre mim e puxa-me de novo para os seus braços, com os seus lábios na minha têmpora.

– Alimenta-me.

– Deixa-me dormir meia hora.

– Não. – Ele vira-me de costas, puxa a minha perna sobre o seu corpo, e passa

suavemente as pontas dos dedos sobre os lábios do meu sexo. – Como *estão* as tuas partes privadas esta manhã?

Sorrio afetadamente.

– Partes privadas?

– Ao meu serviço... – Ele toca no meu sexo. – E prontas para o seu dever?

– Nem pensar. – Fecho as pernas. – As minhas partes privadas estão aniquiladas e não estão em condições de ir à guerra.

Ri-se.

– Fraca. – Ele inclina-se e beija-me lá. – E se eu der um beijinho para ficar melhor?

Sorrio.

– Não.

– Está bem, contento-me com o segundo prémio.

– Qual é o segundo prémio.

– Um encontro ao pequeno-almoço.

– Hmm. – Os meus olhos ainda estão fechados. – Porque não vais praticar a tua masturbação no chuveiro como um bom rapaz?

– Chega de masturbação. – Ele inclina-se e morde-me no traseiro. – Agora tenho a minha própria boneca insuflável. – Morde-me outra vez. – E ela fode como um demónio.

– Vais ver como ela pode ser demoníaca – respondo secamente.

Ele vira-me de costas, segura-me os braços por cima da cabeça e olha para mim.

– Depois de comermos, podemos fazer o que quiseres durante o resto do dia.

Os seus cabelos escuros caem-lhe sobre o rosto. Os seus grandes olhos castanhos estão divertidos e cheios de alegria.

Sorrio para ele.

– Tive uma noite maravilhosa ontem.

Ele beija-me suavemente e sinto-o endurecer contra mim.

– Eu também.

– Essa coisa alguma vez vai para baixo?

– Ocasionalmente. – Ele sorri e beija-me outra vez.

Não posso fazer sexo. Estou mesmo dorida.

– Não vamos sair para tomar o pequeno-almoço? – pergunto.

– Sim, mas agora tenho fome de outra coisa. – Ele lambe-me os lábios, e eu sinto-o até lá abaixo.

– Com que regularidade gostas de fazer sexo? – pergunto.

– Nesta situação... – Ele pressiona-me com as ancas. – Suponho que duas vezes por dia.

– És um tarado sexual. – Sorrio afetadamente. – Que situação *é* esta?

– Tipo... a minha própria boneca do sexo.

Sorrio de forma pateta. Quem é que alguma vez pensaria que eu gostaria de ser chamada de boneca insuflável? Há três meses, teria morrido só de pensar nisso. Agora, vejo-o como um termo carinhoso.

– Queres dizer namorada?

Ri-se.

– *Namorada* está tão fora de moda. Prefiro o termo *boneca insuflável*. Muito mais diverso.

Rio-me.

– E quais são os termos e condições que vêm com a tua boneca insuflável?

Ele enrugaa a testa como se estivesse a pensar na resposta.

– Bem... Vou mantê-la bem alimentada... com piça, claro. – Ele bombeia-me com as ancas.

– Que resposta inesperada. – Sorrio.

Ri-se.

– E vou lavar-lhe a roupa.

– Bater uma na cama dela? – Finjo-me séria.

– Claro.

– Ralhar com ela por ser desarrumada? – pergunto.

– Sempre.

– Parece que nada mudou, então.

Ele beija-me suavemente, os seus lábios demoram-se sobre os meus, e eu começo a sentir uma onda de excitação a crescer.

– E as outras bonecas insufláveis? – pergunto.

– Que têm? – Os olhos dele estão em mim.

– Diz-me tu.

– Não haverá outras bonecas insufláveis, se é isso que estás a perguntar.

Sorrio para o meu homem.

– A não ser que... podíamos fazer um *ménage à trois* um dia destes. Não faz mal se estiveres lá, não é?

Os meus olhos arregalam-se de horror.

Ele dá-me uma pancadinha nas costelas.

– Apanhei-te – goza.

– Isso não é nada engraçado – disparo.

– No entanto, hoje vamos à *sex shop* – diz ele, enquanto me puxa pela mão para fora da cama.

– Para quê?

– Preciso de te comprar um vibrador.

– O quê? – Suspiro. – Tens pila mais do que suficiente para nós os dois.

Ele ri-se, enquanto me puxa para a casa de banho.

– É esse o problema. – Preciso de uma caixa de ferramentas de aquecimento.

Fico a olhar para ele, enquanto liga o chuveiro.

– O que é uma caixa de ferramentas de aquecimento? – questiono.

– Brinquedos para usarmos para te esticar quando eu não estiver perdido no momento. – Ele puxa-me para debaixo de água, ensaboaa as mãos e começa a lavar as minhas costas.

Mas que raios?

– Qual é o problema de te perderes no momento? – pergunto, enquanto ele massaja os meus ombros por trás.

Ele beija-me a orelha.

– Vês como estás dorida hoje?

– Sim.

– Estava a utilizar cerca de cinco por cento do tanque.

Arregalo os olhos. *Aquilo* era cinco por cento... mas que porra?

Ele ri-se e puxa-me de volta para o seu corpo. Sinto o seu pau duro contra as minhas costas.

– Mal posso esperar para te dar cem por cento, querida – diz ele ao meu ouvido.

Sinto arrepios pelos braços.

Os seus dedos deslizam para baixo e ele passa-os pela minha entrada traseira, sondando-me suavemente onde não devia.

– Tudo depósitos, ambos tanques. – Ele enfia a ponta do dedo mindinho, e eu dou um salto e agarro-me à parede de azulejos, enquanto os meus sentidos entram em ação. – Vai ser tão bom, Rabugenta – sussurra ele sombriamente ao massajar-me lá. – Mal posso esperar.

Oh, Deus.

Engulo o nó de nervos que tenho na garganta e agarro-me aos azulejos com toda a força.

Foda-se... Sou uma boneca insuflável de verdade de um tarado pervertido.

Que comece o treino.



Vejo-o bebericar o seu café descontraidamente, enquanto lê o jornal da manhã... como se o seu mundo não tivesse sido completamente abalado.

Ou talvez tenha sido só o meu...

O café onde estamos a tomar o pequeno-almoço é movimentado e está cheio de gente. O Christopher comeu uma omeleta e eu comi panquecas. E enquanto ele está completamente calmo e saciado, a história é completamente diferente do outro lado da mesa. Estou corada, quente, saciada, chocada por gostar da sua depravação, e raios... até um pouco envergonhada.

Não fizemos sexo esta manhã. Não foi preciso.

Ele veio-se ao ouvir-me gemer, enquanto me mostrava no duche o que andei a perder.

Eu vim-me enquanto ficava chocada por ter gostado.

Ele bebe o café dele e os seus olhos escuros encontram os meus, e eu sinto-me corar.

Ele eleva a sobrancelha em jeito de pergunta.

– O que foi?

– Nada. – Sorrio, acanhada.

Ele sorri com conhecimento de causa e volta ao seu jornal, totalmente imperturbável e absolutamente deslumbrante.

Olho em redor para as pessoas sentadas nas mesas do restaurante. Será que conseguem perceber o que andámos a fazer?

Sinto-me como uma adolescente, a experimentar tudo pela primeira vez.

Sexo com o Christopher Miles não é apenas sexo... é um acontecimento apocalíptico na história.

Uma revelação para as mulheres. Quem diria...

– O que é que vamos fazer hoje, Rabugenta? – pergunta, casualmente.

Sorrio de forma pateta. *Mais disso... por favor.*

– Não sei. Temos mais uma noite no paraíso, por isso tenho de ir buscar algumas roupas ao *hostel* e depois... – Encolho os ombros. – O que queres fazer?

– Talvez um mergulho na praia. – Ele pressiona os lábios. – Preciso de um novo livro para ler e quero encontrar uma *sex shop*.

– Shh – sussurro, enquanto olho à volta, com ar de culpada. – Fala baixo.

Ele sorri perante o meu embaraço.

– *Sex shop* – diz com os lábios.

– Que livro queres comprar? – pergunto para mudar de assunto.

– Ainda não sei. Vou ver o que me atrai.

O telefone dele toca e o nome *Elliot* aparece no ecrã. Ele atende.

– Olá. – Ele ri-se e traça um círculo com o dedo sobre a mesa enquanto ouve. – Perfeito.

Ouçõ com atenção.

– Não, foi bom. – Ele sorri. – Obrigado por organizares tudo.

Estão a falar do quarto de hotel.

– A Hayden? – Os seus olhos erguem-se para se encontrarem com os meus. – Foi incrível.

Ele dá-me o melhor olhar de «vem-me comer» de toda a história.

Sinto-me corar.

Ob, Deus. Tem mesmo de dizer tudo aos irmãos?

– Hum-hum – responde, e depois ri-se alto mais uma vez.

O que raio é tão engraçado?

A empregada de mesa vem buscar os nossos pratos. Inclina-se sobre o Christopher e os seus olhos demoram-se nele demasiado tempo. Limpa a mesa e sorri, atrevida, enquanto espera que ele repare.

Mas o que é isto?

Estou mesmo aqui sentada, cabra.

Ele continua a conversar, completamente alheio a ela.

A questão é que eu sei quanta atenção feminina o Christopher recebe, e entendo – ele é absolutamente deslumbrante. Antes, irritava-me o descaramento destas mulheres que namoriscam com ele, mas agora que ando a dormir com ele, é ainda mais irritante.

Ela demora-se e demora-se, à espera que ele estabeleça contacto visual com ela.

Mas que raios?

Inclina-se novamente e ele olha para cima. Ela dá-lhe um sorriso sensual e ele encrespa o rosto. Também reparou.

Pronto, acabou.

– Estás a demorar o teu tempo de propósito para poderes olhar para o meu namorado? – pergunto-lhe.

Ela vira-se para mim, surpreendida.

O Christopher sorri afetadamente e assente por trás dela.

– É só que...

– A nossa mesa está limpa – respondo, pouco impressionada.

– Claro. – Ela corre de volta para a cozinha. – Lamento.

Lamenta tê-lo feito ou lamenta ter sido apanhada?

Idiota estúpida.

– Dá-lhe, Rabugenta. – O Christopher sorri. Ele ouve o Elliot, que deve estar a perguntar o que está a acontecer. – A Hayden está a armar-se em homem das cavernas e a afugentar as raparigas – diz ao irmão antes de se rir novamente.

– Mas que raios? – sussurro, furiosa. – Não lhe digas isso.

– Tenho de ir – diz. – Estou prestes a ser arrastado de volta para o quarto pelos tomates. Espero eu. – Ele desliga.

– Não digas ao teu irmão que estou a afugentar as raparigas. Ele vai pensar que sou uma psicopata.

– Estavas a afugentá-la? – pergunta.

– Isso não importa – dispero. – E porque é que disseste ao teu irmão que te vou arrastar para o quarto pelos tomates?

– Porque espero que o faças, mesmo antes de os chupares e os bateres contra as tuas nádegas. – Pisca-me o olho de forma divertida.

– Podes falar a sério por um minuto? – sussurro, furiosa. – Não vou chupar tomates nenhuns... nem vou batê-los contra nada, já agora.

Ele exala pesadamente, como se carregasse o peso do mundo nos seus ombros.

– Suponho que, em vez disso, queres ir comprar um livro?

Sorrio, sentindo-me embaraçada com a minha pequena explosão pouco divertida de ciúmes.

– Não – anuncio. – Pensei que me ias levar à *sex shop*.

Os seus olhos iluminam-se e ele esfrega as mãos com alegria.

– Isso é que é falar.



Cinco horas depois, saímos do átrio do hotel de mãos dadas. Estamos a caminho do *hostel* para ir buscar mais roupa para esta noite.

E... tal como o Christopher previu, fomos à *sex shop*, voltámos para o quarto e passámos as últimas duas horas na cama. Posso confirmar que algo foi chupado e batido. Também posso confirmar que o homem é um animal. Também eu me estou a sentir bastante animalesca, na verdade.

Sinto-me corada, excitada e completamente bem fodida.

– Boa tarde – diz o Christopher aos porteiros.

– Boa tarde, senhor – respondem todos.

Ele olha à volta.

– Queres ir a pé, Rabugenta?

– É um pouco longe, não é?

– Está um dia bonito. – Ele pressiona os lábios. – Uber, então?

– Acho que sim.

– Temos bicicletas, senhor – informa um dos porteiros.

– Têm?

– Sim, senhor. Na outra entrada, na rua lateral, temos bicicletas à disposição dos clientes.

Os olhos do Christopher encontram os meus.

– Queres montar numa bicicleta?

Sorrio afetadamente. Estive a montar o dia todo.

– Claro.

– Ótimo, obrigado.

Damos a volta até à outra porta, e as bicicletas estão todas alinhadas.

São amarelas brilhantes e de estilo *vintage*, com guiadores grandes e alongados.

– Pode dar-nos duas bicicletas, por favor? – pergunta ao empregado.

– Claro.

O empregado desengata duas bicicletas, pomos os capacetes e subimos.

Balanço-me ao começar a andar.

– Não ando de bicicleta há anos.

– Nem eu – responde o Christopher, enquanto se concentra. – Uhh. – Ele balança e bate contra o passeio. Vê-se obrigado a mergulhar antes de cair.

Rio-me tanto que dou um esticão no guiador e caio também. Deito-me na rua, a rir, enquanto ele e os funcionários me ajudam a levantar.

– O nosso encontro desta noite pode ser no hospital – diz o Christopher enquanto me puxa pela mão.

– Eu sei. – Rio-me à gargalhada. – Oh, isto é tão divertido.

O funcionário parece preocupado.

– Quer que lhe chame um táxi, senhor?

– Não, está tudo bem – responde o Christopher, feliz. – Estás bem, Rabugenta?

– Hum-hum. – Volto a arrancar, desta vez concentrando-me em manter o guiador direito. Ponho-me de pé enquanto pedalo e ele também. Ambos rimos alto como crianças a andar de bicicleta pela primeira vez. Chegamos ao cruzamento e olhamos para os dois lados. À direita, o trânsito está um caos e à esquerda está um deserto.

Olhamos um para o outro.

– Esquerda – dizemos em uníssono.

Arrancamos e, com um enorme sorriso pateta no rosto, partimos em direção ao pôr do sol... só que não há pôr do sol.



O *hostel* está cheio de novos viajantes. O som de risos ecoa pelos corredores e o cheiro distinto a suor permanece no ar.

Estou no quarto a recolher algumas coisas e o Christopher está a segurar a porta aberta enquanto espera por mim.

– Este sítio é um buraco do caraças – murmura, enquanto olha para o corredor.

Um tipo caminha pelo corredor em direção à casa de banho e olha para o Christopher de cima a baixo.

– Qual é o teu problema? – pergunta o Christopher.

O tipo grunhe e continua a andar.

– Sacana mal-educado – murmura o Christopher.

Sorrio e faço rapidamente a minha cama.

– A sério, os nossos dias de *hostel* estão quase a acabar – diz-me ele.

– Sim, bem... – Puxo o lençol para cima. – Temos dinheiro para quê?
Ele pressiona os lábios, sem se deixar impressionar.
– Para um sítio melhor do que este, tenho a certeza disso.
O som de homens bêbedos a rir à gargalhada no bar ecoa pelo corredor, e o Christopher abana a cabeça, enojado.
– Odeio que o Eddie tenha de trabalhar aqui.
– O Eddie adora o trabalho dele – respondo, distraída.
– Adora mesmo? Tem catorze anos e é obrigado a trabalhar para ajudar a avó; isso não é uma infância.
– Também... não te cabe a ti julgar.
– Hum. – Ele olha para o relógio. – Ele entra daqui a duas horas.
Espero que os bêbedos já se tenham ido embora nessa altura.
– Ou, então, podemos ficar por aqui até eles saírem – respondo, sabendo que vai ficar preocupado toda a noite se não o fizermos.
– Está bem. – Concorda.
– Porque não lhe telefonas e pedes para vir connosco à praia? – sugiro.
– A sério? – Sorri, surpreendido. – Não te importas?
– Porque havia de me importar? Também adoro o Eddie.
– Está bem. – Ele sai para o corredor para lhe ligar e eu olho à volta daquele quarto de merda. O Christopher tem razão. Acho que está quase na altura de mudar de ares.



Esperamos no passeio, sentados nas nossas bicicletas.
– Lá vem ele. – O Christopher acena com entusiasmo.
O Eddie ri-se e vem ao nosso encontro, com o seu boné de Nova Iorque firmemente colocado.
– Que merda é que estás a fazer, meu?
– Linguagem – diz o Christopher. Ele tira o capacete e passa-o ao Eddie. – Sobe.
– O quê? – O Eddie agarra no capacete, enquanto olha para a bicicleta. – O que queres dizer com isso?
– Sobe para o guiador. Vamos à praia.
Os olhos do Eddie movem-se na minha direção.
– Ele sabe guiar isto?
– Nem por isso. Sugiro que ponhas o capacete.
O Eddie ri-se e põe o capacete por cima do boné. Senta-se em cima do guiador do Christopher. Tem as pernas magras dobradas.
O Christopher empurra e balança-se com o peso extra, e o Eddie ri-se.
– Mais rápido – grita.
– Não sou nenhum burro – diz o Christopher.
– Permite-me discordar – digo eu.
Os olhos do Christopher viram-se para mim perante este duplo sentido.
– És um burro fraco – grita o Eddie ao vento. – Mais rápido. Vai mais rápido.
– Eu dou-te o burro fraco. – O Christopher levanta-se e começa a pedalar. O Eddie ri-se alto, e eu pedalo com força e tento acompanhar.

Nunca me diverti tanto.



Descemos a rua de braço dado. Já passa da meia-noite e estamos a caminho do hotel. Tivemos um dia maravilhoso. Fomos à praia com o Eddie esta tarde, e o Christopher atirou-nos ao mar durante horas.

Voltámos para o nosso hotel e depois fomos jantar fora e tivemos mais uma noite a beber bebidas requintadas em bares exóticos.

– Oh, meu Deus, gastámos tanto dinheiro – digo, enquanto caminhamos.

– Não importa – responde o Christopher. – Para de te preocupar com dinheiro, caramba.

– De manhã, vais estar a preocupar-te com dinheiro – lembro-lhe.

– Vou fazer este curso de *barman*, depois vou arranjar um bom emprego, e depois podemos pagar um sítio melhor para ficar.

Ele franze o sobrolho e depois acentua o *podemos*.

Aperto-o mais um pouco no meu braço. Tem-se saído muito bem desde que voltou.

Não se passou nem uma única vez. Ele está pronto para isto... para nós. É óbvio.

Viramos a esquina e há um grupo de artistas de rua. Há uma banda com bateria e um saxofone. Um ambiente muito bom. As pessoas estão a juntar-se, e, quando nos aproximamos, o Christopher toma-me nos braços e começa a dançar. Ele roda-me e eu levanto o braço de uma forma dramática. Ele inclina a cabeça para trás e desata a rir.

A banda fica entusiasmada por estarmos a dançar e começa a tocar música de dança mais alta, e outros casais começam a dançar. O Christopher atira-me de um lado para o outro, e rimo-nos e divertimo-nos imenso. Ele empurra-me para fora e puxa-me para ele. Gira-me e gira-me e depois abraça-me. Olho para o seu belo rosto, tão bonito e despreocupado.

– Hoje foi o melhor dia que alguma vez tive – diz ele, suavemente.

Os meus olhos procuram os dele e beijo os seus lábios grandes e perfeitos. Quero dizer que foi o meu melhor dia e que cada dia nos seus braços é como um sonho tornado realidade.

Que... o amo.

Mas não vou dizer, porque depois... ele *vai-se* passar.

– Podemos ir para casa agora? – sussurro. Quero mostrar-lhe o que ele significa para mim, mesmo que não o possa dizer em voz alta.

– E perder esta fantástica pista de dança? – Ele arfa enquanto me inclina para trás. Rio-me ao ver a rua de pernas para o ar aproximar-se perigosamente da minha cara. – Nem pensar. – Ele continua a dançar e a divertir-se.

– Nem pensar?

– Rabugenta, este é o único entretenimento que podemos pagar. Amanhã voltamos a estar a pão e água. Temos de aproveitar enquanto podemos. – Ele faz-me girar e volta a pôr-me de pé.

Sorrio de forma pateta para o meu homem.

– Adoro ser pobre contigo.

Ele ri alto.

– Não te habitues.

Capítulo Dezassete

Está bem, obrigado. – Ouço o Christopher dizer. Ele dança até à casa de banho e põe as mãos nas ancas nuas. – Adivinha quem nos arranjou um *check-out* tardio?

– Tu.

– Sou o maior. – Ele aponta para o peito. – Chega-te para lá.

Encolho-me, e, quando ele se senta, a água quente na banheira escorre pelos lados, inundando o chão. Ele enfia-se na água até ao pescoço, e ficamos frente a frente.

São dez da manhã e estamos a aproveitar todos os últimos minutos no céu.

A casa de banho é um luxo a que não temos acesso no *hostel*.

– Não quero deixar este lugar – grunho.

Ele fecha os olhos numa felicidade tranquila.

– Achas que eu quero?

– A que dias tens o teu curso?

– Sexta e sábado.

– Muito bem. – Penso por um momento. – Suponho, então, que vamos para a Alemanha no domingo para nos encontrarmos com os outros?

Ele acena com a cabeça.

– Acho que me vou despedir do meu trabalho de fim de semana no restaurante.

– Porquê?

– Está a atrasar-nos.

– Não, não está.

– Estamos a viajar há mais de três meses e, de alguma forma, ainda estamos presos em Barcelona, onde começámos.

Ele tenta justificá-lo.

– Nem sempre. Vamos e voltamos quando queremos. Só voltamos ao fim de semana.

– Custa dinheiro vir aqui todos os fins de semana.

– Não é assim tanto.

Sei que não há uma maneira fácil de contornar este assunto.

– O Eddie vai ficar bem, Christopher.

Os seus olhos encontram os meus.

– Ele tem a avó e o trabalho, e esta é a vida dele. Ele é feliz aqui, e só porque

isto não é o teu normal, não te podes esquecer que é o dele.

– Eu sei.

– Ao seres o seu segurança privado no *hostel*, não estás a atingir os teus objetivos. Tiraste doze meses da tua vida porque querias viajar pelo mundo e ver tudo. Regressar a Barcelona todos os fins de semana não é o que se pretende para nenhum de nós.

Ele exala pesadamente e começa a ensaboar os meus pés que estão apoiados no seu peito.

– Pensa nisso, é só o que estou a dizer.

– Bem, o que é que vais fazer se eu decidir que quero continuar a vir cá?

– Não sei. – Encolho os ombros. – Não vou voltar contigo todos os fins de semana, só de vez em quando, acho eu.

Os olhos dele estão presos nos meus.

– Então, vamos passar fins de semana separados?

– Querido. – Suspiro com tristeza. – Não quero ter arrependimentos quando voltar para casa. Daqui a um ano, tudo isto terá terminado e vou arrepender-me de não ter visto mais quando tive oportunidade.

Ele concorda com a cabeça.

– E o facto é que também precisas de pensar em ti próprio. Se estás assim tão ligado ao Eddie em três meses, como é que vais ficar daqui a nove meses? Não estou a dizer para cortares todo o contacto; quero apenas dizer que podes ser amigo dele de onde quer que estejas no mundo. Telefona-lhe, envia-lhe cartas, visita-o uma ou duas vezes por ano. A amizade é mais do que proteger alguém num bar. E, além disso, ambos sabemos que o Eddie é muito mais duro do que tu.

Ele sorri, triste, enquanto ouve.

– Isso é verdade.

– Qual é, afinal, o fascínio que tens por ele? – pergunto. – Além do facto óbvio de ele ser fantástico, claro.

– Admiro-o.

Sorrio.

– Ele é uma das pessoas mais interessantes que já conheci. – Sorri, melancolicamente. – Gosto de estar ao pé dele. É inteligente e forte. – Encolhe os ombros. – Na verdade, não consigo explicar.

– Compreendo – admito.

Ele fica em silêncio durante algum tempo.

– Mas... tens razão.

– Como assim?

– Vou fazer este curso, e, no domingo, partiremos definitivamente de Barcelona.

Sorrio com tristeza, já com medo de me despedir do Eddie.

– É errado eu dizer-te isto? – pergunto-lhe.

– Não, tens razão. Preciso de continuar.

Ouve-se uma mensagem a cair no telemóvel na outra divisão, e ele ergue o olhar.

– Jameson.

– O quê?
– É uma mensagem do Jameson. O meu irmão mais velho.
– Como sabes?
– Tenho um toque de telemóvel diferente para todos os meus irmãos. – Ele sai do banho, vai buscar o telemóvel e volta à casa de banho a ler a mensagem, e depois fica com um grande sorriso na cara. – Porra.
– O que foi?
Ele passa-me o telemóvel e eu leio a mensagem.
Reservei-te mais quatro noites no hotel.
Feliz aniversário.
Abraço,
Jay
Fico de boca aberta.
– É o teu aniversário?
Ri-se.
– Parece que sim.



Quatro dias, quatro noites divinais.
Esta tem sido a melhor semana da minha vida.
Sol, risos, hotel de luxo e o Christopher Miles. Como se o Universo soubesse que precisávamos deste tempo a sós, ele forneceu-o.
A cada dia, a cada hora... a cada minuto, sinto-me cada vez mais enfeitiçada por ele. A cada respiração, apaixono-me um pouco mais.
Sem distrações e completamente sozinhos, criámos laços de uma forma que eu nem sequer sabia que era possível. Sexualmente, mentalmente... intimamente.
Tão, tão próximos.
É a nossa última noite no quarto de hotel requintado. O Christopher começa o seu curso amanhã, e, dentro de três dias, deixamos Espanha para sempre e vamos para a Alemanha. Estou entusiasmada com o que está para vir, porque, até agora, a nossa história é incrível.
A televisão está ligada, com o som baixo, ao fundo, e estamos deitados na cama. O candeeiro da minha mesa de cabeceira está aceso e o resto do quarto está imerso na escuridão. Tenho o meu livro na mão e o Christopher está deitado do outro lado, com a cabeça perto dos meus pés, apoiado no cotovelo, a olhar para mim. O seu dedo percorre a minha perna para cima e para baixo, enquanto parece estar a pensar profundamente.
– No que estás a pensar? – pergunto.
Ele sorri docemente, com os olhos fixos nos seus dedos que percorrem a minha pele.
– Só me pergunto como é que quanto mais te tenho... mais te quero.
Ficamos a olhar um para o outro na escuridão.
– É sempre assim? – Ele vinca a testa. – Isto... – Ele aponta para o espaço entre nós. – É normal?
– Não – respondo, sem hesitação. – Isto não é normal. Isto é... especial.
Ele fica novamente em silêncio, e consigo ver o seu cérebro a trabalhar a um

milhão de quilómetros por minuto. Ele quer fazer perguntas. Esta coisa das relações é nova para ele.

– E? – encorajo-o. – Pergunta-me o que quiseres.

– O teu namorado...

– Tu és o meu namorado – corrijo-o.

– Ex-namorado...

– Não era assim – respondo, lendo-lhe a mente.

O seu rosto contorce-se.

– Como é que era diferente?

– Bem... – Faço uma pausa, enquanto tento perceber até que ponto vou ser honesta com ele. – Olhando para trás, e agora que te conheci, acho que nem sequer o amava realmente... nem ele a mim, na verdade.

– Porquê?

– Éramos miúdos quando nos conhecemos. Fomos o primeiro um do outro.

Ele ouve com atenção.

Sorrio enquanto me lembro.

– Houve muitos amassos no escuro, e doçura. Gostávamos um do outro, sem dúvida, mas não era aquele amor ardente que conquistaria o mundo numa guerra.

– E isto é o quê? – sussurra.

Amor.

– Tu sabes o que é.

Tu amas-me.

Os olhos dele procuram os meus.

– Podíamos ganhar a guerra e rebentar com o mundo.

Ele sorri suavemente, inclina-se e beija-me o pé antes de o lambar.

O sexo entre nós atingiu um novo patamar. Alterou-se.

Nem sempre fodemos, agora; às vezes, fazemos amor, e devo dizer que o Christopher Miles é o mestre.

Terno.

Íntimo e pessoal... os beijos, o cuidado que tem comigo, a forma como venera o meu corpo e me leva para um lugar mais alto do que eu alguma vez imaginei que existisse.

Ele beija-me o pé com a boca toda, com os olhos fixos nos meus.

– Quanto tempo? – sussurra.

Temos estado à espera que a minha pílula faça efeito.

– Podemos avançar.

Os seus olhos brilham de excitação e ele inala bruscamente.

Sorrio e afasto as pernas em forma de convite.

– Tens alguma coisa que me queiras dar, querido?

– Tenho, porra. – Levanta-se, corre para a casa de banho e volta com algumas toalhas e um frasco de óleo.

Estende duas toalhas na cama e depois põe-me de joelhos, enquanto fica de lado na cama. Levanta-me a camisa de dormir por cima da cabeça e beija-me. Deita um pouco de óleo na sua ereção, rija como uma rocha, e, com a sua mão sobre a minha, acaricia-se.

Sorrio contra os seus lábios. Sacana badalhoco.

Beijamo-nos enquanto nos agarramos com mais força, os solavancos quase violentos, e eu sei que ele está a ir por instinto. O desejo primordial de se vir dentro de mim tomou conta dele, e está a perder o controlo.

Ele vira-me de costas para ele e dobra-me sobre os joelhos. Sinto a sua barba por fazer no meu traseiro enquanto me lambe.

Céus...

Deixo-me cair nos cotovelos para me abrir mais para ele.

Começa mesmo a comer-me e aperto os lençóis com as mãos por baixo de mim.

Preciso dele. Preciso dele todo dentro de mim. Abano o rabo num convite silencioso.

– Fode-me – sussurro.

Já não tenho medo. Agora consigo montá-lo como uma profissional.

Ele deita óleo nas minhas nádegas. Escorre sobre o meu sexo e esfrega-o nos meus lábios inchados.

– Foda-se... que maravilha – murmura. Enfia um dedo e depois outro e mais outro, com uma deliciosa torção no fim, enquanto me aquece.

– Diz-me com que força te vais vir – respiro.

Ele ri-se e dá-me uma palmada forte na nádega. Eu salto com um grito. A minha pele arde, deixo cair a cabeça e sorrio. É isto que ele faz tão bem. Nunca tenho a certeza do que raio está a acontecer. Há sempre uma ponta de dor no prazer que ele proporciona.

Um «tão bom» com um toque de «essa doeu».

Mantém-se firme e balança o pénis endurecido no meu sexo e depois, sem aviso, mete-o todo num movimento brusco.

O ar sai-me dos pulmões e ele para enquanto me acomodo ao seu tamanho. O meu corpo ondula à volta do dele.

Ele geme e eu sorrio sombriamente. É este... o som perfeito. A excitação do Christopher Miles é de outro nível...

Agarra-me pelas ancas e empurra-me contra o colchão, com força e rapidez.

O óleo a escorregar entre a nossa pele.

Fecho os olhos para tentar lidar com ele. A força que emana do seu grande corpo musculado está a tomar conta de mim.

Estocadas potentes e rápidas.

Profundo e molhado, o som do meu corpo a sugá-lo ecoa alto pela divisão.

A cama está a bater na parede, o som das nossas peles a bater é ensurdecedor, e meu Deus...

Vejo estrelas... todas as estrelas, talvez até a lua.

Como é que alguém pode ser tão bom no sexo? É um académico de Oxford sobre o assunto, um professor, mestre do universo.

Tenho a certeza de que, se ele alguma vez fizesse pornografia, rebentaria com a Internet.

Com o som dos seus gemidos e o seu pau grosso e duro dentro de mim, perco o controlo. O meu corpo contrai-se à volta do dele, e venho-me com força.

Ele dá-me uma palmada no rabo e é a vez dele, enquanto se mantém bem

fundo. Sinto o jato revelador do seu orgasmo a penetrar fundo, e sorrio para o colchão.

Ele inclina a cabeça para trás ofegante, tentando recuperar o fôlego e a transpiração salpica-lhe a pele.

As suas mãos esfregam ternamente o meu traseiro e sobem pelas minhas costas: um contraste tão grande com a pancada que o seu corpo acabou de dar no meu.

– Porra, isto foi muito bom – responde com a voz rouca e excitada.

– Onde é que estamos? – Ofego.

Ele ri-se e sai de dentro de mim.

– Quase lá. – Passa os dedos pelos lábios do meu sexo para se sentir lá. – Oitenta por cento. – Ele continua a esfregar-me ali e inspira bruscamente, paralisado com o que está a ver. – Não fazes ideia de como isto é excitante, Rabugenta. Eu... dentro de ti. – Ele levanta a mão para me mostrar. O sémen escorre-lhe dos dedos. – Sensual para caraças – diz ele antes de chupar os dedos.

Oh, Deus...

Mas que raios?

O homem é um autêntico tarado.

CHRISTOPHER

Caminhamos pelo corredor do *hostel*. É de manhã cedo. Hoje tenho o meu curso de *barman* e queria levar a Rabugenta de volta para o *hostel* antes de ir.

Não fizemos o *checkout* antes de irmos para o hotel, por isso ainda temos o mesmo quarto.

Abro a porta e sou imediatamente atingido pelo cheiro a álcool.

Porra.

Há outras pessoas alojadas no nosso quarto. Estranhos.

Olho em volta para as quatro pessoas nas camas, todos homens, só de cuecas.

Ainda meio bêbedos.

Um deles está nu, com a pila mole à mostra enquanto dorme.

Foda-se.

– Fecha a porta – resmunga um deles.

Viro-me para a Hayden; os seus olhos estão arregalados enquanto olha em redor para os corpos nus. Até agora, temos sido abençoados com colegas de quarto bons e respeitadores.

– Que se lixe. – Puxo-a pela mão para fora do quarto. – Não vais ficar aqui.

– Temos de ficar – responde ela, enquanto a arrasto para a receção.

Olho para o meu relógio. Porra, não tenho tempo para esta merda agora.

– Vai correr tudo bem.

– Não vai nada – digo com brusquidão. Entro pela receção para falar com o Howard, o gerente. – Olá, Howard.

– Olá, Christo.

– Ouve, temos um problema. Preciso de um quarto privado para mim e para a Hayden durante três noites, por favor.

Ele olha entre nós.

– Finalmente tiveste tomates para fazer uma jogada, não foi?

– Vai-te lixar. Ouve. Há um bando de idiotas bêbedos no nosso quarto, e não vou deixar a Hayden com eles. Tenho um curso de *barman* durante todo o fim de semana e ela não tem para onde ir. Estão todos nus e com os copos lá dentro. O que é que é suposto ela fazer?

– Vou para a praia e leio o meu livro – diz ela.

– Está a chover – atiro.

– Estou bem – responde, indignada. – Não sou uma donzela em apuros, Christopher. Consigo tomar

conta de mim, sabes.

– Já não há quartos privados – responde o Howard.

– Muito bem. Vamos voltar para o hotel. – Começo a arrastar a Hayden para fora da receção.

– Não vamos voltar para o hotel. Não vamos desperdiçar esse dinheiro. – insiste ela. – Vamos ficar aqui – exige. – Não sou uma princesa.

– Não. – Começo a passar-me. – Howard, ficamos aqui todos os fins de semana durante três meses. De certeza que temos algum tratamento preferencial, por amor de Deus.

Ele olha-me fixamente.

– Quantas brigas é que eu já acabei por ti naquele bar?

– Causaste metade delas.

– Estou a falar a sério – balbucio. Vou chegar atrasado ao curso.

– Está bem, podes ficar com um quarto, mas com uma condição.

– Qual é?

– Disseste que ias fazer um curso de *barman*?

– Sim, e então?

– Tens de trabalhar atrás do balcão para mim esta noite.

– Ainda nem sei o que estou a fazer.

– Vai ser bom para praticares. – A Hayden sorri, com esperança.

Raios, não posso deixá-la aqui sem ter onde ficar hoje.

– Está bem. Mas quero as chaves do quarto agora.

– Combinado.

Ele segura nas chaves e eu tiro-lhas da mão.

– E vais-me pagar por hoje.

– Podes ficar com as gorjetas. – Saímos da receção. – Oh, e Christo.

– O que foi?

– Esta noite é festa da lua cheia.

– Estás a falar a sério? – vocifero. – Vem toda a gente e mais alguma.

– Daí a necessidade de mais pessoal de bar. – Finge um sorriso.

Ótimo.

Arrasto a Hayden rapidamente pelo corredor até ao quarto e abro a porta. Há uma pequena cama de casal no meio do quarto.

– Este lugar é a porra de um pardieiro – disparo.

– Só estás habituado ao hotel. Não é assim tão mau. – A Hayden encolhe os ombros. – Parece-me o local perfeito para ler.

– Estou farto de *hostels*. – Beijo-a rapidamente. – Vejo-te logo à noite.

– Não, não. Vais trabalhar – provoca.

– Não me lembres.



Estou sentado na aula a olhar para o quadro. O professor não se cala.

Este é o curso mais aborrecido e sem sentido que já fiz na minha vida. Olho para o meu relógio: 11h00.

Porra.

Oh, meu Deus... o tempo parou completamente?

Não posso ficar aqui sentado durante mais sete horas. Vou literalmente ter uma morte longa e dolorosa.

Exalo e passo a caneta na testa enquanto tento concentrar-me.

Pergunto-me o que está a Rabugenta a fazer. Tiro o telemóvel do bolso e mando-lhe uma mensagem por baixo da mesa.

Olá, querida. O que estás a fazer?

Espero pela sua resposta...

O professor continua a falar e eu continuo a olhar para o meu telemóvel.

Porque é que ela não está a responder? Mando-lhe mensagem novamente.

Está tudo bem?

Espero pela sua resposta...

Mexo-me na cadeira. Porque é que ela não está a responder? Passa uma hora. Ainda nada.

Imagino todos os idiotas bêbedos do *hostel* e começo a suar.

E se aconteceu alguma coisa? Mando-lhe mensagem novamente.

Rabugenta,

Estou a ficar preocupado.

Responde!

Olho fixamente para o meu telemóvel por baixo da mesa enquanto espero que toque.

Hayden... liga-me, porra.

– Sr. Miles – chama o professor.

Olho para cima.

– Estou a distraí-lo? – *Sim, está, na verdade.* – Guarde o telemóvel. Imediatamente.

Finjo um sorriso.

– Desculpe. – Volto a meter o telemóvel no bolso e olho para o quadro.

Este curso não faz sentido. Quem quer saber das regras de consumo de álcool?

Eu não, isso é certo.



Finalmente, chega a hora do almoço, saio a correr da sala de aula e pego no meu telemóvel.

Sem chamadas perdidas. Sem mensagens.

Dirijo-me para a cafetaria e marco o número da Hayden. Toca até ao fim.

– Onde raio é que ela anda?

Marco novamente o seu número... sem resposta. Desligo e ligo-lhe novamente.

Nenhuma resposta.

Já chega. Mando-lhe mensagem.

Liga-me, AGORA!

Pego numa sanduíche, sento-me à mesa e como sozinho. Estou a começar a transpirar.

E se lhe tiver acontecido alguma coisa?

Revejo todos os cenários possíveis na minha cabeça.

Pode estar a dormir... pode estar a ser assediada por idiotas. Pode estar a ser atacada enquanto anda pelas lojas. Talvez esteja a ser drogada e violada neste momento.

Porra.

Ligo-lhe novamente... nenhuma resposta.

Tenho coisas melhores para fazer do que preocupar-me com uma namorada desaparecida durante o dia todo.

Oh, meu Deus... *ela está desaparecida.*

Ligo-lhe novamente.



São cinco horas, saio do táxi quando ele para em frente ao *hostel*.

Estou frenético.

Tive o pior dia da minha vida. A Hayden está desaparecida, provavelmente morta numa valeta.

Pago ao motorista, entro a correr e subo as escadas, duas de cada vez. O local está repleto de pessoas de branco.

Estúpida festa da lua cheia.

Corro pelo corredor e entro de rompante no nosso quarto. Está vazio.

O meu peito aperta-se... foda-se, onde é que ela está?

Corro para o bar e olho à minha volta em pânico. Vejo o Eddie.

– Onde está a Hayden? – balbucio.

Ele olha em volta e aponta para o canto. A Hayden está sentada com um grupo de pessoas, a rir e a divertir-se à grande. Está descontraída e a divertir-se.

Com o vestido branco... eu já nem vejo mais nada à frente.

Estabelecemos contacto visual e eu viro-me e volto para o quarto, furioso.

Entro de rompante no duche e estou tão zangado que nem consigo ver bem.

Tomo um duche e volto para o quarto, onde encontro a Hayden deitada na cama.

– Olá, querido. – Ela sorri, feliz. – Como correu?

– Porque é que não atendeste o raio do telemóvel? – grito a plenos pulmões.

A sua expressão muda.

– O quê?

– Liguei-te. Durante todo o dia, preocupado.

– O que queres dizer? – Pega no telemóvel e cerra o olhar ao ler o ecrã. – Quarenta e duas chamadas

perdidas? – Ela olha para mim. – O que se passa?

– Pensei que estavas morta numa valeta – grito.

Ela ergue as sobrancelhas. Está surpreendida com o meu tom.

– Não grites comigo, Christopher.

– Não grito contigo! – Expludo. – Passei o dia preocupado contigo. Sabes o quão irresponsável és?

– O quê?

– Ouviste-me bem.

– O meu telemóvel estava no silêncio enquanto lia, depois fui ao bar e devo tê-lo deixado no quarto. Não estava à espera de ter um detetive privado a seguir todos os meus movimentos.

– Detetive privado! – grito. – Eu dou-te o raio do detetive privado.

– Lamento que tenhas ficado preocupado, mas não estava à espera que me ligasses. – Ela revira os olhos.

– Isto é inadmissível – respondo. – Não seas condescendente.

Ela revira os olhos.

– Estás a ser dramático. Vou voltar para o bar.

– A sério? – grito.

– Sim. E tu devias estar a trabalhar neste momento... lembras-te?

Aponto para a porta.

– Sai!

Ela sorri de forma pateta, totalmente indiferente à minha raiva.

– Está bem. – Dá-me um beijo nos lábios e vai-se embora.

Os meus olhos quase me saltam da cara. Ela *não* se foi embora a meio da discussão... Estou furioso.

A minha tensão arterial está a subir em flecha.

Dirijo-me ao meu cacifo e pego na minha mochila, e um casal de bêbedos vem a caminhar pelo corredor.

Começam a curtir, e, quando a rapariga recua, cai para cima de mim.

– Vê lá que porra estás a fazer – rosna-me o tipo. Levanto as sobrancelhas, com o meu temperamento a ferver perigosamente e prestes a explodir. Ajudo a rapariga a levantar-se.

– Lamento que não me tenhas visto.

Ela está a rir e só a tropeçar.

– Ei, fico feliz por não ter visto – namoriska.

O tipo estreita os olhos para mim, e eu cerro o maxilar enquanto o encaro.

Anda, cabrão... provoca-me... Estou mesmo no ponto para te tratar da saúde.

– Vens para a festa? – A rapariga sorri de forma sensual.

Reviro os olhos e volto a concentrar-me na minha mochila. *Não vás por aí.*

Procuo algo na mochila. Tenho de usar branco, que estupidez.

Merda, descubro que só tenho uma *t-shirt* branca de manga cava e uns calções. Não é o ideal para trabalhar atrás do balcão, mas terá de servir. Visto-me e olho-me ao espelho. Foda-se, pareço um pintas. Os meus braços são demasiado grandes para usar *t-shirts* de manga cava. Vai ter de servir; não tenho alternativa.

Dirijo-me para o bar.

– Ei. – O Eddie sorri, entusiasmado. – Vou trabalhar contigo esta noite.

– Ótimo. – Aceno. – Onde me queres?

O meu olhar vagueia pela sala enquanto procuro a Hayden.

– Oh... és sensual. – Suspira uma rapariga. – Queria um *Orgasmo*. – Ela sorri.

– Traz dois. – A amiga ri-se.

– Múltiplo. Aposto que já deste alguns desses no teu tempo – acrescenta a primeira rapariga, e as duas desatam a rir. – E nós somos a seguir.

Ótimo... raparigas bêbedas excitadas... era mesmo o que precisava.

Viro-me de costas para elas.

– Onde está o livro dos *cocktails*? – pergunto ao Eddie.

Ele dá-me o livro e continua a servir. Há umas dez pessoas de pé, à espera de serem servidas.

Que raio tem a lua cheia a ver com o facto de as pessoas se embebedarem? É o que eu gostava de saber.

Leio as instruções para os orgasmos. Faço-os o melhor que posso e entrego-os. É garantido que vão saber a merda.

– Aqui tens.

– O que vais fazer mais tarde? – murmura a rapariga, sombriamente. – Gostaríamos de retribuir o favor e fazer um múltiplo a sério.

Finjo um sorriso.

– Estou ocupado.

Os meus olhos perscrutam a multidão, *estou ocupado* a tentar localizar a minha namorada rebelde. Onde raio é que ela está agora?

– Queria uma *Corona* – pede um tipo.

– É para já. – Viro-me para ir buscar a *Corona* e vejo a Hayden a dançar com um grupo de raparigas.

Lá está ela.

Sirvo mais algumas pessoas, com os meus olhos constantemente pregados na Hayden.

Está a dançar e a divertir-se à grande, completamente imperturbável. No seu vestido branco sensual.

Odeio o facto de ela parecer tão comestível.

Um tipo aproxima-se dela e eu paro o que estou a fazer. Ele põe o braço à sua volta e ela afasta-se.

Continuo a observar.

– Queria duas *Guinness* – grita alguém.

Viro-me para ir buscar as cervejas, com os olhos fixos na minha miúda. O tipo continua a falar com ela.

Ela dá um passo atrás e ele dá um passo em frente. Ele inclina-se para lhe dizer qualquer coisa ao ouvido.

Passo-me. Quando dou por mim, estou na pista de dança com a minha mão à volta da garganta do tipo.

– Afasta-te, caralho.

HAYDEN

Os meus olhos arregalam-se de horror.

– Christopher – grito. – O que estás a fazer?

O Christopher olha fixamente para o tipo que mantém preso pela garganta.

– Não lhe toques, porra. Percebes? – grita-lhe na cara.

O tipo afasta-o.

– Vai-te foder, lindinho. – Depois agarra-me agressivamente pela cintura e bate com o meu corpo no dele. – Eu faço o que eu quiser com ela.

Oh, não.

O Christopher passa-se. Ele arranca-me das mãos do idiota, empurra-me para o lado e depois dá um murro na cara do tipo.

– Ahh – grito quando o golpe é desferido.

O tipo dá-lhe um murro e o Christopher cambaleia para trás. Ele corre para a frente e atira o tipo ao chão enquanto lutam. Lutam entre si, com braços e socos a voar por todo o lado.

– Oh, meu Deus, parem – grito. Tento intervir para acabar com aquilo, mas alguém me impede. As pessoas estão a empurrar-se para tentar ver. Algumas pessoas intervêm para ajudar o Christopher e outras defendem o outro.

A luta é interrompida e os dois homens são afastados um do outro.

Os olhos de Christopher encontram-me do outro lado da multidão e eu levanto os braços.

– O que raio estás a fazer?

As suas narinas dilatam-se. Ele vira-se e sai do *hostel*. Que raio se passa com ele?

Corre praticamente pelo corredor, empurra as grandes portas da frente e desce as escadas. Ele começa a caminhar na escuridão da estrada e eu sigo-o.

– Christopher – chamo.

Ele ignora-me e continua a andar.

– Christopher – grito. – Não te atrevas a ignorar-me!

Ele para, ainda de costas para mim.

– O que raio estás a fazer?

– A sair daqui – diz ele, ainda de costas.

Apanho-o, dou a volta para ver a sua cara e sinto o coração apertado.

Está chateado.

– O que estás a fazer? – pergunto com suavidade.

Os olhos dele estão em mim.

– O que é que se passa? – pergunto.

– Não sei, porra – grita. Tem um olhar louco, o cabelo está despenteado e o peito sobe e desce como se estivesse a tentar desesperadamente respirar. A adrenalina no seu sistema deve estar ao rubro.

Olho, surpreendida. Algo se passa com ele. Está a meio de outro grande surto.

– Está tudo bem... – digo, baixinho.

– Nada disto está bem, Hayden – grita. – Estou a enlouquecer, porra.

Fico a olhar para ele, sem saber o que dizer.

– Passei o dia todo frenético por tua causa e agora... – Levanta os braços em sinal de rendição. – Vi-o a tocar-te e... – Passa as mãos pelo cabelo.

– Ficaste com ciúmes – digo com suavidade.

– Eu *não* tenho ciúmes – grita, furioso.

Ele está a ter um episódio qualquer e eu não quero deitar lenha para a fogueira. Tenho de tentar acalmá-lo.

– Desculpa não ter atendido o telemóvel hoje. Não queria preocupar-te – digo.

– É essa a questão. Eu não me preocupo. Eu não fico com ciúmes, Hayden. Não sei o que é isto ou se estou a ficar maluco – grita. – Que raio se passa comigo?

Olho-o fixamente. Ele não faz mesmo ideia...

– Estás apaixonado por mim – digo, docemente.

Ele muda de expressão.

– Mas não faz mal. – Sorrio, com esperança. – Porque também te amo.

Os olhos dele procuram os meus.

– E agora foste estragar um momento muito especial entre nós. – Ponho as mãos na anca.

Ele olha fixamente para mim, chocado e em silêncio.

– Recompõe-te e volta para dentro para acabares o teu turno – exijo.

Está transpirado na testa. Tem um olhar tresloucado e não sei se está prestes a fugir. Só preciso que ele se acalme e volte ao trabalho. Se ele fugir agora, está tudo acabado entre nós. Não vou passar por esta merda outra vez.

– Este comportamento não é aceitável, Christopher. Não podes bater em todos os homens que tentam falar comigo. Não está certo. – Encolho os ombros, frustrada. – Não sou um objeto. Não tens o direito de agir assim.

– Ele estava a pedi-las.

– Então sê superior e afasta-te. Tu não és assim. Tu és um pacifista, não um arruaiceiro.

Os olhos dele fitam os meus.

– Vai terminar o teu turno. Eu vou para a cama.

– Não vais voltar para a festa?

– Não. O idiota do meu namorado estragou o meu estado de espírito. Ele expira pesadamente, desiludido consigo próprio.

– Vai. – Aponto para dentro e ele vira-se e volta a subir as escadas.

– Vais mesmo para a cama? – pergunta-me de novo.

– Sim – disparo. Passo por ele no corredor até ao nosso quarto e ele segue-me. Abro a porta do nosso quarto e olho para ele.

– Vemo-nos quando acabar? – pergunta com esperança.

– Se continuares como um idiota e entrares em mais alguma luta esta noite... que Deus me ajude.

– Não vai acontecer.

– Ótimo. – Entro no quarto e ele fica hesitante junto à porta. – E esta noite vais dormir no chão – acrescento.

Ele acena com a cabeça e depois demora-se como se estivesse à espera de alguma coisa.

– E não te vou dizer que te amo... porque és um idiota. – Puxo as cobertas da cama com irritação.

– Eu também não vou dizer – diz.

Sorrio, tentando esconder o meu sorriso, e sei que vai correr tudo bem.

– Ótimo, não digas. – Deito-me na cama. – Sai.

O brilho nos seus olhos tem algo de especial.

– Acho que tens problemas de raiva – diz ele.

– Que Deus me ajude, Christopher. – Atiro-lhe uma almofada. – Sai.

Bate na parede ao lado da sua cabeça e ele dá-me o seu primeiro sorriso genuíno.

– Boa noite, Rabugenta.

– Não há nada de bom nesta noite – minto.

A porta fecha-se silenciosamente e eu sorrio na escuridão. Discutimos e ele ficou... *que progresso*.



São precisamente três da manhã quando ouço a porta abrir-se. O Christopher entra em bicos de pés com a lanterna do telemóvel, despe-se, deita-se na cama por trás de mim e aninha-se nas minhas costas. Ele cheira a sabonete, acabado de tomar banho, e eu sorrio com os olhos fechados.

Ele está em casa.

Foi uma longa noite sem ele. Mesmo quando discutimos, sinto a falta dele.

– Que horas são? – balbucio.

– Três. – Ele beija-me a têmpora. – Volta a dormir, querida. – Ele beija-me o ombro por trás e arrepios percorrem-me a espinha. Ele puxa-me o cabelo para trás e beija-me suavemente o pescoço. – Peço desculpa por esta noite – murmura ele contra a minha pele; os seus dedos percorrem a minha pele para cima e para baixo enquanto pensa. – Não consigo suportar a ideia de alguém te tirar de mim – murmura com tristeza. – Põe-me louco.

Consigo sentir a sua ereção a crescer atrás de mim. O Christopher Miles é um ser sexual. Esta é a sua forma de fazer as pazes. Ele está assustado; eu quero fazê-lo sentir-se melhor.

Estico o pescoço, dando-lhe acesso e aproveitando a deixa. A sua mão percorre a minha pele até ao meu peito, o seu polegar passa sobre o meu mamilo enquanto apanha o lóbulo da minha orelha entre os dentes.

A sua ereção pressiona a minha anca, e, mesmo na escuridão, consigo vê-la claramente.

Viro-me e agarro-me ao seu corpo grande. Ele olha-me.

O ar crepita entre nós.

Ponho-me de joelhos e deslizo para cima da sua grande ereção. Balanço-me de um lado para o outro para me soltar e permitir a sua entrada.

O seu comprimento é grosso e faminto. O meu corpo afunda-se lentamente no dele. Ele segura os ossos da minha anca enquanto olha para mim com admiração.

– Não vou a lado nenhum, querido – sussurro. – Sou toda tua.

Ele senta-se logo, os seus lábios chocam contra os meus enquanto me beija e me abraça. Uma sobrecarga emocional. Demasiado intensa para tentar conter. Uma intimidade que eu nunca soube que precisava.

Balançamo-nos juntos na escuridão, alimentando os nossos corpos, rendendo-nos aos sentimentos entre nós.

Tomei muitas decisões erradas na minha vida, fiz coisas de que me arrependo. Mas há uma coisa na vida de que tenho a certeza... Estou total e irrevogavelmente apaixonada pelo lindo Christopher Miles.

Estávamos destinados a encontrar-nos.

Ele é o tal.

Capítulo Dezoito

Acordo com a sensação de que a cama está a ceder e pestanejo ao abrir os olhos. O Christopher está sentado na beira da cama, com os cotovelos nos joelhos. Está a torcer as mãos à sua frente como se o mundo estivesse prestes a acabar. A travar uma guerra contra si próprio.

Argh... não estou mesmo com paciência para os seus dramas hoje.

Ponho o meu pé no seu traseiro e empurro-o suavemente.

– Podes ir buscar-me um café, por favor?

Ele faz uma cara feia.

– Queres café?

– Sim, por favor. – Preciso de o manter ocupado e fora da sua própria cabeça.

Ele levanta-se.

– Está bem. Posso fazer isso.

– Também precisamos de fruta.

Ele começa a vestir-se.

– Certo.

– Oh, espera, tens o teu curso hoje, não tens?

– Só começo às dez.

– Está bem. – Fecho os olhos. Tenho tanto para dizer sobre o comportamento dele ontem à noite, mas agora não é altura para isso. Ele ainda está a processar. Estou a dar-lhe algum espaço para assimilar tudo.

Ele veste-se.

– Queres vir?

– Nem por isso.

Ele demora-se, o tempo suficiente para eu olhar para cima.

– Gostava que viesses.

Exalo pesadamente e atiro as cobertas para trás.

– Está bem. – Levanto-me da cama e visto-me enquanto ele observa.

– Como é que estás sempre tão calma? – pergunta.

– Não estou calma. Estou a ser a adulta na nossa relação.

Ele arqueia as sobrancelhas.

– A tua vez é na próxima semana, quando eu estiver a ser ridícula.

Ele dá-me um sorriso abafado.

– É isso que se faz... revezar?

– Hum-hum. – Ponho-me em bicos de pés e beijo os seus grandes e belos lábios. – Desde que sejamos adultos à vez... vai correr tudo bem.

– E se formos parvos ao mesmo tempo? – pergunta.

– Então o resultado não é bom. – Beijo-o suavemente outra vez.

Ele acena com a cabeça e olha para mim como se eu lhe tivesse ensinado um segredo sagrado... como é que ele não sabe estas coisas? Para um homem do mundo, é muito inexperiente em tudo o que diz respeito a relações.

– Comprar café e fruta é bastante adulto. – Ele sorri enquanto pega na minha mão.

Sorrio.

– Suponho que é a tua vez hoje, então.

Dez horas depois

Estamos no passeio com as nossas mochilas no cimento. O Christopher olha para o relógio.

– Onde é que ele está? O táxi está quase a chegar.

– Ele vem.

Olho para a rua. Para ser honesta, estou a ficar um pouco preocupada que ele não venha. Era suposto o Eddie estar aqui para se despedir de nós, mas não apareceu.

Não parece nada dele.

O nosso voo para a Alemanha parte dentro de algumas horas e não podemos esperar muito mais.

– Liga-lhe outra vez.

O Christopher liga para o número dele, e o telefone toca até ao fim. Ele olha para a rua à procura do seu amiguinho.

– Se eu soubesse a morada dele, ia até lá. – Ele começa a andar de um lado para o outro. – Raios, porque é que não lhe pedi a morada?

Ele liga-lhe outra vez.

– E se lhe tiver acontecido alguma coisa?

Está a começar a ficar agitado.

– Não te preocupes... ele vem.

EDDIE

Estou no beco e, do meu local de espionagem, vejo o Sr. Christo e a Menina Hazen à minha espera do outro lado da rua, em frente ao *bostel*.

Estão aqui para se despedirem... e eu quero ir lá. Mas... *Não consigo.*

Vejo o Christo marcar um número no seu telemóvel e o meu telemóvel vibra novamente, com o nome a aparecer no meu ecrã.

Christo

Sinto um aperto no coração e volto a guardar o telemóvel no bolso.

Fico a ver o Christo a andar de um lado para o outro, a reclamar e a delirar, enquanto a Hazen fala

calmamente com ele.

A cada momento que esperam, as coisas pioram. Apetece-me correr para o outro lado da estrada e pedir-lhes que não se vão embora.

Mas sei que irão na mesma... por isso, que sentido é que faz?

Um táxi para, e o Christo olha para a rua de onde eu costumo vir, e eu fico com um nó na garganta. Entre lágrimas, vejo-o colocar as mochilas na bagageira.

Não vão.

Com um último olhar para a estrada, ele entra finalmente no táxi, que arranca e se vai embora.

Baixo a cabeça... já foram.

Um mês depois Amesterdão

HAYDEN

Passeios turísticos durante o dia, festas no trabalho à noite.

Sempre ouvi falar de Amesterdão. Toda a gente diz que é um sítio que tem de ser visitado pelo menos uma vez na vida. Imaginei cafés de droga e trabalhadores do sexo, pessoas todas pedradas a andarem por aí a serem umas idiotas nas ruas.

O que eu não esperava era que fosse uma cidade culturalmente diversa e bonita.

Longos canais com belas pontes, luzes cintilantes que revestem as ruas à noite, belos restaurantes e o som eclético de risos ao longe.

O Christopher e eu adoramos um *brownie* de chocolate com ingredientes mágicos e rimos muitas vezes a caminho de casa. É um sítio tão divertido, e nem um pouco assustador como eu imaginava.

E as bicicletas... nunca esperei ver tantas.

As pessoas não conduzem em Amesterdão; andam de bicicleta para todo o lado. Assim, em frente de cada restaurante, discoteca e centro comercial, há filas e filas de belas bicicletas antigas, aquelas com cestinhos de verga presos à frente, acorrentadas em suportes.

É tão fixe, e, quando se anda pela rua, não se ouvem os carros; ouvem-se as campainhas das bicicletas, pois as pessoas avisam-nos de que estão a aproximar-se rápido.

São as pequenas coisas das viagens, as idiossincrasias que tornam cada lugar diferente.

Nunca, num milhão de anos, imaginei que associaria bicicletas bonitas e antigas a Amesterdão, mas sei que o farei sempre.

Percorro as mesas e recolho os copos com o Basil.

– Este é o pior trabalho que já tivemos. – Ele revira os olhos.

Solto uma gargalhada.

– Olha para nós!

Quem poderia imaginar que eu trabalharia num lugar como este? O Christopher mudou a minha perspetiva de vida. Já nada está fora dos limites.

Sinto-me livre e sexualmente confiante como nunca me senti antes.

Estamos a trabalhar num clube noturno em Amesterdão. Há espetáculos de

sexo ao vivo no palco durante dez minutos de hora a hora, e estamos vestidos com pouca roupa. Eu estou com um fato curto de criada francesa, com meias de ligas e uma longa peruca escura, e o Basil está com calças pretas de fato e um laço.

Este sítio é hilariante, e as coisas que vimos são de ficar com os cabelos em pé.

O Basil e eu somos os recolhedores oficiais de copos. A Kimberly e a Bernadette estão na cozinha, e o Bodie e o Christopher estão atrás do balcão.

– Olha para aqueles dois punheteiros de merda. – O Basil contorce o lábio com nojo e olha para o bar.

O Christopher está vestido com calças pretas de fato e um laço preto, sem camisa e cheio de músculos bem vincados. O seu cabelo escuro está um pouco mais comprido, meio ondulado, e está absolutamente deslumbrante.

Sorrio ao observá-lo. Está a trabalhar o bar como um profissional. Ri-se e brinca com os clientes, agitando o seu *shaker de cocktails* no ar, enquanto ele e o Bodie estão na brincadeira.

Está a divertir-se imenso neste trabalho.

Começa a dar uma música que ele adora, *Edamame*, do bbno\$, e começa a dançar enquanto trabalha; as clientes femininas estão alinhadas no bar, a apreciar o espetáculo... e não falo do palco.

Dou uma gargalhada enquanto os vejo a brincar um com o outro.

– Mas uns punheteiros sensuais.

– Tenho mesmo de fazer um curso de *barman*. – Suspira Basil.

– Devias.

Continuo a recolher os copos e passo pelo bar.

– Hayden! – grita o Christopher através da multidão. Eu olho e ele acena-me. Apresenta-me a um homem que está sentado no bar. – Este é o Sr. Escott.

– Olá. – Sorrio.

– Ofereceu-nos um emprego num iate de luxo nas ilhas gregas. Ele continua a servir as pessoas.

– Oh. – Arregalo os olhos. – Ótimo.

– Para todos. – O Christopher sorri com entusiasmo.

Os meus olhos dirigem-se ao Sr. Escott.

– Para os seis? – confirmo.

– Sim, preciso desta energia na minha frota. – Ele faz um gesto para o Christopher, que se está a rir à gargalhada. Ele agita um copo de *cocktail* para três mulheres. Os músculos dos braços e da barriga fletem ao mesmo tempo que ele agita o copo. As mulheres estão todas a sorrir de forma pateta enquanto observam.

– Aquilo é realmente muita energia – concordo.

– Se vocês forem todos como ele, vai ser fantástico.

– Não há ninguém como ele, Sr. Escott. Ele está numa liga à parte.

Sorrio enquanto observo o meu homem lindo. Não estou a brincar – está mesmo numa liga à parte. Todas as noites vejo-o trabalhar com o público e apaixono-me um pouco mais por ele. Não sinto um pingo de ciúme pela forma como ele é.

Ele é como é.

Não é foleiro nem sedutor; é brincalhão e divertido, e faz-me sentir como se

fosse a única mulher no mundo.

E para ele, eu sou.

O Christopher aproxima-se.

– Podes ir perguntar aos outros se alinham?

– Está bem. – Sorrio.

– Eu espero aqui por ti – diz o Sr. Escott.

– Quando quer que comecemos? – digo por cima da música alta.

– Segunda-feira.

– Oh. – Exclamo. – Tão cedo?

– Sim, tivemos uma tripulação inteira que numa viagem *charter* apanhou varicela. É na próxima semana ou, infelizmente, não poderei oferecer um lugar para todos.

– Está bem. Vou perguntar. – Passo pela multidão para encontrar os nossos amigos.

Dez minutos depois, regresso. – Alinhamos. – Sorrio para o Sr. Escott.

– Ótimo. – Ele entrega-me um cartão.

– Liguem-me quando chegarem a Mykonos.

– Combinado. – Ponho o seu cartão no meu bolso.

– Dez minutos até à pausa, Rabugenta? – grita o Christopher por cima da música.

Olho para o meu relógio.

– Sim, está bem.

Fazemos sempre as nossas pausas juntos.

– Foi bom conhecê-lo, Sr. Escott. Até para a semana.

– Mal posso esperar.

Caminho pela multidão. Tenho muito que fazer.



Doze minutos depois, saio para a zona das traseiras e desço o corredor. Quando passo pela porta de um armazém, sou puxada lá para dentro e empurrada contra a parede enquanto a porta é fechada com força. Os lábios do Christopher descem para o meu pescoço ao mesmo tempo que as suas mãos levantam a minha saia de criada francesa.

– Sei que tipo de pausa quero.

Este homem e o que ele me faz... o maior depravado de todos. Amá-lo mudou a minha vida. Mostrou-me uma melhor versão de mim mesma.

Uma versão espontânea e sensual, e gosto muito dela.

Dou uma gargalhada enquanto levando a perna e a coloco numa prateleira. A sua mão desliza sobre as minhas ligas e sobe pela minha coxa.

– Os empregados de balcão deste estabelecimento são sempre muito prestáveis. – Sorrio contra os seus lábios.

– Fico feliz por poder ajudar. – Ele empurra as minhas cuecas para o lado e desliza os dedos pelos lábios do meu sexo enquanto me beija profundamente.

– A minha miúda marota está pronta. – Ele faz-me girar e dobra-me. Ouço o fecho da braguilha dele mesmo antes de ele deslizar para o fundo.

Os meus olhos fecham-se enquanto ambos gememos de prazer. Ele tira e volta

a meter.

– Adoro este trabalho, porra.

Manbã de segunda-feira – Grécia

CHRISTOPHER

Estamos à espera na doca da marina de Mykonos. Os iates de luxo estão alinhados.

– Que raio sabemos nós sobre barcos? – O Basil suspira, enquanto observamos todas as tripulações nos iates. – Parece haver muita treta para fazer.

– Espero que os nossos uniformes sejam giros. – A Kimberly sorri ao mesmo tempo que olha à volta.

– Não podem ser piores que os últimos. – O Basil encrespa o rosto. – Devia ter trabalhado com um pedaço de carne amarrado ao peito.

– Aquelas mulheres adoravam-te, Baz. – A Hayden ri-se.

O Baz enrola o lábio com repugnância.

Um tipo caminha na nossa direção. Tem um ar muito sério e está vestido com calções brancos e uma camisa branca de manga curta com botões. Tem botões dourados e galões azul-marinho sobre os ombros. Está a usar um chapéu formal de capitão.

– Parece um piloto – sussurra a Bernadette.

– Por favor, que esteja no nosso barco – diz a Kimberly baixinho, enquanto os seus olhos se demoram nele.

– Iate – corrijo-a. – Não é um barco.

– Por favor, que esteja no nosso iate... e no meu quarto – continua.

Todos rimos e ele chega até nós.

– Olá, sou o capitão Mark, o *skipper*. Presumo que uma de vós seja a Hayden?

– Sim, sou eu. – Ela sorri e aperta-lhe a mão. A Hayden parece ser sempre o ponto de contacto para os nossos trabalhos. Ela apresenta-nos. – Estes são os outros: Christo, Basil, Bodie, Kimberly e Bernadette.

– Olá. – Ele sorri. – Bem-vindos. – Ele vira-se e caminha pela doca, e todos o seguimos. – Recomendaram-vos muito – continua.

Todos trocamos olhares. Ninguém, exceto eu, esteve antes num iate.

Não que o possa sequer admitir.

– Estamos muito entusiasmados. – A Hayden sorri e tenta ser simpática.

– Muito obrigado pela vossa ajuda. Toda a minha tripulação adoeceu e não pode trabalhar durante mais duas semanas. Tínhamos viagens reservadas toda a semana, por isso salvaram o dia.

Voltamos a trocar olhares, e a Hayden enrola os lábios para esconder o sorriso. Isto pode tornar-se um verdadeiro desastre.

– Lá está ela. – O capitão Mark sorri. – Não é linda?

Olhamos todos para cima e ficamos imóveis, enquanto o sangue nos escorre da cara.

– Sim. – Todos fingem um sorriso.

Oh, não.

Isto não é um iate, é um superiate. Quatro andares de altura e pelo menos três metros de comprimento. É preto, elegante e... *merda*.

Como é que é suposto tripularmos esta embarcação? Não fazemos ideia do que estamos a fazer.

Oh... merda. Sinto-me a ficar com os nervos em franja.

Obsidian

Este nome... Cerro o olhar. É familiar.

Obsidian... Como é que conheço este iate? Procuo na minha mente uma recordação qualquer.

– Está sempre atarracado aqui? – pergunto, enquanto tento agir normalmente.

– Não, normalmente está em Monte Carlo.

– Certo. – Todos os anos vejo o Grande Prémio a partir do nosso iate em Monte Carlo. Esperemos que seja só daí.

Os olhos assustados da Hayden cruzam-se com os meus.

– Mas que raio? – sussurra.

– Está tudo bem – digo só com os lábios.

Isto está tudo menos bem. Isto é um verdadeiro pesadelo.

Atravessamos o pontão e entramos no iate, e o luxo exagerado salta à vista.

Tem um enorme *deck* com um *spa* e uma área de estar exterior, um bar – tudo é da mais bela madeira e com acabamentos perfeitos. Olho à volta. Hmm... nada mau.

Olhamos através das portas duplas para o interior. Uma enorme e luxuosa área de estar com mobiliário de luxo. Há um elevador e escadas para cima e para baixo à direita, bem como um grande corredor.

– Uau! – sussurram todos, admirados, enquanto olham em redor.

– Venham, vou mostrar-vos os aposentos dos funcionários no convés inferior. Temos de nos preparar. O proprietário vai embarcar esta noite com um grupo de amigos.

– Quem é o dono desta embarcação? – pergunto.

– É o Julian Masters – responde.

Foda-se.

– De onde é que ele é? – questiono, enquanto finjo não saber.

– Do Reino Unido. Carregado de dinheiro, como se pode ver. Dinheiro de família... mas é juiz. Tem cá a família alargada da Austrália para uma despedida de solteiro.

Fico lívido. Eu conheço-os. Eu conheço-os a todos.

O Julian Masters é um dos melhores amigos do meu irmão Jameson. Andaram juntos no colégio interno.

Estou completamente lixado.

Capítulo Dezanove

Pousem as malas, e eu mostro-vos tudo – diz o capitão Mark. Tem uma prancheta debaixo do braço. Fazemos o que ele pede e seguimo-lo à volta do iate. – Neste piso, encontra-se a sala de estar e de jantar formal, o cinema e duas casas de banho.

Há três enormes sofás brancos à volta de uma mesa de centro em mármore damasco. O chão é todo em madeira escura em forma de espinha de peixe com grandes tapetes exóticos de cor creme. As paredes estão decoradas com obras de arte deslumbrantes.

É lindo... Confesso.

– Uau. – Todos ficam maravilhados.

Sigo atrás, enquanto tento desesperadamente conceber um plano de fuga. A técnica de homem ao mar está a soar muito apelativa.

– Lá para cima. – Ele sobe as escadas e nós seguimo-lo. – Outra grande sala de estar, sala de jantar informal e bar de *cocktails*. Há quatro quartos de hóspedes neste piso.

– Oh, meu Deus. – Os olhos da Hayden ficam do tamanho de um pires e ela agarra na minha mão.

– Dá para acreditar neste sítio, querido? – sussurra com admiração.

– Nunca vi nada assim.

Hum... Elevo a sobrançelha ao olhar à volta... *o meu iate é melhor.*

– Piso superior, *suite* principal. – Subimos mais um nível, que é só um quarto, com vista de 360 graus. Uma casa de banho enorme com uma banheira de hidromassagem rebaixada e *closets* para dois.

Isto *sim* é bonito.

– Por aqui. – Ele desliza uma porta escondida. – É o quarto das crianças. O Sr. Masters gosta de ter os filhos por perto.

Espreitamos e vimos dois berços e duas camas de solteiro. Os brinquedos e os livros estão todos expostos. O quarto é todo em tons pastel e está decorado de forma muito bonita.

– Há uma ama a bordo quando eles estão cá? – pergunta a Hayden.

– Não. Não têm uma ama; são eles próprios que tratam de tudo.

A Hayden sorri para mim e aperta-me a mão.

– Já gosto deles – sussurra. – Nunca teria uma ama.

O quê? Nada de ama... de nenhum... tipo, nunca?

Quando é que podes comer a tua mulher se não tiveres uma ama? É suposto fazermos sexo durante cinco minutos apenas à noite ou algo do género? Argh... isso não vai acontecer na minha casa.

Terei quatro amas rotativamente.

Na verdade... Sorrio ao lembrar-me de algo. A mulher do Masters *era* a ama dele. Também é sensual para carações.

Mordo o lábio para esconder o meu sorriso. Sacana badalhoco. Pergunto-me como é que isso aconteceu.

– Vamos descer para o convés inferior, onde vão ficar – continua o capitão Mark. Seguimo-lo por três pisos. – Aqui é a cozinha.

Ele mostra-nos tudo.

– A Helga, a cozinheira, estará cá esta tarde. Vão todos rodar como assistentes dela. Ela é rigorosa. – Ele franze o sobrolho e faz uma pausa, como se estivesse a escolher bem as palavras. – É uma personagem interessante.

Ótimo, isso é código para *ela é uma cabra*.

– Aqui são os alojamentos dos funcionários. Três quartos. Um é para a Helga; ela dorme sozinha. Um duplo com duas camas individuais e o outro com quatro conjuntos de beliches.

– A Hayden e eu ficamos com o duplo – anuncio, antes que alguém tenha oportunidade de o fazer.

– Sim, sim – murmuram todos.

– Então. – O capitão Mark sorri. – Esta é a nossa menina. Espero que se sintam muito confortáveis e felizes aqui. Aproveitem a manhã para se instalarem e sentirem-se em casa. Esta tarde faremos alguns treinos e depois os nossos convidados juntar-se-ão a nós por volta das seis da tarde.

– Durante quanto tempo estarão a bordo? – pergunto.

– Dois dias.

– Então... e o que acontece depois? – pergunta o Basil.

– Esta embarcação é fretada sempre que o Sr. Masters não a está a utilizar. Apanhamos outro grupo na quarta-feira.

– Ah, está bem – responde o Basil. – Continuamos a trabalhar mesmo quando o proprietário não está cá.

– Exatamente.

– Tem uma lista de convidados? – pergunto. – Vou dar uma vista de olhos e começar a pôr tudo em ordem.

– Sim, aqui está. – Ele passa-me a prancheta. – Vejo-vos a todos daqui a algumas horas. – Ele desaparece pelas escadas e toda a gente começa a andar e a fazer as suas coisas. Levanto a folha de papel e leio a lista.

Julian Masters

Spencer Jones

Sebastian Garcia

Porra.

Pouso imediatamente a prancheta. Não preciso de ler o resto dos convidados.

Os três primeiros são os maiores brincalhões do mundo. Não vou aguentar uma hora com eles, quanto mais quarenta e oito.

Isto é um verdadeiro pesadelo.

Vão estragar o meu disfarce e contar à Hayden, e foda-se, ela ainda não me ama o suficiente. Vai-me deixar por lhe mentir.

Quem poderia culpá-la?

Há semanas que ando a tentar descobrir como lhe dizer quem sou, mas estamos a divertir-nos tanto que ainda nem sequer falámos sobre o que vai acontecer quando tudo isto acabar. Não quero que ela descubra que lhe tenho andado a mentir desta maneira. Tenho de ser eu a dizer-lhe.

Foda-se.

É estranho que ela não me tenha dito que me ama desde a noite da nossa primeira discussão, há mais de seis semanas – apesar de termos muitas vezes as palavras *não te amo*, que, para mim, são código para *amo-te*... mas e se para ela não forem?

E se for apenas uma coisa que ela diz?

Passo a mão pelo cabelo, agoniado.

Quero a Hayden na minha vida. A ideia de a perder por causa de uma mentira... aperta-me o peito.

Sigo-a pelas escadas com as nossas mochilas e entro no nosso quarto. É pequeno e não tem janela. No entanto, temos privacidade, que é o mais importante.

Há um roupeiro e uma secretária no canto. A Hayden começa a arrumar as suas coisas nas gavetas. Sento-me na cama enquanto a observo.

Tenho de lhe dizer.

– Bonito iate, hein? – digo.

– Incrível. – Ela dobra a sua camisa.

– Este vai ser o trabalho de uma vida. – Sinto o coração a latejar no meu peito.

– Consegues imaginar-te a ter um iate como este?

– Eu? – Ela ri. – Nem pensar.

– Não queres ter dinheiro? – pergunto. – O tipo de dinheiro que dá para ter um iate?

– Meu Deus, não, odeio pessoas ricas.

As minhas sobrancelhas erguem-se de surpresa.

– Conheces alguma?

– Nem por isso. – Ela continua a dobrar a roupa.

– Isso é um pouco discriminatório, não achas?

Ela olha para mim, para o que está a fazer e vem sentar-se no meu colo. Envolver os meus braços à sua

volta e ela beija-me suavemente os lábios.

– Adoro a vida que temos, Christopher.

Olho fixamente para ela, e ela afasta o cabelo da minha cara enquanto olha para mim.

– Não precisas de te preocupar com o facto de não teres dinheiro.

O quê?

– Há tanto para gostar em nós. – Ela beija-me a ponta do nariz. – Adoro o facto de seres o meu melhor amigo. – Beija-me com um sorriso. – Adoro que te dediques tanto a tudo o que fazes. Adoro que sejas gentil e amoroso. Adoro que tomes conta de mim. És perfeito tal como és.

Os meus olhos procuram os dela. Estou sem palavras.

Não há uma única palavra na minha cabeça. Durante toda a minha vida quis ouvir estas palavras, que alguém me queria por mim.

Amo esta mulher.

Ela sorri docemente enquanto me abraça com força.

– Tenho de te dizer uma coisa – murmuro.

Ela tira a camisa por cima da cabeça.

– E... Eu preciso de te mostrar uma coisa.

Ela levanta-se e abre o sutiã; os seus seios fartos libertam-se, e, sem me conseguir conter, levanto-me e pego num deles com a mão. De imediato, o meu mastro começa a latejar. – Continua, querido, estavas a dizer – murmura ela, enquanto se inclina e me beija. A minha mão desliza pela sua coxa e por baixo das suas cuecas.

Concentra-te.

Os lábios quentes, macios e molhados nas suas cuecas roubam os meus pensamentos. Foda-se... *ela sabe bem.*

– Estavas a dizer?

– Eu não sou professor – murmuro contra os seus lábios.

Ela arqueia o olhar enquanto se afasta de mim.

– És o quê?

Os meus olhos procuram os dela. *Ten.*

O semblante dela altera-se.

– Mentiste-me?

O meu estômago revira perante o seu tom desapontado. *Não estragues isto, idiota.*

Temos mais oito meses juntos antes de *termos* de ter esta conversa.

Se eu conseguir aguentar este fim de semana e fazer com que o Masters mantenha a sua boca fechada. Quer dizer, não é que esteja a fingir ser rico. Estou a fingir ser pobre. De certeza que ela não me pode odiar por uma melhoria, certo?

Fico a olhar para ela enquanto lhe prendo uma madeixa de cabelo. Raios. Isto é o mais feliz que alguma vez estive na minha vida. Não estou preparado para que a dinâmica mude entre nós.

Preciso de mais tempo.

– Então? – pergunta. – O que fazes se não és professor?

– Sou contínuo numa escola – respondo. – Tive vergonha de te dizer.

Ela abre a boca.

– Querido – sussurra ela ternamente –, isso parte-me o coração.

De tudo o que podia dizer... porra! Porquê isto? Será que existe um cérebro na minha cabeça?

– És funcionário da limpeza? – repete.

– Sim. – Aceno com a cabeça, sentindo-me um mentiroso de merda.

– Querido – sussurra ela, enquanto me puxa para um abraço –, não me interessa o que fazes. O que me importa é que sejas uma boa pessoa. E és mais do que bom; és o melhor.

Envolve-a nos meus braços e abraça-a com força. Fecho os olhos e aninho-me no seu pescoço.

Esta mulher...

Esta linda mulher ama-me, enquanto pensa que a minha profissão é limpar casas de banho.

Não a mereço.

– Isto não é só uma brincadeira para mim, Hayden – digo eu. – Quero um futuro contigo.

– Eu também. – Ela sorri. Deitamo-nos na cama e beijamo-nos. Há mais uma pergunta para a qual preciso de uma resposta.

– Onde é que te vês a viver? – pergunto. – Quando tudo isto acabar...

– Desde que esteja contigo, não quero saber.

Aqui está.

O meu coração explode com um sentimento desconhecido: um sentimento de pertença. Isto está a acontecer. Ela *vai* mudar-se por mim... isto é real.

Ela desliza pelo meu corpo, puxa a minha pila endurecida e leva-a à boca. Olho para ela e os seus olhos escuros fixam-se nos meus. Ela lambe o meu comprimento e depois chupa-me com força, e os meus dedos dos pés enrolam-se. Apoio-me nos cotovelos para apreciar a vista.

Ela passa a língua sobre a ponta do meu pénis e eu inspiro bruscamente enquanto afasto o cabelo da sua testa.

– És minha – sussurro.

– Toda tua. – Ela sorri à minha volta. Lambe os lábios. – Agora... fode-me a boca.



O som da respiração suave da Hayden diz-me que ela adormeceu.

Este quarto, do tamanho de uma caixa de fósforos, está enfeitiçado para se ter o melhor orgasmo de todos os tempos. Acabámos de ter o melhor sexo da minha vida.

Visto-me discretamente e saio sorrateiramente do quarto. Está tudo em silêncio. Ontem à noite, saímos para tomar uma simples bebida, supostamente, e acabámos por dormir três horas. É suposto estarem todos a desfazer as malas, mas o meu palpite é que estão exaustos e a dormir o tão necessário sono antes da tempestade de merda que vai ser esta noite.

E quando digo tempestade de merda, quero dizer tempestade de merda.

Subo sorrateiramente as escadas e saio para o convés. Olho à volta.

Onde está o capitão Mark?

Dirijo-me para a frente do iate e vejo-o na cadeira de capitão. Corro praticamente para o fundo do iate e percorro os números do meu telemóvel.

Masters

Ligo para o seu número e o telefone toca.

– Miles. – Ele ri-se quando atende. – O que queres? – brinca.

– Ouve, tenho um problema – sussurro, enquanto o meu coração bate com força no peito.

– O quê? Fala mais alto. Onde estás? – Ele está num bar ou algo do género. Consigo ouvir as pessoas a rirem-se alto.

– Estou disfarçado.

– O quê?

– Tirei um ano de férias e, sob um pseudónimo, tenho andado a viajar de mochila às costas pelo mundo.

– O quê? – explode antes de se desmanchar a rir. – Tu... de mochila às costas? – Ele ri alto novamente. – Isso é hilariante, caramba.

– Estou a viajar com um grupo de pessoas que não sabem quem eu sou, e arranjámos um trabalho num iate, e acabei de descobrir que é a porra do teu iate – desabafo à pressa.

– Tretas – dispara.

– Não podes dizer a ninguém quem sou quando chegares aqui mais tarde. Ele desata a rir.

– Isso é, de facto, um problema.

– Para – sussurro, zangado.

– O Christopher Miles é um pacote infiltrado na merda do meu iate – diz ele a alguém.

– Vai-te lixar. – Ouço alguém rir.

Estreito os olhos. Spencer Jones. Conheceria aquela voz em qualquer lado.

O capitão Mark começa a descer pela lateral do iate.

Ele acena, feliz.

Foda-se.

– Tenho de ir – balbucio. – Nem uma palavra. Tu não me conheces.

– Quem me dera. – Ele está a rir-se e ouço-o a falar de mim a outra pessoa.

Não tenho outra alternativa senão desligar o telefone.

Foda-se.

– A apreciar a vista? – O capitão Mark sorri.

– Sim. – Finjo um sorriso, enfiando novamente o telemóvel no bolso.

Estou com calor e nervoso e, caramba... muito stressado.

– Malas desfeitas? – pergunta.

– Sim, só tinha de fazer uma chamada rápida.

– Encontramo-nos no convés dentro de uma hora. Vou distribuir os uniformes e podemos começar o treino.

– Parece ótimo. – Finjo um sorriso. Nem por isso... parece um autêntico inferno.

– Vemo-nos lá. – Ele volta para a frente do iate, e eu viro-me e olho para a marina. Tiro uma fotografia e envio-a ao Eddie.

Mykonos

Pergunto-me como estará o meu amiguinho de Barcelona. Vou telefonar-lhe na quarta-feira, quando esta merda tiver acabado... se não tiver saltado borda fora até lá.

Volto para o meu quarto e aconchego-me nas costas da Hayden enquanto ela dorme.

A minha mente está a ferver.

Se isto não correr como planeado...

Analiso os milhões de cenários que podem acontecer, o quanto isto pode correr mal e, embora saiba que estou a fazer a coisa errada, uma coisa *é* inegável.

A minha vida em casa *é* algo que só um amor forte pode suportar.

As pessoas, os lugares... a pressão dos *paparazzi*. Tenho de a preparar melhor. Precisamos de mais tempo.



– Estes são os vossos uniformes – diz o capitão Mark enquanto distribui sacos de fatos com fecho. – Encomendámos os tamanhos que pediram e, se algum não servir, temos alguns extras lá em baixo na arrecadação.

O capitão Mark começa a falar sobre o iate e a contar-nos todos os pormenores aborrecidos, e eu olho de relance para o Basil. Ele abriu o fecho do saco do fato e está a cerrar o olhar para algo que está lá dentro. Os seus olhos erguem-se para os meus.

– O que foi? – digo, só mexendo os lábios.

Ele segura um laço vermelho brilhante.

– Mas que raio? – diz com os lábios.

Hum.

Enquanto o capitão Mark continua a falar, eu abro lentamente o meu saco. Há três uniformes, um par de calças pretas de fato e um laço vermelho brilhante num cabide.

– Capitão Mark, o que *é* isto? – Seguro no laço.

Ele olha para mim.

– É o teu uniforme para hoje.

– O meu quê?

– O Sr. Escott queria uma equipa diversificada para poder organizar festas temáticas. Cada um de vocês tem um uniforme de festa como o que usavam na discoteca onde ele vos conheceu. – Ele sorri, orgulhoso. – Ele ficou muito impressionado com todos vocês.

Imagino a cara dos rapazes quando me virem com este uniforme. Deus amado, não.

Isto não pode estar a acontecer.

A Hayden abre o fecho do saco e tira um minúsculo uniforme de empregada francesa, com cinto de ligas.

– Não vou usar isto – diz ela com firmeza.

– Mas...

– Usei essa roupa quando estava num clube privado onde as pessoas faziam sexo no palco. Ninguém estava a olhar para mim, e eu fundia-me com o ambiente. Usar isto aqui, neste ambiente, *é* muito mau. Não sou uma *stripper* para os homens ricos apreciarem.

– Concordo – diz a Kimberly.

– Eu também – junta-se a Bernadette.

O capitão Mark contorce o rosto ao olhar para elas.

– Tudo bem, as raparigas podem usar outra coisa. Mas o uniforme mantém-se para os homens. O tema de hoje à noite *é* cabaré. As raparigas terão de inventar algo com esse tema. Quero algo súper divertido. Há fatos e decorações no armazém no convés inferior.

Ele olha para mim.

– O Sr. Escott disse que dançavas, Christo. Tens a tua música contigo?

– Eu não danço – digo, horrorizado.

A Hayden ri-se.

– Isto não tem piada – exclamo.

– Ele enviou-me um vídeo de ti a dançar enquanto fazias *cocktails*.

– Aquilo era uma brincadeira, não uma rotina de dança profissional.
– Faz isso, então. – Ele olha para o relógio. – Temos um DJ a embarcar daqui a meia hora.
– Um DJ? – O Basil torce o nariz. – Quantas pessoas vêm?
– Cerca de trinta, mas a maior parte não vai ficar no iate. Levamo-las de volta a terra quando a festa terminar.

– E a que horas vai ser isso? – pergunto.
– Quando elas quiserem.
Todos trocamos olhares. Ótimo. Vamos ficar acordados toda a noite com estes cabrões.
– A Helga e a Agnes não tardam a chegar.
– Agnes? – pergunta a Hayden. – O que é que ela faz?
– Nunca a tivemos a bordo antes, mas ela é uma mestre de cerimónias e, com tantas pessoas a bordo esta noite, pensámos que seria boa ideia termos uma para gerir o horário desta noite.
– Horário? – Franco o sobrolho. *É um pouco exagerado, não é?*
Olho de relance para os rapazes e eles encolhem os ombros.
– Caraças – diz o Basil.
O capitão Mark segue em direção às escadas.
– Vamos continuar o treino.



– Estás ótimo. – A Hayden sorri para mim ao endireitar o meu laço.
Estou a usar calças pretas e um laço vermelho brilhante, e estou sem camisa.
Bati no fundo do poço. Já sei que nunca mais me vou esquecer disto.
– *Todos para o convés* – diz uma voz no sistema de altifalantes.
A voz da mulher é rouca e profunda, com um sotaque nórdico.
– Quem é esta? – Ergo o olhar.
– Deve ser a Agnes. – A Hayden sorri e beija-me rapidamente. – Estou bem?
Dou um passo atrás.
– Dá uma voltinha.
Ela rodopia, e eu sorrio ao ver a sua indumentária. Ela e as raparigas estão vestidas de fruta.
Ela tem meias verdes, um grande vestido vermelho-morango e uma bandolete com folhas de morango.
Nas bochechas, tem desenhados corações grandes e vermelhos.
– O morango mais lindo que já vi. – Dou-lhe um encontrão com a anca. – Talvez tenha de te comer mais tarde. – Bato-lhe com a anca novamente. – Fazer uma compota de morango.
Ela ri-se e pega no telemóvel.
– *Selfie*.
Coloco-me atrás dela, encosto o meu rosto ao seu e sorrimos para a câmara.
– Isto é tão divertido. – Ela ri.
– É mesmo.
Será mesmo? Porque é que não sinto isso.
Ela faz uma dancinha no lugar e eu sorrio. O seu entusiasmo é contagiante.
– *Despachem-se* – exige a voz através do altifalante.
A Hayden arregala os olhos e ri-se.
Olho de lado.
– Acalma-te, Agnes.
Abrimos a porta do nosso quarto e ouvimos os outros a discutir nos seus aposentos apertados.
– Não percebo porque é que eu não posso ser a laranja – lamenta-se a Bernadette.
– Porque eu fico melhor de cor de laranja – responde a Kimberly.
– Ficas bem com tudo – responde a Bernadette. – Não quero ser a uva. Odeio uvas. – Ela mexe na fita na cabeça. – Esta coisa faz uma comichão do caraças.
– Eu gosto de uvas – diz o Basil, enquanto se penteia ao espelho. – Também gosto de laranjas. Porque é que hoje não é uma despedida de solteira? Estou com uma tesão... – Ele ajeita mais um pouco no cabelo. – Quem me dera arranjássemos trabalho num daqueles barcos para festas onde os empregados comem as raparigas todas... isso, *sim* seria um bom trabalho.
– Onde é que ela anda? – exclama o Bodie, enquanto encosta o telemóvel ao ouvido. – Ela não atende as minhas chamadas. Esta é a décima vez que telefonei hoje.
– Ela conheceu outra pessoa e tu estás a ser sinistro – responde a Kimberly casualmente, ao mesmo

tempo que empurra o Basil para fora do caminho do espelho. O Bodie conheceu uma rapariga em terra ontem à noite. Está obcecado.

– *Despachem-se* – quase grita a voz através do altifalante.

Sorriso para o meu moranguinho sensual, pego no telemóvel e tiro uma fotografia. Ela finge mandar-me um beijo, e, sem poder evitar, tomo-a nos braços e beijo-a.

– Argh, vocês nunca se fartam um do outro? – A Kimberly revira os olhos.

– Não – respondo. Beijo a Hayden novamente. – Como é que alguém se pode fartar deste morango?

Ouve-se uma voz.

– O que estão a fazer? Estamos atrasados, pessoal. – Viramo-nos para ver uma mulher baixa e muito zangada a descer o corredor. Tem duas tranças no cabelo presas à cabeça. – Lá para cima. Agora – exige.

– Desculpe. – A Hayden estremece, enquanto sobe as escadas, e todos corremos atrás dela. Chegamos à sala de estar principal e olhamos em volta para o nosso trabalho. Há balões e serpentinas por todo o lado. Muito cabaré, se é que o posso dizer.

– Façam uma fila – exige Agnes.

Todos lançamos olhares uns para os outros. *O quê?*

– Façam uma fila – repete. – Digam-me quem são.

Em fila, todos nos apresentamos, e ela caminha à medida que avançamos. Olha-nos de cima a baixo.

– Agora... Sou muito rigorosa – diz ela, séria. – Serão profissionais em todos os momentos e... – Ela levanta os dedos para fazer aspas no ar. – Estarão sempre «ligados» esta noite.

– Ligados? – Arqueio as sobrancelhas.

– Em atuação. – Ela sorri calmamente. – Quero cabaré. Quero exagero. Este deve ser o momento mais divertido que estes convidados já tiveram na sua vida.

Fico a olhar para ela enquanto anda para cima e para baixo na fila. *Acalma-te, caramba.*

– Estou à experiência aqui esta noite e quero este emprego... por isso, por favor, não me estraguem isto.

– Sim, Agnes – respondemos todos.

Ela vai para trás de nós e vasculha uma caixa.

– Vem cá, Christo – pede-me ela.

O quê?

Dou um passo em frente e ela borrifava uma lata de qualquer coisa no meu tronco nu.

– O que é isto?

– Brilho corporal.

O quê?

Olho para mim. Ela pulverizou-me com óleo e brilho dourado.

Não...

A Hayden vê a minha cara e fica a rir-se. Ela baixa a cabeça enquanto tenta esconder-se da Agnes.

– Deem um passo em frente – diz a Agnes ao Bodie e ao Basil. Eles fazem o que lhes mandam e também ficam cobertos de óleo dourado brilhante.

Os olhos do Basil encontram os meus e eu estremeço. Mas que porra se passa aqui?

– Agora vou lá abaixo verificar a ementa. Os convidados vão chegar daqui a dez minutos. Lembrem-se, os seus desejos são ordens.

Ela desaparece lá para baixo, e ficamos todos a olhar uns para os outros.

– Estão a sentir-se *ligados*? – pergunta a Kimberly.

– Aguentem só esta noite. Ela vai-se embora amanhã – sussurra a Hayden.

Ah, não estou com paciência para esta merda.

O DJ começa a pôr música na varanda por cima de nós. A música de dança está alta e as luzes da discoteca começam a piscar. Dirijo-me ao bar e escondo-me atrás dele. Bebo um gole de tequila da garrafa.

Envio uma mensagem ao Masters, só para ter a certeza.

Não estragues isto.

TU NÃO ME CONHECES.

Dez minutos depois

Fazemos todos fila à entrada do iate para saudar os nossos convidados. Vejo o grande grupo a descer o passadiço. Olho para mim: calças pretas, laço vermelho e óleo dourado brilhante no meu corpo.

Matem-me já.

Consigo ouvir a voz profunda do Masters enquanto ele se aproxima, e cerro o maxilar. Isto é humilhante. Há cerca de vinte homens e algumas mulheres...

Mulheres? Pensava que era uma despedida de solteiro. Devem ser *strippers*.

Atravessam o passadiço, e o Masters, o Jones e o Garcia ficam parados quando me veem. De olhos arregalados, desatam a rir.

Putá de vida!

Começam a rodear-me, enquanto o Garcia solta um assobio baixo.

– Temos um problema. – O Masters sorri sombriamente. Ele aproxima-se e torce-me o mamilo. – Gosto disto.

Cerro o maxilar e a Hayden arregala os olhos.

O Garcia passa por trás de mim e dá-me uma palmada no rabo.

– Mas que delícia temos aqui.

Continuam a andar à minha volta como se fosse um animal de caça.

– O meu brinquedo pessoal – o Spencer sorri sombriamente. Os olhos horrorizados dos meus amigos estão arregalados enquanto observam.

– Bem-vindo a bordo, senhor. – Aceno com a cabeça.

Eles inclinam a cabeça para trás e desatam a rir.

Isto é inacreditável, porra.

– Bem-vindos a bordo, senhores. Posso apresentar-vos a tripulação para esta noite? – A Agnes sorri. – Estamos aqui para vos proporcionar a melhor noite da vossa vida.

– Missão cumprida. – Os olhos marotos do Masters fixam-se nos meus. – Já está a ser.

Os outros homens entram a bordo e começam a dançar no iate. Já estão bem embriagados. A falar alto e a rir.

Todos vão para os seus respetivos postos de trabalho desta noite.

Eu vou para trás do balcão. Os três rapazes vêm sentar-se à minha frente.

– O que vai ser? – pergunto, secamente, enquanto limpo o bar.

– Mimosas.

Sirvo um *shot* de tequila.

Olho para a esquerda e para a direita. Bebo-o e aproximo-me muito.

– Ouçam... se me lixarem isto, mato-vos com um sorriso na cara – sussurro.

Eles riem-se como se isto fosse a coisa mais engraçada que alguma vez viram... provavelmente é.

– Estás a fazer tudo isto por uma rapariga? – O Masters sorri maliciosamente.

– Ela não é uma rapariga – cuspo. – É *a* rapariga.

Capítulo Vinte

HAYDEN

Pego num tabuleiro de aperitivos na cozinha, *sushi* de aspeto elegante.

– Deem uma volta e depois voltem – diz a Helga, a cozinheira.

– Está bem. – Subo as escadas e a Kimberly está a descer.

– Raios partam, eles já estão bêbedos – diz ela.

– Vai ser uma noite longa. – Chego ao piso inferior e decido ir primeiro para a pista de dança.

Os homens estão de pé e a conversar. Alguns estão a dançar com as quatro raparigas.

O Basil está a trabalhar no bar. Os seus olhos estão firmemente postos nas mulheres vestidas com pouca roupa, enquanto as vê dançar. Estendo o meu tabuleiro a um convidado.

– Posso tentá-lo a comer alguma coisa, senhor?

– Obrigado. – Todos começam a comer o *sushi*, e o tabuleiro esvazia-se num instante. Volto para o convés inferior e dirijo-me à cozinha.

– Adoraram – digo à Helga. – Foi um sucesso.

– Boas notícias. – Ela sorri enquanto empurra outro tabuleiro. Volto a subir as escadas e vou para o convés. Estão três homens sentados no bar a falar com o Christopher e a Kimberly.

Homens lindos de morrer.

Um pouco mais velhos, talvez na casa dos trinta anos... gostosos de outro nível.

Os meus olhos demoram-se neles enquanto faço a ronda. Não sei do que estão a falar, mas o que quer que seja deve ser hilariante. Ainda não pararam de rir.

A Kimberly deixa-os e vem por entre a multidão até mim.

– Quem são aqueles homens no bar? – pergunto.

Ela olha para lá.

– Acabei de os conhecer. O do meio é o Sr. Masters. É o dono deste iate. Deve ser podre de rico – sussurra.

– E os outros dois?

– O loiro chama-se Spencer Jones. – Os seus olhos demoram-se nele. – Lindo

de morrer. Já viste o sorriso dele?

– Já.

– O outro é político, aparentemente.

– Oh. – Arregalo os olhos. – Oh, Deus.

Eles riem alto novamente.

– O Christo deve ter-lhes dito que anda com uma de nós.

– Porque dizes isso?

– Perguntaram-me qual de nós é a namorada dele porque querem conhecê-la.

– Oh. Ótimo.

Ponho o meu sorriso falso e dirijo-me para o convés.

– Vem cá. – O Masters estende o braço para mim e acena-me.

Aproximo-me e, sem jeito, estendo o meu tabuleiro com um sorriso. – *Sushi*, senhores?

– Pousa isso e fala connosco – diz o homem de cabelo preto, enquanto puxa um banco ao seu lado.

– A Hayden está muito ocupada – responde o Christopher. – Volta para o trabalho, Hayden.

O quê?

– Não, não, não. De certo, não está demasiado ocupada para nós – responde o Spencer, enquanto bate no banco. – Senta-te.

– Olá. – Sorrio.

– Julian Masters. – Ele estende a mão para me cumprimentar. – Como estás?

– Olá. Sou a Hayden.

– Hayden quê? – Ele eleva a sobrancelha em jeito de pergunta.

– Casa Funerária – interrompe o Christopher antes que eu possa responder.

O quê? Os meus olhos dirigem-se ao Christopher em surpresa.

– Desculpa?

– É o *cocktail* que estou a fazer. – Finge um sorriso. – Vamos lá para a casa funerária.

Riem-se às gargalhadas.

– Sou o Spencer. – O homem louro sorri e estende-me a mão. – Podes chamar-me Spence.

O Christopher agita o seu copo de *cocktail* com força e à velocidade da luz por cima do ombro enquanto olha para o Spencer.

Ergo o olhar para ele. Está a agir de forma muito estranha esta noite.

– Chamo-me Sebastian Garcia – diz o homem de cabelo escuro, com uma voz profunda e sensual. Pega na minha mão e beija-lhe as costas.

Um pano de cozinha passa a alta velocidade pela minha cara e bate na cara do Sr. Garcia.

– Raio das moscas – dispara o Christopher.

O quê?

– Não há moscas à noite – digo.

– Moscas da areia.

Os homens voltam a rir-se alto, com tanta força que mal conseguem manter-se sentados nos seus bancos.

Mas que raio é tão divertido?

O Christopher enche os três copos de *cocktail* que tem à sua frente.

– Aqui têm. Três viagens à casa funerária.

O Masters pega no seu e bebe um gole.

– Isto deve chegar. – Ele faz uma careta.

O Spencer bebe um gole e enrug a cara.

– Porra, que mau.

– Estão a divertir-se? – pergunto-lhes.

– Claro – responde o Sebastian. – Só há uma coisa que vai tornar esta noite melhor.

– O quê? – Sorrio.

– Uma massagem nos pés aqui do Sr. Christo.

O quê?

O Christopher olha para ele.

O Sr. Masters inclina a cabeça para trás e ri alto. O Spencer quase escorrega da cadeira, histérico.

Certo, estou perdida... devem ter tomado alguma coisa.

Bem forte.

Nada do que está a ser dito aqui é minimamente engraçado. Levanto as sobrancelhas com repugnância.

– Deixo-vos à vontade. – Saio e começo a oferecer novamente o tabuleiro de *sushi*.

– Posso oferecer-lhe *sushi*, senhor? – pergunto.

– Claro. – O homem sorri. Olho de relance para ver o Sebastian sentado numa espreguiçadeira. Está a tirar os sapatos.

Mas que raio?

O Christopher não lhe vai mesmo massajar os pés, pois não?

Meu Deus, as pessoas ricas são do piorio.

O Christopher ajoelha-se à frente dele e pega num dos seus pés.

– Esta é a melhor noite da minha vida. – O Sr. Masters sorri.

Ele segura o telemóvel como se o estivesse a filmar.

Continuo a oferecer a travessa e olho de relance para ver o Christopher a torcer o dedo grande do pé do Sebastian com tanta força que quase o parte.

– Ahh – grita.

Que raio está ele a fazer?

O Christopher torce-o novamente, desta vez o pé inteiro, como se estivesse a tentar deslocá-lo ou algo do género.

– Ahh – grita o Sebastian.

Os outros dois homens estão histéricos. Têm lágrimas a escorrer-lhes pela cara.

Dirijo-me para lá.

– Christopher. Posso falar contigo por um momento, por favor?

– É para já. – Ele levanta-se. – Vou pô-lo mais à vontade, senhor – diz-lhe ele. Puxa a alavanca da cadeira e inclina-a para trás com força. O Sebastian voa para o chão.

Agarro no braço do Christopher e arrasto-o para um canto.

– O que raio estás a fazer? – sussurro, furiosa. – Vais fazer com que nos despeçam a todos.

– Não quero saber.

– Há outros cinco que querem.

– Homem ao mar. – Ouvimos o capitão Mark dizer pelo altifalante. – Todos a postos.

O Bodie sobe a correr pela lateral do iate com uma boia e atira-a ao mar.

Um homem despido salta para a água para regozijo dos seus amigos. Por que raio haveria alguém de fazer uma despedida de solteiro num iate?

Isto é ridículo e está completamente fora de controlo.

– Temos um problema – diz a Kimberly por trás de nós.

– O que foi agora? – sussurro.

– O Basil desapareceu.

– O quê? – Pergunto com espanto.

– Não consigo encontrar o Basil. Era suposto ele estar no bar lá em cima, e não está.

– Então, onde é que ele está? – pergunta o Christopher.

– Não sei – balbucia ela. – Procurei em todo o lado.

– Será que caiu? – Arfo de horror.

– Quem sabe. Isto é um desastre. – Ela sai disparada por entre as pessoas.

O Christopher e eu saímos para o convés para assistir ao drama enquanto os dois homens são retirados do mar. Os amigos deles estão todos pendurados no corrimão, a gritar e a gozar com eles.

– Humm... Encontrei o Basil – diz o Christopher.

– Onde?

Ele aponta. Olho para três andares acima até à *suite* principal e vejo uma mulher com as duas mãos no vidro a ser comida por trás... pelo Basil.

– Mas que raio?

– Lindo menino. – O Christopher ri-se. – Vai vigiar as escadas.

– Não vou vigiar a merda das escadas enquanto o Basil come uma *stripper*.

– Queres que eu vá? – Ele arqueia uma sobrancelha, divertido.

– Não – disparo. – Eu vou. Para de partir os dedos às pessoas.

01b00

Acenamos enquanto os homens sobem o passadiço de volta ao cais. Acabaram por sair todos à procura de uma discoteca. Estão a cantar de braço dado e a fazer uma barulheira dos diabos ao mesmo tempo que desaparecem na escuridão.

– Foi um prazer conhecer-te, Hayden – diz o Sr. Masters.

– Igualmente. – Sorrio.

Os seus olhos brilham com malícia.

– Talvez nos voltemos a encontrar um dia.

– Nunca se sabe. – Sorrio.

Nunca mais vou ver este homem na minha vida.

O Christopher aperta-lhe a mão e diz qualquer coisa em voz baixa, e eles riem-se.

Não sei o que se passa com estes dois. Parecem ter muitas piadas privadas para quem acabou de se conhecer.

Ele entra no cais e segue os outros até ao passadiço.

Graças a Deus. Não sei quanto mais aguentaria.

Todos nos baixamos para sentar, completamente exaustos.

– Fogo, isto foi agitado – suspira o Bodie.

– Melhor noite da minha vida – diz o Basil.

– Ela adorou, Baz. – O Christopher bate-lhe nas costas. O Basil sorri com orgulho, sentindo-se claramente orgulhoso.

Ficamos sentados em silêncio durante algum tempo, demasiado cansados para falar.

– Olhem para este lugar.

Olhamos em redor para o iate de luxo destruído.

– Foi um sucesso estrondoso. – O capitão Mark sorri enquanto desce as escadas. – Muito bem, pessoal. – Bate palmas como se tivesse toda a energia do mundo. – Uma limpeza rápida e podemos ir todos para a cama. – Ele desaparece pelas escadas acima com muito bom humor.

Os ombros do Christopher descaem. Parece que acabou de correr uma maratona ou algo do género.

– Graças a Deus que isto já acabou – murmura ele, baixinho.

Não vai ser nada rápida esta limpeza. Está uma desgraça.

Croácia – Junbo

Ouve-se o oceano a bater suavemente na areia ao mesmo tempo que o Christopher e eu caminhamos de mãos dadas até à beira da água. É meia-noite e, enquanto os outros ainda estão todos na discoteca a festejar, nós viemos dar um passeio para estarmos sozinhos.

Ultimamente, estão a acontecer muitas coisas: preferir ficar em casa ou ir jantar fora do que ir para a festa com toda a gente.

Estamos na Croácia há uma semana e não consigo acreditar como este nosso mundo é tão bonito.

– Sabes que dia é amanhã? – pergunta-me o Christopher.

– Quarta-feira?

Ele toma-me nos braços.

– Amanhã faz três meses que estamos juntos.

Arregalo os olhos.

– É o nosso aniversário?

– Mesiversário... – Encolhe os ombros.

– Isso existe? – Sorrio para o meu homem lindo.

– Agora existe. Os três meses mais felizes da minha vida, Rabugenta. – Os seus lábios tomam os meus e, quando o luar reflete na água, sei que estou no céu.

– Os meus também.

Os olhos dele procuram os meus. – Eu amo-te. – O meu coração para.

– Queria tanto ouvir essas duas palavras de ti – sussurro.

Ele sorri suavemente enquanto toma o meu rosto nas suas mãos. Significa muito mais para mim o facto de ele ter esperado para dizer essas palavras, porque sei que está a falar a sério.

– Também te amo. – Beijamo-nos, e é suave e terno, cheio de tanto amor.

O meu festeiro maluco tornou-se homem e acalmou-se. Enfrentou os seus demónios e venceu.

Por mim.

– Não consigo imaginar uma vida sem ti – murmura ele contra os meus lábios.

– Nunca vais ter de o fazer.

Beijamo-nos à luz da lua... e, na noite perfeita, dois tornam-se um.

Ele ama-me.

Copenhaga, Dinamarca – Setembro

Quem sabia que este sítio existia?

A paisagem, a vida noturna, o homem sexy à minha frente.

A pista de dança está apinhada de corpos que se contorcem ao ritmo da música techno. São quatro da manhã e, com as mãos grandes de Christopher nos ossos da minha anca, ele arrasta-se atrás de mim enquanto dança. A sua ereção é quente e dura contra as minhas costas, e os seus lábios descem até à minha orelha.

– Preciso de ti – sussurra ele sombriamente enquanto morde a minha orelha.

Continuamos a dançar, sem nos apercebermos das pessoas à nossa volta. Os nossos amigos estão na discoteca, mas, como sempre, estamos no nosso próprio mundo.

Onde as regras são: não há regras. Amamos com doçura e fodemos com força.

Ele desliza a mão pela minha perna e entre as minhas pernas na pista de dança apinhada de gente e enfia os dedos, e eu sorrio contra o seu pescoço.

É tão maroto.

Ele sente como estou molhada e inala bruscamente, agarra na minha mão e arrasta-me pela discoteca.

Quando dou por mim, estou encostada à parede de um corredor de serviço, com as pernas à volta da sua cintura, e ele puxa-me as cuecas para o lado enquanto me penetra profundamente.

Olhamos um para o outro. A sensação do seu mastro grosso dentro de mim faz-me gemer, e ele morde-me o lábio inferior e fode-me fundo, com força e depressa.

Aqui mesmo na discoteca, sem qualquer preocupação no mundo. Ele é meu dono.

Cidade histórica de Gamla Stan, Suécia – Novembro

Os flocos de neve caem nas ruas de pedra e os edifícios coloridos misturam-se na noite. Este lugar parece saído diretamente de um conto de fadas.

O quarto é acolhedor e quente, deito-me na cama e durmo. Estou maldisposta e não me sinto muito bem.

Ouçõ a chave na porta e o Christopher aparece com um saco de compras.

– Olá, querida.

– Olá. – Sorrio para ele.

– Fui buscar mantimentos. Paracetamol. – Ele abre o saco do supermercado. – Morangos. – Levanta-os. – Tampões. – Segura na caixa. – E chocolate? – Ele segura uma enorme tablete do meu chocolate preferido. Ele remexe no saco das compras e tira uma pequena barra de chocolate. – Este é para mim... porque ambos sabemos que não vais partilhar o teu.

– Tu sabes. – Sorrio.

Ele anda de um lado para o outro, toma banho e depois vem deitar-se na cama atrás de mim. Ele coloca a sua mão grande e quente sobre a minha barriga dorida e beija-me a têmpora.

– Estás bem, querida? – sussurra.

– Sim, agora que estás em casa.

Ele trata tão bem de mim. Trata o meu corpo como se também fosse o corpo dele. De certa forma, é. É algo que partilhamos.

O meu protetor, o meu amante e o meu melhor amigo.

– Dorme, anjo. Estou aqui.

Tailândia – Dezembro

Sentamo-nos à volta da mesa ao ar livre, debaixo das árvores, à beira da água.

A vista sobre a praia é perfeita.

É dia de Natal e esbanjámos e alugámos uma casa em Ko Samui durante duas semanas.

Os rapazes estão a cozinhar no grelhador ao ar livre e todos nós estamos a usar os nossos chapéus coloridos alusivos ao Natal.

Estas são as cinco melhores pessoas que alguma vez poderia ter conhecido.

Os melhores amigos, passámos por tanta coisa juntos enquanto viajávamos pelo mundo.

O Christopher tira a rolha de uma garrafa de champanhe, enche todos os nossos copos e depois levanta o seu copo no ar. – Um brinde.

Todos sorrimos e erguemos os nossos copos enquanto esperamos pelas suas sábias palavras.

– Que todos os nossos Natais sejam tão felizes como este. – Ele levanta mais o copo. – À felicidade.

Os seus olhos encontram os meus do outro lado da mesa e brilham com um certo quê. Sinto-o por todo o lado.

– À felicidade.

Todos bebemos o nosso champanhe e enrugamos os rostos enquanto estremeçemos em silêncio.

– O que é isto? Sabe a merda – grita Christopher de repugnância. – Paguei

vinte e dois dólares por esta merda de mijo de cavalo.

Todos se riem enquanto se engasgam com o que é possivelmente o pior champanhe do mundo.

– A morrer envenenado na Tailândia – diz Basil enquanto ergue o copo para mais um brinde.

Todos nos rimos histericamente enquanto brindamos novamente. – Ao veneno.

Alemanha – Março

Estamos no passeio à porta do *hostel*. O autocarro vem buscar os outros para o aeroporto.

A nossa viagem de uma vida acabou. Está na hora de ir para casa.

O Christopher e eu vamos sair de um aeroporto diferente. O nosso táxi vem buscar-nos daqui a meia hora.

Vamos ver os pais dele, depois os meus, e depois vamos visitar o Elliot a Londres... e depois veremos onde é que vamos parar.

O Christopher tem estado calado toda a semana, e eu sei que é porque a nossa viagem acabou.

Não quer voltar às limpezas.

Mas sei que vai correr tudo bem. Talvez ele possa fazer um curso ou voltar a estudar ou algo do género. Não quero que ele faça um trabalho de que se envergonha. Dói-me no coração.

Afasto-me e vejo o Christopher a despedir-se de toda a gente.

Estamos todos a chorar.

Porque, por muito que digamos que vamos manter o contacto, não o faremos.

Vivemos em partes do mundo completamente diferentes e, em breve, estas pessoas não serão mais do que memórias. Não serão mais do que pessoas em fotografias, com quem já fiz uma viagem.

O carro dele está à espera.

É a minha vez de abraçar toda a gente e, com as lágrimas a correrem-me pela cara, despeço-me.

O Christopher ajuda a carregar as malas para o autocarro e eles sobem tristemente.

Mal consigo ver o autocarro a afastar-se. O fim de uma era.

O Christopher põe o braço à minha volta enquanto o vemos desaparecer ao longe.

– Acabou – diz suavemente. Aceno.

– A viagem acabou.

– Sim. – Assinto enquanto limpo os olhos. – Hora de voltar à realidade. – Ele pressiona os lábios. – Há algo que tenho de te dizer.

– Queres ficar mais tempo? – Sorrio, com esperança.

– Quem me dera poder.

Sorrio de tristeza. Se ao menos.

Os olhos dele procuram os meus.

– Hayden... Não sou quem tu pensas. – Contraio o rosto. – Não faço limpezas.

– O que queres dizer?

Ele agarra nas minhas duas mãos, leva-me até um banco e senta-me.

– Querida. – A sua voz é suave, persuasiva, como se estivesse a dar um golpe fatal. – Já ouviste falar da Miles Media?

– Não.

– É uma empresa de comunicação em Nova Iorque.

– Sim e então?

– Sou o Christopher Miles.

– Do que é que estás a falar?

– Querida. – Ele arregala os olhos, à espera que eu entenda a dica. – Miles da Miles Media.

– Não estou a perceber. – Franzo o sobrolho.

Uma limusina preta para e o motorista, de uniforme completo, sai e abre a bagageira.

– O nosso carro chegou.

Olho para o carro requintado, horrorizada... aquele é o *nosso* carro?

Mas que raios?

Capítulo Vinte e Um

Os meus olhos procuram os dele.

O tempo parece parado... Não estou a perceber. Olho para a limusina imaculada e depois para ele.

O que queres dizer... aquele é o nosso carro?

– Querida, temos de ir. Temos um avião para apanhar. Vamos... – Faz um gesto para a limusina e para o motorista que está à espera junto à bagageira aberta. – Podemos falar disto pelo caminho.

Olho-o fixamente, completamente chocada.

– Rabugenta. – Ele beija-me os lábios rapidamente. – Não muda nada. Relaxa. – Ele carrega a minha mochila até ao carro. – Olá – diz ele ao motorista antes de passar a mochila e voltar para pegar na sua. – Entra no carro, querida.

Como é que ele pode dizer que isto não muda nada? Isto muda tudo.

– Querida. – Aponta para o carro para me lembrar. – Entra.

É então que me apercebo do que se está a passar aqui. Estou a ser enganada. Ele ocultou propositadamente esta informação até dois minutos antes de o carro aparecer, para que eu não tivesse tempo de me chatear.

Ele abre a porta do carro e sorri calorosamente. – Vá lá – diz ele.

Olho para o motorista e ele sorri-me calorosamente. Sentindo-me estúpida e não querendo fazer uma cena, entro na parte de trás da limusina.

O Christopher desliza para o meu lado, puxa o meu rosto para junto do seu e beija-me suavemente. – Vamos lá. – Ele sorri alegremente enquanto pega na minha mão e a põe no seu colo.

O carro sai do passeio e desce a rua, e eu fico a olhar pela janela enquanto as pessoas nos veem passar.

Não tenho palavras.

Para quebrar o silêncio constrangedor entre nós, Christopher conversa com o motorista, como se estivesse muito falador, e sei o que ele está a fazer. Ele não quer falar comigo sobre isto até estarmos em segurança no avião.

Ele pega-me na mão e beija-me as costas dela. – Eu amo-te – diz. – Que viagem incrível. Foi a melhor altura da minha vida. Vou ter saudades do pessoal. – Ele conversa alegremente. – Devíamos tentar encontrar-nos com toda a gente pelo menos uma vez por ano.

Distraída, aceno com a cabeça e finjo um sorriso enquanto a minha atenção se

volta para a janela.

Porque é que ele me mentiria?



Uma hora mais tarde, passamos por um portão de grades e saímos para a pista, e eu olho com espanto. Onde vamos?

Se eu falasse com o Christopher, perguntava-lhe. No entanto, estou a optar por permanecer em silêncio.

Porque se abro a boca, não sei bem o que é que vai sair. Preciso de processar isto antes de dizer algo desagradável de que me arrependa.

Porque, acreditem, há muita coisa desagradável a passar-se na minha cabeça neste momento.

O carro para ao lado de um avião e eu espreito para fora. Tem um aspeto elegante, como um Learjet ou algo do género. O condutor sai e abre a bagageira, e eu olho de relance para o Christopher.

– O que é isto? – pergunto.

– O nosso avião.

– Tens um avião?

– Sim. – Ele acena. O seu rosto contrai-se, como se estivesse a impedir-se de dizer algo.

Ele tem o raio de um avião?

Pisco os olhos de surpresa ao olhar para ele.

– É seguro?

– Sim, claro. – Ele sorri, põe o braço à minha volta e beija-me a têmpora. – Nunca te poria em risco.

Mas és capaz de me mentir.

O condutor abre-me a porta do carro e eu sorrio-lhe. Tem um ar gentil.

– Obrigada.

O Christopher sai e sorri.

– Obrigado. – Ele estende a mão e passa-lhe discretamente algumas notas como gorjeta.

Pisco novamente os olhos. Isto parece *A Quinta Dimensão*.

O Christopher pega na minha mão e leva-me até às escadas. Duas hospedeiras e um comandante em uniforme completo estão do lado de dentro da porta.

– Boa noite, Sr. Miles. – O comandante assente.

– Thomas. – O Christopher ri-se. – Que bom ver-te, meu velho amigo. – Ele aperta-lhe a mão com entusiasmo.

– Passou muito tempo, senhor.

– Pois passou. – O Christopher olha à volta. – Onde está a tripulação habitual?

– Estas são a Angela e a Michelle. As nossas outras raparigas estão ambas em licença de maternidade.

– Bebés, ah! Ótimo. – O Christopher sorri. Aperta as mãos das duas mulheres.

– Prazer em conhecer-vos. Esta é a Hayden. – Ele apresenta-me com orgulho.

– Olá. – Sorrio e aperto-lhes as mãos.

– Prazer em conhecê-la, Hayden.

Parecem simpáticas.

– Por aqui, querida. – O Christopher levanta o braço e eu olho em volta. Bancos de couro branco, alcatifa de felpo e a cabina de avião com o aspeto mais exótico que alguma vez vi. Parece algo saído de um filme, só que não vi isto num filme porque é demasiado elegante. Ele pega-me na mão e leva-me pela cabina.

– Onde te queres sentar? – pergunta.

Não insultes a minha inteligência e não finjas que tenho qualquer controlo sobre esta situação... é bastante óbvio que não tenho.

Eu encolho os ombros.

– Qualquer sítio serve.

Ele faz-me um gesto para um banco duplo ao fundo, e eu encosto-me à janela. O motor arranca, e eu fico a olhar para a limusina, enquanto esta se afasta pela pista.

Olho de relance para mim e fico envergonhada. Estou de calções e *t-shirt*, sentindo-me completamente mal vestida e inadequada. Passo a mão pelo meu rabo de cavalo desalinhado. Deus... o que é que devo parecer? – Eu perguntei-me porque é que ele hoje estava vestido com calças de ganga e uma camisa de botões.

Agora, já sei.

O Christopher anda às voltas e depois senta-se ao meu lado. Ele inclina-se e aperta-me o cinto de segurança.

– Estás bem, querida? – Sorri, enquanto me beija.

As hospedeiras estão por perto.

Aceno com a cabeça, com outro sorriso falso. Não quero fazer uma cena com alguém a ouvir, e ainda estou a tentar acalmar-me o suficiente para pensar com clareza.

Isto é demasiado.

O avião arranca e dá voltas durante algum tempo. O Christopher fala e faz conversa fiada para compensar o meu silêncio.

Ele sabe.

Levantamos voo e ele desliza a sua mão para a minha coxa.

– Estás bem, querida? Estás muito calada – sussurra.

Sorrio e aceno. Não estou. É mentira.

– Posso trazer-vos alguma coisa? – pergunta a hospedeira.

– Hum... – Penso por um momento. – Pode trazer-me uma limonada, por favor?

– Claro. – Ela sorri e depois vira-se para o Christopher. – O que vai ser, Sr. Miles?

Ele pressiona os lábios, enquanto pensa por um momento.

– Quero um *whisky Blue Label* e caviar beluga, por favor. – Os seus olhos dirigem-se a mim. – Queres alguma coisa para comer, querida?

Olho fixamente para ele durante um momento enquanto processo o seu pedido.

Whisky Blue Label e caviar beluga.

Desde quando é que ele gosta dessas coisas. Abano a cabeça.

– Não, obrigada.

A hospedeira sorri calorosamente.

– Sim, senhor.

Ela desaparece para a cozinha, e eu vejo o Christopher encostar a cabeça ao assento, como se estivesse a começar a relaxar.

Não sei nada sobre ele.



Nove horas depois

O avião para na pista e eu leio o letreiro na janela.

BEM-VINDOS A NOVA IORQUE

O Christopher balança a perna enquanto está sentado ao meu lado, impaciente por sair do avião. Sabe que não estou bem. Fingi que estava a dormir durante toda a viagem de nove horas para não ter de falar com ele. Principalmente... porque não sei o que raio dizer.

Bebeu alguns copos de *whisky*, comeu caviar e depois viu alguns filmes, tudo isto com a sua mão protetoramente na minha perna.

– Pode desembarcar, Sr. Miles – diz o comandante no altifalante.

O Christopher levanta-se, tira a minha mala do compartimento superior e anda de um lado para o outro. Ele pega-me na mão e leva-me para fora.

– Obrigado. – Aperta a mão a toda a gente que se alinha junto à porta.

– Tenha uma boa noite. – O comandante sorri. – Adeus, Hayden. Prazer em conhecê-la. Até à próxima.

Sorrio, alheada da situação. Sinto-me como se estivesse a ter uma experiência fora do corpo neste momento. Estou aqui fisicamente... mas estou tão chocada que não estou.

Ele mentiu-me. Há doze meses que me estou a apaixonar por um homem que nem sequer existe.

Não sei se alguma vez me senti tão traída.

Saímos para as escadas e, quando olho para baixo, vejo outra limusina à espera na pista. O condutor está vestido com um fato preto e está de pé ao lado do carro. Ele olha para cima e acena, e o Christopher ri-se e acena também com entusiasmo. Quase nos faz correr pelas escadas abaixo para chegar até ele.

– Olá, Hans. – Ele ri-se, enquanto puxa o condutor para um abraço.

– Olá, Sr. Miles. – O homem ri-se, parecendo estar igualmente entusiasmado por o ver.

O Christopher põe o braço à minha volta.

– Esta é a minha Hayden. – Ele sorri, orgulhoso.

– Olá – diz o Hans, enquanto me aperta a mão.

– Olá. – Sorrio. Oh, ele é um velhote simpático, dá para ver.

Eles metem as nossas coisas na bagageira e nós vamos para o banco de trás. O Christopher inclina-se e beija-me a têmpora ao mesmo tempo que põe o braço à minha volta.

– Sabes o quanto te amo? – pergunta.

Olho fixamente em frente enquanto seguro a língua.

Nem por isso.

CHRISTOPHER

O Hans pega no volante e saímos do aeroporto para a estrada principal.

– Receio que haja um pouco de trânsito esta noite, senhor – diz o Hans. – Para-arranca quando estava a ir.

– Tudo bem. – Sorrio, enquanto seguro firmemente a mão da Hayden no meu colo. – Não há nada a fazer.

O olhar da Hayden está fixo na janela. Nunca a vi tão calada e não faço ideia do que lhe está a passar pela cabeça.

Não tenho a certeza se está chocada ou furiosa... Espero que seja chocada, mas começo a esperar furiosa.

Devia ter-lhe dito mais cedo, mas... não sabia como.

O Hans suspira quando o trânsito fica completamente parado.

– Parece que, ainda por cima, houve um acidente.

Olho para cima e vejo luzes a piscar de uma carrinha de controlo de tráfego.

Expiro pesadamente. Ótimo. Isto era exatamente o que eu precisava. O meu telemóvel ilumina-se.

Eddie

Merda, agora não é uma boa altura. Nem sequer consigo fingir que estou bem-disposto. Ele está a ligar para saber se aterrámos bem. Ligo-lhe de volta amanhã.

Ponho o telemóvel em silêncio.

– Queres um copo de vinho ou de champanhe? – pergunto à Hayden enquanto abro o frigorífico do minibar.

Os olhos dela passam para mim e eu sinto o veneno por detrás deles.

Hmm... Nunca vi aquele olhar... o que é bom, porque não gosto dele, porra.

– Não, obrigada – responde de forma ríspida.

Reviro os lábios. Bem, eu quero. Sirvo-me de uma taça de champanhe e, sem conseguir evitar, ergo a taça em sinal de brinde sarcástico. – Bebo sozinho, então.

Os seus olhos prendem os meus, e uma animosidade silenciosa paira entre nós.

Ela preferia que eu fosse teso?

Tomo um grande gole do meu champanhe. É suave, fresco e delicioso.

Muito diferente dela neste momento.



Quanto mais tempo passamos sentados no banco de trás da limusina, mais sinto a raiva de Hayden a aumentar como um vulcão pronto a explodir.

Quanto mais a sinto, mais furioso fico. A sério?

Ela preferia mesmo que eu limpasse a merda das casas de banho para viver? Isso não é amar alguém... é facilitar... o quê, não sei, mas tenho a certeza de que existe uma forma de abuso emocional aí algures.

Quanto mais penso nisso, mais sei que tenho razão. Se eu estivesse teso e lhe dissesse que tinha dinheiro, compreenderia.

Mas isto?

Não vou ser julgado por ter dinheiro... os meus pais trabalharam arduamente para construir o império Miles. O quê... será que ela pensa que está acima disso? Cerro o maxilar enquanto a observo e agito o champanhe à volta da boca, enquanto fico silenciosamente furioso.

Como é que ela se atreve?

Não a julgo por andar a foder vacas para ganhar a vida. E podia. Confia em mim, podia.

Esvazio o meu copo e sirvo-me imediatamente de outro sem sequer lhe perguntar se ela quer um. Ponho a garrafa de novo no frigorífico.

É suficiente.

A noite já está a ficar fora de controlo. O álcool só vai deitar querosene para a fogueira.

O carro está parado há mais de quarenta minutos.

Que raio se está a passar ali?

Olho para o meu relógio. Foda-se. Esta noite é um desastre. Fiz uma reserva no meu restaurante favorito, pensando que esta noite ia ser epicamente romântica.

Parece que não.

Bebo o meu vinho enquanto a vejo a olhar pela janela... a minha raiva a ferver suavemente.

– Tens frio? – pergunto-lhe.

– Não.

– Porquê tanta atitude? – Murmuro baixinho.

Ela lança-me um olhar de raiva. Os olhos dela dirigem-se para o Hans, como que para me lembrar que ele está aqui.

A sério?

Olho para ela enquanto ouço o pulsar do meu coração nos ouvidos.

Não fiz nada de errado. Se ela não se importava que eu não tivesse dinheiro... porque se importa que tenha? Porque é que ela se irritou sem sequer discutir?

Trato-a como uma rainha, e o facto de ela se sentar ao meu lado durante dez horas sem dizer uma única palavra é irritante.

Os olhos de Hans encontram os meus pelo espelho retrovisor.

– Peça desculpa pelo atraso, Sr. Miles. Devia ter verificado o radar antes de vir por este caminho.

Exalo, irritado. *Sim, devias.*

– Tudo bem, Hans.

Hayden está sentada ao meu lado, e os meus olhos passam por ela. Levanto a sobrancelha em jeito de pergunta.

Ela eleva as sobrancelhas de volta.

Não me provoques.

Desvio o olhar. Não me digas que a nossa primeira discussão vai ser na parte de trás da minha limusina enquanto estou preso no trânsito.

Não. Estou. Com. Paciência. Porra.

Uma hora e meia de silêncio depois

O carro para no meu prédio, e o Hans anda às voltas, nervoso. Até ele consegue perceber que ela está zangada. Quem estou a enganar? A estação espacial em Marte consegue perceber que ela está zangada.

– Lamento imenso o atraso, Hayden – gagueja Hans.

Hayden sorri calmamente.

– Por favor, não peças desculpa. Não tens culpa.

– Obrigado pela compreensão.

Ela dá-lhe um sorriso enorme e abre a porta antes que o porteiro tenha oportunidade de o fazer. Todos vêm a correr para a ajudar a sair do carro.

O facto de ela ser simpática para o Hans enfurece-me ainda mais. Portanto, ela não está zangada em geral.

Só comigo.

Saio do carro atrás dela.

– Sr. Miles – dizem todos entusiasmados. – Bem-vindo a casa, senhor.

– É bom estar aqui – respondo. Eles vão buscar as nossas malas e eu impeço-os. – Eu consigo. Obrigado.

Entramos no *hall*.

– Boa noite, Sr. Miles. – Todos os empregados sorriem.

– Bem-vindo a casa, senhor.

– É maravilhoso estar aqui. – Sorrio de volta. É genuinamente bom estar de volta.

– Por aqui. – Faço um gesto para o elevador, entramos e viramo-nos para a frente. Carrego no botão para a *penthouse*.

Os olhos de Hayden cintilam na minha direção.

– Tu vives aqui? – diz, pouco impressionada.

– Nós vivemos aqui. – Encaro-a. Ela finge um sorriso e eu começo a passar-me. *Vamos lá.*

As portas abrem-se para o meu *hall* de entrada, saio e introduzo a minha impressão digital. As portas duplas abrem-se e deparamo-nos com uma vista mágica do chão ao teto sobre Nova Iorque, com as luzes da cidade a cintilar até onde a vista alcança.

Hayden para no lugar, chocada e em silêncio.

Ainda odeias esta coisa do dinheiro?

Entro e ponho as malas no chão, e ela segue-me timidamente enquanto olha à volta.

Tento imaginar como deve ser vê-lo pela primeira vez. É moderno e industrial, com o melhor de tudo em dois andares.

Ela aproxima-se da janela e olha para a estrada lá em baixo. – Em que andar estamos?

– Sexto.

Ela afasta-se da janela como se estivesse assustada.

– Eu faço-te a visita guiada – digo. – Zona de estar. – Aponto para a divisão onde estamos. Caminho até à outra extremidade da penthouse. – Aqui é a cozinha. – Abro a porta invisível. – Adega de vinhos no andar de baixo.

Os seus olhos estão arregalados e ela olha à sua volta.

– Ao fundo, há quatro quartos, cada um com a sua própria casa de banho, e a lavandaria. Ginásio. – Acompanho-a ao longo do grande corredor e ela espreita para todos os quartos. Aponto para as escadas. – Por aqui. – Subo as escadas e ela segue-me em silêncio enquanto olha à sua volta.

– Aqui em cima temos outra zona de estar, quartos e outra zona de estar ou sala de cinema. – Ela olha em redor, optando ainda por permanecer em silêncio.

– O quarto principal é por aqui. – Abro as portas duplas do meu quarto. As paredes de vidro do chão ao teto oferecem vistas de 180 graus sobre Nova Iorque.

A boca de Hayden abre-se e ela solta um suspiro audível. Sorrio, orgulhoso.

Este é o quarto mais impressionante de todos os tempos, se é que o posso dizer.

A esperança preenche-me.

– Olha. – Abro as portas do roupeiro à pressa. – Este será o teu guarda-roupa aqui. Ela espreita para a enorme divisão vazia. – Podemos adaptá-lo como quiseres.

– E olha para isto, querida. – Conduzo-a à casa de banho. – Olha para a banheira. – Sorrio. – É um spa. Podemos passar horas aqui. Tu adoras banhos – relembro-a.

Ela acena com a cabeça e afasta-se, ainda a processar.

Abro a porta do meu roupeiro. – Este é o meu armário.

Ela espreita, depois ergue o olhar e passa por mim até ao roupeiro. Sustenho a respiração enquanto a vejo olhar para os meus três compartimentos de fatos caros. A sua mão passa por cima dos sapatos bem alinhados. Os olhos dela dirigem-se para a prateleira do chão ao teto que tenho para as minhas gravatas. Dirige-se ao conjunto de gavetas que se encontra no meio.

Não abras...

Demasiado tarde. Ela abre a gaveta de cima e espreita a minha coleção de relógios de marca, exposta num armário de vidro.

Ela fecha rapidamente a gaveta e passa por mim para sair do roupeiro.

O quê?

O que raio é que isso significa?

Espero um momento e saio para a encontrar a olhar pela janela sobre a cidade.

– Vais dizer alguma coisa? – pergunto.

– É lindo. – Ela força um sorriso. Ela tem mais para dizer.

– E?

– O que... – Pausa, enquanto procura as palavras certas. Espero.

– O que fazes na Miles Media?

– Sou o diretor de *marketing*.

Ela arqueia as sobrancelhas enquanto me observa. Consigo ver a sua mente a correr a um milhão de quilómetros por minuto.

– Onde é o teu escritório?

Reviro os lábios. Aqui vamos nós...

– Londres.

As suas sobrancelhas erguem-se.

– Vives em Londres?

– Sim.

– Londres. – Suspira. – Tu vives em Londres, porra?

– Sim.

– E quando é que me ias contar? – Ela suspira, afrontada.

– Estou a dizer-te agora.

Ela olha fixamente para mim, horrorizada.

- Vais adorar aquilo, Hays.
- Eu *não* me vou mudar para Londres, Christopher.
- O que é que isso significa? – disparo.
- Exatamente o que eu disse. Não me vou mudar para lá.
- Disseste que viverias em qualquer lugar desde que estivéssemos juntos – digo.
- Quando é que eu disse isso?
- Oh, disseste; lembro-me muito bem. Mas o que querias mesmo dizer era que te mudavas para qualquer lado por um pobre, mas não te mudas por mim? – grunho.
- Mudavas-te *por* mim? – pergunta.
- Se significasse que ficaríamos juntos, sim.
- OK, ótimo. Isso resolve tudo. – Ela esfrega as mãos uma na outra. – Vamos viver no campo. Começo a ficar irritado.
- Não me venhas com essa atitude de espertalhona, Hayden – grito. – Tenho responsabilidades na Miles Media.
- E as tuas responsabilidades para comigo? – grita. – O meu trabalho é no campo.
- Dirijo uma empresa multibilionária, Hayden. Preciso de viver entre Londres e Nova Iorque. Não posso viver no cu de judas enquanto tu brincas com vacas.
- Brinco com vacas! – Os seus olhos saltam das órbitas. – O meu trabalho *é* importante.
- Obviamente.
- Atira as mãos para o ar e sai do quarto.
- Volta aqui! – grito.
- Vai-te foder!

Capítulo Vinte e Dois

Vou atrás dela, furioso.

– Onde é que vais? – Exijo saber.

– Dormir.

– O teu quarto é aqui!

– Isso não é um quarto, Christopher, é um auditório do Tinder. Consigo ouvir os gemidos entranhados na pintura.

– O que raio é que isso significa? – Expludo.

– Quer dizer que não quero dormir ali! – grita. – Durmo na porra da lavandaria antes de me meter naquela cama. – Ela desce as escadas a grande velocidade e sobe o corredor até um dos quartos de hóspedes.

– De que raio estás a falar? – Perco todo o controlo. – Não te *atrevas* a atirar-me o meu passado à cara. Só porque escolheste ser freira antes de nos conhecermos, não te atrevas a julgar-me por me divertir – grito enquanto a sigo.

– E agora estou a ver a imagem completa do quanto te divertiste.

– De que raio estás a falar agora? – Ela continua a andar.

– Estás a julgar-me com base nas tuas suposições de como pensas que os homens ricos vivem. Fazes ideia de como isso é infantil?

Ela vira-se como se fosse o próprio diabo.

– Estou errada? – exige saber. – Por favor, diz-me... estou errada? Quero que me corrijas se estiver. Aquilo é um quarto de espetáculos, se é que alguma vez vi um... emocionam-se todas quando veem o teu apartamento, Christopher?

O quê?

– Porque é que estás a ser uma cabra maluca? – grito. – Não sei quem raio és tu nem que avaria aconteceu hoje no teu cérebro... mas traz-me a *minha* doce Hayden de volta agora mesmo.

– Como queiras.

– Não me provoques, Hayden – grito, furioso. Nunca estive tão zangado.

– Ou o quê?

– Ou vais acabar por ficar solteira, é isso. Não vou aturar as tuas birras de merda que não têm nada que ver com o assunto que estamos a discutir.

Pum!

Ela bate-me com a porta na cara, e eu perco o controlo e dou-lhe um murro com força. Esta estremece e quase se solta das dobradiças.

– Hayden. Volta já aqui! – exijo.

– Vai-te embora – grita ela, e consigo ouvir na sua voz que está a chorar.

Sinto o coração a latejar... *está chateada*.

A adrenalina corre-me nas veias e passo as mãos pelo cabelo enquanto tento acalmar-me. Começo a andar de um lado para o outro no corredor.

O que raio acabou de acontecer?

Estou exausto. Não dormi nada a noite toda e ainda não vi a Hayden.

Só Deus sabe o que raio está ela a fazer lá dentro.

Escrevo num pedaço de papel e coloco o bilhete na mesa perto da porta de entrada.

Fui correr, volto já.

Beijo

Saio em bicos de pés pela porta e fecho-a atrás de mim o mais silenciosamente possível. Entro no elevador e carrego no botão do rés do chão.

Preciso de ver os meus irmãos.



Vinte minutos depois, o carro encosta à berma e eu saio e caminho. Passo por uma banca de jornais na rua e vejo que têm postais. Pego em dois de Nova Iorque.

– Levo estes, por favor – digo ao vendedor.

– Claro. – Ele embala-os e entrega-mos, e eu meto-os no meu bolso interior. Vou enviá-los ao Eddie mais tarde. Tenho-lhe enviado postais de todo o mundo. Ele faz coleção.

O Eddie ia adorar o meu apartamento, porra.

Por falar nisso, vou ligar-lhe agora. Marco o número dele enquanto caminho pela rua.

– Olá, Sr. Christo – atende.

– Olá, amigo. – Sorrio. – Então?

– Estou a caminho do trabalho. Um pouco atrasado.

Consigo perceber que está a andar rápido.

– Como correu o voo?

Desastrosamente.

– Bem, bem – minto. – Até que horas trabalhas hoje à noite?

– Até fechar.

Reviro os olhos. Por que raio põem um miúdo no turno de encerramento? Nunca vou entender. Olho para o meu relógio para verificar a hora.

– Deixo-te ir. Ligo-te amanhã?

– Sim, parece-me bem.

– É bom ouvir a tua voz, pá. – Sorrio.

– Igualmente.

Desligo, atravesso a rua e entro no café para ver o Jameson e o Tristan sentados ao fundo, ambos se riem e se levantam. Sorrio e quase corro até eles.

Graças a Deus.

– Ei. – Eles riem-se, enquanto me puxam para um abraço. – Se não é o verdadeiro Romeu – provocam.

Deixo-me cair na cadeira. Há três cafés em cima da mesa. Devem estar aqui há algum tempo.

– Como foi? – pergunta o Jameson.

– Ótimo, maravilhoso. Incrível.

O Tristan franze o sobrolho.

– Então, qual é a emergência?

Liguei para os dois de manhã cedo. Precisava de falar com alguém. Aperto a ponta do meu nariz e exalo de exasperação. – Disse ontem à Hayden quem era.

– E?

– Ela passou-se completamente!

Olham com espanto. – O que queres dizer?

– Quero dizer... – Encolho os ombros, sem palavras. – Esta rapariga, e não estou a exagerar, é o ser humano mais calmo, mais estável e mais doce que alguma vez conheci. Nunca a vi ficar irritada com nada, mesmo nada. Não tem qualquer mau feitio... ou pensava eu.

Ouvem com atenção.

– Disse-lhe quem eu era mesmo antes do carro nos vir buscar.

– Porque é que deixaste para tão tarde? – O Jameson arqueia o olhar. – Pensei que o plano era dizeres-lhe na semana passada.

– Ia dizer... – A minha voz descarrila. – Em retrospectiva, devia tê-lo feito.

– Então e depois o que aconteceu? – pergunta Tristan.

– Disse-lhe quem era e ela ficou em silêncio. Não falou comigo durante todo o caminho para casa, durante doze horas, e quando chegámos ao meu apartamento, começou a falar de tudo e mais alguma coisa.

– Como assim? – pergunta o Jameson.

– Disse que não queria dormir no meu quarto porque era um auditório do Tinder e os gemidos das mulheres estavam gravados na tinta das paredes.

– Ela tem alguma razão. – O Tristan eleva as sobrancelhas como se estivesse a considerar a afirmação. – Todo o teu apartamento cheira a sexo – brinca ele.

– Já gosto dela. – O Jameson ri-se.

– Isto não tem piada – disparo.

– Desculpa. – O Jameson tenta ficar sério. – Continua. O que aconteceu depois?

Expiro pesadamente.

– Começou a falar do meu passado e fez a birra de todas as birras, desceu as escadas e foi dormir para o quarto de hóspedes.

Ambos franzem o sobrolho enquanto olham para mim. – Quando se acalmou, o que é que disse?

– Nada.

– Não tentaste falar com ela?

– Não. Porque haveria de o fazer? – disparo. – Não fiz nada de mal.

– Mentiste-lhe... durante doze meses, porra – ironiza Tristan. – O que esperavas?

– Isto não, isso é certo. E eu não lhe menti; apenas omiti alguns pequenos pormenores.

Fico em silêncio, sem saber o que dizer a seguir.

– Bem... Acho que conseguiste – diz Jameson secamente enquanto bebe o seu café. – Missão cumprida.

– O quê? – Suspiro.

– Querias encontrar uma rapariga que te amasse por ti. – Encolhe os ombros. – Se isto não é prova suficiente, não sei o que será.

Reviro os olhos.

– Ela sente-se traída – diz Tristan.

– Não olhei para outra mulher – zombo. – Como raio é que se pode sentir traída?

– Sente que não te conhece.

– Conhece-me melhor do que ninguém – sussurro, furioso. – Provavelmente melhor do que eu me conheço. Reviro os olhos. – Não me apaixonei para ter alguém a virar-se contra mim de um momento para o outro.

– Christopher – Jameson dá-me uma palmadinha nas costas – as mulheres são criaturas complexas. Esta é a primeira discussão de muitas. Estás apenas a começar a sentir a ponta da pila antes de seres dobrado e completamente fodido no cu.

O Tristan ri-se.

– Verdade. Que mais disse ela enquanto discutiam?

– Disse-me que não se ia mudar para Londres e perguntou-me se eu me mudava por ela.

– O que é que disseste?

– Disse que não vou viver no cu de judas enquanto ela brinca com vacas.

– Aí tens. – O Jameson atira a cabeça para trás e ri alto, como se fosse a coisa mais engraçada que já ouviu. – És *lão* estúpido.

Expiro pesadamente e sentamo-nos em silêncio durante algum tempo.

– É uma questão de controlo – diz Jameson.

– Ela não é uma pessoa controladora – digo. – Nem lá perto. – Não querer ter controlo e não ter controlo são duas coisas diferentes.

– Ela disse que viveria em qualquer lugar desde que estivéssemos juntos – respondo.

– Isso foi antes.

– Antes de quê?

– Antes de saber que o sítio onde vive não está nas suas mãos.

– Londres é lindo – digo. – Não entendo. Não é como se nunca mais fôssemos voltar. Também podemos comprar uma casa no cu de judas. – Encolho os ombros enquanto olho para eles. – Qual é o raio do problema?

– Não há um compromisso com isso.

– Se ela quer compromisso, caso com ela amanhã – sussurro, furioso. – Na minha cabeça, já sou casado de qualquer forma.

Ambos olham para mim, horrorizados. – Isso é a sério?

– Sim! – Olho para eles. – Vocês estão a ouvir-me, seus idiotas? É ela. Ela é a tal.

Jameson arregala os olhos. – De todas as mulheres do mundo, apaixonas-te por uma que odeia dinheiro.

– Ele ri-se novamente. – Oh... a ironia.

– Achas? – Atiro. – Não dormi a noite toda, petrificado com o facto de ela me ir deixar.

– Dá-lhe tempo. Ela vai acalmar. A Claire demorou algum tempo a aceitar a minha vida – diz Tristan.

– Foi igual comigo.

Só posso esperar que seja verdade.

– E, por amor de Deus – Jameson suspira – mantém a boca fechada.

– Só isso? – Olho com espanto. – É esse o conselho de irmãos que me estão a dar? Manter a boca fechada?

O meu telemóvel apita com uma mensagem.

Mal posso esperar para te ver hoje e finalmente conhecer a Hayden.

Vemo-nos à 1.

Mãe, beijos

– Oh, não. – Arrasto a mão até ao rosto. – O que foi?

– Tenho um almoço com a mãe e o pai hoje para os apresentar à Hayden. – Reviro os olhos. – Esqueci-me completamente que combinei isto na semana passada.

– Dica do dia: mantém-na bem longe da mãe. Esse será o último prego no teu caixão. – Tristan arregala os olhos.

– Sim, bem pensado. Respondo.

Desculpa, mãe. Com muito jet lag.

Podemos combinar para outro dia?

Ligo-te amanhã.

O meu telefone toca imediatamente e os rapazes riem-se, sabendo exatamente quem está do outro lado.

– Foda-se. – Atendo a chamada. – Olá, mãe. – Finjo um sorriso enquanto finjo estar feliz.

– Querido, o que está a acontecer?

– Nada, só estamos super cansados e quero que a Hayden se ambiente um pouco. Podemos remarcar o almoço para daqui a alguns dias?

Ela fica em silêncio, calculista.

– Está tudo bem?

– Sim – suspiro. – A Hayden acabou de descobrir quem sou e é... demasiado.

– Sente-se sobrecarregada?

– Sim.

– Espero que estejas a ser paciente com ela. – Fico em silêncio. – Não consigo imaginar o quão perturbador teria sido se descobrisse que o teu pai me tinha mentido durante doze meses.

– Não menti, mãe.

– Mentiste, sim, Christopher. Descaradamente.

Ah, não estou com paciência para levar um sermão.

– Vou desligar.

– Liga-me mais tarde.

– Está bem. – Arregalo os olhos. – Está bem. – A última coisa que preciso é de outra mulher a chatear-me. Desligo de repente.

– O que vais fazer agora? – pergunta o Tristan.

– Não sei... – Encolho os ombros.

O Jameson sorri para o seu café.

– Sugiro rastejar.

HAYDEN

Estou deitada na cama a olhar para a parede. Sinto-me péssima. De coração partido e triste.

Chorei a noite inteira.

O homem por quem estou desesperadamente apaixonada não existe, e já nem sequer sei o que é real.

Doze meses de enganos.

Se mentiu sobre quem é, sobre que mais é que mentiu?

Não paro de pensar na nossa discussão de ontem à noite e em como se descontrolou. Em como fiquei furiosa e nas coisas horríveis que disse. Não faço ideia porque é que o quarto dele despoletou aquela reação... só sei que o fez.

E talvez sejam as minhas inseguranças, que são um problema meu e não dele. Talvez ele tenha razão. Talvez eu seja discriminatória em relação às pessoas ricas. Se calhar tenho mesmo ideias preconcebidas sobre como eles são. Quer dizer... Não conheço nenhuma, por isso não faço ideia porque é que estou tão zangado com isto.

Só preciso de algum tempo sozinha para pensar nas coisas e no que isto significa para o meu futuro.

Um *tum, tum* soa suavemente na porta antes de abrir uma fresta.

– Hayz? – pergunta o Christopher. – Posso entrar?

– Sim.

Ele aparece e o seu rosto esmorece quando me vê.

– Querida – diz, ternamente –, olha para os teus olhos. – Ele senta-se na cama ao meu lado e afasta o cabelo da minha cara, enquanto olha para mim. – Desculpa. Odeio ter-te chateado.

Lágrimas inesperadas voltam a encher-me os olhos e pestanejo para tentar impedi-las.

Para de chorar.

– Eu devia ter sido o adulto ontem à noite – diz ele enquanto os seus olhos procuram os meus. – E devia ter-te dito mais cedo.

– Porque é que mentiste? – sussurro.

Ele olha-me fixamente durante um momento antes de responder e depois exala pesadamente.

– Isto não fará qualquer sentido para ti e não desculpa de todo o meu comportamento. Mas... toda a gente na minha vida me conhece como o herdeiro multimilionário da Miles Media.

– És milionário? – Contraio o rosto.

– Gostaste de como introduzi a informação aqui?

– Nem por isso.

Oh, Deus.

– Queria experimentar uma vida em que ninguém soubesse quem eu era. Queria fazer amigos que eu tivesse a certeza que gostavam de mim por mim e não pelo meu saldo bancário ou pelo meu estatuto social.

Franzo o sobrolho enquanto ouço.

– E depois conheci-te. – Ele sorri-me suavemente enquanto olha para mim. – E tu eras tão diferente de toda a gente que já tinha conhecido. Gentil e querida. Linda. – Ele cerra o olhar. – Com um temperamento bem escondido.

Sorrio, envergonhada.

– E apaixonei-me loucamente.

Sinto um nó na garganta ao ouvi-lo.

– E foi egoísta, eu sei. Mas eu queria todo o tempo que pudesse ter a sós contigo, todos os minutos, onde a nossa vida fosse simples. Porque sabia que, no momento em que descobrisses sobre o meu dinheiro, isso iria mudar a tua

percepção de mim.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

Mudou.

– Hayden... a minha vida é complicada. E ocupada e super stressante. A única coisa pura, alegre e real que existe... és tu. – Ele pega-me na mão e beija-me a ponta dos dedos. – Ensina-te-me tanto sobre o amor e sobre o que quero da vida.

Sorrio por entre as lágrimas.

– O homem que conheceste na viagem é o meu verdadeiro eu. Não menti sobre os meus sentimentos por ti. Posso prometer-te que o que temos é cem por cento real.

– Não faço ideia de como viver esta vida, Christopher – sussurro. – Eu sei.

– Assusta-me.

– Eu sei, querida. – Ele inclina-se e beija-me. – Dá-me só três meses.

– Tenho de ir para Londres por três meses. O Elliot tem estado a tratar de tudo e tem umas férias de dois meses marcadas. Tenho de estar lá para gerir enquanto ele está fora. Não posso ir sem ti. Não me peças para o fazer.

Olho-o fixamente.

– Se... experimentares por três meses e depois podermos...

– Podermos o quê?

– Reavaliar onde queres viver.

– E se eu odiar Londres?

Ele olha-me.

– Então teremos de reavaliar a situação.

– O que é que isso significa?

– Não sei. – Encolhe os ombros. – Estaria a mentir se dissesse que sabia. – Ele enrug a testa, como se estivesse à procura das palavras certas. – O meu papel na Miles Media implica uma grande responsabilidade. Não tenho a liberdade que um empregado de limpeza teria para viver onde lhe apetece.

Ele beija-me suavemente enquanto toma o meu rosto nas suas mãos.

– Dá-me três meses. É tudo o que peço.

Olho-o fixamente.

– Hayden... Eu amo-te. Temos de resolver isto, porque agora que sei como é perfeita uma vida contigo, não posso voltar atrás. E sei que esta não é a vida que planeaste... mas, desde que estejamos juntos, os pormenores importam realmente? – Os olhos dele procuram os meus e ele parece tão perdido e triste que o meu coração se aperta.

Esta discussão é estúpida.

Estou chateada e esta mentira é imperdoável, mas, a um certo nível, compreendo-a. Não consigo imaginar viver esta vida e nunca saber o que é real.

– Tens razão. – Inclino-me e beijo-o com ternura. – Desde que estejamos juntos. Os meus lábios demoram-se sobre os dele e os seus braços envolvem-me e abraçamo-nos, bochecha com bochecha, a emoção crua a correr entre nós.

– Desculpa por ter sido uma cabra ontem à noite.

Sinto-o sorrir por cima de mim. – Foste mesmo.

Sorrio afetadamente. Aqui está ele. O espartinho está de volta. – Tem cuidado

hoje, Christopher. Estás por um fio.

Ri-se e levanta as duas mãos em sinal de rendição. – Está bem, está bem. – Beija-me outra vez e depois rola-me para ficar de costas e abre-me as pernas com o seu joelho. Sinto a sua ereção crescer contra a minha perna.

– Nem penses nisso – murmuro, secamente.

– O que foi?

– Sexo é a última coisa em que estou a pensar hoje.

O seu rosto descai. – O que aconteceu ao sexo de reconciliação fantástico de que tanto ouvi falar?

Sento-me e saio da cama. – Não sei, mas não vai acontecer agora.

Ele exala pesadamente e deita-se na cama, desanimado. Ligo o chuveiro na casa de banho do quarto.

– Bem, o que queres fazer hoje?

– Não sei. – Encolho os ombros. – Acho que me podes mostrar este museu de apartamento e depois tenho de ir às compras para comprar roupa nova. – Tiro o pijama e atiro-o para o chão enquanto entro no duche.

– Porque é que precisas de roupa nova? – pergunta ele.

– Porque visto as mesmas seis roupas há doze meses, e tu és estupidamente rico e eu pareço uma mendiga.

Ele sorri enquanto se apoia no cotovelo e se deita na cama.

– Mendiga-me por sexo e eu verei o que posso fazer.

Reviro os olhos.

– Não vai acontecer.



Meia hora depois, sento-me no elegante balcão de mármore enquanto o Christopher nos prepara uma omelete. Olho em volta para a cozinha e parece saída de uma revista. Ele tem bacon, cogumelos, sumo de laranja, croissants e todos os acompanhamentos deliciosos.

– Como é que tens comida para cozinhar? Ainda não fomos ao supermercado.

– A minha empregada faz as compras.

– Tens uma empregada?

– Temos. – Ele gesticula para o ar entre nós. – *Nós* temos uma empregada. – Ele vira a omelete. – Faz o que quiseres ao apartamento. Transforma-o como quiseres. Contrata um designer de interiores, se quiseres.

O quê?

– Não vou tocar em nada. O apartamento não é meu.

– O apartamento é teu. Tu vives aqui, por isso também é teu.

– Nem somos casados. – Reviro os olhos.

– Vamos ser. – Ele dá-me um sorriso lento e sensual e arregala os olhos. – Dá-me tempo.

Prendo os lábios para esconder o meu sorriso enquanto o meu estômago se revolve. É a primeira vez que ele diz algo deste género.

Gosto.

Olho à volta. Sinto-me como uma criança numa loja de luxo. Não quero tocar em nada para não partir.

Ele pousa o meu prato à minha frente com um beijo rápido. – Toma o teu pequeno-almoço e depois levo-te às compras.

– Onde é que se compra roupa num sítio destes?

– Na Madison Avenue.

– Há lá alguma loja barata? Porque os meus fundos estão escassos.

– Acho que posso pagar.

– Não.

Ele arregala os olhos em tom de brincadeira e aponta para o meu prato.

– Come o pequeno-almoço antes que eu te leve para o quarto para seres fodida.

Sorrio enquanto pego num pedaço de torrada.

O telemóvel dele vibra na bancada à nossa frente.

Mãe

Ele continua a comer.

– Vais atender?

– Não. Ela está a ligar para me incomodar.

– Sobre quê?

– Quer conhecer-te. – Ele revira os olhos. – *Todos* querem conhecer-te.

Olho-o fixamente. Aprende-se muito sobre uma pessoa através da sua família.

E tenho tanta, tanta coisa que quero aprender. Isto dar-me-á uma verdadeira visão da sua vida e de quem ele realmente é.

– Liga-lhe de volta. Organiza um jantar para hoje com toda a gente. Também os quero conhecer.

– Tens a certeza? A minha família é louca.

– Quer dizer – encolho os ombros – quão mau pode ser?

Ri-se.

– Bastante mau.

Capítulo Vinte e Três

Agarro a mão do Christopher com toda a força enquanto descemos a rua.

Olho à minha volta como uma criança que vê o mundo pela primeira vez. Um milhão de carros, pessoas bonitas, e mal consigo ver o céu por causa dos arranha-céus. As lojas parecem lojas de luxo, nada que se pareça com os sítios onde eu normalmente compro as minhas roupas. Até as manequins nas montras são sensuais.

E minúsculas.

Mas alguém vende alguma coisa em tamanhos normais? Madison Avenue... código para super pequenino.

Olho à minha volta para todas as mulheres que andam apressadas, elegantes e deslumbrantes, arranjadas na perfeição. Vejo-me a mim e ao Christopher na montra de uma loja e encolho-me por dentro. Ele está todo elegante, de calças de ganga pretas e camisa, e eu estou a usar uma *t-shirt* casual e os calções que praticamente não tiro há mais de um ano. Estão usados e desbotados. O meu cabelo está desalinhado e não estou a usar maquilhagem. Pareço um completo desastre, e os olhos e a cara inchados pelo choro de ontem à noite não ajudam a minha causa.

Neste momento, tenho saudades da nossa vida descontraída de mochileiros.

Passamos por uma grande loja de luxo, o manequim está a usar um vestido preto e uns sapatos bonitos.

– Aqui – diz o Christopher.

– Parece cara – sussurro.

Ele arregala os olhos.

– Está bem.

Ele puxa-me para dentro pela mão.

– Olá. – Ele sorri.

– Olá. – Os empregados da loja sorriem, enquanto olham para ele de cima a baixo e depois para mim com um subtil franzir de sobrolho.

Ótimo, devo parecer o seu projeto de caridade ou assim.

– Posso ajudá-los com alguma coisa?

O Christopher vai abrir a boca, mas eu lanço-lhe um olhar e corto-lhe a palavra.

– Estamos só a ver, obrigada.

Ele eleva a sobancelha.

– Nem penses – sussurro.

Ele pressiona os lábios para manter a boca fechada e fica atrás de mim enquanto eu olho em volta.

Vejo um vestido preto bonito e olho para a etiqueta.

4300,00\$

– Mas que... – sussurro, enquanto o deixo cair como uma batata quente e continuo a andar.

Ele tira-o da prateleira e atira-o para cima do braço.

– Não te incomodes – sussurro. – Isso é um roubo à luz do dia, Christopher. Nunca vou pagar isso por um vestido. Tem costuras de ouro ou assim?

– Shh... nada de conversas – sussurra, enquanto finge um sorriso para a vendedora.

Arregalo os olhos, aborrecida.

Ele aponta para uma prateleira de vestidos.

– De que mais gostas?

– Nada daqui – sussurro. – Estes preços são absurdos.

Ele põe a mão à volta da minha cintura, puxa-me para perto e beija-me suavemente, enquanto baixa a voz.

– Quando formos para o cu de Judas, podes ir às compras onde quiseres. Mas esta noite, temos um jantar para conheceres a minha família, e temos de te comprar um vestido e uns sapatos. Por isso, faz-me a vontade e experimenta algumas coisas, ou isto vai ser uma provação do caraças durante todo o dia.

Olho-o fixamente.

– *Percebes?*

– Está bem. – Passo os olhos pela prateleira. Chego a um bonito vestido cinzento, viro a etiqueta e ele tira-ma da mão antes de eu ter oportunidade de ver o preço.

Reviro os olhos e continuo a andar.

– Tem estes vestidos no tamanho dela, por favor? – pergunta o Christopher à assistente de loja.

– Vou verificar, senhor. – Ela sorri antes de se retirar.

– Como é que ela sabe qual é o meu tamanho? – murmuro baixinho.

– É o trabalho dela - murmura de volta. – Em Nova Iorque, o que se paga é o que se recebe.

– Então há um carro escondido nesse vestido, não é?

Ele ri-se enquanto continua à procura.

– Talvez. – Ele tira mais algumas coisas da prateleira e atira-as para o braço.

– Bem, afinal onde é que vamos jantar hoje? – pergunto-lhe. – Tenho mesmo de usar um vestido? Não posso só ir de calças de ganga?

Ele sorri suavemente, inclina-se e beija-me.

– Eu amo-te?

– Isso é um não? – Arregalo os olhos.

– É um... – Para enquanto escolhe as palavras. – É um... vestes o que quiseres, querida, e eu vou adorar-te na mesma.

Reviro os olhos. Ele acha que devia usar um vestido.

– Está bem.

A assistente de loja regressa.

– Tenho os vestidos no provador, minha senhora.

– Hayden – corrige-a o Christopher. – Chama-se Hayden.

– Olá, Hayden. – Ela sorri. – Sou a Camelia.

– Olá, Camelia – diz ele na sua voz profunda e sensual.

– E o seu nome, senhor?

– Christopher Miles.

Ela arregala os olhos e olha para as outras raparigas.

– Sr. Miles.

Ela sabe quem ele é.

Porra.

– Isso mesmo. – Ele sorri. – A Hayden tem uma... – Ele faz uma pausa. – Uma ocasião especial esta noite, e é de fora da cidade. Pode ajudá-la a encontrar o que procura, por favor?

– Claro, senhor. – Ela sorri com um ar sábio.

Raios.

Pareço mesmo o seu projeto de caridade. Expiro pesadamente enquanto olho à volta. Isto é tão embaraçoso. Dirige-se ao balcão e passa o seu cartão de crédito à rapariga.

– A Hayden não tem quaisquer roupas com ela.

– Sim, senhor.

Ele volta e beija-me nos lábios.

– Vou buscar um café aqui ao lado, querida. Deixo-te nas mãos capazes da Camelia.

Vais-me deixar aqui?

– Vou estar aqui ao lado – responde como se me lesse a mente.

– Está bem. – Coço a cabeça com vergonha e vejo-o sair pela porta da frente.

– Hayden. – A assistente sorri, chamando de novo a atenção para ela. – Vamos pô-la absolutamente deslumbrante para esta noite.

– Não sei se é possível. – Exalo, sentindo-me derrotada.

– Onde é que vai, querida?

– Vou conhecer os pais dele.

– Oh. – Ela arregala os olhos. – Vamos ter de usar as armas todas. – Ela circula à minha volta enquanto me olha de cima a baixo.

– Stephanie – chama a outra assistente.

– Sim.

– Podes ligar para o salão e fazer uma marcação urgente para a Hayden, por favor? Ela precisa de arranjar o cabelo.

– O que tem o meu cabelo de errado? – Pergunto com espanto.

A Camelia arqueia uma sobrancelha.

– Tudo, querida, tudo.



Deslizo o batom suavemente e pressiono os lábios para o meu reflexo no

espelho.

– Mas a sério – murmura o Christopher no meu pescoço, enquanto mordisca até à minha clavícula.

– Para. – Afasto-o e olho para mim. Estou a usar um vestido preto justo com mangas transparentes e saltos altos de tiras *nude*, e as minhas meninas estão apertadas pelo sutiã mais forte de todos os tempos. Até estou a usar um fio dental *sexy*. O meu cabelo está tão fantástico que podia jurar que é uma peruca e a minha maquilhagem é natural e luminosa.

Odeio admiti-lo, mas a Camelia sabe o que faz. Parece que sou rica.

As mãos do Christopher deslizam pelo meu corpo, para cima e para baixo. Está impressionado, nunca me viu assim antes.

– Beija-me – sussurra, sombriamente.

– Acabei de pôr batom.

– Beija-me. – Os seus dentes mordiscam o lóbulo da minha orelha.

– Tu não queres beijar-me. – Reviro os olhos. – Queres dobrar-me sobre o armário da casa de banho e comer-me por trás.

– Hum. – Ele sorri, como se estivesse a imaginar. – Tens razão, quero. Vamos fazer isso. É um plano muito melhor. – Ele levanta uma das minhas pernas para a pôr por cima do armário.

– Ouve, depois do teu teatro de menino rico. – Corrijo-me, enquanto puxo a perna para baixo. – Teatro de menino pobre, deves-me uma edição de orgasmos múltiplos.

– Pronto, disposto e capaz. – Ele agarra os meus ossos da anca e dá-me uma trancada com a dele.

– Agora. Não. – Solto-me dele e viro-me para olhar para o meu traseiro.

– Estou bem?

Ele agarra na minha mão e coloca-a sobre a grande ereção que tem nas calças.

– O que *achas*?

– Acho que és um tarado sexual, é o que eu acho.

– Pode ser que tenhas razão – murmura ele contra o meu pescoço, enquanto os seus dentes roçam a minha pele. – Castiga-me.

– Não – digo com brusquidão, enervada. – Não vou conhecer a tua família pela primeira vez a cheirar a sexo.

– Travão de mão.

Tento manter-me séria e falho miseravelmente.

– Vamos.



Meia hora depois, o carro encosta à berma de uma rua movimentada e congestionada, e o Christopher abre a porta e sai.

– Obrigado.

– Boa noite. – O Hans sorri.

– Obrigada. – Sorrio. O Christopher estende a mão para pegar na minha e ajuda-me a sair do carro, e começamos a subir a rua em direção ao restaurante. Estou nervosa como o raio.

– Alguma dica? – pergunto.

– Para quê?

– Para conhecer a tua família.

Ele põe o braço à minha volta e beija-me a têmpora, enquanto caminhamos.

– Vão adorar-te, Rabugenta.

– Como sabes?

– Porque te amo.

Dou-lhe um sorriso e ele para e beija-me suavemente.

– Obrigado.

– Porquê?

– Por... – Encolhe os ombros. – Me aturares.

Sorrio, sentindo-me muito melhor em relação a nós, e voltamos a beijar-nos.

Os nossos lábios demoram-se um sobre o outro.

– Estás pronta para fazer isto? – pergunta ele.

– Tão pronta como é possível.

Ele pega-me na mão e leva-me até ao restaurante. É moderno e todas as mesas estão cheias.

– Boa noite, Sr. Miles. – O empregado sorri.

– Olá – responde o Christopher.

– Por aqui. – O empregado vira-se e caminha, e nós seguimo-lo. Reparo que algumas pessoas viram a cabeça para ver o Christopher a passar.

Será que toda a gente nesta cidade esquecida por Deus sabe quem ele é?

Passamos por um grande arco e entramos numa zona semiprivada. Continua a fazer parte do restaurante principal, mas um pouco separada. As pessoas estão sentadas à volta de uma enorme mesa redonda, veem-nos e levantam-se todas.

– Olá a todos. – O Christopher sorri. – Esta é a Hayden.

– Olá – guincho, enquanto olho em volta nervosamente.

– Olá – dizem todos, entusiasmados.

– Este é o meu irmão Jameson e a sua mulher, Emily.

– Olá. – Sinto-me fraca. Ele não me disse que o irmão era ridículamente sensual.

Ambos me dão um beijo na cara.

– Olá. – A mulher dele está grávida.

– E estes são os meus pais, Elizabeth e George.

– Olá.

O pai dele beija-me a face e a mãe puxa-me para um abraço.

– Olá, querida, é tão bom conhecer-te finalmente. – Ela segura as minhas duas mãos nas suas enquanto me analisa.

Está tão bem arranjada que parece uma rainha ou algo do género, super atraente para a idade dela.

– OK, mãe, agora estás a ser esquisita. – O Christopher arregala-lhe os olhos e puxa a minha cadeira. Deixo-me cair ao lado da mulher do irmão dele, desejando que esta noite já tivesse acabado.

A Emily enche-me o copo.

– Bebe – sussurra.

Eu rio-me. Já estou a gostar dela.

– Boa ideia.

– Onde estão os Anderson Miles? – pergunta o Christopher.

– Oh, vão atrasar-se como sempre, querido – diz a mãe, enquanto pega no copo de vinho. – Hayden. – Sorri para mim. – O Christopher não me disse que eras tão bonita.

– Oh. – Fecho os lábios, envergonhada.

– É, não é? – O Christopher sorri orgulhosamente, enquanto se aproxima e segura a minha mão no meu colo.

A Emily olha para nós e depois encolhe os ombros de excitação. Ela olha à volta da mesa para os outros, e eu sinto-me como um divertimento num espetáculo de aberrações.

– Então... – A mãe dele sorri ao olhar para nós. – Contem-nos como se conheceram.

– Vá lá, mãe. – O Christopher suspira. – Acabámos de chegar. Podemos deixar as cinquenta perguntas para quando a Hayden estiver bêbeda, por favor?

Todos se riem e eu bebo o meu vinho. Não é um simulacro. *Não há dúvidas.*

Um rapaz entra a correr no restaurante.

– Avó – grita ele, enquanto lhe agarra o pescoço por trás.

Ela ri alto.

– Olá, meu querido Patrick.

Ele mergulha para se sentar ao lado dela, e ela tira-lhe o cabelo da testa enquanto conversam entre si. Diria que ele tem cerca de dez anos.

– Olá, Patrick. – Todos sorriem.

– Este é o Patrick, o filho do meu irmão Tristan – apresenta o Christopher.

Ele aponta para mim.

– Esta é a Hayden.

O Patrick olha para mim com surpresa e depois para o Christopher. – Onde é que estiveste?

– Fui fazer uma viagem.

– Porquê tanto tempo?

Todos se riem.

– Desculpem o atraso – diz uma mulher, tirando o casaco. É bonita, tem cabelo escuro e está muito grávida. – Sou a Claire. – Ela sorri enquanto me aperta a mão. O Christopher levanta-se, ri-se e toma-a nos braços. É óbvio que os dois são próximos.

– O que é que fizeste ao meu irmão? – provoca ele.

– Ele vem aí. – Ela revira os olhos.

Viro-me para ver um rapaz grande, um adolescente, a vir na nossa direção, e atrás dele está um homem que é o duplo do Christopher. Quase fico de boca aberta. A semelhança é impressionante.

– Olá – diz ele. – Peço desculpa pelo atraso. – Ele sorri e vem direito a mim. – Deves ser a Hayden.

– Sim.

Ele puxa-me da cadeira e abraça-me. É alto e bonito como os outros dois irmãos. Isto é que são bons genes.

Oh... *cheira bem.*

– Sou o Tristan.

– Olá.

– Este é o meu filho, Harry. – Ele apresenta-me ao rapaz grande.

Deus... ele deve ter tido este miúdo quando tinha dez anos.

– Olá. – O rapaz sorri enquanto me aperta a mão.

O Tristan puxa a cadeira, indicando ao Harry onde se deve sentar.

– O que queres beber, querida?

A Claire sopra, claramente farta de estar grávida.

– Tu sabes o que eu quero beber.

Ele eleva a sobancelha de forma atrevida.

– Limonada?

– Mal posso esperar – murmura secamente.

A Claire sorri para mim.

– Quanto tempo falta? – pergunto.

– Estou de oito meses. Esperemos que poucas semanas.

O Tristan aproxima-se e coloca a mão protetoramente sobre a sua barriga de grávida.

– Fica aí dentro e porta-te bem – diz ele casualmente. Ele volta a falar com o Jameson.

A Claire revira os olhos.

– O Tristan é obcecado por bebés. Este é o nosso terceiro em quatro anos.

Eu e a Emily rimos.

– Vai aborrecer o pobre coitado até à morte. – A Claire revira os olhos novamente.

Olho para os rapazes mais velhos sentados à mesa, confusa.

– Estes são os meus filhos – explica ela. – Agora são do Tristan também. Ele adotou-os quando nos casámos. O pai biológico deles morreu.

– Oh. – Sorrio ao ligar os pontos. – Estou a ver.

Olho encantada para o Tristan. Ele ficou com os filhos dela: não era de todo o que eu esperava. *É um bom homem.*

O Harry está a ver qualquer coisa no telemóvel com o volume tão alto que toda a gente consegue ouvir. O Tristan faz um gesto para o pescoço como se estivesse a dizer: *Para com isso.*

O Harry revira os olhos e o Tristan olha para ele sem expressão. O Harry sopra e baixa o volume, e eu mordo o lábio para esconder o meu sorriso.

O Patrick está a conversar com a avó e ela ri-se e fala com ele como se tivesse todo o tempo do mundo, ao mesmo tempo que ele lhe mexe no cabelo. Ele está a contar-lhe uma história detalhada sobre o que aconteceu no treino de basebol enquanto ela o ouve atentamente.

Gosto dela.

Viro a minha atenção para a Emily. Tem cabelo escuro e é bonita.

– De quanto tempo estás?

– Cinco meses.

– Oh, eu teria pensado que estavas de mais tempo.

– Estou enorme. – Sopra. – Bebê número quatro. A minha barriga está esticada ao máximo. Parece o raio de uma tenda.

A Claire cala-a.

– Vai voltar ao que era.

Oh, Deus.

O Jameson estica-se e passa o braço pelas costas da cadeira de Emily enquanto fala com os rapazes. O seu dedo traça um círculo no ombro dela.

– Os bebés de todos estão tão próximos uns dos outros. – Sorrio.

– Demasiado próximos. – A Emily revira os olhos. – O Jameson quer que a fase das fraldas termine o mais rapidamente possível.

– Faz sentido.

– O que estás a achar de Nova Iorque? – A Claire sorri de forma calorosa.

– É... – Encolho os ombros.

– É muito para absorver – sussurra.

A Emily aproxima-se e pega na minha mão.

– Achamos o mesmo.

Elas sabem.

– Diz-me que se torna mais fácil.

Trocam olhares e risos.

– Oh, querida – diz a Claire. – Não torna, mas tu habituas-te.

Forço um sorriso.

– Pai – chama o Patrick do outro lado da mesa.

O Tristan continua a falar com o Jameson e o Christopher.

– Pai.

Continua a não o ouvir.

– Pai.

O Tristan continua a falar.

– Pai.

– O pai está a falar, Patrick – diz a Claire. – Tem maneiras, por favor.

– Por favor, pai! – grita.

Toda a mesa para de falar e o Tristan olha para o outro lado da mesa, assustado.

– Sim, Patrick, o que foi?

– Hoje, quero batatas fritas.

O Tristan olha para ele sem expressão e bebe a sua cerveja.

– Ótimo, miúdo. Faz isso.

O Jameson ri-se e eu tento não sorrir. É óbvio que os rapazes dão trabalho.

Conversamos, rimo-nos, e não era nada disto que eu esperava.

O Harry estica a mão e derruba a bebida dele. Derrama-se por toda a mesa, e o Tristan aproxima-se e limpa-a com um guardanapo enquanto fala, totalmente imperturbável.

O jantar chega e comemos ao mesmo tempo que conversamos. É delicioso.

Todos me fazem sentir muito bem-vinda e a conversa não é nada forçada.

O Patrick estica a mão e derruba também a sua bebida. O Tristan revira os olhos.

– Raios me partam – diz ele só com os lábios ao Jameson, que se está a rir

outra vez.

– Jay. – A Emily esfrega o peito. – Vou ficar com uma angina.

– Já somos dois – murmura o Tristan, secamente, enquanto limpa a confusão.

– Mantém esse bebé dentro de ti, Anderson. Não tenho já mãos para tudo.

– Sim, nota-se – apoia o Jameson.

Rio-me ao observar. Todos se riem e conversam no meio do caos e ninguém parece importar-se.

Olho para o outro lado da mesa para o Christopher; os seus olhos fitam os meus e ele lança-me o melhor olhar de «vem comer-me» de sempre.

O ar crepita entre nós, enquanto olhamos fixamente um para o outro. Ele, a sua família, estes miúdos... a noite correu bem.



O Christopher abre a porta da frente e puxa-me para dentro do apartamento.

– Queres uma bebida ou assim?

– Não, obrigada.

Ele leva-me pela mão e hesita enquanto olha para o cimo das escadas.

– Pois é, vamos ter de queimar aquela cama do auditório do Tinder, não é?

Sorrio, agradecida por ele conseguir fazer uma piada.

Ele puxa-me para o corredor do andar de baixo.

– No entanto, para referência futura, quero que fique registado que nunca estive no Tinder. – Ele puxa-me para um quarto de hóspedes. – Amanhã também vamos ter de queimar esta cama. – Ele beija-me com força enquanto me leva de costas para o quarto. – Os teus gemidos vão ficar gravados na pintura.

Com os olhos fixos na tarefa que tem à sua frente, desfaz o nó da gravata e, lentamente, tira-me o vestido pelos ombros e atira-o para o chão.

Estou diante dele com as minhas sensuais cuecas de renda preta e os seus olhos escuros fixam os meus, ao mesmo tempo que ele se ajoelha à minha frente.

Ele beija-me o osso da anca e depois a parte inferior do estômago, e eu sinto que não consigo respirar enquanto o vejo.

Tudo é intensificado entre nós. É como se tivéssemos atingido um nível superior de consciência.

As coisas são diferentes agora que sei quem ele realmente é. Ele podia ter qualquer mulher do mundo, mas ama-me a mim.

Uma simples rapariga do campo.

Beija-me ternamente através das cuecas e os seus olhos fecham-se em êxtase.

Eu amo este homem.

Ele desce e lambe a parte interna da minha coxa, enquanto os seus olhos escuros fixam os meus. Ele vira a cabeça e morde-me de novo a coxa.

Tum, tum, tum, o meu coração soa nos meus ouvidos e eu tento acalmar a minha respiração.

Ele mordisca-me o sexo através das cuecas e inala bruscamente, enquanto a sua mão vai ao pénis. Arruma-o nas calças como se estivesse dolorosamente amassado.

Ele desce-me as cuecas pelas pernas e despe-as, e eu fico diante dele com uns sapatos de salto alto e um sutiã preto rendado.

Não tentou tirar-me os sapatos, por isso presumo que quer que os deixe

calçados.

É tão maroto.

Com os olhos fixos nos meus, ele passa as pontas dos dedos pelos lábios do meu sexo. Os seus dedos brilham com a evidência da minha excitação, e depois ele coloca-os na boca e chupa-os.

Foda-se.

A minha excitação atinge o ponto máximo.

Ele levanta-se e anda à minha volta. Os seus olhos estão esfomeados, absorvendo cada pequeno detalhe da minha pele nua, um caçador a avaliar a sua presa.

Ele está diferente... mais sombrio.

Mais em sintonia consigo próprio, mas talvez esteja apenas a ser ele próprio agora.

Eu tive a versão de mochileiro... agora estou a receber o multimilionário em toda a sua pecaminosa glória.

Ele caminha para trás de mim, desaperta-me o sutiã e tira-o lentamente. As suas mãos aproximam-se e os seus polegares passam sobre os meus mamilos endurecidos. Os seus dentes roçam o lóbulo da minha orelha, e arrepios espalham-se pela minha pele.

– Dobra-te – diz. A voz dele é profunda e rouca. Franzo o sobrolho, sem perceber.

– O quê?

– Do-bra-te.

Dobro-me, e ele inala bruscamente enquanto olha para o meu sexo.

– Linda menina. – Ele treina-me.

Tum, tum, tum, o meu coração bate no peito quando me inclino. Tenho as mãos nos joelhos.

– Endireita as pernas. – Ele bate-me nos pés e afasta-os. Toca na parte da frente dos meus joelhos, insinuando que quer que eu me endireite.

Fogo... Devia começar a fazer alongamentos. Não sou contorcionista, sabias?

Ele coloca-se atrás de mim e passa a mão pela minha coluna. Olho através das minhas pernas, vejo a enorme protuberância nas suas calças e sorrio.

Sacana.

Sem aviso prévio, agarra num punhado do meu cabelo e puxa-me a cabeça para trás. Desliza três dedos para o meu sexo. Os meus joelhos fraquejam.

Pumba.

Bate-me no traseiro.

– Mantém o raio das pernas direitas.

Oh, Deus.

Tento focar-me em manter as pernas direitas. Com saltos altos, não é uma tarefa fácil.

Os seus dedos mergulham profundamente no meu sexo enquanto me fode com eles.

O aperto que tem no meu cabelo é doloroso, e eu faço cara feia.

Não sei que tipo de foda é esta... mas, caramba, é boa.

A minha excitação atinge um novo nível. O som do meu corpo húmido a sugá-lo ecoa por toda a divisão. Está a foder-me tão profundamente com os dedos que mal consigo respirar.

Estremeço.

– Não te atrevas a vir-te – geme.

– O quê?

– Esperas por mim. Percebes? – A sua voz é profunda e rouca, profundamente excitada.

Os meus olhos reviram-se na minha cabeça com o som da sua voz. OK... o multimilionário Miles é *sensual para caraças*.

Ele fode-me outra vez com os dedos, e eu estremeço com força.

Pumba.

Ele dá-me uma palmada no rabo e eu solto uma gargalhada inesperada. O facto de eu estar a adorar isto é lixado.

Ele vem para a minha frente, e eu fico a olhar para os seus sapatos pretos imaculados e caros. A respiração dele treme e sei que tem o controlo por um fio.

Ele passa a mão pelas minhas costas e volta de novo para trás de mim. Ele passa a mão pela minha pele em círculos, como se estivesse a abrandar. A tentar recuperar o controlo.

Ouç-o a abrir o fecho das calças.

Fecho os olhos e espero. Sim.

Fode-me.

Ele agarra num punhado do meu cabelo e enrola-o à volta da sua mão, dando-lhe total controlo sobre o meu corpo.

Espreito por entre as minhas pernas e vejo a sua pila grossa e dura pendurada pesadamente entre as pernas.

Pulsante e furiosa, cheia de veias, a pingar pré-ejaculação.

Deus amado.

Ele passa-a pelos meus lábios molhados e ri-se sombriamente.

Sorrio. Adoro este som.

Depois entra com força, com tanta força que o ar me sai dos pulmões.

O meu corpo começa a ficar fora de controlo.

O aperto doloroso no meu cabelo, o esticar do seu grande mastro. O ritmo acelerado das suas bombadas.

O meu corpo está à sua disposição. O mestre e o seu domínio. Pam.

Pam.

Pam.

Oh... *merda*.

Vejo estrelas e caio com força num subespaço onde nunca estive antes.

Grito enquanto me venho com força, tremendo descontroladamente.

Ele retira-se, atira-me para a cama de costas e abre-me as pernas.

Fico deitada, a tremer como uma marioneta, e os seus olhos escuros fixam os meus enquanto ele tira a camisa por cima da cabeça. Os seus ombros largos tornam-se visíveis, o seu peito grosso com uma mancha de pelos escuros. Os abdominais bem definidos, o V perfeito feito de músculos que leva ao seu pacote

perfeito.

Ele tira as calças de ganga e eu sustenho a respiração.

O que é que ele vai fazer agora?

Ele baixa-se por entre as minhas pernas e, com os dedos, abre-me e lambe-me.

Os seus olhos escuros fixam-se nos meus enquanto ele demora o seu tempo. A sua excitação atinge um outro nível, e ele vai com tudo, barba, cara. Bruto como tudo na minha zona mais íntima.

A sua língua grossa não abranda. Acabei de me vir para ele, mas já o sinto a crescer de novo.

Foda-se.

Como é que este homem é tão bom?

Ele sorri sombriamente. Os seus lábios brilham com a minha excitação, e o meu coração cai livremente do meu peito.

Acho que esta noite podemos estar a atingir os cem por cento.

Capítulo Vinte e Quatro

CHRISTOPHER

Estou deitado de lado a observar a Hayden a dormir; o seu peito sobe e desce e as suas pestanas tremem enquanto respira.

Nunca vi uma criatura tão bonita, tão pacífica e serena.

Sorrio com suavidade. É como se estivesse na presença de grandeza, constantemente impressionado pela perfeição.

Estou *tão* apaixonado por esta mulher.

Ontem à noite, quando estava a vê-la com a minha família, tive um momento determinante em que, de repente, soube.

Não consigo imaginar uma vida sem ela, nem o quero fazer. E tudo ficou muito claro: Quero casar com a Hayden Whitmore...

Vou procurar um anel de noivado quando chegarmos a Londres e quero tentar planear o pedido de casamento perfeito.

Quero mesmo impressioná-la. Como?

Talvez pudesse... a minha mente começa a divagar sobre as possibilidades. Onde é que nos vamos casar? Imagino-a a andar até ao altar em direção a mim com o seu vestido de noiva branco, e o entusiasmo preenche-me.

Quem sou eu afinal?

Os seus olhos abrem-se e ela vê-me a observá-la e sorri suavemente.

– Bom dia, Menina Whitmore. – Puxo-a para um abraço e sinto o seu sorriso contra o meu peito. Ela beija-me a pele enquanto eu a abraço.

Ficamos deitados num silêncio confortável durante algum tempo.

– Porque é que estás acordado? – pergunta ela com a sua voz rouca e sonolenta.

– Estou só a planear o nosso dia.

– Hmm... o que vamos fazer?

– Bem... – Beijo-lhe a têmpora. – Pensei que podíamos ir a casa dos teus pais uns dias antes do previsto.

Afasta-se para olhar para mim. – A sério?

– Hum-hum. Podíamos ir hoje para que pudesses ter mais tempo com eles antes de irmos para Londres.

– Mas e a tua família? – Pergunta com curiosidade.

– Hum. – Encolho os ombros. – Vejo-os por causa de trabalho a toda a hora. Vão sobreviver sem mim. Podemos ir depois do pequeno-almoço, se quiseres.

– Oh, meu Deus. – Ela sorri de entusiasmo. – Está bem. – Levanta-se e corre para a casa de banho, volta a correr e beija-me. – Eu amo-te.

Sorrio largamente enquanto a vejo correr mais uma vez para a casa de banho.

Uma hora depois

Atravessamos o parque de estacionamento subterrâneo e Hayden olha à sua volta. Carrego no botão e as portas da minha garagem começam a subir lentamente. – É aqui.

Ela contrai o rosto ao olhar para dentro.

– *Este é o teu carro?*

– Hum-hum. – Sorrio, orgulhoso. É baixo e preto e ronrona como um gatinho.

– *Que tipo de carro é este?*

– Um McLaren.

Ela torce os lábios, pouco impressionada. – Tens alguma coisa menos punheteira?

– Este carro não é punheteiro. – Suspiro, horrorizado. Na verdade, talvez ela tenha alguma razão. – Preciso de bater uma punheta depois de o conduzir, porque me dá tesão.

– Christopher. – Ela cerra o olhar enquanto o observa. – Não podemos levar isto para a quinta para conhecer os meus pais.

– Porque não?

– Porque é ridículo.

– Não é ridículo, Hayden. – Ponho as mãos nas ancas com exasperação. – É uma obra de arte, porra.

Ela revira os olhos. – Não vamos levar isto para a quinta.

– Porque não?

– Acabei de te dizer, o meu pai vai rir-se na tua cara.

– Não é um homem de carros?

– Não é punheteiro.

– Notícia de última hora. Todos os homens batem punhetas, Hayden. Reviro os olhos. – Está bem, e se levarmos o Porsche? Aponto para o carro ao lado.

– Não.

Estremeço. – O Aston Martin?

– Não tens nada menos – interrompo-a.

– Magnífico?

– Vistoso.

– Não – digo com brusquidão, enervado. – Não tenho e porque haveria de querer? – Endireito os ombros. – O Eddie ia adorar estes carros – murmuro secamente.

– O Eddie não está aqui. – Vira-se e caminho em direção ao elevador. – Onde é que vais? – Chamo.

– Ligar para uma empresa de aluguer de automóveis – responde ela. – Para quê?

– Porque o meu pai vai comer-te vivo se apareceres nesse carro de poser.

Vou atrás dela.

– *Carro de poser?*



Saltamos para cima e para baixo enquanto conduzimos. – Não me posso queixar da suspensão deste pedaço de merda. – Os meus olhos pousam nela. – Não tem.

O utilitário Toyota que ela me obrigou a alugar é isso mesmo, uma merda, e ainda por cima a única cor disponível era o vermelho.

Um utilitário vermelho. Matem-me já.

Prefiro estar morto do que ser visto com este monte de lixo.

Hayden sorri enquanto entra na brincadeira. Ela esfrega o tablier. – Adoro este carro.

– isto? – Atiro.

– Hum-hum. – Ela sorri abertamente. – É tão sensual.

Olho para ela sem expressão. – Nada neste carro me dá vontade de foder alguma coisa.

– Bem... – Ela ri-se com um encolher de ombros. – Gosto.

Reviro os lábios. – Ainda bem que tens melhor gosto em homens.

– É aqui. – Ela aponta para a estrada. – Vira à direita.

Viro para a estrada e subimos e passamos por colinas verdejantes com árvores enormes e grandes. É lindo. *Uau.*

– Terra bonita – digo enquanto olho à volta. – Terra de Deus.

Sorrio, impressionado.

– Só não digas nada sobre nada – diz ela.

– O quê?

– Ainda não lhes contei nada sobre ti. Tenho de encontrar a altura certa.

Os meus olhos pousam nela. – O que é que isso significa?

– Significa... – Ela arregala os olhos enquanto se articula. – Significa apenas não dizeres nada até eu falar com eles. Ainda nem sequer lhes disse que não vou voltar para casa para viver.

Arregalo os olhos. – Não disseste?

– Não.

– Quando planeias fazê-lo?

– Hoje.

Os meus olhos piscam entre ela e a estrada. – A que horas?

– digo-lhes quando lhes disser. Mantém a tua grande boca fechada até eu o fazer.

– Que inferno, Hayden – resmungo. – Pensei que tinhas resolvido esta merda toda.

– Não vou enfrentar o pelotão de fuzilamento sozinha.

– Pelotão de fuzilamento? – Franzo o sobrolho. – O que é que isso significa?

– É aqui. – Chegamos ao cimo da colina e a uma grande clareira. Existe uma quinta principal e um conjunto de pequenas casas de campo à sua volta. Tem um aspeto caseiro e agradável, saído diretamente de um filme para a família. – Estaciona aqui. – Ela aponta para uma clareira onde está alinhada uma coleção de utilitários.

Hmm ... talvez o McLaren não se enquadrasse entre estes pedaços de lixo.

Estaciono o carro e ouço a porta de correr a bater.

– Hayden? – grita uma mulher.

– Sou eu, mãe. Estou em casa.

– Ah. – A mulher idosa chora enquanto ela e Hayden correm uma para a outra. Abraçam-se e a mulher chora lágrimas de alegria. A Hayden também chora.

Oh, Deus... Tento não revirar os olhos. Dramático.

Elas abraçam-se, abraçam-se e abraçam-se, e eu fico de lado como um idiota.

– Olá... Estou mesmo aqui, lembras-te?

– Mãe – Hayden sorri –, este é o Christopher.

A mãe dela olha-me de cima a baixo e sorri. – Bem... se não és o homem mais bonito que já vi.

– Olá. – Sorrio. Estendo a mão. Ela ignora-a e abraça-me com força, tanta força que quase parte uma costela.

Forte.

– Olá, Christopher. – A mãe da Hayden sorri. – Sou a Valerie.

– Olá, Valerie.

Ela abraça-nos aos dois e começa a levar-nos para dentro de casa. – Ainda bem que estás em casa, querida.

Tivémos tantas saudades tuas.

Hayden sorri largamente e beija a têmpora da mãe.

– Eu amo-te, mãe. É tão bom ver-te. – Hayden sorri. – Onde está o pai?

– Está a trabalhar. Deve voltar para almoçar em breve.

Hayden sorri para mim. Está tão feliz e no seu elemento. – Mal posso esperar para o ver.

Hmm... o comentário sobre o pelotão de fuzilamento está a começar a fazer mais sentido.

Foda-se.

Passamos por três cães grandes, que parecem mortos enquanto dormem, e subimos as escadas, para a varanda e para dentro de casa. – Oh, estás linda, Hazy. Tanta cor e tão relaxada.

– Oh, mãe, foi tão maravilhoso. Tu e o pai têm de viajar.

A Hayden e a mãe conversam e riem-se, e eu olho em volta para a casa. É eclética, como se tudo tivesse sido recuperado de uma loja de artigos usados. Quatro sofás, nenhum combina. A mesa de jantar tem um aspeto antigo, mas as cadeiras são todas diferentes. As obras de arte nas paredes variam entre tapeçarias, pinturas e desenhos a lápis de cera.

Há tapetes enormes em cores que não combinam por todo o lado e uma lareira enorme. Há uma coleção de pires de aspeto antigo exposta nas paredes como se fosse um tesouro nacional. Cheira a bolo quente e tem uma sensação muito serena igual à Hayden.

Sorrio. Não era disto que eu estava à espera, mas tudo faz sentido. Mais uma peça do puzzle Hayden se encaixa.

– Comam bolo. – Valerie sorri enquanto levanta um pano de cozinha para revelar um bolo.

– Acabadinho de sair do forno. – A Hayden sorri enquanto o corta.

O vapor sobe à medida que a faca o atravessa.

– Foi você que fez? – pergunto, surpreendido.

– Claro. – A Valerie olha de lado, como se fosse uma pergunta estúpida. – A mãe é a melhor cozinheira de todos os Finger Lakes. A Hayden sorri, orgulhosa.

– Ótimo. – Sorrio. Não faço ideia do que fazer com essa informação, mas enfim.

A porta abre-se com um estrondo e todos nos viramos para ver um homem enorme e corpulento a descalçar as botas à porta.

Parece o John Wayne... só que mais resistente e mais desgastado pelo sol. As suas roupas de trabalho estão sujas e velhas, e ele tem ar de ser uma pessoa sem rodeios.

– A minha menina está em casa? – chama.

– Sou eu, pai. – A Hayden corre para ele e abraçam-se.

– Já era altura de apareceres por aqui – diz ele, com a sua voz profunda.

A Hayden ri-se de pura alegria.

Ele é grande e tem um ar assustador. Fico de pé, sem saber se devo apertar-lhe a mão ou fugir.

– Quem é este? – diz.

– Pai. – A Hayden estende o braço na minha direção. – Este é o Christopher. Christopher... este é o meu pai, Harvey.

– Olá, Sr. Whitmore. – Sorrio. Aperto-lhe a mão.

A sua mão é tão áspera que nem parece uma mão... podia ser um pedaço de lixa ou um pedaço de madeira. Não há diferença.

Olha-me de cima a baixo. – Christopher, ei?

Finjo um sorriso e a Hayden pega-me na mão. – Ele é importante, pai.

É como se ela o estivesse a avisar para ser simpático. Ótimo, era mesmo o que precisava.

Ele aponta para a cadeira. – Senta-te, rapaz.

Rapaz.

Os pelos da minha nuca eriçam-se.

Não digas nada, não digas nada. Não digas nada, porra.

Pouco impressionado, deixo-me cair no meu lugar.

Os seus olhos avaliadores fixam-se nos meus do outro lado da mesa, e eu finjo um sorriso de volta.

Vamos lá, velhote.

– Onde é que tu vives? – pergunta.

– Pai – diz a Hayden –, deixa o Christopher instalar-se antes de lhe fazeres o interrogatório.

Ou não o faças de todo.

– Oh, meu Deus – grita a Hayden. – Quem é este?

Todos olhamos para ver um gato todo preto. É comprido e magro. Mais um rato do que um gato, na verdade.

– É o bebé da Milly. – A Valerie sorri.

– A Milly teve um bebé?

– Teve oito.

– Ele é como um jaguar. – A Hayden derrete-se.

Só que de forma muito menos impressionante.

– É um bom gato, esse – diz o Harvey com severidade. – Bom avaliador de caráter. Chama-se *Bryan*.

O Harvey é um homem de gatos?

Que merda, não temos literalmente nada em comum.

A Hayden sorri para mim, e eu lembro-me porque é que estou aqui.

Foca-te.

Tento fazer conversa.

– Têm uma casa linda.

– Obrigada. – A Valerie sorri. – Vivemos aqui... – continua a falar, mas não me consigo concentrar. O gato está agora a esfregar-se na minha perna. Tiro subtilmente a minha perna do seu caminho e ele cai sobre os meus pés.

– A quinta a duas propriedades... – continua o Harvey.

O *Bryan* começa a roer-me os atacadores e eu afasto o pé.

Desaparece, gato.

– De onde és, Christopher? – pergunta o Harvey.

O *Bryan* agarra as minhas pernas entre as suas duas garras e morde-me a canela.

– Ahh. – Dou um salto e olho para debaixo da mesa. – O *Bryan* está a ficar um pouco cruel. – Franzo o sobrolho, enquanto observo o cabraãozinho furtivo. – Parece mesmo um pequeno jaguar.

– Nova Iorque – responde a Hayden por mim. Dá um gole casual no café.

Dentes afiados e ferozes cravam-se no osso do meu tornozelo através das meias, e eu estremeço interiormente, fingindo que nada se passa.

Ahh.

Que raio se está a passar ali em baixo?

O Harvey continua a conversa.

– Cidade confusa, essa.

– Sim, sim, é. – Olho para debaixo da mesa e vejo o *Bryan* a preparar-se para me atacar outra vez. A cauda dele está a balançar de um lado para o outro enquanto se inclina para trás, pronto para se lançar, e eu começo a suar.

Uma ajudinha, Hayden?

– Onde é que vives? – pergunta Harvey.

Apanha-se raiva através dos gatos? Uma dor aguda atravessa-me quando *Bryan* ataca a sério.

– Ahh – grito.

– O que está a acontecer? – A Hayden ergue o olhar. – Ele não gosta de ti? – pergunta o Harvey, secamente.

– Oh, ele gosta de mim. – Sorrio enquanto os dentes afiados se cravam diretamente no osso. – Talvez um pouco demais. A minha mãe é alérgica.

– Não gostas de gatos?

– Adoro-os – minto com um sorriso. – Estou ansioso por me aconchegar com o pequeno *Bryan* esta noite.

Não é uma mentira a sério. Há muito tempo que sou um “encantador de gatas”. Pequenos jaguares inferiores com problemas de atitude, talvez não tanto.

Os olhos frios de Harvey fixam-se nos meus.

– Vamos desfazer as malas no nosso quarto. – A Hayden levanta-se, quebrando o momento. – É tão bom estar em casa, pai.

O Harvey puxa a filha para um abraço.

– Jantar às seis. – A Valerie sorri.

Sigo a Hayden pela porta da frente e até ao carro. Pegamos nas nossas malas e eu vou voltar para casa.

– Por aqui – diz ela.

– Para onde?

– Tenho a minha própria casa na propriedade.

– Tens?

Ainda bem que sim.

– Ótimo.

Caminhamos cerca de 150 metros pela estrada e chegamos a uma bonita casa de campo. Hayden abre a porta e eu sorrio.

Isto sim... muito melhor.

Está decorada em tons pastel e com mobiliário acolhedor e confortável, e sinto imediatamente a presença tranquilizadora da Hayden. – Isto é lindo, querida. – Sorrio ao olhar à volta.

– Gosto. – Ela olha em redor como se estivesse a ver tudo pela primeira vez. – O meu quarto é lá em cima. Ele conduz-me pelas escadas e todo o andar de cima é o quarto dela. É feminino, doce e romântico... tal como ela.

E, ao contrário do meu quarto, onde ela consegue ouvir os gemidos, aqui só consigo sentir o amor que ela tinha com o ex.

Olho para a cama e imagino outro homem nela. Será que ele a possuiu aqui? Claro que sim. Desvio o olhar com raiva.

Odeio que a tenha tido.

– É uma cama nova – diz ela como se me estivesse a ler o pensamento.

Aceno, agradecido. – Boas notícias. – Tomo-a nos meus braços e beijo-a suavemente. – O teu pai odeia-me.

Ela ri-se.

– O meu pai odeia toda a gente.

Voltamos a beijar-nos, a língua dela enrolando-se na minha, e eu encaminho-a para trás.

– Temos de batizar esta cama. – Sorrio.

Ela olha para mim, toda linda e fodível.

– Como é que eu sabia que ias dizer isso?

Atiro-a para a cama.

– Palpite de sorte.



Passo a lâmina de barbear pela cara, enquanto Hayden se veste no quarto atrás de mim.

– Então, já sabes o plano? – pergunta.

– Sim.

– Qual é?

– Deixar-te falar. – Reviro os olhos enquanto lavo a lâmina.

A Hayden está a passar-se, e tenho de admitir que é contagioso.

Tenho a certeza que o velho Harvey tem uma ou duas caçadeiras por aqui.

E depois há aquele gato selvagem que me quer comer vivo debaixo da mesa. Esperemos que esse cabrão esteja a caçar o que os gatos caçam à noite.

– E o que quer que a minha mãe prepare, tu comes.

Desvio o olhar da lâmina. – O quê? – Olho para ela enquanto o meu cérebro falha. – O que queres dizer?

– A minha mãe é do campo. Só... se queres ficar do lado bom do meu pai, come tudo o que ela preparar.

– Como o quê, o que é que ela poderia cozinhar?

– Não sei. – Ela põe desodorizante. – Ela gosta de cozinhar com miudezas.

Miudezas?

– Sabes, como cérebros, rins e outras coisas.

– Estás a brincar, certo?

Ela abana a cabeça. – Não.

Olho para ela enquanto começo a suar. Imagino os órgãos todos dispostos numa mesa e sinto-me a desmaiar.

– Basta. Comeres. Tudo. – Ela arregala os olhos.

– Claro que vou comer. Que tipo de cobarde pensas que sou?

Foda-se.

– Sai da frente enquanto eu me penteio – diz ela. Deixo-a a sós e desço as escadas. Mando mensagem ao Elliot.

Vou agora jantar com a família dela.

O pai dela odeia-me.

A mãe dela cozinha órgãos e o gato quer arrancar-me os tomates debaixo da mesa.

Envia isto à polícia se nunca mais tiveres notícias minhas.

Capítulo Vinte e Cinco

- O lá. – A Hayden sorri quando entramos na cozinha.
- Olá. – A Valerie sorri, enquanto mexe algo no fogão quente. – Jantar daqui a dez minutos.
- Hum, algo cheira deliciosamente – digo. Nem sequer estou a brincar; cheira mesmo bem aqui dentro.
- Só o melhor para os meus amores – responde a Valerie. – o teu pai está na sala.
- A Hayden desaparece para a sala de estar, e eu afasto-me e observo a Valerie por um momento. Ela é o epítome do amor pelo campo. Sei de onde vem a disposição calorosa e feliz da Hayden.
- A Valerie tem isso de sobra. Ela transborda alegria, e eu senti-o no momento em que nos conhecemos, e sinto que já a conheço.
- O exato oposto do seu marido irritadiço. Tenho medo que o Harvey e eu não nos entendamos e que isso estrague tudo.
- A Hayden adora o chão que os pais pisam. Se eu estragar tudo com eles, estrago tudo com ela.
- Fico na cozinha por instantes.
- Como foi o seu dia? – pergunto a Valerie.
- Foi bom, querido. – Ela sorri de forma calorosa e os seus olhos conhecedores fixam-se nos meus. – Ele não é tão assustador como parece, querido.
- É bom saber.
- Demoro-me mais um pouco.
- Algum conselho? – pergunto.
- Para lidar com o Harvey?
- Assinto com a cabeça.
- Sê tu próprio.
- Contraio o rosto.
- Acima de tudo, o Harvey respeita honestidade.
- Eu também.
- Sim. – Ela esfrega-me o braço. – Eu sei.
- Sabe?
- Meu querido, eu falo com a Hayden todos os dias. Sinto que eu e tu já somos amigos próximos.
- Sorrio, sentindo-me um pouco melhor.
- Bem... a sua filha é obra sua, Sra. Whitmore. É a pessoa mais bonita que já conheci.
- As lágrimas enchem-lhe os olhos à medida que se emociona.
- Eu sei.
- O que estão aqui a fazer? – A Hayden aparece na esquina.
- A falar. – A Valerie sorri.
- Esta é a melhor noite de sempre. – A Hayden passa os braços à volta da minha cintura para me abraçar.
- As minhas pessoas favoritas todas numa casa.
- Beijo-lhe a têmpora.
- Anda ter com o pai. – Ela agarra na minha mão e puxa-me para a sala de estar, e vejo o Harvey sentado na sua cadeira reclinável no canto da sala.
- Olá, Sr. Whitmore. – Sorrio.
- Os seus olhos fixam-se nos meus e ele aponta para o sofá.
- Senta-te.
- Obrigado. – Sento-me no sofá.
- Podem falar os dois. Vou ajudar a mãe – diz a Hayden.

Não me deixes aqui com ele.

– Está bem – respondo.

O Harvey continua a ver televisão com o comando na mão.

Pressiono os lábios. Olho entre ele e a televisão. Devia fazer conversa ou assim.

– É bom estar de volta a solo americano – digo eu.

Ele acena com a cabeça e continua a ver televisão como se não estivesse interessado. Espero que ele diga alguma coisa... não diz.

Idiota mal-educado.

– Uma quinta tão grande deve dar muito trabalho – digo eu.

– Agora temos a Hayden em casa para nos ajudar – diz, enquanto os seus olhos se mantêm fixos na televisão.

Aperto a ponta do meu nariz. *Foi direta essa.*

Fico em silêncio, sem saber bem o que dizer a seguir. Ele vai ficar furioso quando souber que ela vem para Londres comigo.

Rolo os dedos no braço do sofá enquanto procuro no meu cérebro um plano de ataque.

– O jantar está pronto – chama a Hayden.

O Harvey levanta-se e passa por mim para sair da sala, e eu olho para ele.

A sério?

Dá para ser menos hospitaleiro?

Ainda bem que a Hayden sai à mãe e não a este sacana mal-educado.

Entro e encontro uma grande quantidade de comida na mesa de jantar, prato após prato de comida deliciosa.

Oh, Deus... ela está a cozinhar há uma semana? Não sei se a minha mãe alguma vez cozinhou tanta comida em toda a minha vida.

– Vem mais alguém? – pergunto.

– Não. – A Hayden sorri enquanto faz um gesto para a minha cadeira. – Somos só nós.

– Uau. – Sento-me. – Parece delicioso.

A Hayden senta-se ao meu lado, pega na minha mão e sorri para mim.

Está tudo bem. Isto é por ela.

Distribuímos os pratos em silêncio.

– O que fazes na vida, rapaz? – pergunta o Harvey.

– Christopher – corrijo-o. – Não me chame *rapaz*.

A Hayden pisa-me o pé por baixo da mesa.

Comporta-te.

Os seus olhos fitam os meus, e eu levo uma garfada grande à boca.

Oh, merda, esqueci-me de verificar... isto são os miúdos? Estudo o meu prato enquanto mastigo. Não vejo nada fora do comum.

– Fiz-te uma pergunta.

– Trabalho em publicidade – respondo de forma brusca.

A Hayden aproxima-se e põe a mão na minha coxa para me lembrar de me calar.

Tenho de mudar de assunto.

– Onde anda o jaguar? – pergunto.

– Oh, o *Bryan*? – A Valerie sorri. – Ele chegará a casa para jantar em breve.

– Onde é que ele vai durante o dia?

– Quem sabe – responde o Harvey. – À procura de ratos, provavelmente.

Certo, mantenham a conversa longe de mim.

– Há quanto tempo são proprietários da quinta? – pergunto.

– Somos a terceira geração nesta terra – diz o Harvey. – Em breve, teremos a quarta. – Ele pisca o olho a Hayden.

A Hayden sorri para o pai, e o meu estômago revolve-se. Foda-se.

Parece uma seita.

– Onde é que vives, Christopher? – pergunta o Harvey.

Chamou-me Christopher. É uma pequena vitória.

– Vivo... – Pauso. Oh, merda, como respondo a isto? – Vivo entre Nova Iorque e Londres.

O Harvey ergue o olhar. Os seus olhos cruzam-se com os da Valerie.

– A família do Christopher é muito bem-sucedida – diz a Hayden.

- Como assim? – pergunta o Harvey, secamente.
- Conheces a grande empresa Miles Media? – pergunta ela.
- Não.
- A que faz os jornais?
- O que tem? – questiona.
- É o negócio da família do Christopher.

Os seus olhos encontram os meus.

– Então... trabalhas com a caneta na mão? – Começo a ouvir o pulsar do meu coração nos ouvidos.

Não me enerves, velhote.

– Trabalho em publicidade para uma empresa de sucesso e não gosto da sua falta de respeito, Sr. Whitmore.

Um meio sorriso atravessa-lhe o rosto, os olhos dele em mim.

– Uso um computador, não uma caneta. Década errada – murmuro, enquanto como uma garfada.

O Harvey ri-se, claramente divertido consigo próprio à minha custa.

Idiota.

Hayden bate-me na coxa por baixo da mesa, num sinal subtil de *acalma-te*.

– Então... como é que achas que isto. – Gesticula para o ar entre nós. – Vai durar com vocês os dois a viverem em países diferentes?

Fico em silêncio e olho de relance para a Hayden. Levanto a sobrancelha.

Conta-lhe. Conta-lhe agora.

– Bem... Tenho notícias. – A Hayden faz uma pausa. – Vou mudar-me para Londres para viver com o Christopher.

O tilintar de facas e garfos a bater nos pratos soa pela divisão.

A Valerie arfa.

Eu começo a transpirar. Foda-se.

Os olhos frios do Harvey fixam-se nos meus, e ele mastiga a comida na boca enquanto processa a informação.

– Vai ser uma... nova aventura – diz a Hayden, enquanto olha nervosamente entre eles.

– Onde vives em Londres? – O Harvey dirige a conversa para mim.

– Tenho um apartamento na cidade.

– Um apartamento? – Ele cerra o olhar. – Esperas mesmo que a Hayden viva numa caixa sem ar fresco no meio da cidade?

– Pai – sussurra a Hayden.

Ele levanta a mão para ela em sinal de *stop*.

– Agora, menina, tens de pensar muito bem nisto. Não há vacas no meio de Londres, Hayden.

A Hayden fica em silêncio.

– Não gosto disto. Não gosto nada disto – diz o Harvey.

– É um teste.

– Um teste? – explode o Harvey.

– Para a Hayden – corrijo-me. – Se ela não gostar de viver na cidade... então... – Encolho os ombros.

– Então o quê? – pergunta com brusquidão.

– Não sei, mas, por favor, saiba, Sr. Whitmore, que eu amo a Hayden – anuncio. – Nunca trocaria a felicidade dela pela minha.

A Hayden pega na minha mão e coloca-a no meu colo.

– E *vou* casar com ela um dia. Com ou sem a sua permissão.

Ele estreita os olhos enquanto olha para mim.

– Se a Hayden não gostar de viver em Londres, eu nunca a manterei lá contra a sua vontade.

– E se ela quiser viver aqui?

– Então vivo, vou viver. – Encolho os ombros.

– O que é que significa a porra do encolher de ombros? – vocifera ele. – Um encolher de ombros não é suficiente para apostar o futuro da minha filha.

– Significa... Que vou entender – digo. – Desde que esteja contigo, vou ser feliz.

A Hayden sorri para mim. Inclino-me e beijo-a.

– Eu também, querido.

– Poupem-me – dispara o Harvey. Atira o guardanapo para cima da mesa, com desagrado, e sai da divisão.

– Não vais comer isto? – pergunta-lhe a Valerie.

– Acabei de perder o apetite – diz ele. Ouvimo-lo subir o corredor e a porta do quarto a bater.

A Hayden exala e a mãe fica quieta, aparentemente em choque.

– Eu amo-o, mãe – sussurra.

– Eu sei. – A Valerie sorri de tristeza.

– Tenho de...

A Valerie para de falar.

– Eu sei.

O gato entra e deita-se no chão, todo fofinho, como se estivesse a tentar distrair-nos de propósito, e eu reviro os olhos.

Onde estavas há dez minutos, gato estúpido? Estás atrasado, Bryan.



Duas horas depois, estamos deitados na cama a ver televisão. A Hayden está calada e mal disse duas palavras desde que o pai se foi embora.

A minha mão está na anca dela enquanto ela se deita de lado, virada para mim.

– Vai-lhe passar – digo. – Assim que ele me conhecer, tenho a certeza...

Corta-me a palavra.

– Eu sei.

Mas, com toda a honestidade, não sei se vai.

Não podíamos ser mais diferentes.

A Hayden desliga o candeeiro da mesa de cabeceira do lado dela.

– Boa noite – diz ela.

– Recebo um beijo de boa noite? – pergunto.

Ela senta-se e beija-me.

– Eu amo-te.

– Eu também te amo. – Sorrio.

Ela deita-se e fica novamente de costas para mim.

Hum... Parece que não há amor no campo para mim.

– Portei-me mal esta noite? – pergunto.

A Hayden ri-se.

– Estava a gozar contigo, totó.

– Oh. – Sorrio. – Ainda bem. – Caí completamente.

Desligo a televisão e apago o meu candeeiro, e deitamo-nos na escuridão.

Muuuuu, ouve-se ao longe.

Muuuuu.

Escuto a sinfonia das vacas durante mais de meia hora.

– Porque é que aquela vaca está a fazer aquilo? – pergunto. – Não fica com dor de garganta?

– Temos alguns vitelos a chegar. Diria que alguma está a dar à luz.

– Oh. – Que estranho. – Como sabes quando estão grávidas?

Ela ri-se.

– És um idiota.

– Mas...

– Oh, meu Deus, Christopher. – Ela ri. – És hilariante.

Hilariante?

Deito-me no escuro, a pensar porque é que sou um idiota hilariante por não saber a resposta a uma pergunta legítima.

Mas, a sério... como raio é que sabem?



Acordo com o som de um grande motor a rugir e contraio o rosto.

Que raio é aquilo? A Hayden não está na cama comigo.

É madrugada, cedo. O sol está a nascer, levanto-me, vou até à janela e estreito os olhos... o quê?

Estou a ver bem?

A névoa vagueia pelo chão, e a Hayden está a conduzir um trator enorme pelo cercado e para longe. Há um cão sentado no colo dela.

Mas que raios?

Ela sabe conduzir um trator? E... os cães andam de trator? Porra, o que virá a seguir?

Desço as escadas, preparo uma chávena de café e tomo um duche. O sol já está no alto, e a Hayden ainda não voltou.

Abro a porta da frente e há outro cão enorme deitado à frente da porta.

– Pareces um tronco – murmuro, enquanto passo por cima dele. – O que se passa contigo, és demasiado gordo para subir para o trator? – Saio para o cercado e olho em volta; o sol brilha e os pássaros chilreiam. Até eu tenho de admitir que isto aqui é muito bonito. Vou na direção para a qual a Hayden conduziu. Pergunto-me onde é que ela está.



Quinze minutos depois, chego ao cimo da colina e vejo o trator parado, a Hayden e um pouco de agitação.

O que estão a fazer ali em cima?

Estreito os olhos e tento focar. Acho que também lá está o Harvey... hum, não posso ir embora agora. Já me viram.

Bem, se me odiar, paciência.

Aproximo-me cada vez mais e não faço ideia do que se está a passar aqui em cima.

Uma vaca está deitada de lado, com a perna no ar, e todas as vacas do cercado estão a gritar enquanto observam.

Isto é tão estranho... Continuo a andar e, quando me aproximo, vejo que a Hayden está ajoelhada ao lado da vaca.

O que é que ela está a fazer? Oh...

Os meus olhos arregalam-se de horror.

A Hayden tem o braço enfiado no rabo de uma vaca até ao sovaco... ou será uma vagina... ou...

Fico sem pinga de sangue e os meus joelhos ficam fracos. Não me sinto muito...

HAYDEN

Pum...

– Por amor de Deus – resmunga o meu pai.

Olho para cima e vejo o Christopher a bater com força no chão ao desmaiar. Fico a rir-me ao mesmo tempo que tento virar o bezerro.

– Vai ajudá-lo.

– Não, Hayden – responde, secamente.

– Pai, estou um bocado ocupada aqui.

– Não tenho tempo para as suas tretas de lindinho – murmura, enquanto se dirige ao Christopher, que ainda está inconsciente.

– Pronto, rapariga – sussurro, enquanto coloco o vitelo em posição. – Isto vai ajudar-te.

Vejo o meu pai inclinar-se para o Christopher e sorrio ao vê-lo dar-lhe palmadinhas na cara.

Vou esperar e ver o que acontece. O Christopher recupera os sentidos e senta-se.

– Estás bem, querido? – pergunto.

Ele assente, envergonhado.

– Está ótimo – diz o meu pai. Ele agarra na cabeça do Christopher, olha para o seu cabelo e diz qualquer coisa que eu não consigo ouvir.

O Christopher afasta-o.

– Não me toque – grunhe.

Pressiono os lábios para esconder o meu sorriso.

– Este maldito idiota precisa de levar pontos na cabeça – diz o meu pai.

– Oh, não. – Levanto-me.

– Fica aí – diz o meu pai, enquanto ajuda o Christopher a levantar-se. – Eu levo-o à cidade.

Fico a olhar para eles por um momento enquanto faço uma avaliação interna do risco. OK...Tenho de os deixar fazer isto. Se discutirem, discutiram. Tenho fé que eles acabarão por se apreciar mutuamente.

– Não te importas? – confirmo. – Não posso deixá-la.

O Christopher assente e eu corro até ele. Tem uma gota de sangue a pingar-lhe da nuca para a camisa.

– Dói-te?

– Só o orgulho. – Encolhe os ombros.

O meu pai atira a cabeça para trás e ri-se alto, e eu tento não me rir, tento mesmo, mas falho redondamente.

– Ainda bem que vocês os dois acham que isto é engraçado – dispara o Christopher. – Tenho uma hemorragia interna. Talvez esteja a surgir um aneurisma.

– O pai vai tomar conta de ti. – Sorrio.

– Vai mesmo? – Christopher arregala os olhos.

– Vamos para casa, rapaz. Eu coso-te – provoca o pai. – Tenho uma agulha e linha na caixa de primeiros socorros.

Mordo o lábio para me impedir de rir à gargalhada.

– Nem pense que vai tocar na minha cabeça, seu maníaco. preciso de um cirurgião plástico especialista. E não me chame *rapaz!* – grita o Christopher.

O meu pai ri-se mais enquanto segura o Christopher pelo braço. Ainda está tonto e talvez tenha uma concussão.

– És mais idiota do que eu pensava.

Volto para junto da vaca e ajoelho-me ao lado dela. Agora que o vitelo foi virado, tudo deve correr como planeado. Eu podia levar o Christopher ao hospital... mas não o vou fazer.

Eles precisam disto.



São onze da manhã e acabei de tomar duche. Já lavei uma máquina de roupa e estou à espera que o Christopher volte do hospital. O pai ligou-me enquanto ele estava a levar os pontos. Está bem e devem estar a chegar a casa em breve.

Tenho uma semana para fazer com que o pai veja no Christopher o que eu vejo. Só não sei exatamente como o fazer. Foi preciso viver com o Christopher durante três meses para finalmente ver a sua verdadeira face.

E que bela face.

Ouçõ uma *batida* na porta.

Porque é que ele está a bater?

– Está aberta – digo. Tiro a roupa da máquina de secar e coloco-a no cesto, saio para a sala de estar e estanco onde estou.

O Regi está aqui.

Fico sem ar. É a primeira vez que o vejo desde que ele me partiu o coração há três anos.

Está mais velho, mais largo...

– Olá, Haze. – Ele sorri, com otimismo.

Eu cerro os olhos, demasiado chocada para falar.

Dá um passo na minha direção.

– Estás... – Ele engole o nó na garganta. – Linda.

– O que fazes aqui?

– Queria ver-te.

– Porquê?

– Penso em ti a toda a hora.

Ouç o pulsar zangado do meu coração nos ouvidos.

– Não faças isso.

– Alguma vez pensas em mim?

– Não – cuspo.

Quer dizer, pensava... todos os dias, até conhecer o Christopher. Já não.

– Tenho saudades tuas... – sussurra.

– O quê? – Arqueio o olhar.

– Era novo, Haze. – Encolhe os ombros. – Não sabia o que tinha.

A porta bate e o Christopher entra. Desta vez, o meu coração para.

Foda-se.

Olha para o Regi e para mim.

– Olá.

– Olá, querido. – Sorrio. – Este é o Regi. Regi, este é o Christopher, o meu noivo.

O Christopher contorce o rosto antes de perceber.

– Quem és tu? – pergunta o Regi.

O Regi inclina o queixo, irritado com a minha apresentação.

– Sou o namorado de infância da Hayden. O seu primeiro amor.

Oh, não.

O Christopher eleva uma sobrançelha.

– Tens cá uma lata em aparecer.

– O que é que isso significa? – O Regi franze o sobrolho.

– Acho que deves um pedido de desculpas à Hayden.

– Porquê?

O Christopher olha para ele e dá um passo em frente.

– Queres que te dê um pontapé no cu para te lembrar, seu idiota covarde?

O Regi dá um passo atrás.

O meu coração enche-se de amor pelo Christopher, o meu cavaleiro andante.

– Não tenho nada por que pedir desculpa – diz o Regi.

– Um – diz o Christopher com calma.

Arregalo os olhos... mas que raios? Está a fazer uma contagem decrescente?

– Dois...

– Christopher – balbucio –, deixa.

– Ele deve-te um pedido de desculpas, Hayden – dispara. – Quero ouvi-lo,

porra.

– Não vou pedir desculpa por ser jovem – dispara o Regi. – Não é da tua conta.

– A Hayden é a *única* coisa que é da minha conta. – O Christopher agarra-o pela camisa e atira-o do porta fora. Atira-o dos cinco degraus. – Tiveste a tua maldita oportunidade e arruinaste-a – grita ele. – Não tentes arruinar a minha. – Afasta-te dela ou terás de lidar comigo.

O Regi olha para a casa em choque. O seu peito sobe e desce enquanto tenta respirar.

– Estás-me a ouvir? – avisa o Christopher.

O Regi acena com a cabeça e, com um último olhar, dirige-se para o seu carro, fazendo-se de forte.

Saio pela porta da frente, chocada, e viro-me para ver o meu pai ao lado da porta. Ele ouviu tudo.

Tenho os olhos arregalados. Estou completamente chocada.

– Pai...

O meu pai esboça um sorriso e pisca o olho. Sem dizer uma palavra, vira-se e caminha em direção à casa.

– O jantar é às seis – diz.

Olho para o meu homem, todo animado e zangado, e sorrio para ele.

– Vais ter *tanta* sorte hoje à noite.

– Já não era sem tempo – diz ele, enquanto passa por mim e entra em casa. – Odeio aquele gajo.

A porta de vidro bate com força e eu sorrio, orgulhosa.

Este é o meu homem.

Uma semana depois

Estamos sentados na sala de embarque do aeroporto. Passámos uma semana fantástica e, embora os meus pais não estejam contentes com a minha mudança, acho que compreendem o que eu vejo no Christopher.

A sua boca de espertalhão fez o meu pai sorrir muito mais do que ele gostaria de admitir.

E a minha mãe... bem, ela também está praticamente meio apaixonada por ele.

O Christopher está a ler um livro, e nós vamos apanhar um avião comercial; os aviões da família dele já estão a ser utilizados.

– Vou comprar uma revista – digo.

– Está bem, querida.

Vou ao quiosque, dou uma vista de olhos pelas opções e paro quando vejo um título num jornal.

Christopher Miles finalmente sai do esconderijo

Mas que raios?

Será o *meu* Christopher? Pegó no jornal.

— Levo este, por favor. — Pago à caixa, sento-me e folheio o jornal até chegar à história.

Arregalo os olhos. Há uma fotografia de meia página minha e dele. Foi na manhã seguinte à nossa chegada a Nova Iorque, quando eu tinha estado a chorar toda a noite.

Estamos de mãos dadas enquanto atravessamos a rua na Madison Avenue. Estou a usar uma roupa toda desmazelada, e, da forma como a luz me ilumina, a minha perna parece estar cheia de celulite até ao tornozelo.

Tenho a cara inchada de tanto chorar. Estou completamente horrorosa. Leio a história.

Christopher Miles regressou de uma licença sabática com a Miss Mediana.

Capítulo Vinte e Seis

CHRISTOPHER

Vejo a Hayden desaparecer na loja para comprar a sua revista com um sorriso.

– No que é que estás a pensar? – pergunta o Harvey do seu lugar ao meu lado.

– Em como sou sortudo.

– És mesmo – responde.

– Acabámos de a recuperar. – A Valerie torce as mãos no colo, e eu sei que isto não deve ser fácil para ela.

– Vou tomar conta dela, Sra. Whitmore. Tem a minha palavra.

Ela acena com a cabeça, os olhos enchem-se de lágrimas e, como se pressentisse um colapso iminente, levanta-se.

– Vou à casa de banho – diz ela antes de se afastar à pressa.

Vejo a Valerie afastar-se enquanto limpa as lágrimas e o desespero preenche-me.

– Christopher... – diz o Harvey ao observar-me.

– Sim.

– Agora... se conheces a Hayden como eu penso que conheces, compreendes que ela é especial.

Aceno.

– Sim.

– A Hayden não é como as outras pessoas. É diferente. É bondosa e confiável e detesta dramas. Nunca a vais ouvir queixar.

– São essas qualidades nela que eu adoro, Sr. Whitmore.

– A sua empatia para com os que a rodeiam é a sua maior força e, ao mesmo tempo, a sua maior fraqueza – continua. – Esperávamos que ela endurecesse durante a viagem à volta do mundo, mas voltou tão apaixonada por ti que nem consegue ver bem.

Os meus olhos procuram os dele.

– O que estou a tentar dizer é que cabe-te a ti certificares-te de que ela é feliz.

Contraio o rosto.

– Ela colocará as *tuas* necessidades e a *tua* felicidade à frente das dela, porque quando a Hayden ama, é para sempre.

Fico com um nó na garganta.

– A Hayden não fala muito, mas confio em ti para leres nas entrelinhas e me garantires que a protegerás a todo o custo... mesmo que isso signifique magoares-te a ti próprio.

Imagino se a Hayden alguma vez me deixasse... e a devastação que iria causar.

Nunca recuperaria.

A sua silhueta desfoca-se enquanto os meus olhos se enchem de lágrimas. – Tem a minha palavra.

Aperto-lhe a mão e os seus olhos enchem-se de lágrimas.

Foda-se.

Limpo os olhos, envergonhado.

– Para. – Rio-me.

Puxa-me para um abraço.

– Estou a confiar-te a coisa mais importante do mundo. Promete-me que a manténs segura.

– Prometo. Ele dá-me uma palmada nas costas e eu sei que é o fim. A partir de agora, tenho de ser

adulto. Já não há espaço para erros na minha vida. Se eu quiser amar alguém como a Hayden, preciso de dar um passo em frente e ser o homem que ela merece.

– Não acredito – diz a voz de Hayden ao nosso lado. – Vocês agora andam aos abraços?

Afastamo-nos um do outro com pressa.

– Estava só a dizer-lhe o quanto o odeio – diz o Harvey com a sua voz severa.

Rio-me, porque agora sei. Este homem é um coração mole.

– Claro que estavas.

– Onde está a mãe? – A Hayden olha à volta.

– Suspeito que está a chorar na casa de banho – responde o Harvey.

– Oh. – A sua expressão altera-se. – Vou ver dela. – Ela passa-me um jornal e levanta uma sobrancelha. –

Trouxe-te uma leitura interessante.

Arqueio as sobrancelhas ao seu tom subentendido, olho para o *Ferrara News* e vejo a manchete.

Foda-se.

O Harvey e eu voltamos a sentar-nos, e, enquanto ele continua a falar, eu folheio casualmente o jornal até chegar à história.

Christopher Miles regressou de uma licença sabática com a Miss Mediana.

Inspiro bruscamente, já nem vejo mais nada à frente. Como se atrevem.

Como. Raio. Se. Atrevem.

Não se metam com a Hayden.

Lixem-me o que quiserem, mas mencionem um cabelo na cabeça dela e é guerra.

Levanto-me, demasiado zangado para ficar sentado.

– Quer um café? – pergunto ao Harvey.

– Não, obrigado.

Dirijo-me para a cafetaria e percorro o meu telemóvel. Viro a esquina e ligo ao advogado principal da Miles Media.

– Christopher – atende ele, surpreendido. – Como estás?

– Furioso – grunho. – Saiu uma história no *Ferrara News* de hoje sobre a minha namorada e eu quero sangue, porra – cuspo. – Quero uma retração, um pedido de desculpas, e, se se atreverem a publicar mais uma maldita história a respeito dela... Levo-os a tribunal – sussurro, furioso. – As imagens foram manipuladas por Photoshop e são uma completa e total treta.

– Acalma-te.

– Não vou acalmar-me – digo, quase a gritar. – Trata disto. Trata disto imediatamente!

– Eu trato disso.

Desligo de repente. A adrenalina bombeia-me pelas veias. Estou tão passado que já nem estou a ver bem. Ando para a frente e para trás enquanto tento acalmar-me. Nunca estive tão zangado, porra.

Mediana... mas que merda? Como se atrevem!

Como se atrevem a desrespeitar qualquer mulher com esse termo depreciativo? Mas *a minha* mulher... nem pensar.

O meu telefone toca.

Jameson

– O que foi? – atendo.

– Acabei de ver – responde.

– Resolve esta merda. – Já estou a fumar, enquanto ando. – Não vou deixar que a tratem desta maneira.

– Já estamos a tratar disso. Acalma-te.

– Acalma-te! – grito. – O *Ferrara* acabou de traçar uma linha. Ela vai ser um alvo.

– Não sabemos isso.

– Sim. Sabemos, porra! – grito. Sinto o coração a latejar com força no meu peito. Estou tão furioso que mal consigo falar. – Estou prestes a entrar num avião. Resolve. – Desligo de repente.

Vou até à janela e fico a olhar para os aviões na pista, enquanto imagino a tempestade de merda em que estamos prestes a entrar.

Meu Deus.

– Querido. – A mão da Hayden desliza à volta da minha cintura por trás. – Está tudo bem?

Viro-me e tomo-a nos meus braços, e começo imediatamente a descontrair. Esta mulher é tão calmante e

tão bonita, e que raio, o que é que ela vê em mim?

– Lamento imenso – sussurra – que... – Pauso. – Por favor, percebe que a história é um ataque a mim, não a ti. Não é pessoal.

Os olhos dela procuram os meus.

– Parece bastante pessoal.

Abraço-a e aperto-a com força, e não faço ideia do que dizer para melhorar a situação.

– Vou tratar do assunto – respondo.

– O que é que isso significa?

– Quero uma retratação.

O seu rosto esmorece enquanto se afasta de mim.

– Então, o que fizeste efetivamente foi garantir que toda a gente vai saber da história agora?

– Hayden, eles não se podem safar com uma história como esta. Não vou ficar de braços cruzados e deixar que uma mulher idiota escreva sobre ti desta forma.

– Como sabes que foi uma mulher?

– Porque os homens não pensam sobre as mulheres desta forma. Simplesmente, não pensam.

– A fotografia foi adulterada – diz ela, enquanto olha para mim. – Não tenho celulite nos tornozelos. Ninguém tem, nem os elefantes.

– Eu sei. Desculpa. Isto é chocante. – Olho-a fixamente. Tenho o coração na garganta enquanto espero pela explosão iminente.

– Isto não é chocante. – Ela cerra o olhar. – É... jornalismo patético da parte deles. Quer dizer, se me chamassem racista ou homofóbica, eu ficaria indignada e de coração partido. – Encolhe os ombros.

– Mas... Não tenho nada de que me envergonhar. Não visto o 34 e não sou supermodelo. Estou completamente em paz com isso.

Olho para a mulher linda à minha frente. Uma espécie de mulher tão diferente das que já conheci.

– Quer dizer, não é a minha melhor fotografia... obviamente. – Ela arregala os olhos. – Horrerosa, na verdade.

– Como é que não estás chateada com isto? – Sustento o olhar.

– Porque sou mais do que isso. E se alguém me julga pela minha aparência, isso é um reflexo dessa pessoa e não de mim.

Meu Deus...

– Sabes o quanto te amo? – sussurro.

– Bem, é bom que sim, porque estou prestes a mudar-me para o cu de judas de Londres para viver contigo.

Eu rio-me e tomo-a nos braços, abraçamo-nos e, passado algum tempo, sinto o meu coração voltar lentamente ao normal.

– A minha mãe está a chorar. – Suspira. – E o nosso voo está a embarcar.

– Deus.

– Estás pronto para ir para o cu de judas de Londres? Ela sorri para mim. – Por favor, diz-me que se fazem cenas com o cu em Londres.

– Continua a sonhar. Ela sorri, vira-se e vai-se embora. Olho-a fixamente... espantado.

A Hayden Whitmore é capaz de ser a pessoa mais forte que conheço... talvez que já tenha conhecido.

Calma e feliz, a sua natureza é uma força a ter em conta.

Quando eu pensava que não podia gostar mais dela, ela sobe a parada.

Sigo-a até à zona de partidas. Com o coração partido pelos seus pais, vejo-a beijar a mãe e o pai enquanto se despedem.

Dou um beijo à mãe dela e aperto a mão do Harvey, que me pisca o olho para me lembrar da conversa que tivemos.

– Vou tomar bem conta dela. – Sorrio, agradecido, por ele me ter dado um presente tão precioso. – Adeus, Sr. Whitmore.

– Adeus, Christopher.

Pego na mão da Hayden, e, enquanto ela lhes acena por cima do ombro, começamos a nossa nova vida.

Juntos.

HAYDEN

O carro entra no parque de estacionamento subterrâneo e eu olho pela janela com admiração.

Tantos carros de luxo alinhados.

Paramos junto ao elevador e o motorista abre a bagageira e sai para ir buscar a nossa bagagem.

– Não vamos voltar a sair esta noite – diz-lhe o Christopher. – Pode ir.

– Sim, senhor. – Ele acena. – Quer que eu leve as suas malas para cima?

– Não, eu consigo. Obrigado.

– Vemo-nos de manhã. Ele vira-se para mim com um sorriso gentil. – Boa noite, Menina Whitmore.

– Boa noite. – Sorrio. Oh, gosto deste motorista. É simpático, dá para ver.

O Christopher pega na sua mochila grande, coloca-a às costas e pega também na minha, e eu seguro na alça.

– Eu consigo.

– Eu levo-a para cima.

– Sou capaz de carregar a minha própria mochila, Christopher – bufo. – Não insultes a minha inteligência.

Ele ri-se e deixa-a cair aos meus pés. Aterra com um baque.

– Podias-ma ter passado – ironizo.

– Não queria insultar a tua inteligência – murmura enquanto entra no elevador. Ele vira-se para a frente com um olhar malicioso.

Conheço aquele olhar.

Entro ao lado dele e viro-me para a frente.

– Suponho que este apartamento vai ser outra lixeira para pegar fogo.

Ri-se.

– Pode dizer-se que sim.

– E a cama?

– Já foi queimada e foi instalada uma nova para Vossa Alteza.

– Então, onde é que vais dormir?

– A nova está pronta e à espera de ser corrompida com o seu servo fiel vitalício.

– Pensaste em tudo. – Sorrio.

Ele liga o dedo mindinho ao meu, e ambos sorrimos enquanto olhamos para as portas. Um gesto tão simples e pequeno, mas... significa tanto.

– Sofá de pele, casas de banho brancas – digo.

Ele faz uma cara feia.

– O que queres dizer?

– Suponho que tenhas um sofá de pele e casas de banho em mármore branco.

Ele sorri... gosta deste jogo.

– O que te faz dizer isso?

– Porque conheço o teu gosto.

– Oh. – Ele eleva a sobrancelha. – Ai é?

– Hum-hum.

– Queres apostar?

– Sim. – estendo a mão para lhe apertar a dele. – Cinquenta dólares.

Os seus olhos brilham de prazer.

– Não, não, não, só aposto coisas de que preciso.

– Tais como?

– Anal.

– O quê? – Arregalo os olhos.

A porta do elevador abre-se e ele sorri para mim.

– Tu ouviste. Quero ver até que ponto és realmente uma jogadora. – Ele inclina-se para baixo e põe os lábios junto à minha orelha: – Se pões o teu corpo em jogo.

Mordo o meu lábio para esconder o meu sorriso.

É um teste.

Pressiono os lábios enquanto olho para ele. O tiro pode sair-me pela culatra.

– Tudo bem... anal. – Estendo a mão e cumprimentamo-nos.

Ele abre a porta com uma gargalhada maléfica, e, enquanto ponho as mãos sobre os olhos, rio-me.

– Não. Nem consigo olhar.

– Não te preocupes, tenho lubrificante – provoca ele, enquanto me puxa pelo apartamento. Ainda tenho as mãos por cima dos olhos.

– Para.

– Ta-da. – Ele puxa-me os braços para baixo e estamos na sala de estar mais bonita de todos os tempos. No centro da sala, há um sofá de pele cor de chocolate orgulhosamente instalado.

– Ah! Eu sabia.

– Mas... *serão* as casas de banho brancas? – Sorrio. Também gosto deste jogo.

Viro-me e subo as escadas a correr para o quarto dele, enquanto ele me persegue. Corro pelo grande corredor, entro no quarto e paro imediatamente.

O ar sai-me dos pulmões e a minha boca abre-se enquanto olho em volta.

O quarto está cheio de rosas vermelhas. Jarra atrás de jarra.

Lindas rosas com cabeças enormes. Os meus olhos encontram os dele.

– O que é isto?

– Bem... – Encolhe os ombros casualmente enquanto olha à volta. – Se te vou foder o rabo... Quero que seja romântico.

Eu desato a rir e os olhos dele fitam-me, enquanto ele se ri também.

Ele toma-me nos braços e beija-me suavemente.

– A casa de banho é branca? – murmuro contra os seus lábios.

– Não.

Solto-me dos seus braços e entro na casa de banho.

– Apanhei-te – grito. Uma casa de banho em mármore branco em toda a sua grandeza.

– Vai-te foder. – Ele enrug a cara. – Como sabias? – Ele liga o chuveiro e bate-me contra os azulejos. Os seus lábios tomam os meus com fome, e depois puxa-me para debaixo de água, com roupa e tudo. Beijamo-nos, frenéticos e selvagens.

É sensual e molhado... e perfeito.

Como ele.

Com os nossos lábios colados, ele tira-me a camisa molhada por cima da cabeça.

– Quem é que trouxe as rosas? – pergunto.

Ele abre-me o fecho das calças e desce-as.

– Elliot.

Dou uma risadinha enquanto saio das calças molhadas.

– Obrigaste o teu irmão a trazer-me flores?

– Sim. – Ele beija-me. A sua língua percorre os meus lábios abertos. – Está a trabalhar comigo na cena romântico-anal. É um trabalho para dois homens.

Rio alto novamente. Este homem mata-me.

Ele beija-me de novo e, quando se despe, ficamos em silêncio enquanto olhamos um para o outro.

A sua enorme ereção exige atenção, pois está encostada à minha barriga, e eu tomo-a na mão e acaricio-a enquanto nos beijamos. Ele é mais ele aqui. Só me apercebi que ele estava calado em casa dos meus pais quando aterrámos no Reino Unido.

Os seus cabelos escuros caem-lhe sobre a testa. Os seus lábios são grandes e macios, e caramba. O seu grande corpo musculado está molhado e com aquela ereção à espera... só para mim.

Estou no céu.

Ele sorri sombriamente enquanto me levanta e me prende aos azulejos. Envolve as minhas pernas à volta da sua cintura e desliza para as profundezas.

O meu corpo ondula à volta do dele enquanto me toma. É isto que ele faz tão bem: dominar-me... fode-me tão profundamente que mal me consigo lembrar do meu nome.

Ficamos a olhar um para o outro, a água a correr sobre as nossas cabeças, a excitação a gritar através dos meus sentidos.

Os seus olhos escuros focam-se nos meus enquanto ele retira e entra com força.

– Ahh – grito. Os azulejos estão frios e duros nas minhas costas. Não que isso importe agora; quando estamos assim um com o outro, nada mais importa.

O *orgasmo* brilhante e ofuscante é tudo o que conseguimos ver.

Ele põe as duas mãos nos meus ombros e empurra-me contra a parede e afasta-se de mim.

– Levanta mais as pernas – diz-me ele.

Os meus olhos fecham-se... *merda*.

Levanto as pernas, ele abre bem as suas para ter mais força e dá-me com tudo. Bombadas profundas e castigadoras. O som da água a bater entre os nossos corpos é alto.

A fricção da sua pila pesada queima enquanto me dá com força.

Tão bom.

Ele respira com dificuldade e os seus olhos começam a revirar-se na cabeça. Sorrio, triunfante. É nesta altura que o amo mais.

Quando ele está à minha mercê, neste momento. Sou dona dele... e ele sabe.

Ele agarra os músculos da minha barriga da perna enquanto me segura. Estou

amassada contra a parede como uma folha de papel enquanto ele me cavalga com força.

E é bom... tão bom, caralho.

– Oh... – gemo. Tento aguentar, mas não consigo. Preciso dele. Estre-meço com força quando um comboio de carga de um orgasmo me atinge.

– Foda-se. Foda-se. Foda-se – geme ele enquanto se segura profundamente e se vem num ápice. Sinto o jato revelador do seu corpo dentro de mim.

Os seus olhos procuram os meus e eu sorrio suavemente. O meu tigre está domado.



Deitamo-nos de lado na cama. O quarto está iluminado apenas pelo candeeiro e olhamos um para o outro.

É tarde.

Por alguma razão, esta noite parece que atravessámos outra barreira, saltámos uma vedação invisível das relações. Atingimos outro nível. E não sei se é por estarmos na sua casa principal ou o que é... mas algo está diferente.

A sua barreira baixou um pouco mais. De dia para dia, está a deixar-me entrar mais.

E é perigoso porque não acho que seja saudável amar alguém como eu o amo a ele.

– Nunca pensei vir a ter isto – diz ele suavemente. Escuto.

– Tinha ouvido os meus irmãos falarem disto, contarem-me como era... mas, sinceramente, não acreditava.

– No que é que não acreditavas?

– Que alguém pudesse fazer-me sentir como tu fazes.

A emoção apodera-se de mim e eu sorrio enquanto o beijo suavemente. Os nossos lábios demoram-se um sobre o outro. Uma ternura que nunca esteve presente antes corre entre nós.

– Amo-te tanto – murmura.

Sorrio contra os seus lábios.

– Ainda estás a pensar naquela coisa do anal? – Ri-se.

– A cem por cento.

CHRISTOPHER

Bzz, bzz, bzz, bzz... o meu telemóvel dança pela mesa de cabeceira.

Viro-me para o desligar e expiro pesadamente. Argh, não sinto falta de acordar com este som.

A Hayden murmura sonolenta:

– Estás pronto para o teu primeiro dia de trabalho?

– Nem por isso. – Suspiro. – Suponho que devia estar mais entusiasmado.

Ela sorri enquanto me beija o peito. As nossas pernas estão entrelaçadas.

– Eu faço-te o pequeno-almoço.

– Não é preciso. Fica na cama, querida.

– Não. – Senta-se. – Preciso de algum tipo de rotina. Não posso ficar na cama metade do dia como uma preguiça. – Ela sai da cama e veste o robe. – E o que é que o meu homem quer comer? – Ata a fita do seu robe com um laço.

– Não me importava de te comer um pouco. – Agarro-lhe na perna quando ela passa por mim e puxo-a de novo para a cama. Beijo-a delicadamente, os nossos lábios demoram-se um sobre o outro.

– Queres vir para o trabalho na minha pasta? – pergunto.

– Quem me dera. – A Hayden ri-se. – Podias tirar-me de lá e brincar comigo nos intervalos.

Rio.

– É um bom plano.

Ela beija-me rapidamente e levanta-se.

– Levante-se, Sr. Miles. Não quer chegar atrasado ao seu primeiro dia.

– Suponho. – Suspiro.

A Hayden desaparece do quarto e ouço-a descer as escadas.

Tomo banho, faço a barba e visto-me com um fato azul-marinho e uma camisa branca. É tão estranho voltar a vestir-me assim. A minha licença sabática já está a tornar-se uma memória distante.

Algo que fiz uma vez.

– O pequeno-almoço está pronto, querido. – Ouço a Hayden chamar.

Sorrio. No entanto, a recordação linda de morrer que trouxe para casa valeu *bem* a pena. Com a Hayden na minha vida, nunca me senti tão bem e feliz.

Faço o nó da gravata e penteio-me, ponho o relógio e os sapatos, e fico a olhar para o meu reflexo no espelho. Acabou... mesmo.

Hora de crescer e começar a minha nova vida.

Uma vida com responsabilidades e alguém para cuidar. Olho para a minha cara e sinto uma pontada de tristeza.

As coisas nunca mais serão as mesmas, daqui para a frente...

– Christopher – chama a Hayden. – Não me obrigues a ir aí espancar-te.

Sorrio.

– Estou a ir, querida – digo.

– Não sejas condescendente comigo.

– Não me atreveria – murmuro para mim mesmo. Pego na minha pasta e desço as escadas.

A Hayden está sentada ao balcão da cozinha; o aroma celestial de omelete e café enche o apartamento. As notícias americanas estão a dar na televisão, e, enquanto ela está ali sentada de roupão, toda despenteada e acabada de foder... uma calma preenche-me.

E, de repente, todos os meus medos desaparecem.

É aqui que devo estar e exatamente com quem devo estar.

Londres, a minha casa. Com a minha amada e linda miúda.

Ela eleva a sobrancelha.

– Olha só para ti, todo diretor-executivo sensual.

Ela levanta-se e passa a mão pelo meu traseiro.

– Miau.

Ela volta a sentar-se e os meus olhos fixam os dela.

– Que olhar é esse? – pergunta.

– Que olhar?

– Esse brilho nos olhos.

Corto o meu pequeno-almoço.

– Tenho muito que agradecer.

– Como assim?

– A omelete e o café. – Levanto a minha chávena de café para ela numa saudação com um piscar de olhos.

Ela ri-se.

– Fico feliz por ser útil, Sr. Miles. – Ela também levanta a chávena de café.

– O que vais fazer hoje? – pergunto, enquanto corto a minha omelete.

– Hum... – Olha à volta para o apartamento. – Não faço ideia, para dizer a verdade. – Encolhe os ombros. – Acho que vou andar por aqui e depois talvez vá dar uma volta.

Olho com curiosidade.

– Dar uma volta onde?

– Ainda não sei.

– O teu motorista leva-te para onde quiseres.

– Ou... Posso apanhar um Uber. – Ela arregala os olhos.

– Sim. Podes – concordo. O meu instinto natural é pedir-lhe que fique perto de casa, mas sei que não

posso fazer isso.

A história no jornal perturbou-me mais do que gostaria de admitir. Sei que não a posso manter numa redoma de vidro. Se é suposto este ser o seu lar, ela tem de encontrar o seu próprio caminho. A simples ideia de ela não o fazer deixa-me doente do estômago.

Tomamos o pequeno-almoço, e eu tomo-a nos meus braços e beijo-a suavemente.

– Tem um bom dia.

Ela sorri para mim.

– Não gosto da ideia de não te ver. – Abraço-a com força. – Tens a certeza de que vais ficar bem aqui sozinha?

Ela ri-se nos meus braços.

– Meu Deus, sou patético – murmuro para o cabelo dela.

– Um pouco. – Ela aperta os dedos no ar, e eu agarro-a com força por trás e bato com as minhas ancas nas dela.

– É bom que me fudas até isto passar logo à noite – aviso-a.

– Está bem.

Beijo-a suavemente e pego na minha pasta. – Até logo à noite, querida.

Apanho o elevador para baixo e saio para ver o meu carro à espera. – Bom dia, Sr. Miles.

– Bom dia, Hans. – Entro no banco de trás do carro e fico a olhar pela janela enquanto arrancamos para o trânsito.

Tudo isto parece tão... desconhecido. Apesar de o ter feito durante toda a minha vida adulta.

Aqueles doze meses de ausência pareceram uma vida inteira.

Enquanto estamos sentados no trânsito da hora de ponta de Londres, marco o meu número preferido e ele atende logo no primeiro toque.

– Olá, Sr. Christo. – A sua vizinha feliz traz-me um enorme sorriso ao rosto.

– Como está o meu homem preferido?



Quarenta minutos depois, o carro para no edifício da Miles Media e eu saio do carro e olho para o arranha-céus elegante e moderno.

MILES MEDIA

Humm, é tão... grande.

Caminho pelo hall de entrada e reparo no mármore, nos guardas e no luxo absoluto do edifício.

Apanho o elevador para o último andar; as portas abrem-se com um plim e eu saio ao som do barulho do meu estômago.

Estou nervoso por estar de volta.

Chego cedo para começar o dia, passo pela receção vazia e desço até ao meu gabinete.

Os meus olhos percorrem o sofá e a vista deslumbrante, a grande secretária e o bar totalmente abastecido no canto. Uma sensação estranha apodera-se de mim.

Orgulho.

A minha família construiu este negócio a partir do zero, trabalhou até à exaustão, e eu devo-lhes muito.

Deram-me a oportunidade de uma vida... e raios, vou pagar-lhes o privilégio.

Ligo o computador com uma determinação renovada. Vou ser a melhor versão de mim mesmo que conseguir. Vou trabalhar mais do que nunca.

Devo-lhes pelo menos isso.

Abro o meu *e-mail*. Abrimo-lo de novo durante o fim de semana para preparar o meu regresso hoje.

Seiscentos e vinte e seis *e-mails*. Porra.

Abro a minha agenda no computador e vejo que estou cheia de compromissos para quase toda a semana. *Zooms* e teleconferências com Paris e Nova Iorque. Algumas até altas horas da noite.

Argh...

Tenho a sensação de que as primeiras semanas vão ser um inferno de agitação, enquanto ponho tudo em dia. O Elliot está cá durante uma semana comigo e depois parte para umas férias de dois meses, o que é justo.

Depois, é tudo comigo.

Envio um *e-mail* a Elouise, a minha assistente.

Olá Elouise,

É ótimo estar de volta!

Podes marcar-me uma reunião com a Reynolds Jewels quando a minha agenda permitir, por

favor?

Esta semana, se possível. Obrigado.

P.s. E vem ver-me quando chegares!

Christopher.

Levanto-me e faço um café com um sorriso.

Um anel de diamantes para o meu amor... A vida é bela.

HAYDEN

Ando às voltas pelo apartamento. É grande e grandioso e mortalmente silencioso. Não há sons nesta penthouse. Não há vento, chuva... vacas.

Nada.

Só são onze horas. É como se o tempo tivesse parado. O que é suposto eu fazer durante o resto do dia? Já lavei a roupa e limpei o apartamento, não que precisasse de o fazer. Já estava impecável.

Pego no telemóvel e o meu dedo passa sobre o nome do Christopher. Só uma chamadinha rápida?

Não...

Tenho de o deixar trabalhar em paz. Não lhe posso ligar sempre que estou aborrecida. Atiro o telemóvel para o sofá, vou até à janela e fico a olhar para a cidade. Está a chover a potes.

Ia dar uma caminhada ou... às lojas para comprar um vestido novo para sexta-feira à noite, mas não me apetece ficar ensopada e não faço ideia onde está um guarda-chuva.

Não há pressa. Acho que posso dar uma vista de olhos amanhã e tenho a semana inteira para encontrar um vestido. Quão difícil pode ser?

Deito-me no sofá e pego no comando da televisão.

Parece que tenho um encontro com a Netflix.

Passo pelos filmes. Agora... o que vou ver?

Quarta-feira

Percorro as lojas em piloto automático.

Como é que as pessoas gostam realmente de fazer compras? Preferia arrancar os dentes do que fazer esta merda por diversão.

O meu telemóvel toca e tiro-o da mala.

Miles Media

Ugh, Elouise.

Falei mais com a assistente do Christopher do que com ele esta semana.

– Olá, Elouise – atendo.

– Olá, Hayden – responde feliz. – O que se passa?

– O Christopher pediu-me para te ligar.

Claro que pediu.

– Sim.

– Ele pediu-me para te dizer que tem uma reunião de *Zoom* às seis da tarde, por isso vai chegar tarde a casa.

Reviro os olhos.

– Podes passar-lhe a chamada, por favor?

– Ele agora está numa reunião de direção que se prolongará pela tarde dentro.

– Posso dizer-lhe para te ligar entre isso e o *Zoom*, pode ser?

– Não, não é preciso. – Expiro pesadamente. – Está bem, obrigada por me avisares.

– Pediu-me também para te lembrar que tens uma reunião com a Zoe esta tarde, às duas da tarde.

– Como me poderia esquecer? – murmuro secamente.

Ela ri.

– Não te invejo, isso é certo.

– Ah, Elouise. Como é que concordei com isto?

– Vais adorar. A Zoe é a *personal shopper* do Christopher há muitos anos; estás em boas mãos. E não te esqueças que tens aquele baile de beneficência na sexta-feira à noite.

Uf ... nem me lembres.

– Ele está a tentar ajudar – acrescenta.

– Ajudar-me a fazer o quê? Ficar louca...

– Compra muito, é o que te digo. – Ela ri. – Gasta tudo.

Rio. Gosto da Elouise.

– Obrigada.

– E, Hayden...

– Sim.

– Por favor, liga se precisares de alguma coisa.

– Assim farei. – Sorrio. O Christopher tem a Elouise a fazer de ama-seca da Hayden. Juro, a pobre rapariga liga-me duas vezes por dia.

– Tem um bom dia.

– Adeus.

Olho para o meu relógio. Uma hora até ter de ir ter com a Zoe. Olho à volta... Pergunto-me onde é que está o bar. Preciso de vinho para esta sessão de compras.



Sento-me no bar perto do banco da janela enquanto bebo o meu vinho. Liguei à minha mãe e ao Eddie, e vou ter com a Zoe daqui a meia hora.

Não sei o que se passa comigo, mas o tempo parece ter parado nesta cidade. Juro que os dias se arrastam eternamente.

– Apanhámo-la. Ela está aqui. – ouço alguém gritar da rua – Menina Whitmore.

O quê?

Olho para cima e vejo um clarão, depois outro e mais outro. Quase ofuscante.

Um grande grupo de pessoas aglomera-se à minha volta enquanto me fotografa através da janela. Baixo-me e cubro a cara.

Que raio se está a passar?

Capítulo Vinte e Sete

CHRISTOPHER

Abro a folha de cálculo no ecrã grande e dez pares de olhos olham para ela.

– O que precisamos de fazer é concentrar os nossos esforços no serviço de *streaming*. Quando analisei os resultados dos últimos doze meses, a única coisa que é evidente é que...

O meu telemóvel vibra em cima da mesa...

Hayden

– Então, o que está a dizer é que não está satisfeito com o que temos estado a fazer enquanto estive ausente? – pergunta o Henry.

O meu telemóvel continua a vibrar...

Ligo-lhe de volta quando terminar.

– Não é inteiramente verdade, mas até certo ponto estou de acordo – respondo. – Se mudarmos a tática, mudamos o resultado.

Sento-me ao computador, enquanto a discussão continua, e, discretamente, envio um *e-mail* à Elouise.

Olá, Elouise.

Vê se está tudo bem com a Hayden, por favor.

Ela acabou de ligar e eu não posso atender.

– Aqui, deixa-me mostrar-te as minhas projeções se alterarmos a nossa rota agora. – Levanto-me e volto para o quadro.

HAYDEN

O telemóvel toca até ao fim.

– Raios, Christopher, atende a porcaria do telemóvel.

Desligo e marco novamente o número dele.

Estou escondida na casa de banho do bar, com o meu copo de vinho meio bebido ainda em cima da mesa. Os fotógrafos juntam-se à volta das portas da frente enquanto esperam para me fotografar.

Estou em pânico.

Isto é uma enorme invasão da minha privacidade. Não quero mais nenhuma fotografia minha em circulação. A última deixou o Christopher tão stressado que demorou três horas a acalmar-se. Estes sacanas são vis.

Uma empregada de mesa entra na casa de banho.

– Olá. Eles ainda estão aí? – Pergunto-lhe.

– Sim.

– Há alguma entrada nas traseiras?

– Não – diz ela, enquanto olha para eles pela porta. – Peço desculpa.

– Tudo bem. – Aceno. O meu telefone toca.

Elouise

– Elouise. Olá.

– Olá, Hayden – diz, feliz. – Estás bem, querida?

– O Christopher está preso numa reunião.

– Não. Não estou – sussurro. – Estou num bar, e um grupo de fotógrafos encontrou-me e estão à minha espera lá fora, e agora estou escondida na casa de banho – balbucio.

– Oh, meu Deus. Onde estás? Vou pedir ao Hans para te ir buscar agora.

Baixo o telemóvel.

– Qual é o nome deste bar? – pergunto à empregada de mesa.

– O'Brian's.

– Qual é a morada? Meu Deus, devo parecer estúpida, mas estava a andar pela rua sem prestar atenção.

Ela dá-me a morada e eu digo à Elouise.

– Espera aí. O Hans liga-te quando chegar à frente – diz Elouise calmamente.

Ouço o pulsar zangado do meu coração nos ouvidos. Isto é tudo tão dramático. E tão... nada a ver comigo.

– Está tudo bem, Hayden. Por favor, não te preocupes com isto. Faz parte do território Miles. Com o tempo, habituas-te – diz a Elouise.

Pouco provável.

– Fica na casa de banho. O Hans chega num instante.

Ah, odeio isto.

– Está tudo bem? – pergunta a Elouise.

– Sim – disparo. Nem consigo esconder o quanto estou zangada.

Fico na casa de banho e, vinte minutos depois, o meu telefone toca.

Hans

– Olá – atendo.

– Olá, Menina Whitmore. Estou em frente.

Espreito pela porta e vejo o Mercedes preto estacionado em fila dupla no meio do trânsito.

– Está um segurança comigo. Ele vai entrar para a ir buscar. Os meus olhos enchem-se de lágrimas de vergonha. *Que dramático.*

– Está bem.

Volto a espreitar pela esquina e vejo um guarda-costas corpulento sair do carro e entrar no bar, e eu endireito os ombros para me preparar.

Saio à pressa e o segurança dá-me um sorriso simpático.

– Olá, Menina Whitmore?

– Sim.

– Vamos. Fique perto. – Ele vira-se e sai do bar, e eu sigo-o como uma criança. As câmaras piscam, as pessoas chamam o meu nome e, num turbilhão de caos, sou conduzida para a parte de trás do carro que está à espera.

O guarda entra no banco do passageiro da frente e arrancamos para o meio do

trânsito.

– Imbecis – murmura o Hans por entre dentes. Chega uma mensagem da Elouise.

Cancelei a tua reunião com a Zoe para esta tarde.

Vamos ter de remarcar. Diz-me quando é possível.

Beijo

Expiro pesadamente, ótimo.

Agora nem consigo ir às compras.

Essa era a única coisa que eu ia fazer hoje... a *única* coisa.

Agora, também está estragada.

Olho para a janela enquanto fico a fumar internamente. Como é que estes cabrões se atrevem a perseguir-me pela cidade? Porque é que não fazem uma reportagem sobre um assunto que realmente interesse?

– Onde é que gostaria de ir, Menina Whitmore? – pergunta o Hans. – Para casa, por favor.

Duas horas depois

O meu telefone toca...

Christopher

– Olá – respondo.

– Querida, estás bem? – balbucia. – Estava numa reunião e acabei de saber o que aconteceu.

– Estou ótima. Já me acalmei e sinto-me estúpida por me ter deixado afetar.

– Tens a certeza?

– Sim.

– Não vão conseguir vender as imagens. Toda a gente foi avisada. Desculpa teres tido de lidar com isto sozinha.

– Não peças desculpa. Não tens culpa.

– Queres que vá para casa? Vou cancelar a reunião que tinha com Paris para esta tarde.

– Não. Ele não pode vir para casa sempre que me fotografam. Sei que tenho de aprender a lidar com esta merda. – Termina o teu dia. Está tudo bem.

Ele fica em linha. – Tens a certeza que estás bem? – Prometo.

– Encomenda algo esta noite, não cozinhes. Vou chegar atrasado por caus desta estúpida reunião.

– Está bem.

– Porque não vais fazer uma massagem ou uma pedicure...

Reviro os olhos.

– A sério?

– Só achei...

– Achaste mal. Até logo à noite.

Desligo. Idiota.

Porque uma massagem ou uma pedicure é tão fascinante. Será que ele me conhece?

Atiro o telemóvel para o sofá e começo a andar de um lado para o outro. Estou tão aborrecida que mal consigo ver em condições. Quero ser positiva e adorar este sítio, mas no fundo já sei.

Isto não é quem eu sou.

Esta vida citadina não é para mim.

Quero trabalhar, mas não quero comprometer-me com nada até ao fim dos três meses. Se decidirmos não viver aqui a longo prazo, não quero desiludir ninguém.

E se ficarmos?

Raios... a ideia de viver aqui para sempre é traumatizante. Não há relva, nem sol... nem uma única coisa para fazer. Tinha todas estas esperanças e sonhos de abrir o meu próprio negócio de criação de animais quando voltasse de viagem. Há anos que andava a trabalhar para isso. Ia arranjar um aprendiz e talvez arranjar um estábulo para trabalhar.

Mas, e agora?

Vou até à janela e olho para a cidade movimentada lá em baixo... não há animais aqui. Nem um.

Com exceção dos *paparazzi*, claro.

Exalo pesadamente, desapontada por me sentir assim. Quero adorar. Quero apoiar o Christopher e ser a boa namorada que ele merece, mas é como se, a cada dia que fico aqui, sentisse que perco um pouco mais de mim. Como se, minuto a minuto, estivesse a ver as minhas esperanças e sonhos a escorrerem lentamente pelo ralo.

Se ele me tivesse dito quem era.

Sei que disse que fiz as pazes com o Christopher por me ter mentido e compreendo que ele tinha uma razão válida para o fazer.

Mas, no fundo, estou ressentida. A vida dele está a correr lindamente, enquanto a minha está completamente parada.

Não temos uma troca igual de poderes. É tudo sobre ele e a *sua* vida e o *seu* trabalho... e como eu me devo encaixar neles.

E se eu quisesse que ele se encaixasse na minha vida... será que o faria? Claro que não. Nem sequer é uma opção e, quer dizer, é ridículo querer isso porque ele ganha muito mais dinheiro do que eu. Claro que o trabalho dele deve vir primeiro.

A ideia é deprimente.

Apaixonei-me por um simples empregado de limpeza e acabei por ficar com um viciado em trabalho... os dois homens que amo são de mundos diferentes.

22b00

Um filme está a passar, mas eu não estou a ver... Quer dizer, nunca fui de ver muita televisão, mas agora que é a minha única companhia, estou a começar a desprezá-la.

Olho para as horas no meu telemóvel: 22h00... meu deus, é tarde. Deve ser uma chamada muito longa para Paris, porra. Pobre Christopher, está a trabalhar

desde as oito horas da manhã. Espero que, pelo menos, ele tenha comido alguma coisa antes da reunião.

Ele trabalha demais.

Expiro pesadamente e pego no comando para desligar a televisão.

Vou para a cama.

Fecho as cortinas automáticas do apartamento e vejo todas as luzes cintilantes de Londres desaparecerem lentamente.

Lavo os dentes e deito-me na cama. Sorrio ao sentir o cheiro da roupa acabada de lavar.

Pelo menos, hoje consegui fazer alguma coisa.

Fico a olhar para o teto enquanto a minha mente divaga sobre a semana que se aproxima. Amanhã, talvez vá a uma livraria e faça um stock.

Não leio um livro há algum tempo. Talvez leia o *Guerra e Paz* e todos os outros livros que nunca tive tempo de ler.

É tão estranho. Quando voltei à quinta, parecia que já não pertencia lá, que tinha crescido demasiado para aquele lugar. Mas agora que estou aqui, isto parece-me ainda mais estranho.

Ouvi histórias horríveis de pessoas que têm dificuldade em instalar-se num local após uma viagem prolongada, mas é muito pior do que eu imaginava. Arrancada de um mundo de recordações sem fazer ideia de onde quero que seja o meu futuro lar para sempre.

Expiro pesadamente. Como é que se volta a assentar depois de uma viagem daquelas?

Tenho de voltar à terra.



Adormeço durante algum tempo e sinto a cama a ceder.

– Querida – ouço o Christopher sussurrar, enquanto afasta o cabelo da minha testa.

Sorrio e estendo-lhe os braços, e ele deita-se em cima dos cobertores com o fato completo e aninha a cabeça no meu peito.

– Peço desculpa pelo atraso, amor.

– Tudo bem. – Beijo-lhe a testa. – Deves estar exausto.

– Hum – sussurra ele, enquanto as suas pálpebras pesadas se fecham.

– Jantaste?

Ele acena que sim com a cabeça.

– O quê?

– Um copo de *whisky* e nozes do minibar do meu escritório.

Sorrio na escuridão.

– Tens o jantar num prato no frigorífico. Põe-no no microondas.

– Foste tu que cozinhasse? – pergunta ele com os olhos ainda fechados.

– Não, encomendei.

Ele sorri.

– Ótimo.

– Porque é que é ótimo?

– Porque não me sinto mal se estiver demasiado cansado para o comer.

– Duche – incentivo-o. Vai adormecer de fato.
– Queres tomar duche comigo? – Ele morde-me o mamilo através do pijama.
– Não – murmuro. – Estou meia a dormir.
– Desmancha-prazeres. – Ele arrasta-se para fora da cama e desaparece para a casa de banho, e eu ouço o chuveiro a correr.

Sorrio. O seu *after shave* paira pela divisão, e tudo é melhor quando ele está em casa. Sinto-me a relaxar pela primeira vez hoje.

Cinco minutos depois, desliza para o meu lado e abraça-me. Abraça-me com força. – Amo-te, bebé – sussurra, sonolento.

Viro a cabeça e beijo-o por cima do ombro. – Também te amo. – Boa noite. Ele beija-me novamente.

Ficamos deitados num silêncio confortável durante alguns minutos. Estou aninhada em segurança nos seus braços grandes e fortes. O melhor lugar do mundo.

– Trabalhas demasiado – sussurro.

Mas ele não responde... já está a dormir.

Sexta-feira à noite

O baile de beneficência: o meu primeiro compromisso oficial como parceira de Christopher Miles.

Estou nervosa e esforcei-me demasiado para pensar em todos os pormenores.

Culpo a Zoe, a *personal shopper*. Ela arrastou-me por toda a cidade de Londres à procura da roupa perfeita para esta noite. Acho que está mais nervosa do que eu.

De acordo com as suas instruções, arranjei o cabelo e coloquei maquilhagem, e agora vou vestir-me. A minha roupa está estendida na cama, e eu levanto as cuecas Spanx e olho para elas. São minúsculas. Será que a Zoe trouxe o tamanho certo?

Estas cuecas parecem servir a uma criança.

As palavras da Zoe na nossa ida às compras voltam à minha memória. *Este vestido precisa de uma boa roupa interior de apoio. Não o uses sem isso.*

Está bem.

Entro na casa de banho e fecho a porta. Não quero que o Christopher entre enquanto estou a tentar puxar esta porcaria para cima.

Entro nelas e... raios, tão apertado. Esforço-me e inspiro enquanto as puxo lentamente para cima. Ponho as mãos nas ancas e olho para a roupa interior preta de Lycra no espelho. Parecem calções de ciclista, curtos e brilhantes. Oh, Deus... Suponho que não se respira esta noite, então?

Visto o sutiã preto rendado, a coisa mais elevatória que alguma vez vi. As meninas estão-me quase no pescoço. As pessoas não conseguem usar esta merda todos os dias, pois não?

O meu cabelo cor de mel está solto e enrolado em grandes caracóis de Hollywood, e a minha maquilhagem é sensual, com batom vermelho.

Volto para o quarto e pego no meu vestido, e o Christopher olha de relance para mim quando passa pela porta do quarto. Ele para e volta, colocando a cabeça

na ombreira da porta. Está vestido com um fato preto, camisa branca e um laço preto: porno clássico de gala. Nunca vi alguém tão bonito.

Delicioso.

Ele olha-me de cima a baixo.

– O que está a acontecer agora?

Mordo o meu lábio para esconder o meu sorriso. Está a falar da minha roupa interior.

– Estou a vestir-me – respondo. – Estou pronta num minuto.

Ele entra no quarto e circula à minha volta enquanto me olha de cima a baixo.

– O que...

Ponho as mãos nas ancas enquanto espero que ele o diga em voz alta. Ele passa a mão na zona das minhas Spanx.

– O que é isto?

– O que é o quê?

– Essas cuecas gigantes.

– *Spanx*.

– Hayden, quando olho para isso, a última coisa em que penso é em espancar-te.

– Não, totó, é o nome delas. Seguram tudo no interior, alisam tudo.

Ele ergue uma sobancelha, enquanto continua a rodear-me, os seus olhos absorvem-me.

– Diabólico.

– O quê?

– *Marketing* genial – murmura para si próprio.

– O quê?

– Embalam cuecas da avó com a promessa de tornar uma mulher mais magra, lisa e digna de levar umas palmadas. – Ele assente enquanto contempla o conceito.

– Brilhante. Preciso de contratar o diretor de *marketing* desta empresa. Acertaram mesmo.

Rio-me. Claro que ia analisar o plano de *marketing*. Ponho as mãos nas ancas.

– É o que usam as mulheres casadas.

– Devo dizer-te, e sei que falo em nome de todos os homens – ele pressiona os lábios. – que não é um grande incentivo para descer até ao altar.

Eu rio-me.

– Sai. Deixa-me vestir.

Ela beija-me rapidamente e sai do quarto.

– Tira-as – diz ele, enquanto desaparece pelo corredor. – A *minha* mulher tem curvas.

Sorrio, ao vestir o vestido. *Eu amo aquele homem.*



– Os seus lugares são por aqui, Sr. Miles. – O porteiro gesticula. Com a minha mão firmemente na do Christopher, seguimo-lo até ao salão de baile. Olho à volta com admiração... meu Deus.

Este lugar é espetacular.

Um quarteto de cordas toca ao canto. Há enormes jarras de cristal com flores,

candelabros baixos, velas a tremeluzir em todas as mesas, criando um ambiente bonito. Toda a gente está vestido de gala e com um ar tão glamoroso. A sala está preenchida de conversas e gargalhadas.

Rapaz... aqui não se brinca.

De repente, sinto-me muito fora de mim, como se não pertencesse aqui, nervosa como nunca antes. Agarro na mão do Christopher com toda a força.

– Está tudo bem, Rabugenta. – Ele pisca-me o olho por cima do ombro. – Estás linda.

Como é que ele sabe sempre exatamente o que dizer?

Forço um sorriso e ele leva-me até à mesa.

– Olá. – Ele sorri para todos enquanto me apresenta orgulhosamente. – Esta é a Hayden.

Sinto-me corar.

– Olá.

– Estes são... – gesticula à volta da mesa. – a Margaret e o Conrad, a Eva e o Mario.

Aceno-lhes. Raios... isto é tão embaraçoso.

– Estes são o Edward Prescott e o Julian Masters.

Os meus olhos pousam no último homem... Já o vi antes. Onde?

Ele pisca-me o olho de forma sensual e levanta o copo.

– Eu disse-te que nos íamos encontrar outra vez, Hayden.

Arregalo os olhos. Nem pensar.

Ele é o dono do iate na Grécia... mas que raios? São amigos?

Abro a boca, chocada.

Ele e o Christopher riem-se alto, e o Christopher aperta-me a omoplata.

– Parece que viste um fantasma, querida.

Eu rio-me, meio envergonhada e sem saber o que dizer.

– E este... – ele sorri, orgulhoso – é o Elliot, o meu irmão. Elliot, esta é a minha Hayden.

Olhos familiares e calorosos sorriem para mim. Oh... ele é como o Christopher.

O Elliot levanta-se e beija-me a bochecha.

– Olá, é tão bom conhecer-te finalmente. – Os seus olhos demoram-se no meu rosto enquanto me estuda, e sinto-me corar sob o seu olhar.

Puxa a cadeira ao seu lado.

– Senta-te ao pé de mim, Hayden. – Raios... tem mesmo de ser?

Deixo-me cair na cadeira ao lado dele e o Christopher senta-se do outro lado.

O Christopher põe a sua mão protetoramente no meu colo enquanto o empregado enche os nossos copos com champanhe.

– É bom ver-vos – diz o Sr. Masters do outro lado da mesa. – Como foram as férias?

– Ótimas. – Os olhos de Christopher encontram os meus. – Trouxe uma linda recordação. – Aperta a minha perna.

– Estou a ver que sim. – O Julian sorri ao olhar para nós os dois. – Que tal Londres, Hayden?

– É lindo.

Olho para cima para ver os olhos do Elliot firmemente fixos em mim. Tem o dedo na têmpora e estuda-me ao pormenor. Olho de relance para o Christopher, que está agora a conversar alegremente com o resto da mesa.

Ajuda.

Bebo um gole da minha bebida. Ai... Sinto que isto é um teste. Não, isso não é verdade. Não sinto, tenho a certeza.

– Estás aqui sozinho? – pergunto ao Elliot.

– Sim, a minha mulher está no Havai. Ela partiu na semana passada com o irmão, e eu vou apanhar o primeiro voo da manhã.

– Havai. Tão lindo. – Sorrio.

– Já alguma vez lá foste? – pergunta.

– Não, mas está na minha lista.

– Temos lá uma casa. Temos a sorte de ir todos os anos durante alguns meses.

– Oh, uau. – Franzo o sobrolho. – O que vos levou a escolher o Havai para fazerem férias regulares?

– A minha mulher viveu lá durante algum tempo e apaixonou-se loucamente pelo sítio.

Sorrio enquanto ouço.

– É uma pena que ela não esteja aqui para te conhecer esta noite. Vais adorá-la. É muito parecida contigo.

Oh... como gostava que ela *estivesse* aqui.

A mesa começa a conversar enquanto eu olho para a sala com admiração. Nunca estive num lugar tão glamoroso.

Mulheres lindas com vestidos lindos... e podemos falar do calibre dos homens aqui? Se a beleza fosse um lugar, seria este.

Mas que raios?

A roupa de gala faz sobressair o que há de melhor em toda a gente.

– Vens ao bar? – pergunta o Elliot ao Christopher.

– Não, vou ficar aqui com a Hayden. – Ele pega-me na mão e beija-me as pontas dos dedos, enquanto sorri para mim.

Um traço de sorriso atravessa o rosto do Elliot.

– Quem és tu e o que fizeste com o meu irmão?

O Christopher ri-se e eu também. Sou má pessoa se ficar contente por ele ter mudado?



A noite é uma *soirée* de *glamour*.

As pessoas param e falam com o Christopher, comentando o seu ar descontraído e feliz.

E ele... trata da sala como um profissional.

Todos os olhos estão a observá-lo. Todos querem falar com ele. Ele ri-se e faz piadas. Tem a sala na palma da mão. Engraçado, charmoso e *sexy* como tudo, Christopher Miles é o *homem do momento* em Londres.

Quanto mais tempo passo aqui, com a beleza e o *glamour*, mais uma questão subjacente no fundo da minha mente avança para a frente.

O que é que ele vê em mim?

Sou só uma miúda do campo.

Não sou bonita ou glamorosa, com um emprego espetacular, e certamente não me pareço com as mulheres bonitas, tipo modelo, que estão sempre a tentar estabelecer contacto visual com ele.

Sou como um peixe fora de água.

Pela primeira vez na minha vida, sinto algo estranho a rastejar e a instalar-se como uma bola de chumbo no meu estômago.

Insegurança.

Sei que há outras pessoas na sala que se estão a perguntar o mesmo que eu.

Porquê ela?

Porque é que ele escolheu assentar com alguém tão normal? Agora que conheço a vida e as pessoas a que ele está habituado, percebo porque é que a minha presença causa tanta agitação. Porque é que os fotógrafos se esforçam por conseguir uma fotografia e me seguem para todo o lado. Estão a tentar perceber o que ele vê em mim. Estão à espera de ter o exclusivo quando terminarmos.

Chega!

Bebo um gole do meu vinho, enojada pelos meus pensamentos. Não é saudável pensar assim.

O Christopher estende a mão.

– Queres dançar, querida?

Sorrio, agradecida por ele.

– Quero. – Ele leva-me para a pista de dança e toma-me nos seus braços enquanto nos movemos ao som da música. Ele beija-me a têmpora, completamente alheio a todos os que nos observam.

– Estás linda. – Ele sorri. Finjo um sorriso.

Por quanto tempo vais acreditar nisso?



Saio da loja para um turbilhão de *paparazzi*.

– Hayden, Hayden, aqui – gritam todos.

Baixo a cabeça quando o segurança me conduz ao carro. Ele abre a porta, entro no banco de trás e sou levada para longe.

– Idiotas – suspira o Hans, enquanto seguimos em direção ao trânsito.

Sinto o meu batimento cardíaco a voltar lentamente ao normal.

Agora não posso ir a lado nenhum sem ser seguida.

Caçar a Hayden Whitmore tornou-se um desporto. Sou perseguida noite e dia por fotógrafos.

Tinha planeado almoçar algures, mas não posso. Que sentido é que faz?

Vou estar uma pilha de nervos o tempo inteiro, sabendo que eles estão lá fora à minha espera.

– Onde é que gostaria de ir, Hayden? – pergunta-me o Hans.

– Para casa, por favor. – Suspiro.

Os seus olhos encontram-se com os meus no espelho retrovisor e ele dá-me um sorriso triste.

– Como desejar.

Um mês depois

Estou sentada de pernas cruzadas no chão a olhar pela janela. O céu está cinzento.

As nuvens estão cheias enquanto vejo a chuva a cair.

Será que alguma vez para de chover neste lugar esquecido por Deus?

Choveu todos os dias em que estive aqui e, tal como uma planta, estou a morrer sem luz.

A vida está a sair de mim. Sinto um manto pesado nos ombros e não consigo livrar-me dele, por mais que tente.

Todos os dias são iguais.

Não posso sair, sou seguida. Não posso deitar-me ao sol, porque não há sol. Não consigo sentir a terra debaixo dos meus pés, porque não há terra.

Tudo o que faço é esperar que o Christopher volte para casa para que eu me possa sentir completa novamente.

Falta algo... falta tudo. Mas, de alguma forma, tudo está completo.

Estamos juntos. Estou com o Christopher, o amor da minha vida, a apoiá-lo e ao seu trabalho importante. Devia estar mais feliz do que nunca.

Mas não estou.

Dou por mim a chorar sozinha no chuveiro. A olhar para o vazio. O meu apetite evaporou-se.

Estou triste até aos ossos... Não consigo deixar de estar, não importa o quanto tento.

Sinto-me perdida. Da pessoa que eu era. Da vida que tinha.

Sinto falta de mim.

Quero fazer a minha vida aqui com o Christopher.

Amo-o mais do que tudo. Andaria até ao fim do mundo se isso significasse estarmos juntos... e parece que já o fiz. Mas tudo o que ele faz é trabalhar, mesmo aos fins de semana. E eu sei que a culpa não é dele, é o que ele faz. Está a tentar o seu melhor. Sei que está.

Preciso de me libertar disto porque quero gostar deste lugar. Quero sentir-me entusiasmada por acordar. Quero apoiá-lo e fazer amigos, mas assim que saio por aquela porta, sou seguida por fotógrafos, e é tudo muito difícil... por isso fico só em casa. É mais fácil assim.

Mas sinto-me perdida numa selva de cimento.

Preciso de sol. De sentir o calor na minha pele, o vento no meu cabelo.

A erva por baixo dos pés. Ar fresco...

Vacas.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas, que depois rompem a barragem para rolarem lentamente pelo meu rosto. Limpo-as com raiva. Tenho de parar com isto. Imediatamente. Isto não ajuda ninguém, muito menos a mim.

Bzz, bzz... bzz, bzz...

O meu telemóvel toca. Fecho os olhos, incapaz de atender.

Sei que é o Christopher e sei que vai ouvir as lágrimas na minha voz e virá a correr para casa... tal como fez ontem.

Por muito que ele tente, por muito que nos amemos, não consegue resolver o meu problema.

Tenho saudades de casa.

Capítulo Vinte e Oito

CHRISTOPHER

Exalo pesadamente enquanto olho para o ecrã do meu computador. Olho para o telemóvel pousado na secretária. Devia ligar à Hayden.
Não.

Já lhe ligaste hoje.

Volto a tentar focar-me. Os números baralham-se todos no ecrã.

Só uma chamadinha rápida.

Não.

Por amor de Deus, não me vou conseguir concentrar até saber se ela está bem.

Marco o número e ninguém atende. Hum...

Mando-lhe uma mensagem.

Olá, querida. O que estás a fazer?

Penho o telemóvel de lado e volto a olhar para o ecrã do meu computador. Ela liga-me quando puder.

Volto ao trabalho e, vinte minutos depois, pego novamente no telemóvel. Porque é que ela não me ligou de volta? Vou ligar novamente... *Não!*

Foda-se.

Não consigo fazer nada porque estou sempre preocupado com a Hayden.

Foca-te.

Ela disse que estava bem. Devia acreditar nela. Quer dizer, como é que podia não estar? Tem toda a cidade de Londres ao seu alcance.

Claro que está bem.

O meu instinto diz-me que há algo de errado com ela, mas talvez esteja à procura de algo que não existe. Volto ao trabalho e, dez minutos depois, pego no telemóvel.

Liga-me... raios.

O Jameson e o Tristan entram no meu gabinete.

– Estás pronto para ir almoçar?

Suspiro. Para onde foi a manhã? Não fiz nada, literalmente.

Foda-se. *Tenho de me concentrar.*

Os meus irmãos estão em Londres para a reunião bimestral do Conselho de Administração.

– Sim, acho que sim.

– O que se passa contigo? – Pergunta o Tristan.

– Nada. – Levanto-me. – Vamos.



Vinte minutos depois, estamos sentados num bar perto do escritório. Fizemos o pedido e estou a beber água mineral.

– Não bebes uma cerveja? – pergunta o Jameson.

– Não. Tenho demasiado que fazer. – Passo a mão pelo meu rosto. – Desde que voltei, não estou a conseguir fazer quase nada.

O Tristan sorri enquanto brinca com um cubo de gelo da sua água.

– As férias terminaram oficialmente. De volta ao mundo real, hã?

– Nem é o trabalho, é a Hayden. Os *paparazzi* estão a dar-lhe cabo da cabeça e ela detesta o tempo aqui.

– O tempo? – O Tristan contrai o rosto.

– Ultimamente, o tempo tem estado muito mau. O sol tem sido um acontecimento especial desde que ela chegou. – Encolho os ombros. – Continuo a achar que ela se vai habituar e adaptar-se...mas, cá entre nós, não tenho a certeza de que vá.

– Vais sair da cidade? – pergunta o Jameson.

– Não. Porra para isso. Adoro a cidade. Detesto estar fora daqui, e, além disso, pedi-lhe que me desse três meses antes de fazermos alguma coisa. Haverá alturas na minha vida em que precisarei de viver numa cidade, e pode não ser apenas aqui. Pode ser em qualquer lado. Ela precisa de saber no que se está a meter. Não quero ter todo o trabalho de me mudar e depois não resultar.

Os dois olham um para o outro.

– O que foi? – disparo.

– Ela está num teste de três meses? – O Tristan ergue o olhar. – Ou és tu?

– Os dois, acho eu, mas é o tempo que tenho para trabalhar, muitas horas em Londres. Depois disso, podemos discutir o que vamos fazer a longo prazo, mas nesta fase, com a ausência do Elliot, não há maneira de o fazer.

– E depois, nos próximos dois fins de semana... – acrescenta o Jameson.

– O que têm os próximos dois fins de semana?

– No próximo fim de semana, a equipa de Paris estará na cidade para formação e, na semana seguinte, teremos uma conferência na Alemanha. Por isso, tecnicamente, não terás um dia de folga em casa durante vinte e um dias.

Aperto a ponta do meu nariz.

– Foda-se. Ter alguém a depender de nós é um verdadeiro pesadelo.

– Compra-lhe um cão. – O Jameson encolhe os ombros.

– Faz um bebé. – O Tristan sorri para a sua bebida. – Assim, estará demasiado exausta para se importar se estás vivo ou morto... quanto mais onde vive.

– Não é um mau plano, na verdade. – Rio-me.

– Ou se a tua pila caiu – murmura o Jameson, secamente.

– É verdade – concorda o Tristan.

– Que se lixe isso, então.

O nosso almoço chega e comemos em silêncio durante algum tempo.

– O que vais fazer? – pergunta o Jameson.

Encolho os ombros.

– Nada. Ela vai ficar bem, mas se o sol brilhasse por um minuto, seria uma grande ajuda.

Ouçõ o som de uma mensagem a cair no meu telemóvel. É do Hans.

Olá, Sr. Miles,

Não sei se estou a exceder-me.

Pensei que devia dizer-lhe que a Hayden teve um dia mau.

Cerro o olhar e respondo.

O que te faz dizer isso?

Chega uma imagem. É uma fotografia da Hayden num parque. Está sentada na relva, com lágrimas a escorrer-lhe do rosto vermelho. Parece tão perdida e desamparada.

Tão... diferente da Hayden feliz por quem me apaixonei.

A tristeza dela transparece na imagem, e fico com um nó na garganta ao olhar para ela.

Levanto-me.

– Tenho de ir.

– O que se passa? – Perguntam, preocupados.

Levanto o telemóvel e mostro-lhes a fotografia, e os seus rostos mudam de expressão ao olhar para ela.

– Foda-se... – sussurra o Tristan. – Isso não parece bom.

– Achas? – Atiro o guardanapo para a mesa. – Adeus, ligo-vos mais tarde.

Saio do restaurante com uma missão. Ligo ao Hans.

– Olá, Sr. Miles.

– Onde estás?

Estou sentada a olhar para o espaço. O banco de jardim está duro, frio e carregado de decisões impossíveis.

Tenho uma sensação de naufrágio no meu coração, mas não sei como a fazer parar. Todos os dias acordo determinada a ser feliz.

À hora de almoço, estou lavada em lágrimas... e não sou do tipo de rapariga que chora.

Nunca tive uma razão para chorar antes, e nem sei se tenho agora.

Tudo no nosso amor é muito claro e, no entanto, de muitas maneiras, confuso e complicado.

Fiz asneira e, o mais estúpido é que, na altura, eu sabia-o, mas não queria armar-me rainha do drama e causar uma discussão. Mas devia tê-lo feito. Devia ter lutado mais para me defender.

Olhando para trás, o Christopher devia ter vindo para Londres sozinho, para nos habituarmos ao ambiente antes de entrarmos na panela de pressão de vivermos juntos numa grande cidade.

Aconteceu tudo tão rápido. Foi-me tudo atirado para cima, tudo ou nada desde o início.

A retrospectiva é uma coisa maravilhosa. Se ao menos...

O Christopher disse-me quem era realmente um minuto antes de o carro parar, porque sabia que eu não ia fazer uma cena à frente do condutor.

Na altura, não me agradou muito, mas deixei passar porque compreendia as suas razões para querer o anonimato, especialmente agora que a imprensa me persegue dia e noite. Percebo porque é que ele precisava de uma pausa da realidade e respeito-o por tê-la feito.

Agora que o conheço, sei que foi precisa muita coragem para fazer o que ele fez.

Queria encontrar alguém que o amasse por ele. Missão cumprida: Amo-o.

Com tudo o que tenho.

Mas e as minhas escolhas... será que ainda contam?

Eu tinha tudo planeado, e agora as minhas esperanças e sonhos... *foram-se.*

O Christopher é o amor da minha vida – a porra da minha alma gémea – mas sei que para estar com ele tenho de abdicar de quem sou.

Para ele se mudar para estar comigo... teria de abdicar de quem é.

Não há vencedor, porra. Um de nós tem de perder tudo para que o outro seja feliz.

E quero que seja eu. Não quero que ele sofra assim... mas é mais difícil do que pensava que seria.

Mais solitário.

Se quero ser o meu verdadeiro eu, não posso continuar a viver numa cidade. Se quero ter uma vida com o Christopher, tenho de ficar.

Não é justo que eu tenha de escolher um em vez do outro. Não posso perder nenhum.

As lágrimas escorrem-me lentamente pelo rosto.

– Olá, querida – diz a voz de Christopher por trás de mim. Viro-me, assustada.

– Está tudo bem? – pergunta.

Viro-me de costas para ele e limpo rapidamente os olhos. Caramba, como é que ele sabia que estava aqui?

– Sim.

Ele senta-se ao meu lado e fica a olhar para o parque.

– O que é que se passa?

– Nada. – Tento esconder as lágrimas. – Estou bem.

Ele ergue a sobrancelha. Reviro os olhos.

– Não.

Ficamos em silêncio, e procuro no meu cérebro a coisa certa para dizer.

– Hayden... tens de falar comigo... Não posso corrigir isto se tu não falares comigo.

Sê honesta.

– Acho que vou para casa, para os Estados Unidos, durante umas semanas – digo baixinho.

– O quê? Porquê?

– Estás tão ocupado e eu... preciso de ar puro e... – Os olhos dele estão em mim.

Preparo-me para dizer as temidas palavras em voz alta.

– Estou a ter dificuldades... e não tenho bem a certeza se a vida de cidade é para mim.

– A minha vida é na cidade, Hayden – responde, sucinto.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

– Eu sei.

– Disseste que me davas três meses.

– Eu sei que sim.

– Só passaram algumas semanas. Claro que ainda não estás habituada. Dá-lhe tempo. Vais mudar de ideias.

Mudar de ideias?

Ele não entende.

– Eu não quero mudar de ideias, Christopher – disparo, frustrada. – Estou a pensar a longo prazo.

– O que é que isso significa?

– Não há maneira de criar uma família aqui nestas condições.

– O que raio é que isso significa? – pergunta, zangado.

Encolho os ombros.

– Um encolher de ombros? – diz ele. – Dizes-me que não queres criar uma família aqui e depois respondes-me com um encolher de ombros? Estás aqui há dois minutos, Hayden.

– Não te zangues.

– Como posso não zangar? – Ele levanta a voz. – Estas condições são as melhores das melhores em Londres. Tens um motorista, tens um segurança, vives numa *penthouse* de quarenta milhões de dólares e podes fazer o que quiseses, e mesmo assim não é suficiente?

– Mas não tenho o empregado de limpeza pelo qual me apaixonei, pois não? – disparo de volta. – Odeio esta versão de viciado no trabalho. Se te tivesse conhecido como és agora, nem sequer estaríamos juntos.

Ele recosta-se no banco e dá-me um sorriso sarcástico.

– E aí está.

– Aí está o quê?

– Estava a pensar quanto tempo demoraria até me atirares isso à cara.

Começo a ferver.

– Não posso falar do assunto? Como estás farto do tópico, então temos de parar de falar nele? É assim que funciona esta relação? À tua maneira ou nada?

– Não te armes em engraçadinha, Hayden. Não gosto disso.

– *Desculpa?* – A adrenalina sobe-me pela corrente sanguínea. – Não vou pedir desculpa por me ter sentido desiludida por ti. Tu é que provocaste isto tudo quando me mentiste durante doze meses, por isso não te atrevas a ficar aí sentado a defender as tuas ações como se fosse eu o problema.

Ele revira os olhos, e eu passo-me.

– Vou para casa, para a quinta, por uns tempos.

– Não, não vais – dispara.

– Como assim, não, não vou?

– Disseste-me que darias três meses e, raio, vais *dar-mos*. Estás a ter um dia mau. Vais voltar a correr para casa, para a mamã e para o papá, sempre que tiveres um dia mau?

Inacreditável.

– Isso é a prova de que não estás a ouvir porra nenhuma do que estou a dizer – grito.

– Se fores para aquela quinta, acabou-se – grita ele.

– O quê? O que raio é que isso significa?

Expludo.

– O que eu disse. – Ele levanta o queixo em desafio. – Tenho de viver na cidade. Não é negociável. Se optares por não experimentar, então... – Ele levanta as mãos em sinal de derrota. – Não vale a pena. Não vou estar numa relação à distância. Não vai resultar.

– Porque não?

– Porque eu preciso de sexo! – grita.

Recosto-me no meu lugar, chocada e em silêncio.

Uau...

A realidade atinge-me como um comboio a alta velocidade, o meu coração parte-se em pedaços.

Não vamos mesmo conseguir resolver isto. Fico com um nó na garganta.

– Se o sexo significa mais para ti do que a minha felicidade... então suponho... que isto é a despedida.

Ele revira os olhos.

– Não seas tão dramática, Hayden. Sabes o que quis dizer.

– Sim, sei. – Levanto-me. – Vou para casa.

– *Esta é a tua casa.* – Ele fica indignado.

– São só umas semanas. Quem é que está a ser dramático aqui?
– Não vais.
– Não me podes dizer que não posso ir para casa, Christopher. Não vou admiti-lo.
– Disseste que me davas três meses.
– Quero ir a casa por algumas semanas. Não devia ser nada de especial.
– Não. Ficas aqui e resolvemos isto juntos. Não vou ser posto entre a espada e a parede sempre que tiveres saudades de casa. Deixas-me e acabou-se.

Mas que raios?

Não acredito nisto. Ele preferia mesmo que acabássemos do que ficar sem sexo?
Oh...

A sua silhueta desfoca-se...

– Quem és tu? – sussurro através das lágrimas.

– Sou o homem que te ama.

– Tens a certeza disso?

O seu peito sobe e desce enquanto tenta respirar.

– Eu vou.

– Então... – ele encolhe os ombros. – isto é um adeus.

Os meus olhos procuram os dele.

– Tão simples assim?

– Não posso arrastar isto. Se me deixas sem tentar agora, vais deixar-me sempre sem tentar. Nunca poderei mudar-me da cidade, Hayden. Não é quem eu sou.

Oh, não.

Isto acabou mesmo... o meu coração aperta-se no meu peito.

Ficamos a olhar um para o outro, tão perto mas a um milhão de quilómetros de distância.

– Eu amo-te – sussurro.

– Obviamente, não o suficiente. – E vai-se embora.

– Não vens a casa despedir-te de mim? – Chamo-o.

– Não. – Ele vira-se de novo para mim, os seus olhos frios prendem os meus. – Adeus, Hayden. – Desaparece pelo parque e deixo-me cair no banco, chocada até ao tutano.

Xeque-mate.



Guardo as últimas coisas na minha mala, que está aberta em cima da cama, e olho à volta do quarto.

Será esta a última vez que o vejo? Não pode ser...

Não. Vamos ultrapassar isto. Sei que vamos. Gostamos demasiado um do outro para não estarmos juntos. Olho para as horas no meu telemóvel: 18h20.

Onde é que ele está?

Mande uma mensagem ao Christopher quando reservei o meu voo e disse-lhe a hora a que ia partir. Não acredito que não vem despedir-se de mim.

Sei que podia ficar aqui um pouco antes de partir, planear melhor e partir na próxima semana ou assim, mas com ele a trabalhar durante as próximas três

semanas seguidas, mais um dia sozinha neste apartamento não é algo que eu consiga aguentar. Além disso, estou zangada com ele por me ter atirado à cara o comentário sobre a ausência de sexo. Sei que só o disse para tentar chocar-me.

E resultou. Chocou-me... mas não de uma boa forma.

Tornou-me até mais determinada a cuidar da minha própria felicidade. Nunca lhe diria uma coisa dessas numa discussão. Surpreendeu-me que descesse tão baixo. Na verdade, para ser sincera, não estou surpreendida. O Christopher tem uma maneira de me levar a fazer o que ele quer. Desta vez, escolheu o caminho errado... Não vou ser intimidada com táticas para me assustar. Se ele quiser dormir com outra pessoa, pode ir em frente.

Não vou estar aqui para apanhar os cacos.

– Rabugenta – ouço-o chamar lá de baixo. *Ele está em casa.*

Quase desço as escadas a correr para o encontrar na cozinha. Está a servir dois copos de vinho. O meu coração dá cambalhotas no peito ao vê-lo. Com o seu fato azul-marinho perfeitamente ajustado e a sua camisa branca, é o epítome da perfeição masculina.

– Olá. – Sorrio, com esperança.

– Olá. – Beija-me a face e passa-me um copo de vinho. – Precisamos de falar.

Ele pega-me na mão, leva-me até à sala de estar e sentamo-nos no sofá. Engulo o nó que tenho na garganta e sei que é agora, o momento em que falamos do nosso futuro. Os olhos dele estão em mim.

– Há quanto tempo estás infeliz aqui?

– Não estou infeliz contigo...

– Responde à pergunta, Hayden – pede ele, sem rodeios.

Sê honesta.

– Praticamente o tempo todo.

Ele levanta uma sobancelha e bebe um gole do seu vinho.

– Para esclarecer, não estou infeliz contigo e com a nossa relação. Amo-te mais do que tudo.

– Mas não mais do que viver no campo.

Está magoado.

– Chris, eu... – hesito, sem saber bem o que dizer. Preciso de ter todos os factos à minha frente. – Onde é que te vês a morar permanentemente? – pergunto.

– A longo prazo, por exemplo, onde é que vês os teus filhos a crescer?

– Entre Londres e Nova Iorque.

– Em apartamentos?

– Sim, os meus apartamentos são maiores do que a maioria das casas, Hayden.

– Eu sei. – Aceno. – É verdade, são. E vais trabalhar sempre para a Miles Media?

– Claro que sim, é o negócio da minha família. Nunca vou deixar a empresa.

– Oh. – Bebo um gole do meu vinho, sem saber bem o que dizer a isso. O futuro dele está traçado.

– Num mundo perfeito, onde é que te vês a viver? – pergunta-me ele.

Os meus olhos procuram os dele, e não quero dizê-lo em voz alta, porque depois de o dizer não posso voltar atrás.

– Por favor, sê honesta, Haze – diz ele, suavemente.

– No campo.

– Onde?

– Não sei. – Encolho os ombros. – Não necessariamente na quinta dos meus pais, mas algo semelhante. Quero eventualmente ter o meu próprio negócio de criação de animais. É o que eu faço, o que adoro, e sinto muito a falta disso.

Vejo a mágoa a passar-lhe pelos olhos.

– Conseguirias... viver numa quinta? – pergunto, timidamente. – Consegues imaginar-te a viver no campo?

– Não.

– Poderias tentar?

– Não vale a pena. Já sei que ia odiar.

Ficamos a olhar um para o outro, enquanto começamos a aperceber-nos.

– O que é que detestas na cidade? – pergunta ele.

– Tudo.

– Mais especificamente.

– A poluição, as pessoas, o caos, os *paparazzi*. É tão barulhenta e confusa. Não me sinto eu aqui. – Pego-lhe na mão. – E quero desesperadamente senti-lo porque te amo, mas já sei que, para estar aqui, tenho de abdicar de quem sou.

Os seus olhos assombrados estão em mim.

– E talvez o devesse fazer... – Encolho os ombros. – É só que...

– Não. – Ele corta-me a palavra. – Não quero que faças isso. – Pousa as mãos no meu rosto. – És perfeita tal como és. Não mudes nada.

Os meus olhos brilham, e uma lágrima escorre-me pela cara.

– O que é que isto significa para nós, Chris? – sussurro.

As suas narinas dilatam-se.

– Significa que tenho de te deixar ir.

O nó na minha garganta dói-me enquanto tento conter as lágrimas.

Ele beija-me suavemente.

– Não posso pedir-te para seres alguém que não és, Hayden. Porque sei, com certeza, que não posso mudar quem sou.

Oh, não.

– Mas, eu amo-te – sussurro.

Os seus olhos enchem-se de lágrimas.

– E eu vou sempre amar-te.

Ele toma-me nos braços e abraça-me com força, a barragem rompe-se, e eu choro contra o seu ombro.

– Mas como... podem duas pessoas estar tão apaixonadas e não resultar? – Soluço.

– Porque os contos de fadas não são reais.

Choro ainda mais.

– Não digas isso.

– No fundo, sempre soube.

Afasto-me dos seus braços.

– Não acredito nisso. – Começo a entrar em pânico. Ele está mesmo a

despedir-se. – Não. Eu fico. Vamos resolver isto. Nós conseguimos – balbucio. – Vai ficar tudo bem.

– Não, Hayden. Não vai. – Ele levanta-se. – Pega nas tuas coisas. Vou levar-te ao aeroporto. Não vais ficar infeliz por minha causa nem mais um minuto. Prometi ao teu pai que ia tomar conta de ti, e isto sou eu a fazê-lo.

– Não quero ir – sussurro.

– Mas não queres ficar.

Soluço alto, ele vai ao quarto e, dois minutos mais tarde, regressa com a minha mala.

– Vá lá.

Imploro, em lágrimas.

– Mas nós amamo-nos.

– Este é um daqueles casos em que o amor não é suficiente.

O meu coração aperta-se. *Oh, não.*

– Pega nas tuas coisas. – Ele leva a minha mala até à porta e caminha para o *hall*. Ando às voltas pelo apartamento, a soluçar, enquanto procuro a mala de mão e tudo o que quero levar.

A pior parte disto é que, no fundo, sei que ele tem razão. Tenho de me ir embora e ele tem de ficar.

Dou uma última olhadela ao lindo apartamento. Sempre o achei tão frio e pouco convidativo... e agora sei porquê.

Não é o meu lar.

Choro ainda com mais intensidade. Saio pela porta da frente e entro no elevador.

O Christopher está solene e a olhar fixamente em frente. Vamos até ao piso zero com os sons suaves dos meus soluços. Ele leva a minha mala até ao carro, coloca-a na bagageira e senta-se ao volante.

Choro até ao aeroporto, enquanto ele segura a minha mão no seu colo, levantando-a ocasionalmente para me beijar as pontas dos dedos.

Chegamos ao aeroporto, mas em vez de estacionar o carro, ele entra na área de estacionamento rápida.

– Não vais entrar? – sussurro.

Os seus olhos enchem-se de lágrimas.

– Não consigo.

– Querido... – Soluço.

– Não. – Ele sai do carro com pressa e sei que tem de acabar com isto.

Abre a bagageira e tira a minha mala.

Olhamos um para o outro. Há um oceano de mágoa e tristeza entre nós.

– Posso ligar-te quando chegar? – sussurro.

– Não.

– Isto tem de acabar de forma limpa.

Oh.

Ele toma-me nos braços e ficamos de pé, na rua, a abraçarmo-nos, ambos a chorar.

– Vou amar-te sempre – sussurra.

– Eu amo-te.

Agarro-me com força a ele. *Isto não pode ser o fim.*

Como se não conseguisse aguentar, afasta-se dos meus braços à pressa e entra no carro e, sem olhar para trás, entra no trânsito.

Fico de pé no passeio e, com a visão turva, vejo o carro desportivo desaparecer na estrada.

– Adeus, meu amor.

Capítulo Vinte e Nove

O tempo passa tão depressa... exceto quando temos o coração a sangrar. Neste caso, cada momento, cada respiração, cada hora dolorosa parece uma eternidade.

Passaram três semanas desde que o Christopher me deixou no aeroporto. Três semanas desde que o meu mundo se desmoronou.

E eu adoraria dizer que estou curada e a caminho de voltar a estar bem, mas não posso.

Porque não há luz.

O meu corpo vive aqui nos EUA; o meu coração vive em Londres...com ele.

Penso nele a toda a hora, ao ponto de não ser saudável.

Preocupo-me se está a cuidar de si próprio, se comeu e se está a trabalhar demasiado... o que já sei que está.

E eu sei que tenho de me libertar disto, mas como é que se desliga o coração?

Há algum botão? Alguém me diga, porque tenho de o encontrar.

Conduzo o trator enquanto olho para os verdes campos de pasto. Está a amanhecer. O sol espreita no horizonte para um novo dia.

E apesar de saber que pertenço aqui, todos os dias são negros para mim. Uma escuridão que vem de dentro.

O pior de tudo é que toda esta experiência me mudou. Agora nem sequer sou feliz aqui em casa, na quinta.

É como se tudo o que eu pensava que queria se tivesse desviado do centro. Tudo o que eu pensava ser está errado.

Nada faz sentido.

E sei que não quero construir uma vida em Londres... mas também não consigo suportar a ideia de ficar aqui. Talvez devesse ir para um sítio novo, começar do zero, mas para onde?

Qualquer lugar sem ele é uma tragédia.

Sei que não há maneira de contornar esta situação. É o que é. Ele é um rapaz da cidade, eu sou uma rapariga do campo.

A razão por que não podemos estar juntos mantém-se. Nada mudou.

O meu coração continua firmemente partido.

CHRISTOPHER

A água a esgaldar escorre-me pela cabeça. Se eu ficar aqui debaixo tempo suficiente, a água acabará por

sair limpa.

Preciso de lavar este coração partido.

Tenho a mão sobre os azulejos enquanto me inclino para a parede, e atingi o fundo do poço.

São três da manhã e instalou-se uma nova escuridão. Arrependimento.

E com isso veio um nível mais profundo de compreensão de quem eu sou.

De quem não sou.

Encosto a testa aos azulejos. A minha mente vagueia até à minha querida Hayden.

Onde é que ela está agora?

Por fim, arrasto-me para fora do duche e enrolo uma toalha à volta da cintura. Desço as escadas e percorro a minha lista do Spotify até chegar à música que preciso de ouvir.

Tenho-a ouvido repetidamente nos últimos tempos. Por apenas um momento... faz-me sentir melhor, como se me aproximasse da memória de ser feliz.

Mais próximo dela.

Começa a tocar, e deixo-me cair no sofá para ouvir. Este é o hino da Hayden. É 100% sobre ela.

E ao som das palavras assombrosas de *Halo*, da Beyoncé... afundo-me na autocomiseração.



— Então... o que estou a dizer aqui. — Aponto para o quadro branco. — É que a projeção está errada.

Dez pares de olhos observam à volta da mesa.

O meu telemóvel vibra em cima da mesa e eu olho para o ecrã.

É ela?

Tristan.

Ignoro-o.

Continuo a apresentar.

— Por isso, nesta folha de cálculo. — aponto o comando para o ecrã e passo para onde preciso.

O meu telemóvel vibra novamente e, mais uma vez, olho para o nome. *É ela?*

Elliot.

Vai-te foder. Porque é que estão todos a ligar-me esta manhã? Estou ocupado.

Continuo a falar e, cinco minutos depois, o telemóvel volta a vibrar.

Jameson.

O quê?

Por amor de Deus, deixem-me em paz, idiotas. Estou a meio de algo muito importante.

— Se olharmos para as tendências dos últimos anos... — Aponto para um gráfico e ouve-se uma batida na porta.

— Entre.

A Elouise entra.

— Christopher, o Jameson está na linha dois. Diz que é urgente.

Contraio a testa.

— Disse para atenderes no teu gabinete.

— Hmm. — Olho à volta da mesa. — Peço desculpa. Tenho de atender esta chamada. Vamos fazer uma pausa de dez minutos.

— Claro — respondem todos.

Saio e vou até ao fim do corredor. Caraças... Não tenho tempo para esta merda.

— Sim — atendo.

— Página quatro, *Ferrara News* — grunhe a voz do Jameson.

— O quê?

Abro o jornal no meu computador e sento-me.

Aparece uma fotografia de meia página.

Christopher Miles parte o coração da Miss Mediana por uma modelo.

Há uma fotografia gigante da Hayden no parque. Estou sentado ao lado dela no banco do jardim. Ela está a chorar e eu pareço zangado. Ao lado, está uma fotografia minha e da Amira Conrad, uma modelo que namora com um dos meus amigos. Encontrei-me com ela no bar de um restaurante ao almoço no outro dia. Na fotografia, estou com o braço à volta dela, no preciso momento em que lhe dei um beijo como cumprimento. Estou a sorrir para ela e ela está a sorrir de volta. Parecemos totalmente apaixonados.

O meu sangue ferve.

– Estás a gozar comigo? – sussurro, furioso.

– Alguma notícia da Hayden?

– Não.

– Isto não parece nada bom.

– Achas? – expludo. – Adeus. – Desligo e pego no meu telemóvel. O meu dedo passa por cima do nome da Hayden... ela pode nem sequer ver o jornal... e depois... o meu coração dói.

Não interessa, mesmo que veja. Terminámos.

Ela não me quer... ou à minha vida.

Um dia *terei* de seguir em frente, e ela também. O meu coração fica apertado ao pensar que um campónio qualquer pode dar-lhe a vida que eu não pude... por muito que gostasse de o ter feito.

Imagino-a a viver numa grande quinta com montes de crianças selvagens e despreocupadas e a ser feliz, e sorrio com tristeza. Quero isso para ela. Quero que tenha tudo o que sempre quis. Ela merece ser feliz.

Pouso novamente o telemóvel.

O meu olhar dirige-se para a janela e para a agitação de Londres lá em baixo. Ela está a um milhão de deprimentes quilómetros de distância.

Bzz, soa o meu intercomunicador.

– Sim.

– Vais voltar? – pergunta a Elouise.

Merda... a reunião.

– A caminho.



Sento-me à minha secretária e fico a olhar para a janela. As pessoas estão a falar, a entrar e a sair, e as coisas estão a acontecer, mas a minha mente está a milhares de quilómetros.

Nela. Sempre nela.

Seis semanas é muito tempo. Demasiado tempo.

Não está a melhorar, está a piorar. Há uma corda a apertar-se à volta do meu pescoço que não consigo soltar. A única altura em que estou feliz é quando falo com o Eddie, mas há uma semana que não consigo contactá-lo e estou a ficar preocupado. Porque é que o telefone dele vai diretamente para as mensagens?

Olho para o meu relógio. Vou ligar para o *hostel* e tentar saber a que horas entra. Ligo ao Howard, o gerente.

Pesquiso o número no Google e marco-o enquanto começo a andar de um lado para o outro.

– *Olá, Barcelona Backpackers.*

– Olá, posso falar com o Howard, por favor?

– *Só um minuto.* – Ouço a linha passar para uma extensão.

– *Olá, fala o Howard.*

– Howard – respondo –, é o Christo.

– *Ei.* – Ele ri-se. – *Como estás, pé?*

– Bem, bem. Como estás tu?

– *A mesma merda, um dia diferente. Tudo bem aqui.*

– Ouve, desculpa incomodar-te. Estou a tentar contactar o Eddie, mas o telefone dele nem sequer está a tocar.

– *Oh, sim... foi roubado.*

– Oh. – O meu coração afunda-se. Sei como deve estar chateado. – Perguntava-me o que teria acontecido. Tenho ligado e mandado mensagens, mas sem resposta.

– *Não vale a pena mandares mensagens* – responde, casualmente.

– O que queres dizer?

– *Bem... ele não sabe ler.*

– O quê?

– *Ele não sabe ler, nem escrever. Sabes isso.*

– Isso é ridículo – digo. – Claro que sabe.

– *Christo... sabes que ele é sem-abrigo, certo?*

– O quê? – sussurro. – A sério?

– *Sim* – responde, casualmente. – *Claro. É órfão.*

Começo a ouvir o pulsar do meu coração nos ouvidos.

– Os pais dele estão ambos... mortos? – suspiro.
– O pai foi-se embora antes de ele nascer e a mãe morreu num acidente de viação quando ele tinha oito anos, ou assim. Não há avós, tias ou tios. Esteve no sistema de acolhimento durante algum tempo, mas foi colocado com uns idiotas e acabou por fugir.
Deixo-me cair na cadeira da secretária, chocado, num silêncio horrorizado.
– Mas onde é que ele dorme? – sussurro, com um nó na garganta.
– *Numa casa abandonada ao virar da esquina.*
Levanto-me.
– Onde é?
– *É quase diretamente atrás do hostel. Está fechada com tábuas. É fácil de encontrar.*
Fico em linha, chocado e em silêncio.
Oh, Deus amado.
– Não lhe digas que liguei, está bem? – peço.
– *Sim, está bem.*
– Quando é que ele vai trabalhar?
– *Amanhã à noite.*
– Obrigado. – Desligo e fico a olhar para a parede, horrorizado. Mas que raios?

BARCELONA

O Uber encosta à berma.
– Deixe-me aqui – peço ao condutor.
Nunca entrei num avião tão depressa. Não sei o que estou a fazer aqui, mas tinha de vir.
Tenho de o ver.
Viro a esquina e vejo a velha casa abandonada.
Estou a transbordar de emoção; como é que uma criança tão bonita pode ter uma vida tão horrível e nunca me dizer uma palavra sobre isso? Pensava que éramos melhores amigos.
Não percebo.
Vejo um movimento e escondo-me atrás de um arbusto. Observo o Eddie a sair de casa e a subir a rua como se não se importasse com nada. Tão corajoso e estoico.
Pobre miúdo.
Espero que ele desapareça ao virar da esquina e dirijo-me para a casa deserta. Está degradada e mal se aguenta em pé. Dois andares com uma escada que sobe pelo exterior. As portas e janelas da frente estão fechadas com tábuas, por isso dou a volta pelas traseiras e vejo uma velha porta partida.
ATENÇÃO! PRODUTOS QUÍMICOS PERIGOSOS.
Empurro timidamente a porta para a abrir e ela faz um rangido profundo e alto. Espreito para dentro.
Escuridão.
– Olá... – digo.
Silêncio.
– Está aqui alguém?
Silêncio.
Ligo a lanterna do meu telemóvel, empurro a porta para trás e entro. O chão está partido e está escuro e com cheiro a mofo. Há buracos nas paredes e os *graffitis* cobrem tudo.
O meu estômago revolve-se.
Faço brilhar a lanterna à volta. Onde é que ele dorme? Preciso de ver.
Procuo em todas as divisões. É pior do que eu pensava. Muito pior.
A minha visão fica desfocada e limpo os olhos para poder ver. Chego a uma divisão nas traseiras, espreito e o meu coração parte-se.
Há um colchão solitário no chão com um saco-cama.
Entro e olho à minha volta. Todos os postais que lhe enviei estão cuidadosamente afixados na parede como troféus. Uma fotografia laminada da Hayden estrategicamente fixada no centro.
– Eddie – sussurro por entre as lágrimas. – Meu pobre, pobre Eddie. – Imagino-o a dormir aqui na escuridão bafenta.
Completamente sozinho.
Ninguém que cuide dele e o faça sentir-se seguro.

A realidade da sua situação é tão crua e real.

Devastadoramente triste.

Retiro a fotografia da Hayden; está a sorrir e parece tão feliz e despreocupada; o meu coração aperta-se e soluço em voz alta.

Ele também sente a falta dela.

– Quem está aí? – Grita a voz do Eddie.

Tento recompor-me e limpar os olhos.

– Sou eu – digo.

– Quem?

– O Christo.

Ele abre a porta e o seu rosto descai, e eu não consigo evitar: a minha cara contorce-se de lágrimas.

– Não... – cospe. – O que fazes aqui?

– Voltei por ti.

Ele sustenta o olhar.

– E prometo-te pela minha vida – sussurro entre lágrimas –, nunca mais estarás sozinho.

Capítulo Trinta

O s olhos dele procuram os meus.

– Pega nas tuas coisas – digo-lhe, enquanto recupero alguma compostura.

– Porquê?

– Vens comigo.

– Para onde?

– Londres.

– O que queres dizer?

– Vim para te levar para casa.

– Eu estou em casa.

– Isto não é o raio da tua casa – cuspo. – O teu lugar é comigo... pelo menos até seres mais velho.

– Onde está a Hazen?

As minhas narinas dilatam-se e o nó na garganta dói-me quando admito o meu fracasso.

– Acabámos. – Baixo a cabeça, envergonhado.

– Oh... – Ele dá um passo em frente e põe a mão no meu ombro. – Está tudo bem – diz suavemente. Dá-me palmadinhas no ombro. – Vai tudo ficar bem.

Só me torna mais instável. Como é que ele me está a confortar numa altura destas?

Porque é o Eddie...

– Vá lá, amigo, vamos embora daqui – digo eu à pressa.

Ele olha-me fixamente, completamente confuso.

– Estou a convidar-te para vires viver comigo. Queres? Vou tomar conta de ti... manter-te seguro.

Abre a boca para dizer qualquer coisa e fecha-a como se estivesse a conter-se.

– Diz – digo-lhe.

– Porque é que alguém como tu me quer a viver consigo?

A sua silhueta desfoca-se.

– Porque... Tive saudades tuas.

Ele arregala os olhos.

– Tiveste?

– Sim, totó, tive – disparo. – É bom que tenhas tido saudades minhas. – Ele morde o lábio inferior para esconder o seu sorriso.

– Anda, pega nas tuas coisas.

– Onde vamos?

– Não sei. Vamos resolver isto. – Levanto as mãos em sinal de derrota. – Queres estes postais? – Tiro um da parede.

Ele olha-me fixamente e vejo o medo nos seus olhos. Quantas vezes é que desiludiram na vida?

– Podes voltar a Barcelona sempre que quiseses... Prometo. Eu trago-te.

Ele fica quieto enquanto olha para o quarto.

– Posso levar o meu saco-cama?

O nó na minha garganta quase a fecha, e eu aceno com a cabeça. Não tenho palavras.

– Queres estes postais? – pergunto-lhe.

– Sim, por favor.

Começo a tirá-los.

– Posso levar o meu fogão a gás? – pergunta timidamente.

Estou de costas para ele e as lágrimas não param.

– Sim.

– E a minha lanterna.

– Hum-hum... traz o que quiseres.

Ele está a matar-me.

Fico à espera enquanto ele arruma meticulosamente a sua vida. Coisas que eu consideraria lixo, são para ele tesouros inestimáveis. Espero pacientemente, e foda-se...

A reviravolta de todas as reviravoltas. Como é que isto aconteceu?

Com alguns sacos de plástico, um pequeno fogão de campismo a gás e um saco-cama enrolado numa bola, dirigimo-nos para as portas e o Eddie para e olha em volta.

Fico à espera, sem saber o que dizer para tornar este momento menos dramático, mas não há nada a dizer.

É dramático, porra.

As minhas lágrimas... também são dramáticas, mas não as conseguiria parar nem que tentasse.

Nas últimas semanas, as minhas emoções estão à flor da pele e sinto-me completamente sobrecarregado e fora de controlo.

O Eddie olha para mim.

– Porque estás a chorar? – pergunta.

– Tenho uma coisa no olho. – Encolho os ombros, envergonhado. – Estás pronto?

Ele acena com a cabeça, saímos pela frente e, enquanto eu peço um Uber, ele senta-se no chão, com todas as suas coisas, à espera.

– Tenho de reservar um hotel – murmuro para mim próprio, enquanto passo rapidamente pelo *website* de reservas.

– Não vais ficar no *hostel*?

– Não vamos ficar no raio do *hostel*. – Suspiro. – Nem pensar.

– Mas tenho de trabalhar hoje à noite.

– Não. – Continuo a passar pelo *website*. – Nunca mais lá vais voltar.

– Christo, tenho de trabalhar hoje à noite. Não vou deixá-los na mão.

– Eu disse que não.

– Eu vou trabalhar, porra – atira.

Olho para cima, irritado com o seu tom.

– É a primeira e última vez que dizes uma asneira para mim, percebeste?

Ele baixa a cabeça e ficamos em silêncio durante algum tempo.

O que estou a fazer aqui? Estou completamente fora do meu elemento. Se o pressionar antes de confiar em mim, ele vai-se embora.

Por amor de Deus... caraças para este miúdo e a sua ética de trabalho.

– Está bem. Ficamos no *hostel* para poderes trabalhar. Mas vamos ficar em quartos privados e, se não houver nenhum, vamos para um hotel.

– Está bem. – Fica ali sentado, irritado, durante algum tempo.

– Vou ligar para o *hostel* para nos arranjam quartos, está bem? Ele encolhe os ombros, cheio de atitude.

Telefone para o *hostel* e, felizmente, têm dois quartos *deluxe* com casa de banho privativa disponíveis. Vamos para lá e vou buscar as chaves. Subimos as escadas para o piso superior.

– Chegámos – digo-lhe enquanto abre a porta do quarto dele. Ele arregala os olhos.

– Vamos ficar aqui?

– Hum-hum.

Ele fica calmamente ao meu lado, olhando para todos os pormenores com admiração.

– Essa escola onde dás aulas deve ser um luxo.

– Oh... sim. – Estremeço. – Em relação a isso. Não sou professor.

Ele corta-me a palavra.

– Eu sei.

– O que sabes?

– És empregado de limpeza.

Inacreditável.

– A minha família tem uma empresa que faz jornais.

Ele olha para mim, intrigado.

– Estou bem... – Encolho os ombros. – Financeiramente.

– O que queres dizer?

– Não tenho de me preocupar com dinheiro.

Ele olha-me fixamente, incapaz de compreender o conceito.

– Vais ver. – Sorrio. – Podes dormir neste quarto.

Os seus olhos cintilam na minha direção, em jeito de pergunta.

– Onde vais dormir?

– No quarto ao fundo do corredor.

– Oh. – Ele torce os dedos, e consigo perceber que está completamente confuso.

– Tens passaporte? – Pergunto-lhe. Abana a cabeça.

– Tens certidão de nascimento?

– O que é isso?

Foda-se.

– Não faz mal. Vamos resolver isto. – Olho para o meu relógio. – Devias preparar-te para o trabalho.

Começas daqui a uma hora.

Ele acena.

Entro no quarto dele e mostro-lhe o chuveiro.

– Esta é a tua casa de banho.

– Tens a certeza de que a podemos usar? Não vamos arranjar sarilhos, pois não?

Adoro este puto, porra.

Sorrio.

– Sim, amigo, tenho a certeza. Eu paguei pelos quartos. Está tudo bem.

– Está bem. – Torce os dedos enquanto olha em redor, completamente perdido.

– Há uma toalha aqui. – Passo-lhe a toalha. – Se quiseres, podes tomar um duche antes de ires para o trabalho.

– Muito bem.

– Basta usares os sabonetes e o champô nos frascos pequenos.

Eu espero lá fora. Dirijo-me para a porta.

– Christo – chama.

Viro-me para trás.

– Não tens de tomar conta de mim. Estou bem. Só porque somos amigos, não tens de me levar contigo.

Não é assim que as coisas funcionam.

– Eu sei. – Sento-me, sem saber o que dizer, e bato na cama ao meu lado. Ele senta-se lentamente. – Sei que ficarás muito bem aqui. És muito corajoso e forte por ti próprio. – Olho à volta para o quarto enquanto tento pensar na forma correta de dizer isto. – Mas sinto que pertencemos um ao outro... sabes?

Os olhos dele estão em mim.

– E... quem sabe? – Encolho os ombros. – Talvez a tua mãe tenha organizado um encontro entre nós.

Os seus olhos enchem-se de lágrimas enquanto ele olha fixamente para mim.

– E não sei realmente o que raio estou a fazer com um miúdo... por isso, sê paciente comigo, está bem?

Ele fica em silêncio.

Ponho a mão no seu joelho.

– Vamos resolver esta merda juntos... tu e eu.

Ele olha para a minha mão no seu joelho e lentamente pouisa a sua mão sobre a minha.

É a primeira vez que nos tocamos.

O momento é terno e emotivo e um ponto de viragem na vida de ambos.

O nó na minha garganta voltou, e ele limpa os olhos, envergonhado.

– De qualquer forma. – Levanto-me. – Tens de ir servir aqueles cabrões no bar enquanto eu arranjo maneira de te tirar do país.

– Porque é que tu podes dizer *asneiras* e eu não?

– Porque eu sou o pai e tu és o filho.

Os seus olhos procuram os meus enquanto as minhas palavras ecoam entre nós...

Eu sou o pai e tu és o filho.

O meu coração cai-me do peito e, nesse momento, sei que a vida nunca mais será a mesma.

Para nenhum de nós.

Capítulo Trinta e Um

HAYDEN

O grito de um corvo soa ao longe, uma canção pacífica que canta para a minha alma.

Não há dúvida de que o meu lugar é no campo. O meu regresso só veio cimentar o quanto adoro o meu estilo de vida.

Se ao menos...

Esta cadeira de baloiço tornou-se a minha melhor amiga.

Quando as coisas se tornam demasiado pesadas, o que é frequente, baloiçar mantém-me sã. Tal como um bebé, acalma-me até me sentir melhor. Em câmara lenta, os suaves raios de ouro desaparecem sobre a montanha enquanto o sol se põe.

Seis semanas sem ele.

Sem um beijo, um abraço, uma piada... amor.

Alguns dias passam a correr, enquanto noutros mal consigo respirar.

Mal me agarrando à vida.

Ligo para o número e espero. O gravador de voz atende.

O telemóvel para o qual ligou está desligado.

— Onde é que estás, Eddie?

Estou a ficar preocupada. Há duas semanas que não tenho notícias dele. Ligamos um para o outro à vez, e é a vez dele... mas ele não telefonou e agora não está a atender.

Não parece nada dele. Quase consigo acertar o meu relógio ao minuto pela fiabilidade das suas chamadas.

Espero que ele esteja bem.

Está. Para de pensar demais.

A escuridão cai e a brisa quente sopra sobre mim, sacudindo o meu cabelo sobre o meu rosto e trazendo um milhão de belas recordações. Sorrio ao pensar no meu lindo Christopher. Não me arrependo nem por um momento ter-me apaixonado por ele, porque agora sei o que é estar no céu, mesmo que só por um bocadinho... ele foi meu.

Recosto-me na minha cadeira de baloiço e puxo o cobertor de malha sobre as pernas enquanto relaxo na noite.

Se ao menos...

Dez dias depois

O avião aterriza em Barcelona e, pela janela, vejo a pista passar a toda a velocidade. Não tenho conseguido contactar o Eddie e estou a começar a ficar preocupada. Sei que certamente há uma desculpa razoável para o facto de ele não atender o telefone, mas não consigo relaxar enquanto não o verificar.

Além disso, precisava de uma desculpa para sair de casa. A quinta está a fazer-me sentir claustrofóbica.

Honestamente, não sei onde raio é suposto eu estar neste momento. Tudo parece errado, e espero que a distância me dê alguma clareza.

Ainda não recomecei a trabalhar. Sempre que me vou comprometer com uma posição, há algo que me impede, e é ridículo, porque tenho mesmo de me organizar. Tenho vinte e seis anos e nem um trabalho tenho.

Ah...

Estou a tentar ser gentil comigo mesma. Quando tiver ultrapassado este desgosto, as coisas serão diferentes, tenho a certeza.

Saio do avião, pego na minha bagagem, apanho um Uber para o *hostel* e, quando o carro encosta à berma, olho pela janela com admiração. Um milhão de memórias bonitas vêm à tona.

Aqui está... O *hostel* onde nos conhecemos.

O condutor sai do carro, interrompendo os meus pensamentos, e eu saio timidamente.

Não estava à espera que este lugar me trouxesse tantas emoções.

– Chegámos, menina. – O motorista pouisa a minha mala no passeio.

– Obrigada.

– Boa noite.

– Igualmente.

Ele entra e arranca, e eu fico a olhar para o edifício do *hostel*. Agora, já nem sequer sei se quero entrar. Estar aqui vai desfazer toda a cura pela qual tenho passado? Paciência...

Preciso de encerrar isto. *É só entrar.*

Entro com a mala e vou até à receção. São quase 22h00 e sei que a receção fecha em breve. Não há ninguém na secretária.

– Olá – digo.

Ouçó música e risos vindos da zona do bar e sorrio. Nada mudou por aqui.

– Estou a ir – diz uma voz feminina vinda do escritório das traseiras.

Espero pacientemente, e ela acaba por aparecer.

– Peço desculpa, estava ao telefone. – Ela sorri. É nova, nunca a vi. – Não faz mal. Tenho uma reserva em nome de Hayden Whitmore.

– É para já. – Ela introduz a informação no computador. – Está bem, vais ficar num quarto privado durante uma semana?

– Sim.

Ela vai buscar as chaves e tudo o mais, e eu olho em volta para o ambiente familiar. Não há como negar que este sítio me faz sentir melhor.

– Na verdade, é possível estender a reserva para duas semanas, se possível? –

pergunto.

– Deixa-me verificar. – Volta a escrever no computador. – Sim, é possível. – Ela passa-me as chaves. – Já estiveste connosco?

– Sim. – Sorrio.

– Ótimo. Estás no último andar, quarto duzentos e nove. Sobe as escadas ao fundo do corredor. O elevador está avariado.

O raio do elevador nunca funcionou desde que vim para cá há mais de um ano.

– Obrigada. Sabes se o Eddie está a trabalhar no bar esta noite? – pergunto-lhe.

– Não faço ideia, desculpa – responde. – Tenho estado demasiado ocupada. Ainda não saí daqui.

– Está bem, obrigada.

Subo o corredor e carrego a minha mala pelos dois lanços de escadas enquanto sorrio para mim própria. Não me posso queixar do serviço dos *hostels* para mochileiros, porque não existe.

Subo o corredor, encontro o meu quarto e abro a porta. Há uma cama de casal, uma mesa de cabeceira e um lavatório com um espelho em cima. Está limpo e arrumado. Gostava que ainda houvesse quartos com casa de banho privativa. Bem. Vai correr bem. – Isto serve perfeitamente. Pouso a mala, lavo a cara e prendo o cabelo num rabo de cavalo. Visto um vestido fresco de verão e desço as escadas até ao bar.

A música está alta e as pessoas estão a dançar. Há luzes de festa penduradas no pátio e o local está a fervilhar.

– Olá, querida. – Um tipo sorri enquanto me olha de cima a baixo. – Onde vais?

– Olá. – Finjo um sorriso e continuo a andar, enquanto procuro pelo Eddie. *Bblec... contigo, a lado nenhum.* Avanço pela multidão e vejo-o. Está a servir um grande grupo de pessoas e olha para cima. O seu rosto ilumina-se e, sem perder tempo, sai de trás do bar e quase me derruba ao agarrar-me.

– Hazen. Abraça-me com muita força. – Voltaste.

Rio-me.

– Claro que voltei. Estava tão preocupada. Porque é que não atendes o telemóvel? – pergunto-lhe.

O seu rosto esmorece.

– Foi roubado.

– Oh... querido. – Vejo como está desapontado. – Não faz mal. Vais arranjar outro em breve. – Está enorme agora. – Cresceste 15 centímetros? – Pergunto, a rir-me.

– Talvez.

Mantenho-o à distância de um braço enquanto o olho de cima a baixo.

– Ainda bem que estás bem.

Ele sorri-me. Está mais alto do que eu.

– Olha como estás bonito. – Sorrio, orgulhosa.

Ele põe o braço à minha volta, mantendo-me perto.

– Vais ficar aqui?

– Sim. Volta para o trabalho, vejo-te mais tarde.

– Não vais embora, pois não? Senta-te no bar e eu arranjo-te uma bebida – diz ele, esperançoso, enquanto me puxa para um banco ao fundo do bar.

– Está bem. – Sorrio enquanto me sento no banco.

O Eddie corre para trás do bar, prepara-me uma bebida e coloca-a à minha frente.

– Obrigada.

– Acabo à uma – diz-me.

– Estarei na cama muito antes da uma, *bubba*. – Ele sorri para mim de forma pateta.

– O que foi?

– Chamaste-me *bubba*.

Deslumbro-me com a fofura deste rapaz.

– Claro que te chamei *bubba*. Tu és um *bubba*.

Ele ri-se e volta a servir. Pego na minha bebida e bebo um gole. Olho para cima e vejo o Christopher. Está sentado na outra ponta do bar.

O quê?

Olhamos fixamente um para o outro e ele sorri-me de forma lenta e sensual.

O meu coração dá cambalhotas no meu peito, como se estivesse em câmara lenta. Ele levanta-se e caminha até mim.

– Rabugenta. – Ele sorri com suavidade. – Olá.

Ele inclina-se e abraça-me, e eu fecho os olhos contra o seu ombro grande e forte. O seu *aftershave* flutua à minha volta.

Tenho saudades dele.

– O que fazes aqui? – pergunta.

– Não conseguia falar com o Eddie. Estava preocupada. E tu?

– O mesmo.

Ficamos a olhar um para o outro enquanto uma bonita familiaridade se instala entre nós. Aponto para os bancos.

– Senta-te e toma uma bebida comigo.

– Está bem.

Ele puxa um banco e sentamo-nos. Os nervos dançam no meu estômago.

Isto está mesmo a acontecer? Quais são as hipóteses de nos encontrarmos do outro lado do mundo?

– Como estás? – pergunta.

– Bem – minto. – E tu?

Encolhe os ombros. – Já estive melhor.

Oh...

Os meus olhos procuram os dele, e só me apetece abraçá-lo e dizer que o amo e implorar-lhe que me aceite de volta.

– Quando é que chegaste? – pergunto.

– Há uma semana.

Pensava que estava estupidamente ocupado.

– Descobri que o Eddie é órfão e vive nas ruas – diz ele suavemente.

– O quê?

– Está completamente sozinho, Rabugenta.

O meu rosto descaí enquanto olho para o Eddie a sorrir alegremente enquanto serve alguém.

– Onde estão os pais dele?

– Nunca conheceu o pai, e a mãe morreu quando ele tinha oito anos. Não tem familiares vivos. Esteve no sistema de adoção, mas foi colocado com idiotas e fugiu quando tinha onze anos.

– A sério? – Ele assente, com tristeza.

– Meu Deus, pobre Eddie.

– Ele não sabe ler, nem escrever – diz suavemente. Os meus olhos enchem-se de lágrimas. – Vou levá-lo para casa comigo.

– O que queres dizer? – Ele está a tomar decisões sobre o seu futuro a longo prazo sem me consultar?

Porque acabámos.

– Ele vem viver comigo para Londres. – Encolhe os ombros. – Isso se eu o conseguir tirar do país.

Fico a olhar para ele, a minha mente num caos.

– Não tem passaporte nem certidão de nascimento. Tenho o meu amigo Sebastian Garcia a ajudar-me. Sabes, o que conhecestes?

Olho fixamente para ele, tão abismada com o que me está a dizer que nem sequer consigo dizer uma frase coerente. – Não?

– Ele estava no iate na Grécia com o Julian Masters.

Oh... o bonito.

– O de cabelo escuro? – pergunto enquanto finjo não saber.

– Sim. É político em Londres e de ascendência espanhola. Está a ajudar-me com a burocracia.

– Christopher... – Faço uma pausa enquanto tento organizar os meus pensamentos. – Não o podes levar de Espanha. É a casa dele.

– É? – responde com um tom aborrecido. – Dormia num colchão manchado no chão, sozinho numa casa deserta. Sem canalização, sem eletricidade. Nada. Tinha os meus postais colados na parede com uma fotografia tua no centro. Somos literalmente *tudo* o que ele tem, Hayden, e não o posso deixar aqui. Não o vou fazer.

Olho para o Eddie a servir um grupo de homens no bar e fico emocionada. O nó na minha garganta dói quando tento engolir.

Pobre Eddie.

– Mesmo que seja só até ele ter dezoito ou dezanove anos e ter idade suficiente para arranjar uma casa sozinho – diz ele suavemente. – Posso ensiná-lo a ler e a escrever para que tenha pelo menos uma hipótese.

Aceno enquanto ouço, permanecendo em silêncio.

Não há palavras para esta situação. Estou completamente em estado de choque. Os olhos de Christopher fixam-se nos meus.

– O que é que estás a pensar?

Bebo um gole da minha bebida e encolho os ombros.

– Já pensaste realmente no que isto significa para o teu futuro? Uma criança é

muita coisa, Christopher.

– Eu sei. – Ele aperta a cana do nariz. – Mas o que é que é suposto eu fazer, Rabugenta?

– Não sei – sussurro. Ficamos sentados em silêncio durante algum tempo.

– O que é que ele pensa sobre tudo isto? – pergunto.

Encolhe os ombros.

– Ele parece entusiasmado por vir comigo. Quer dizer... quais são as suas outras opções? Ter medo todos os dias que um cabrão lhe roube o telemóvel enquanto dorme no chão?

Foda-se.

Não consigo imaginar-me sozinha. Deve ser muito assustador para ele. A silhueta do Christopher desfoca-se e eu limpo rapidamente as lágrimas dos olhos.

O Christopher olha fixamente em frente. Parece ter o peso do mundo nos ombros... e agora sei que tem.

– És um bom homem, Christopher.

Os seus olhos prendem os meus e o ar crepita entre nós. Ele aproxima-se lentamente e prende uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. – É tão bom ver-te, Rabugenta.

Nunca precisei tanto de abraçar alguém na minha vida. E não posso.

O meu coração bate mais depressa e estou em sobrecarga de informação. Tudo está diferente, mas nada mudou. A nossa situação de merda continua a ser a mesma, mas agora ainda mais complicada.

Há uma criança.

Levanto-me abruptamente. – Devia ir.

– O quê, para onde? Parece surpreendido.

– Cama. Eu... estou exausta. – Vais ficar aqui?

– Sim.

– Eu também.

Ele dá-me um sorriso suave. – Vejo-te amanhã, então?

– Está bem, adeus – digo rapidamente. Preciso de me afastar dele agora mesmo.

Isto é tudo demasiado, porra.

Olho para o Eddie, sopro-lhe um beijo e subo para o meu quarto. Entro pela porta e começo a andar de um lado para o outro.

E agora?

CHRISTOPHER

Estou deitado na areia, na escuridão. A emoção distante da festa soa ao longe. A praia está calma e deserta. Há um milhão de coisas a passar-me pela cabeça.

Vê-la hoje...

Não é natural não tocar na Hayden... segurá-la nos meus braços e dizer-lhe o quanto preciso dela.

Nunca acreditei no amor. Pensava que era uma fantasia de que só as pessoas solitárias se convenciam que precisavam. Não pensei que fosse possível gostar tanto de alguém como gosto dela. E sei que não podemos ficar juntos, e sei que nunca vai dar certo entre nós, mas vê-la em carne e osso abriu uma ferida... o meu

coração sofre pelo que não pode ter.

Mais um momento nos seus braços.

Tenho uma visão dela no bar ao princípio da noite, tão distante, tão diferente da calorosa e gentil Hayden que conheço.

Estas sete semanas arrastaram-se tão lentamente e, no entanto, ao vê-la esta noite, é como se nunca tivesse partido.

Tudo parece igual, talvez até mais forte. Estou completa e totalmente fodido.

Olho para a lua. Tantas noites em que a Hayden e eu nos deitámos nesta praia e sonhámos com o futuro. Mas, olhando agora para trás, era ela que sonhava enquanto eu ouvia. Eu já sabia o meu destino... Só que na altura nunca o dei a entender. Se ao menos tivesse sido honesto comigo próprio e com ela, poderia ter-nos poupado muita dor de cabeça.

A retrospectiva é uma coisa maravilhosa. Se ao menos...

HAYDEN

Entro na cafetaria com um novo sentido de propósito. Uma boa noite de sono fez maravilhas. Fui tão malcriada ontem à noite quando o Christopher me contou os seus planos com o Eddie. Não fui nada solidária, mas em minha defesa, estava em choque total.

O Christopher assumir o Eddie é a última coisa que eu esperava, mas depois de pensar nisso toda a noite, não estou surpreendida. O Christopher tem o maior coração de todos os que conheço.

Claro que iria levá-lo. Ele adora-o. E tem razão: não o pode deixar aqui sozinho.

Vejo o Christopher sentado na mesa do fundo. Está ao telefone e acena-me.

Certo...

Deixo cair os ombros, determinada a ser uma pessoa melhor, e aproximo-me e sento-me ao lado dele.

Ele sorri enquanto ouve a pessoa que está do outro lado. – Certo. E não há absolutamente nenhuma maneira de acelerar isto?

Ele cerra os olhos e depois passa a mão pelo rosto. – Foda-se...

Passa-se alguma coisa.

– O que é que se passa? – Pergunto.

Ele revira os olhos.

– Muito obrigado, agradeço. Então, fico à espera de notícias suas?

Sento-me em silêncio enquanto ouço.

– Está bem, obrigado. – Ele desliga e solta um suspiro profundo.

– O que se passa?

– Há boas e más notícias.

– As boas primeiro.

– Posso tirar o Eddie do país se o contratar como empregado e não por ser uma criança sem-abrigo.

– Certo, bem, isso é bom. – Sorrio. – Quais são as más notícias?

– Vai demorar algumas semanas a organizar a papelada.

– Porque é que isso é um problema?

– Tenho de voltar ao trabalho. Não há forma de o contornar. Tenho reuniões e

mais reuniões marcadas e não posso voltar a cancelar, mas também não o posso deixar aqui sozinho. Se lhe acontecer alguma coisa, nunca me vou perdoar.

– Oh... – Penso por um momento. – Posso ficar aqui com ele. O Christopher franze o sobrolho.

– Sim, porque não? – Encolho os ombros. – Não tenho de voltar para nada. Eu fico aqui com ele, e tu e ele podem continuar a trabalhar, e depois, quando a papelada estiver pronta, podes voltar para o vir buscar.

– Farias isso por mim?

– Claro que faria isso por ti. Faria tudo por ti, Christopher.

– A sério?

– És o meu melhor amigo. – Sorrio.

O seu rosto descai.

– Puseste-me na zona dos amigos?

– Querido... – Encolho os ombros enquanto ponho a minha mão sobre a dele na mesa. – Começámos por ser amigos e seremos sempre amigos.

– Mas e...

– A nossa situação não mudou e por muito que gostemos um do outro... – A minha voz descarrila, não quero dizer as palavras em voz alta.

– Tens razão – concorda. – Nunca iremos funcionar. Eu sei disso.

Sinto o coração a latejar. Estava à espera que ele me dissesse que há uma solução para o nosso problema.

Nada mudou.

– Então, quando vais embora? – pergunto para mudar de assunto.

– Amanhã.

– Oh.

Os olhos dele estão em mim.

– Tão cedo?

– Sim.

Aceno com a cabeça, desanimada. – Está bem.

– Vou arranjar-vos um bom apartamento para ficarem.

– Não, estamos bem aqui. Assim o Eddie pode continuar a trabalhar, e não é tão diferente para ele.

– Tens a certeza?

– Sim, claro. – Sorrio. – Volta para Londres e faz o que tens a fazer. Nós ficamos bem.

Apetece-me dizer que já não quero saber dos meus planos de vida. Desde que ele esteja neles, eu fico bem. Mas sei que não posso. Fiz a minha cama e agora preciso de me deitar nela.

– Voltarei assim que puder para o vir buscar.

Para o vir buscar.

– Está bem. – Forço um sorriso. – Ele é um rapaz de sorte por te ter.

– Eu é que sou.

Ficamos a olhar um para o outro e... *Oh...*

O meu coração sofre por este lindo homem.

O Eddie entra no restaurante como uma estrela de *rock*, e o Christopher sorri e

faz-lhe sinal.

– Eddie, meu puto.

– Olá, Hazen. – Ele sorri enquanto se senta ao meu lado.

– Bom dia, *bubba*. – Sorrio, enquanto lhe afasto o cabelo da testa. Ele sorri para mim e o meu coração derrete-se. Adoro este miúdo.

– Boas notícias – diz-lhe o Christopher. – Estão a organizar a papelada para que venhas viver comigo. – Os olhos do Eddie arregalam-se de entusiasmo.

– Estão?

– Sim. – O Christopher sorri. – Mas... vai demorar algum tempo.

– Quanto tempo?

– Algumas semanas, e tenho trabalho para fazer, por isso vou voltar para Londres.

O rosto do Eddie esmorece.

– Mas a Hazen vai ficar contigo até eu voltar.

Os olhos dele cintilam na minha direção à procura de confirmação.

– Pode ser? – Sorrio.

Ele morde o lábio inferior para esconder o seu sorriso.

– E depois vens para Londres connosco? – pergunta com esperança.

– A Hazen não vive em Londres – responde o Christopher por mim. – Vive no campo.

– Oh. – O Eddie torce os lábios enquanto contempla a resposta.

– Tu e eu vamos divertir-nos enquanto o Christopher estiver fora. – Sorrio para o tentar tranquilizar.

Ele acena com a cabeça e eu percebo que está nervoso com a possibilidade de o Christopher não voltar.

– Ele vai voltar para ti, Eddie, eu prometo.

Os olhos do Eddie procuram os meus e depois olha para o Christopher.

– Claro que vou voltar para ti. Já te disse, pertencemos um ao outro – diz o Christopher.

Au...

Fico com um nó na garganta e empurro a cadeira à pressa, antes que faça figura de parva.

– Tenho coisas para fazer hoje. Vejo-vos aos dois mais tarde? – Levanto-me.

– Está bem. – o Eddie sorri, feliz. – Adeus.

– Adeus. – Deixo o restaurante e saio do *hostel* para a rua. Não tenho realmente alguma coisa para fazer, mas sei que não posso ficar perto do Christopher Miles. Portanto, vamos lá.

Tenho de me manter forte.



Tenho de me manter forte.

Entro na casa de banho comum pouco depois das 23h00. Há algumas pessoas no duche, mas felizmente está razoavelmente vazia.

Deixei o bar do *hostel* há mais de uma hora.

É difícil estar perto dele, especialmente quando nem sequer olha para mim. Estou a sofrer o tipo de destino mais lento e doloroso.

Pouso as minhas coisas no lavatório e olho-me demoradamente ao espelho. Um irreconhecível rosto triste olha para mim.

Perdi-o.

Exalo pesadamente, entro no cubículo e abro a torneira. Penduro a toalha no gancho e dispo-me. Entro e ponho a cabeça debaixo da água quente. Vou lavar o cabelo para tentar sentir-me melhor.

Afasto-me da água para pegar no meu saco de artigos de higiene, mas não está na prateleira.

Mas que raios? Eu trouxe-o para dentro. Sei que trouxe.

Raios, deixei-o no lavatório. Enrolo a toalha à minha volta, abro a porta do cubículo e dou de caras com o Christopher. Está nu, com uma toalha branca à volta da cintura. Está bronzeado e cheio de músculos. O seu peito largo enfraquece-me os joelhos.

Antes de me conseguir conter, dou um suspiro audível.

– O que estás a fazer? – balbucio.

– Banho. – Os seus olhos descem pelo meu corpo e, quando voltam aos meus, estão a arder de desejo.

Podia-se cortar o ar com uma faca.

E depois, vem para cima de mim. Empurra-me contra a parede e agarra num punhado do meu cabelo, arrastando a minha cabeça para trás de modo que os meus olhos encontrem os dele.

– Tens de me foder.

O ar crepita entre nós.

– Eu sei.

Os seus lábios tocam nos meus, e eu perco a cabeça. O beijo é selvagem, louco e cheio de emoções reprimidas.

Principalmente, ódio pelo que nos fizemos passar um ao outro...

Ele empurra-me para dentro do cubículo, fecha a porta e depois prende-me à parede.

Beijamo-nos como se as nossas vidas dependessem disso. Desesperados e completamente descontrolados.

Ele arranca a toalha e a sua grande ereção fica livre. Está pesadamente suspensa entre as suas pernas, e gemo quando o sinto contra mim.

Símmm!

Ele levanta-me, abre-me as pernas, e depois desliza para dentro de mim num movimento brusco.

– Foda-se... – sussurra.

Ficamos a olhar um para o outro enquanto me contorço para o acomodar.

Oh... Tive tantas saudades dele.

Ele sai lentamente e mete-o novamente até ao fundo. Fazemos isto algumas vezes, e depois perde o controlo e fode-me, com força e rapidez.

Zangado.

O som da nossa pele molhada a bater ecoa na casa de banho, e eu vejo estrelas.

Ele consome-me por completo enquanto me domina, morde-me o pescoço, aperta-me o rabo e penetra-me com estocadas profundas e fortes.

Mas é o meu coração que está em perigo... está a cair do meu peito e a escorrer pelo ralo juntamente com a água.

Está a foder-me como se não me conhecesse, como se fôssemos estranhos. Se calhar somos.

Ele segura-se bem fundo, e eu sinto quando ele se vem bem dentro do meu corpo, e fico em lágrimas. Ele nunca se vem antes de mim... não o fez uma única vez.

Já nem quer saber.

Olha para mim, e vê as minhas lágrimas. Os seus olhos assombrados procuram os meus.

– Não posso fazer isto – sussurra.

Sai de dentro de mim e apressa-se a sair do cubículo. Ouço o chuveiro dele a ligar-se e soluço em silêncio.

Sozinha.

Está a lavar-me dele... pela última vez.

Capítulo Trinta e Dois

Estamos em frente ao *hostel* à espera do Uber. O Eddie está a conversar alegremente, enquanto eu e o Christopher estamos estranhos como o caraças.

Nem sequer olha para mim, e tudo o que posso fazer é olhar para o seu belo rosto, na esperança de detetar um vislumbre de emoção.

Qualquer uma.

A paragem cerebral momentânea de ontem à noite reabriu a ferida e estou a sangrar, a precisar de uma transfusão urgente.

O carro chega e o Christopher puxa o Eddie para um abraço.

– Toma conta da Hazen – diz-lhe. – Volto para te buscar dentro de algumas semanas e depois podemos começar a nossa nova vida em Londres.

O Eddie sorri orgulhosamente para o seu protetor.

– Combinado.

Os olhos do Christopher encontram os meus e uma onda de tristeza atinge-me como um raio. Abraça-me com força, bochecha com bochecha.

Não vás...

Agarramo-nos um ao outro, ambos sem nos querermos despedir, mas sabendo que temos de o fazer.

Ele solta-se dos meus braços e afasta-se.

– Tenho de ir.

Forço um sorriso.

– Boa viagem.

– Liga-me se precisares de alguma coisa – diz.

Preciso de ti.

– Está bem.

Despenteia o cabelo do Eddie.

– Até breve, miúdo.

Ele entra no Uber com um pequeno aceno, e o carro arranca para o trânsito.

O Eddie e eu vimo-lo desaparecer ao longe. O meu coração chora de tristeza.

O Eddie vira-se para mim, totalmente des preocupado.

– Queres ir à praia?

Sorrio perante a sua perfeita inocência.

– Claro.

CHRISTOPHER

Sento-me à minha secretária e fico a olhar para o vazio.

Nunca me senti tão em baixo.

Não perdi só a mulher que amo... Usei-a para sexo. E ela percebeu.

Tive de o fazer. Não consegui evitar. Tive de me dissociar para o poder fazer.

Naquele momento, precisava do corpo dela, e não conseguia suportar precisar dela.

Era melhor se eu fingisse que não estávamos a partir o coração um do outro no duche, nessa noite.

Era melhor fingirmos que não nos conhecíamos. Então porque é que dói tanto?

Como se o meu mundo estivesse a chegar ao fim.

Arrependo-me de a ter perdido. Arrependo-me ainda mais de apenas a ter fodido.

Só faço amor com a Hayden Whitmore, nada mais e nada menos.

Não sei porque é que fizemos aquilo.

Talvez eu esteja estragado. Talvez o sexo casual esteja arruinado para sempre.

Continuo a ver a forma como ela olhou para mim, o desgosto por detrás dos seus olhos.

Ela sabia. Ela sabia que, naquele momento, podia ter sido qualquer pessoa.

Só o fiz para tentar proteger o meu coração partido. Não funcionou...

Não posso deixar isto assim. Tenho de pedir desculpa por ter sido tão frio. A culpa está a matar-me.

Marco o número dela e fecho os olhos enquanto o telefone toca.

— Olá... — atende ela.

Fico com um nó na garganta e mantenho-me em linha, chocado por o som da voz dela me afetar tanto. — Olá, Hayden — acabo por dizer.

Ela fica em silêncio, à espera que eu diga alguma coisa.

— Hayz. — Tento articular o que quero dizer. — Liguei para pedir desculpa.

— Porquê?

— Pelo meu comportamento no duche naquela noite.

Silêncio...

— É só que... — A minha visão turva-se com as lágrimas. — Tinha de te bloquear.

— Porquê?

— Porque estou zangado contigo por me teres partido o coração.

— Chris... — diz com suavidade.

— E sinto-me péssimo, e não me consigo perdoar por isso, e sei que não é assim que somos. Não merecias.

— Está tudo bem — sussurra ela, e eu consigo perceber que está a chorar.

— É só que... Tenho saudades tuas...

— Eu sei, querido. Eu também.

Isto não está a ajudar nada.

— Tenho de ir — balbucio.

— Christopher...

— Adeus. — Corto-lhe a palavra antes de desligar o telefone.

Apoio a cabeça nas mãos. *Devastado* é um eufemismo.

HAYDEN

Sento-me ao pequeno-almoço e bebo o meu café enquanto o Eddie me conta detalhadamente tudo sobre o seu turno da noite passada. — E depois outro tipo atirou gelo e começou outra luta. — Continua ele com a história muito elaborada.

Sorrio enquanto ouço. Nunca me tinha apercebido de como ele é tagarela, ou talvez só agora repare nisso porque passamos muito tempo juntos.

Passaram duas semanas desde que o Christopher se foi embora, e este tempo a sós com o Eddie tem sido precioso.

Olho para o meu relógio. O Christopher vai ligar-lhe em breve. Fá-lo todas as

manhãs e, no final da conversa, pede para falar comigo.

E a conversa de cinco minutos que tenho com ele faz-me ganhar o dia.

As nossas conversas sobre nada significam tudo.

Como um relógio, o meu telefone toca e o nome *Christopher* aparece no ecrã. Passo-o ao Eddie e ele abre um grande sorriso e atende. – Olá, Christo.

Fico a observar, e o Eddie fala, todo animado, com um enorme sorriso pateta. Os telefonemas do Christopher também o fazem ganhar o dia.

Aguardo pacientemente enquanto os ouço falar das últimas vinte e quatro horas e do que fizeram.

É a minha vez.

O Christopher conversa e o Eddie sorri enquanto ouve.

É a minha vez.

Controlo-me ao máximo para não lhe arrancar o telemóvel.

– Hoje? – questiona o Eddie. – Vamos ao mercado de fruta, e depois a Hazen quer comprar um vestido, por isso acho que vou ter de a levar. – Revira os olhos como se fosse um incómodo.

Sorrio. A verdade é que ele adora fazer tudo o que é normal.

Tudo o que fazemos juntos é divertido para ele.

O Eddie baixa o telefone.

– O Christopher diz que não há vestidos brancos.

Rio-me.

– Conta-lhe das nossas leituras – murmuro.

– Oh, sim. – O Eddie sorri, entusiasmado. – A Hayden e eu começámos a ter aulas de leitura. Ela está a ensinar-me.

Ouçó a voz do Christopher elevar-se mais. Gosta de como isso soa.

– E comprámos alguns lápis e temos desenhado na praia – diz, orgulhoso.

Sorrio ao ouvi-lo.

– E a Hayden comprou-me uns livros para miúdos pequenos. – Ele revira os olhos. – Sobre animaizinhos e carros e assim.

– Que já memorizaste – digo-lhe. – Temos de voltar ao início, lembras-te?

Eles conversam e conversam, e caramba, *é a minha vez.*

Por fim, o Eddie passa-me o telefone.

– Ele quer falar contigo.

O meu coração dá cambalhotas no meu peito.

– Olá.

– Olá, Rabugenta. – A voz dele é profunda e sensual. Faz-me sentir imediatamente quente e confortável. – Como estás?

Agora, bem.

– Bem, e tu?

– Estou bem.

Ficamos em linha como se tivéssemos um milhão de coisas para dizer... mas não fôssemos capazes.

– Como foi o teu dia? – pergunto.

– Ocupado. Estou a tentar fazer o máximo que posso para poder desimpedir a minha agenda quando ele chegar.

- É uma boa ideia.
- Falei hoje com a embaixada. Parece que vai demorar mais duas semanas.
- Oh.
- Pode ser? – pergunta.
- Podes vir cá passar um fim de semana para nos ver... *o ver* – corrijo-me.

Merda.

- Não posso, querida. Tenho de trabalhar.

Querida.

- Claro.

Fico em linha, a tentar pensar em algo inteligente para dizer.

- Tens saído? – pergunto, nervosa.
- Não saio desde que te foste embora.
- Não? – sussurro.
- Não há nada que eu queira lá fora.

Sorrio. Ficamos em linha mais um pouco. Há uma magia que nos envolve quando falamos.

Mais profunda do que o sexo, mais especial do que o amor. Uma compreensão que nem mesmo nós entendemos.

– Não consigo dizer-te o quanto te agradeço por fazeres isto por mim, Rabugenta – diz ele, suavemente. – Talvez o Eddie e eu possamos ir visitar-te à quinta um dia destes?

- Gostava muito.

O meu coração aperta-se... Quero mais do que uma visita.

- Devia deixar-te ir – respondo.

– Não, não vás – balbucia antes de se recompor. – Quer dizer... claro, está bem.

- Podes ligar-me hoje à noite, se quiseres. – Encolho os ombros.

- A sério?

– Hum-hum. Quer dizer, o Eddie está a trabalhar... mas... se quiseres falar ou... assim.

- Ligo-te hoje à noite.

Sorrio, com esperança.

- Adeus.

- Adeus.

Ficamos em linha, ambos à espera, e faltam duas palavras na nossa despedida.

Duas palavras que quero desesperadamente ouvir.

- Falamos logo à noite – diz ele, por fim. – Adeus.

Desligo e o Eddie revira os olhos.

- O que foi?

- Porque é que fazes essa cara sempre que falas com ele? – pergunta.

- Que cara?

- Essa cara de gosma.

- Não faço – digo.

- Fazes, sim.

- Come o pequeno-almoço. – Aponto para a comida. – Temos de ir pintar.



O meu telemóvel toca na mesa de cabeceira.

Christopher

Juro que agora sou como uma fã obcecada. Só o facto de ver o nome dele aparecer no meu telemóvel deixa-me em pulgas. – Olá – atendo.

– Olá... – A sua voz é familiar e sensual e faz-me sentir um arrepio pela espinha. – Como foi o dia da minha miúda?

A sua miúda.

O sorriso quase me divide a cara em dois. – Foi bom. Melhor agora.

Algo mudou, e não consigo dizer exatamente o que é porque não quero agoiar. Só sei que as nossas chamadas noturnas se tornaram mais suaves, mais íntimas.

Não falamos de nada e, no entanto, falamos de tudo. Nunca falámos sobre a nossa relação ou sobre como estamos, mas o que interessa é que falamos.

Todos os dias.

Ele liga ao Eddie de manhã e fala comigo brevemente, mas depois liga-me à noite e falamos durante horas.

Sinto falta de nós.

E quero tentar novamente. Arrependo-me tanto da forma como terminámos da última vez. Devia ter ficado. Devia ter tentado com mais força. Sinto que o fim da nossa relação foi culpa minha, mas não sei como abordar o assunto. Estou sempre à espera que ele fale no assunto, mas não o faz. O facto de nos amarmos nunca foi o problema.

No entanto, a nossa situação demográfica continua a ser a mesma. Ele adora a vida da cidade, eu adoro o campo. Não sei como contornar isto. É um problema enorme. Por isso, não tenho a certeza se vai funcionar.

Ou se ele quer sequer tentar.

Mas a sua devoção ao Eddie veio confirmar o que eu já sabia.

Ele é o tal.

O Christopher Miles é uma pessoa muito especial, e não conheço nenhum homem, muito menos um mulherengo bilionário, que levantasse a mão para adotar um miúdo sem-abrigo da rua. Isto vai mudar toda a sua vida, e ele não se importa. É tão altruísta.

Carinhoso e corajoso.

A verdade é que consigo ver o nosso futuro com tanta clareza... nós os três.

É perfeito.

Só tenho de descobrir como lá chegar.

– Tenho andado a pensar para que escola é que o Eddie vai – diz ele.

– Não sei se a escola é uma boa opção – respondo.

– O que queres dizer?

– As crianças são más, Chris. Ele não sabe ler, nem escrever. Vão implicar com ele, e sinto que mandá-lo para uma escola de gente fina é prepará-lo para o fracasso.

– Mas ele tem de aprender, Rabugenta. Não pode não ir à escola.

– Não estou a dizer nunca. Quero dizer ao início. Acho que devia ter aulas em

casa durante algum tempo.

– Mas como é que ele vai fazer amigos?

– Ele não precisa de amigos, precisa de uma família. Os amigos virão mais tarde, mas nesta fase inicial ele precisa de ser protegido. Já passou por muito.

– Humm, talvez... – Ele pensa.

– Eu podia... – Faço uma pausa, temendo a sua reação. – Podia ir ajudar durante algum tempo.

– O que é que isso significa?

– Podia ficar a ajudar-te com o Eddie.

– Não quero que te mudes para cá por causa do Eddie, Hayden. Se te mudares para aqui, tem de ser por mim.

Fecho os olhos. Sinto o coração a martelar no meu peito. Foda-se.

Diz...

– Christopher... Arrependo-me de não me ter esforçado mais – sussurro. – Tinhas razão. Devia ter ficado e resolvido o problema contigo. Sinto-me um enorme fracasso.

Ele fica em silêncio.

– Sinto que estraguei tudo e não sei como o resolver.

– Não, bebé – diz, suavemente. – Foi culpa minha. Pressionei-te demasiado.

– Não. Fizeste tudo bem.

– O que estás a dizer? – pergunta.

– Estou a dizer que quero outra oportunidade. – O meu coração martela no peito, nervosa com a reação dele. – Estou a dizer que... – Encolho os ombros. – Vou esforçar-me mais para me instalar e o apartamento vai ser ótimo. Vou habituar-me.

– Não quero que tenhas de te habituar.

– *Não* me consigo habituar a estar sem ti – sussurro.

– Haze... – diz com suavidade. – Fazes ideia do quanto te amo?

Ergo o olhar, em lágrimas.

– Lamento tanto.

– Querida, sou eu que lamento.

– Então... Posso voltar? – Sussurro, com esperança.

– Claro que podes voltar. Eu amo-te, sabes disso.

Soluço alto e o alívio apodera-se de mim. – Amo-te.

– Agora só temos de conseguir este visto para podermos ficar juntos.

Rio através das lágrimas. – Nós os três.

– Sim. – Ele sorri. – Nós os três.

Quatro longas e dolorosas semanas depois

O avião aterra na pista e o Eddie sorri entusiasticamente pela janela. Mal consigo conter a excitação.

Vou vê-lo.

Agora tudo parece diferente entre mim e o Christopher. Como se tivéssemos

estado em guerra e nas trincheiras juntos e estivéssemos agora a sair do outro lado. Sinto-me mais próxima dele do que nunca, e isso é dizer alguma coisa porque sempre fomos próximos.

Decidimos que ele esperaria em Londres e eu traria o Eddie para casa. Não fazia sentido ele vir até aqui só para regressarmos juntos num avião. Ele tem trabalhado muito para poder ter algum tempo livre para instalar o Eddie.

O avião para na pista e esperamos que todos saiam lentamente. É início da tarde e dirigimo-nos para o aeroporto. O Eddie não para de saltar, de tão excitado que está.

O Christopher está à espera junto à porta e ri-se alto quando vê o Eddie e apressa-se a abraçá-lo. Eu fico à espera, pacientemente.

É a minha vez.

Ele vira-se para mim e dá-me um sorriso lento e sensual, e o meu estômago dá voltas. Conheço aquele olhar.

– Olá, Rabugenta.

– Olá.

Ele toma-me nos braços e beija-me suavemente enquanto me segura o rosto nas mãos. – Vá, vamos para casa.

Casa.

Ele leva-nos para fora do aeroporto e para o parque de estacionamento.

– Como foi o voo? – pergunta ao Eddie.

– Foi ótimo. Devias ver lá de cima – suspira.

O Christopher ri-se enquanto ouve. O entusiasmo do Eddie é contagioso.

– Onde está o Hans? – pergunto ao olhar à volta.

– Vim a conduzir.

– Vieste?

– Hum-hum. – Ele segura na chave e as luzes de um SUV preto piscam quando se abre.

– De quem é esse carro? – FRANZO o sobrolho enquanto o observo.

– Achei que era altura de comprar um carro mais utilitário, agora que o Eddie está cá.

Os olhos do Eddie arregalam-se e a sua cara quase se divide em duas com a excitação.

– Oh. – Sorrio. – Estou impressionada.

– No banco de trás, miúdo – diz o Christopher. O Eddie entra, eu vou à frente e saímos para o meio do trânsito.

– Devias ver a velocidade a que o avião foi quando estava a descolar – suspira o Eddie do banco de trás.

O Christopher sorri. Os seus olhos passam para o espelho retrovisor para ver o seu rosto excitado. – Ai, foi?

– E deram-nos comida!

Ele continua a falar sem parar.

– O que te calhou? – pergunta o Christopher.

– Algo de frango e depois sobremesa. Como se chamava a sobremesa, Hazen?

– *Brownie* de chocolate.

– Sim, isso, e era tão bom que também comi o da Hazen, porque ela já estava cheia. E bebi limonada, e depois a senhora distribuiu toalhas quentes, e eu não sabia o que se fazia com elas, mas são para lavar a cara, caso não saibam.

O Christopher ri-se enquanto ouve.

O Eddie continua a falar e a contar ao Christopher todos os pormenores do voo, e eu sorrio enquanto olho pela janela.

É um dia feliz.



Uma hora depois, ainda estamos no carro e olho à minha volta, confusa. – Onde estamos?

– É um caminho alternativo. Há muito trânsito na cidade esta noite.

– Oh, está bem. – Sorrio ao imaginar a cara do Eddie quando vir o apartamento chique do Christopher. Não consigo imaginar como tudo isto deve ser estranho para ele. Não que se note. Está tão entusiasmado que ainda não se calou.

Saímos da autoestrada e seguimos por uma estrada rural. – Isto é *mesmo* um caminho alternativo. – Contraio o rosto ao olhar à volta.

– Vou só passar para ir buscar algo a casa de um amigo que vive aqui perto.

– O que vais buscar?

– Ele tem filhos e tem algumas coisas para o Eddie. Ainda não tive tempo de passar para as ir buscar. Vou ser rápido.

– Oh, está bem.

Estranho.

Entramos num caminho de acesso e há um sinal pendurado num poste ao lado do portão.

Cu de Judas

O quê?

Olho de relance para o Christopher em jeito de pergunta e ele sorri-me com uma piscadela sensual.

– O teu amigo chamou cu de Judas à sua propriedade? – Pergunto, desconfiada.

– Hum-hum.

As minhas sobrancelhas levantam-se.

– Bem, agora posso dizer que já vi tudo.

O Christopher ri-se e continuamos a subir a estrada. O sol está a pôr-se sobre as montanhas, e tudo o que consigo ver são colinas verdes a quilómetros de distância.

– Uau, isto aqui é lindo.

– É, não é? – diz o Christopher, casualmente, enquanto se concentra na estrada.

Conduzimos e conduzimos e conduzimos. Esta é a estrada de acesso mais longa de todos os tempos.

– Qual é o tamanho da propriedade dele? – pergunto. – Deve ser enorme.

O Christopher encolhe os ombros.

– Não sei, umas centenas de hectares, provavelmente.

– Hum.

Subimos uma colina e há uma fila enorme e bonita de árvores que leva a uma casa antiga. Há alguns carros estacionados e um homem sentado nos degraus da frente.

O Christopher acena pela janela e toca a buzina, e o homem acena-lhe de volta.

O Eddie e eu espreitamos quando o nosso carro estaciona à volta da enorme entrada circular.

– Vocês vão entrar? – pergunta o Christopher.

– Hum... – Os meus olhos encontram os do Eddie. – Está bem.

Sáímos, hesitantes, e o homem desce as escadas da frente.

– Olá, Hayden – diz.

Eu conheço-o? Quando ele vem na nossa direção, vejo que é o Elliot, o irmão do Christopher.

– Oh, olá. – Sorrio. Claro, ele vive numa casa de campo. – Como estás?

Dá-me um beijo na cara.

– É tão bom ver-te.

O Christopher apresenta o Eddie.

– Este é o Eduardo. Este é o meu irmão Elliot – diz ao Eddie.

– Olá, miúdo. – O Elliot aperta a mão do Eddie.

– A tua quinta é linda – digo.

– É, não é? – O Elliot sorri. Ele inclina-se sobre os dedos dos pés como se estivesse excitado. – Eddie, quero mostrar-te uma coisa nos estábulos.

O Eddie olha para mim em jeito de pergunta, e o Christopher massaja-lhe as costas de forma tranquilizadora.

– Está tudo bem. Vai com o Elliot.

O Elliot afasta-se e o Eddie segue-o timidamente. Observo-os a afastarem-se.

– Tenho algo para te mostrar, Rabugenta. – O Christopher pega na minha mão e leva-me até à casa. É velha e desgastada e dá uma sensação de outro mundo.

– Meu Deus, esta casa é linda. – Sorrio.

O Christopher abre a porta e eu abro a boca. A sala está cheia de flores e há velas acesas por todo o lado. Os meus olhos pousam nele em jeito de pergunta.

Os seus grandes olhos sensuais fixam-se nos meus e ele pega nas minhas mãos.

– Percebi uma coisa, Rabugenta.

– O quê? – sussurro, enquanto o meu coração lateja.

– Não importa onde vivo, porque *tu* és a minha casa. Desde que esteja contigo, vou ser feliz.

Oh...

Ele beija-me suave e demoradamente.

– Comprei esta quinta para ti.

– O quê? – Arregalo os olhos ao olhar à volta. – Compraste?

Ele ajoelha-se, tira uma caixa do bolso e abre-a.

– Hayden Whitmore, ensinaste-me a amar alguém com todo o meu coração. Pensava que para ser feliz tinha de ser um diamante, mas tu mostraste-me que não há problema em ser carvão e que me amavas tal como eu era. Não precisavas que eu fosse outra coisa. Eu era suficiente. Preciso de envelhecer contigo, de te amar e

proteger durante toda a minha vida. Casas comigo?

O meu coração explode de emoção. *Isto está mesmo a acontecer?*

– Faço a viagem para trabalhar em Londres, e sei que não é a quinta da tua família, mas...

– Sim – corto-lhe a palavra, enquanto me ajoelho no chão ao lado dele. – Sim. Sim, sim! Eu caso contigo. – Beijo-o. O nosso beijo é terno e íntimo, os nossos lábios demoram-se um sobre o outro.

Perfeito.

Ele põe-me o anel no dedo. É um diamante solitário cravado em ouro.

Tradicional e perfeito.

– Mas tu não queres viver numa quinta – sussurro.

– Não posso viver sem ti. O cu de Judas é o nosso meio-termo.

Rio-me enquanto nos beijamos.

– Não vamos chamar Cu de Judas à nossa quinta, Christopher.

– Porque não? – Ele beija-me novamente. – Espero que se façam muitas cenas com o cu aqui.

Eu desato a rir.

– Idiota.

Os lábios dele descem para o meu pescoço e ele leva-me para trás, em direção ao sofá.

– Temos aproximadamente oito minutos até eles voltarem.

Rio-me e depois olho à volta.

– Para onde é que o Elliot levou o Eddie, afinal? – pergunto.

– A dar um passeio, para o caso de dizeres que não.

Eu rio-me. Como se isso fosse acontecer. Abraço-o com força, enquanto ele me morde o pescoço.

– Amo-te tanto.

Um estrondo soa no alpendre e Elliot e Eddie entram a voar pela porta da frente. Fecham-na atrás de si. Parece que acabaram de ver um fantasma e estão ofegantes.

– O que se passa?

Olham um para o outro.

– Nada.

– Porque é que entraram assim a correr pela porta? – O Christopher franze o sobrolho. O Elliot endireita os ombros.

– Por nada. Só queria... juntar-me às festividades.

– Eu disse dez minutos. – O Christopher arregala os olhos.

– Eu dei-te quinze. – O Elliot arregala os olhos de volta.

– Foram para aí dois – arfa o Christopher.

– De qualquer forma, como correu? – O Elliot olha entre nós.

Estendo a mão com um sorriso pateta.

– Eu e a Hayden vamos casar – anuncia o Christopher com orgulho.

Os olhos do Eddie arregalam-se e o Elliot ri-se alto.

– Ainda bem que sim! – Apressa-se a puxar-me para um abraço. – Parabéns. – Aperta a mão do Christopher. – Seu velho.

– Velho? – murmura o Christopher. – A sério?

O Elliot encolhe os ombros.

– Soava bem na minha cabeça. Parabéns. – Vou deixar a vossa pequena família sozinha para que se instalem.

A vossa pequena família.

– Obrigada. – Sorrio, agradecida por ele ter vindo ver o Eddie.

– Jantar este fim de semana em minha casa para celebrar.

– Parece-me bem.

Envolvo o Eddie com o meu braço e ele olha para mim com adoração.

O Elliot abre a porta e hesita enquanto espreita para a escuridão.

– O que estás a fazer? – pergunta o Christopher.

– Nada – dispara o Elliot. – Só... a ver.

– O quê?

O Elliot estende as mãos e arregala os olhos.

– Coisas.

– Que coisas? – O Christopher contrai o rosto.

– Ouvimos um rugido nos arbustos – diz o Eddie.

O Christopher arregala os olhos.

– Que tipo de rugido?

– Um grande – responde o Eddie. – Enorme.

– O que queres dizer, um rugido enorme? – balbucia o Christopher. – Tipo o quê, um urso?

– Tipo um lobo.

– Um lobo? – Ele arfa.

Eu desato a rir.

– A sério? Não há lobos no Reino Unido – ironizo.

– Tens a certeza disso? – pergunta o Elliot, enquanto põe as mãos nas ancas.

– Parecia-se bastante com um lobo.

– Hum-hum – assente o Eddie. – Sem dúvida.

– Hum, claro. – Pego no telemóvel para perguntar ao Google.

– Bem – responde o Elliot –, Christopher, acompanha-me ao carro.

– O que... eu? – O Christopher aponta para o peito, horrorizado. – Porque é que tenho de morrer também? Acompanha-te a ti próprio ao raio do carro. És um grande homem do campo agora. Resolve.

Reviro os olhos.

– Oh, meu Deus, vocês são patéticos. Lidam com os maiores idiotas todos os dias no trabalho e, no entanto, têm medo de um pequeno lobo? – Caminho até à porta da frente. – Vamos lá, então.

O Elliot segue-me enquanto me dirijo para o carro dele.

– Só precisam de algumas luzes aqui fora. Está muito escuro – justifica-se.

Olho para a casa e vejo o Christopher e o Eddie a espreitarem pela ombreira da porta, como se estivessem a temer pelas suas vidas.

Rio-me e o Elliot também.

– Boa sorte a viver aqui com aqueles dois medricas – diz o Elliot enquanto me beija a bochecha.

– Obrigada. – Aceno-lhe e vejo o carro dele a afastar-se.

Aproximo-me do arbusto e mordo o lábio inferior para não sorrir.

– O que estás a fazer? – Chama o Christopher.

– Estou só a verificar.

– Verifica amanhã, com luz – diz.

Caminho até aos arbustos. O Elliot tem razão – *está* escuro como breu aqui fora.

– Hayden... – chama ele, outra vez.

Baixo-me e escondo-me.

– Hayden... – chama.

– Que raio é que ela está a fazer lá fora? – Ouço-o a perguntar a Eddie.

– Isto não é bom – responde o Eddie.

Fecho a boca para me impedir de rir à gargalhada.

– Hayden... – chama o Christopher. – Isto não tem piada...

– Foda-se, está morta – diz o Eddie.

– Não digas *foda-se* – responde o Christopher. – Hayden...

Rio para a mão.

– Hayden! – grita.

– Vai procurá-la – dispara o Eddie.

– Eu? Porque é que tenho de ser eu? É suposto seres o mais duro. Não viveste nas ruas?

– Disseste que eras o pai – argumenta o Eddie.

– E quando a encontrar, vou dar-lhe umas palmadas.

Ouço-o descer os degraus da frente com indignação.

– Hayden...

Espreito por entre os arbustos e vejo-o a transportar uma vassoura como arma, e quase me engasgo para não me rir em voz alta.

Ele aproxima-se cada vez mais.

– Hayden...

Espero até ele estar perto de mim, salto e grito como se algo me estivesse a perseguir. Passo por ele a toda a velocidade.

– Ahhhhhh – grita ele, enquanto corre para casa.

– Ahhh – grita o Eddie enquanto espera à porta.

O Christopher passa por mim e entra em casa. É a coisa mais engraçada que já vi na minha vida. Caio nos degraus da frente a rir às gargalhadas. O Christopher enfia a cabeça pela porta e olha para mim, pouco impressionado com a minha piada.

– Amanhã vou comprar um lobo e tu vais ser a comida, pedaço a pedaço.

A porta fecha-se e eu sento-me nos degraus e olho para a escuridão. Ouço o vento nas árvores e os animais na floresta próxima. Consigo ouvir um riacho a borbulhar ao longe.

É calmo e tranquilo. Uma sensação de paz apodera-se de mim como nunca antes.

Estou em casa.

CHRISTOPHER

– E estas são as tuas roupas. Não sabia bem o que te comprar, por isso comprei apenas o mínimo, e podemos ir juntos comprar tudo o que precisares.

O Eddie senta-se calmamente na cama enquanto lhe mostro o seu novo quarto.

– E atrás desta parede será eventualmente uma casa de banho, mas ainda não está pronta. A casa precisa de algumas obras.

Ele sorri para mim enquanto me vê a andar para um lado e para o outro.

Foi um grande dia. Viajou pelo mundo. Viu-me ficar noivo. Quase viu a Hayden ser comida por um lobo.

– Estás bem, amigo? – pergunto-lhe. – Estás muito calado.

Ele acena com a cabeça e eu percebo que está emocionado.

– Espero que gostes de estar aqui. Não há lobos... Acho eu. – Encolho os ombros. – Pelo menos, espero que não.

Ele fica calado e eu sento-me ao seu lado.

– O que foi? – pergunto.

Os olhos dele procuram os meus.

– E se... – Ele impede-se de terminar a frase.

Olho para ele e vejo um rapazinho assustado que perdeu tudo o que amava.

– E se isto não resultar? – pergunto.

Ele acena.

– Vai resultar.

– Como sabes?

Penso por um momento.

– Sabes, Eddie, estive a pensar sobre isto e cheguei a uma conclusão.

– Qual?

– Uma família não é apenas aquela em que nascemos. Já te disse antes que sentia que pertencíamos um ao outro e que nos tínhamos conhecido por uma razão.

Os olhos dele procuram os meus.

– A Hayden e eu temos estado a falar e... se estiver tudo bem para ti, gostaríamos de te adotar.

Voltaremos a Espanha contigo quando quiseres, mas quero-te na minha família e na da Hayden. Nós os três. E, um dia, esperemos que haja mais crianças e vais ter os teus próprios irmãos e irmãs.

Ele olha para mim e eu vejo-o a imaginar um futuro.

– Não vai ser fácil e vai haver dias em que nos vamos dar mal uns com os outros, mas eu quero-te como meu filho. – Os seus olhos enchem-se de lágrimas.

– Gostavas que isso acontecesse? – pergunto com suavidade.

– Muito. – Ele acena com a cabeça, e eu puxo-o para um abraço e agarro-o com força.

– Obrigado, Christo – sussurra-me para o ombro. – Muito obrigado.

Sorrio ao abraçá-lo.

– Chama-me pai.

FIM

Muito obrigada por dedicarem algum tempo a ler o *Segredo Milionário*. O vosso apoio significa TUDO!

AGRADECIMENTOS

Há um milhão de pessoas a quem tenho de agradecer. Nunca há espaço suficiente na página.

À minha linda mãe, obrigada por leres um milhão de vezes tudo o que escrevo. És a melhor leitora beta, a melhor mãe e a melhor amiga.

À Kellie, a assistente mais maravilhosa que dirige a sede da SWAN, obrigada por tudo o que fazes para que tudo corra tão bem. Amo-te!

À minha fantástica equipa de leitoras beta e amigas, Lisa, Rena, Nadia, Rachel, Nicole e Amanda, obrigada por me aturarem. Adoro-vos a todas.

À minha incrível equipa, Lindsey Faber e Victoria Oundjian.

À Amazon, por me ter proporcionado uma plataforma tão maravilhosa para publicar.

Ao meu fantástico grupo de raparigas, o Swan Squad, obrigada por me darem um lugar seguro para passar tempo e divertir-me na terra da Internet. Vocês são mesmo as melhores amigas.

Para as minhas meninas Cygnet, vocês são uma bênção que não para de dar.

Surpreendem-me todos os dias.

À minha família, obrigada por aturarem o meu vício no trabalho. Um dia, vamos sentar-nos numa praia durante mais de duas horas, prometo.

Amo-vos tanto,

Beijos.

E para vocês!

Os meus fantásticos leitores.

Vocês tornam os meus sonhos realidade. Não há palavras para expressar a minha gratidão por terem escolhido os meus livros.

Do fundo do meu coração,

OBRIGADA

Beijos



Table of Contents

1. [Capítulo Um](#)
2. [Capítulo Dois](#)
3. [Capítulo Três](#)
4. [Capítulo Quatro](#)
5. [Capítulo Cinco](#)
6. [Capítulo Seis](#)
7. [Capítulo Sete](#)
8. [Capítulo Oito](#)
9. [Capítulo Nove](#)
10. [Capítulo Dez](#)
11. [Capítulo 11](#)
12. [Capítulo Doze](#)
13. [Capítulo Treze](#)
14. [Capítulo Catorze](#)
15. [Capítulo Quinze](#)
16. [Capítulo Dezasseis](#)
17. [Capítulo Dezassete](#)
18. [Capítulo Dezoito](#)
19. [Capítulo Dezanove](#)
20. [Capítulo Vinte](#)
21. [Capítulo Vinte e Um](#)
22. [Capítulo Vinte e Dois](#)
23. [Capítulo Vinte e Três](#)
24. [Capítulo Vinte e Quatro](#)
25. [Capítulo Vinte e Cinco](#)
26. [Capítulo Vinte e Seis](#)
27. [Capítulo Vinte e Sete](#)
28. [Capítulo Vinte e Oito](#)
29. [Capítulo Vinte e Nove](#)
30. [Capítulo Trinta](#)
31. [Capítulo Trinta e Um](#)
32. [Capítulo Trinta e Dois](#)

Page List

1. [3](#)
2. [4](#)
3. [5](#)

4. [7](#)
5. [8](#)
6. [9](#)
7. [10](#)
8. [11](#)
9. [12](#)
10. [13](#)
11. [14](#)
12. [15](#)
13. [16](#)
14. [17](#)
15. [18](#)
16. [19](#)
17. [20](#)
18. [21](#)
19. [22](#)
20. [23](#)
21. [24](#)
22. [25](#)
23. [26](#)
24. [27](#)
25. [28](#)
26. [29](#)
27. [30](#)
28. [31](#)
29. [32](#)
30. [33](#)
31. [34](#)
32. [35](#)
33. [36](#)
34. [37](#)
35. [38](#)
36. [39](#)
37. [40](#)
38. [41](#)
39. [42](#)
40. [43](#)
41. [44](#)
42. [45](#)
43. [46](#)
44. [47](#)
45. [48](#)
46. [49](#)
47. [50](#)

48. [51](#)
49. [52](#)
50. [53](#)
51. [54](#)
52. [55](#)
53. [56](#)
54. [57](#)
55. [58](#)
56. [59](#)
57. [60](#)
58. [61](#)
59. [62](#)
60. [63](#)
61. [64](#)
62. [65](#)
63. [66](#)
64. [67](#)
65. [68](#)
66. [69](#)
67. [70](#)
68. [71](#)
69. [72](#)
70. [73](#)
71. [74](#)
72. [75](#)
73. [76](#)
74. [77](#)
75. [78](#)
76. [79](#)
77. [80](#)
78. [81](#)
79. [82](#)
80. [83](#)
81. [84](#)
82. [85](#)
83. [86](#)
84. [87](#)
85. [88](#)
86. [89](#)
87. [90](#)
88. [91](#)
89. [92](#)
90. [93](#)
91. [94](#)

92.	95
93.	96
94.	97
95.	98
96.	99
97.	100
98.	101
99.	102
100.	103
101.	104
102.	105
103.	106
104.	107
105.	108
106.	109
107.	110
108.	111
109.	112
110.	113
111.	114
112.	115
113.	116
114.	117
115.	118
116.	119
117.	120
118.	121
119.	122
120.	123
121.	124
122.	125
123.	126
124.	127
125.	128
126.	129
127.	130
128.	131
129.	132
130.	133
131.	134
132.	135
133.	136
134.	137
135.	138

136. [139](#)
137. [140](#)
138. [141](#)
139. [142](#)
140. [143](#)
141. [144](#)
142. [145](#)
143. [146](#)
144. [147](#)
145. [148](#)
146. [149](#)
147. [150](#)
148. [151](#)
149. [152](#)
150. [153](#)
151. [154](#)
152. [155](#)
153. [156](#)
154. [157](#)
155. [158](#)
156. [159](#)
157. [160](#)
158. [161](#)
159. [162](#)
160. [163](#)
161. [164](#)
162. [165](#)
163. [166](#)
164. [167](#)
165. [168](#)
166. [169](#)
167. [170](#)
168. [171](#)
169. [172](#)
170. [173](#)
171. [174](#)
172. [175](#)
173. [176](#)
174. [177](#)
175. [178](#)
176. [179](#)
177. [180](#)
178. [181](#)
179. [182](#)

180.	183
181.	184
182.	185
183.	186
184.	187
185.	188
186.	189
187.	190
188.	191
189.	192
190.	193
191.	194
192.	195
193.	196
194.	197
195.	198
196.	199
197.	200
198.	201
199.	202
200.	203
201.	204
202.	205
203.	206
204.	207
205.	208
206.	209
207.	210
208.	211
209.	212
210.	213
211.	214
212.	215
213.	216
214.	217
215.	218
216.	219
217.	220
218.	221
219.	222
220.	223
221.	224
222.	225
223.	226

224. [227](#)
225. [228](#)
226. [229](#)
227. [230](#)
228. [231](#)
229. [232](#)
230. [233](#)
231. [234](#)
232. [235](#)
233. [236](#)
234. [237](#)
235. [238](#)
236. [239](#)
237. [240](#)
238. [241](#)
239. [242](#)
240. [243](#)
241. [244](#)
242. [245](#)
243. [246](#)
244. [247](#)
245. [248](#)
246. [249](#)
247. [250](#)
248. [251](#)
249. [252](#)
250. [253](#)
251. [254](#)
252. [255](#)
253. [256](#)
254. [257](#)
255. [258](#)
256. [259](#)
257. [260](#)
258. [261](#)
259. [262](#)
260. [263](#)
261. [264](#)
262. [265](#)
263. [266](#)
264. [267](#)
265. [268](#)
266. [269](#)
267. [270](#)

268. [271](#)
269. [272](#)
270. [273](#)
271. [274](#)
272. [275](#)
273. [276](#)
274. [277](#)
275. [278](#)
276. [279](#)
277. [280](#)
278. [281](#)
279. [282](#)
280. [283](#)
281. [284](#)
282. [285](#)
283. [286](#)
284. [287](#)
285. [288](#)
286. [289](#)
287. [290](#)
288. [291](#)
289. [292](#)
290. [293](#)
291. [294](#)
292. [295](#)
293. [296](#)
294. [297](#)
295. [298](#)
296. [299](#)
297. [300](#)
298. [301](#)
299. [302](#)
300. [303](#)
301. [304](#)
302. [305](#)
303. [306](#)
304. [307](#)
305. [308](#)
306. [309](#)
307. [310](#)
308. [311](#)
309. [312](#)
310. [313](#)
311. [314](#)

312. [315](#)
313. [316](#)
314. [317](#)
315. [318](#)
316. [319](#)
317. [320](#)
318. [321](#)
319. [322](#)
320. [323](#)
321. [324](#)
322. [325](#)
323. [326](#)
324. [327](#)
325. [328](#)
326. [329](#)
327. [330](#)
328. [331](#)
329. [332](#)
330. [333](#)
331. [334](#)
332. [335](#)
333. [336](#)
334. [337](#)
335. [338](#)
336. [339](#)
337. [340](#)
338. [341](#)
339. [342](#)
340. [343](#)
341. [344](#)
342. [345](#)
343. [346](#)
344. [347](#)
345. [348](#)
346. [349](#)
347. [350](#)
348. [351](#)
349. [352](#)
350. [353](#)
351. [354](#)
352. [355](#)
353. [356](#)
354. [357](#)
355. [358](#)

356. [359](#)
357. [360](#)
358. [361](#)
359. [362](#)
360. [363](#)
361. [364](#)
362. [365](#)
363. [366](#)
364. [367](#)
365. [368](#)
366. [369](#)
367. [370](#)
368. [371](#)
369. [372](#)
370. [373](#)
371. [374](#)
372. [375](#)
373. [376](#)
374. [377](#)
375. [378](#)
376. [379](#)
377. [380](#)
378. [381](#)
379. [382](#)
380. [383](#)
381. [384](#)
382. [385](#)
383. [386](#)
384. [387](#)
385. [388](#)
386. [389](#)
387. [390](#)
388. [391](#)
389. [392](#)
390. [393](#)
391. [394](#)
392. [395](#)
393. [396](#)
394. [397](#)
395. [398](#)
396. [399](#)
397. [400](#)
398. [401](#)
399. [402](#)

400. [403](#)
401. [404](#)
402. [405](#)
403. [406](#)
404. [407](#)
405. [408](#)
406. [409](#)
407. [410](#)
408. [411](#)
409. [412](#)
410. [413](#)
411. [414](#)
412. [415](#)
413. [416](#)
414. [417](#)
415. [418](#)
416. [419](#)
417. [420](#)
418. [421](#)
419. [422](#)
420. [423](#)
421. [424](#)
422. [425](#)
423. [426](#)
424. [427](#)
425. [428](#)
426. [429](#)
427. [430](#)
428. [431](#)
429. [432](#)
430. [433](#)
431. [434](#)
432. [435](#)
433. [437](#)
434. [439](#)

Landmarks

1. [Cover](#)